

Vera Rejane Gomes

Mestrado Em Docência E Gestão Da Educação

**Gestão Escolar e Avaliação Formativa da Aprendizagem
- uma proposta de intervenção no IFMA/Campus Zé Doca**



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Porto - 2018

Gestão Escolar e Avaliação Formativa da Aprendizagem
- uma proposta de intervenção no IFMA/Campus Zé Doca

Gestão Escolar e Avaliação Formativa da Aprendizagem
- uma proposta de intervenção no IFMA/Campus Zé Doca

Vera Rejane Gomes

Mestrado Em Docência E Gestão Da Educação

**Gestão Escolar e Avaliação Formativa da Aprendizagem
- uma proposta de intervenção no IFMA/Campus Zé Doca**



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Porto – 2018

Vera Rejane Gomes

**Gestão Escolar e Avaliação Formativa da Aprendizagem
- uma proposta de intervenção no IFMA/Campus Zé Doca**

Assinatura: _____

Trabalho apresentado à Universidade Fernando Pessoa, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Docência e Gestão da Educação.

Orientadora: Prof^ª Doutora Tereza Ventura.

Resumo

O presente estudo discutiu a avaliação formativa da aprendizagem como uma das formas de contribuir para o acompanhamento das atividades promovendo a progressão contínua na aprendizagem do aluno, com o auxílio da autoavaliação, feedback, estratégias diversificadas, mostrando a importância da avaliação para fins de orientação, planejamento e replanejamento do ensino, gerando assim, uma integração entre ensino, aprendizagem e o autodesenvolvimento dos alunos na sala de aula. Esta pesquisa teve como objetivo compreender a atuação dos gestores frente às práticas avaliativas dos professores das Ciências Exatas e Humanas quanto à avaliação da aprendizagem como processo formativo no Ensino Médio Técnico Integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA/Campus Zé Doca, Maranhão, Brasil. Durante a pesquisa optou-se por utilizar uma metodologia de trabalho qualitativa de caráter descritivo-interpretativo. Os procedimentos utilizados para a análise e coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas, realizadas a gestores e professores do IFMA/Campus Zé Doca. Após a análise e interpretação dos dados, percebeu-se que os entrevistados vêem a avaliação da aprendizagem como de grande relevância na educação. Os gestores e professores destacam a necessidade de variar as estratégias frente às práticas avaliativas na sala de aula, focando no desenvolvimento do percurso escolar do aluno se utilizando da autoavaliação pelo aluno, pelo professor e pelos gestores; a prevalência do feedback contínuo pelo professor e a reinvenção metodológica (currículo inovador), no sentido da execução da avaliação da aprendizagem mais formativa, mesmo com a existência na educação dos aspectos quantitativos presentes no ensino e na aprendizagem (avaliação diagnóstica e sumativa). Durante o desenvolvimento da pesquisa, foi possível inferir que os entrevistados compreenderam o ensino, a aprendizagem e a avaliação como processos intrínsecos à educação. Entretanto, constatou-se que há a necessidade de discussões mais aprofundadas sobre as diferentes funções da avaliação, de onde decorre a proposta de intervenção feita pela pesquisadora, que se espera irá ajudar no aprofundamento da avaliação como processo formativo.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem. Processo formativo. Práticas avaliativas. Autoavaliação.

Abstract

The present study discussed the formative evaluation of learning as one of the ways to contribute to the activities monitoring by promoting continuous progression in student learning, with the aid of self-assessment, feedback, diversified strategies, showing the importance of evaluation for guidance, planning and replanning of teaching, thus generating an integration between teaching, learning and the self-development of students in the classroom. The aim of this research was to understand the performance of managers in relation to the evaluative practices of the Exact and Human Sciences teachers regarding the learning evaluation as a formative process in the Integrated Technical High School of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Maranhão - IFMA / Campus Zé Doca, Maranhão, Brazil. During the research we chose to use a qualitative work methodology of descriptive-interpretative nature. The procedures used for the analysis and data collection were semi-structured interviews, conducted to IFMA / Campus Ze Doca managers and teachers. After data analysis and interpretation, it was noticed that the interviewees see the evaluation of learning as of great relevance in education. The managers and teachers emphasize the need to vary the strategies against the evaluative practices in the classroom, focusing on the development of the student's school career using self-assessment by the student, the teacher and the managers; the prevalence of continuous feedback by the teacher and the methodological reinvention (innovative curriculum), in the sense of the execution of the evaluation of the most formative learning, even with the existence in education of the quantitative aspects present in teaching and learning (diagnostic and summative evaluation). During the research development, it was possible to infer that the interviewees understood teaching, learning and evaluation as intrinsic processes to education. However, it was found that there is a need for more in-depth discussions about the different functions of the evaluation, from which runs the intervention proposal made by the researcher, which is expected to help in deepening evaluation as a formative process.

Keywords: Learning evaluation. Formative process. Evaluative practices. Self-evaluation.

Dedicatória

Ao meu esposo Francisco Rodrigues dos Santos, as minhas filhas Clara Rejane e Daniela Gomes, as minhas tias Joaquina Gomes e Maria da Conceição, a minha mãe Zélia Gomes e ao meu pai Francisco das Chagas (In memorian), e aos demais familiares que sempre acreditaram na minha competência, pertinho de vocês a minha caminhada se tornou mais tranquila.

Agradecimentos

À Deus, por permitir à vida;

À minha família, Família Gomes, obrigada pelo apoio e incentivo;

À família do meu esposo, Família Santos, obrigada por acreditarem no meu potencial;

Ao meu esposo Francisco Rodrigues dos Santos por acreditar no meu potencial e pela paciência demonstrada ao longo da pesquisa;

Às minhas filhas Clara Rejane e Daniela Gomes por me compreenderem na caminhada dessa jornada;

Aos meus enteados Daniel Pitombeira e Samara Pitombeira, obrigada pelo apoio de sempre;

Às minhas tias Joaquina Gomes e Conceição Gomes pelos ensinamentos, preocupações e incentivo de sempre;

Ao meu pai Francisco das Chagas (*In Memoriam*) pela motivação e alegria demonstrada no momento inicial da pesquisa;

A minha orientadora, Professora Doutora Tereza Ventura, pela atenção, carinho, que demonstrou durante a orientação desta produção científica e que durante o percurso orientou com tranquilidade e sapiência;

Ao professor Dr. Jackson Ronie, pela parceria, confiança e amizade ao longo dessa produção científica;

À comunidade acadêmica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Campus Zé Doca (IFMA/Campus Zé Doca) pelas contribuições durante a realização da pesquisa;

Aos meus amigos de trabalho, Márcio Arthur, Luzilene Sousa, Livia Rudakoff, Karina Veloso, Tiago Moreira, Myrna Guimarães, Taciana Oliveira, Solange Sousa, Giovanna Gularte, Maria de Lourdes, Mailson Martinho pelo apoio e incentivo durante o percurso dessa jornada;

Às minhas colegas do mestrado, Edna Mendes e Francileide do Nascimento pela parceria, atenção e amizade;

À colaboradora Maciene Pontes pela paciência e bom humor;

Aos servidores da Fundação Sôsândrade e do Instituto Universitário Atlântico (IUA), e aos colegas do curso de mestrado, pelo compartilhamento de

pensamentos, experiências, os quais me enriqueceram enquanto profissional e também como pessoa.

Índice

Índice de Figuras.....	xi
Índice de Quadros	xii
Índice de Tabelas.....	xii
Abreviaturas e Siglas.....	xv
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	5
1. Ensino, Aprendizagem, Avaliação: conceitos básicos e legislação	5
i. Conceitos Básicos	5
ii. A avaliação na Legislação Brasileira	9
2. O Processo de Avaliação Formativa da Aprendizagem	12
i. Conceito de avaliação formativa	12
ii. Avaliação formativa: função reguladora e seus princípios.....	13
3. A Gestão Escolar e as Práticas Avaliativas dos Professores	16
i. Orientações da legislação quanto as práticas avaliativas dos professores frente ao ensinar na diversidade	16
ii. Gestão escolar, práticas avaliativas dos professores e diversidade.....	18
4. A Autoavaliação Escolar: intervenientes, práticas	20
i. Intervenientes na autoavaliação: órgãos e sistemas deliberativos.....	20
5. Avaliação da Aprendizagem: técnicas e instrumentos	23
i. Técnicas e instrumentos intrínsecos à avaliação formativa da aprendizagem.....	23
CAPÍTULO III - ESTUDO EMPÍRICO.....	30
1. O Alvo de Estudo	30
i. Caracterização contextual.....	30
ii. Visão de futuro.....	33
iii. Missão e organização institucional.....	33
iv. O Papel do Instituto Federal do Maranhão (IFMA/Campus Zé Doca) e sua Implantação, segundo o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2014 – 2018.....	35
v. População e amostra envolvida.....	37
2. Metodologia aplicada	40

i.	Metodologia de projeto	40
ii.	Revisão da literatura	40
iii.	Diagnóstico	43
iii.i	Os Procedimentos adotados para diagnóstico da situação	43
iii.ii	Instrumentos e técnicas de coleta e tratamento de dados	43
iv.	Proposta de Intervenção	45
v.	Discussão da Viabilidade e Adequação	46
3.	Análise de Conteúdo das Entrevistas Semiestruturadas	47
i.	Procedimentos da análise de conteúdo	48
ii.	Temas em análise	48
iii.	Seleção das unidades de análise e categorização	48
4.	Discussão dos resultados	70
5.	Considerações finais e Proposta de Intervenção	80
6	Bibliografia	84
	Apêndices	91
	Apêndice 1. Guião de entrevista semiestruturada e com uma abordagem qualitativa	92
	Apêndice 2. Roteiro de entrevista entre gestores	96
	Apêndice 3. Roteiro de entrevista entre professores	97
	Apêndice 4. Sistema de categorização.....	98
	Apêndice 5. Transcrição das entrevistas semiestruturadas entre gestores e professores.....	109
	Apêndice 6. Proposta de Intervenção – Oficina Pedagógica	176
	Anexos	188
	Anexo 1. Termo de Consentimento Informado.....	189
	Anexo 2. Termo de Concordância da Direção Geral (DG) do IFMA/Campus Zé Doca	190

Índice de Figuras

Figura 1.	Fluxo para operacionalização de inovações educacionais	40
Figura 2.	Esquema dos conceitos estudados durante a pesquisa	42

Índice de Quadros

Quadro 1.	Nomes dos servidores com suas respectivas habilitações.....	39
------------------	---	----

Índice de Tabelas

Tabela 1.	Resultados globais obtidos no tema Avaliação – Entrevista semiestruturada com gestores e professores	49
Tabela 2.	Resultados obtidos no tema Avaliação – Falas dos entrevistados	50
Tabela 3.	Resultados globais obtidos no tema Avaliação da Aprendizagem – Entrevista semiestruturada com gestores e professores	51
Tabela 4.	Resultados obtidos no tema Avaliação da Aprendizagem – Citação dos Entrevistados.....	51
Tabela 5.	Resultados obtidos no tema Avaliação Quantitativa – Entrevista entre gestores e professores	53
Tabela 6.	Falas dos entrevistados sobre avaliação quantitativa. Resultados das entrevistas	53
Tabela 7.	Resultados obtidos no tema Avaliação Qualitativa – Entrevista entre gestores e professores	55
Tabela 8.	Respostas obtidas no tema avaliação qualitativa – Falas dos Entrevistados.....	55
Tabela 9.	Resultados apresentados no tema Avaliação qualitativa como processo – Entrevistas entre gestores e professores	57
Tabela 10.	Falas obtidas a partir das entrevistas – Citação dos entrevistados.....	57
Tabela 11.	Resultados obtidos a partir da Avaliação Qualitativa, como Parâmetro, Dimensão.....	59
Tabela 12.	Resultados obtidos na Avaliação Qualitativa como parâmetro, dimensão. Citação dos entrevistados	60
Tabela 13.	Apresentação de resultados da Autoavaliação do trabalho pedagógico – Entrevistas Semiestruturadas.....	61
Tabela 14.	Resultados obtidos através das falas dos entrevistados. Citações dos entrevistados	62
Tabela 15.	Resultados obtidos no tema Autoavaliação na instituição escolar. Entrevista semiestruturada entre gestores e professores	63
Tabela 16.	Resultados obtidos no Tema autoavaliação na instituição escolar. Falas dos entrevistados – gestores e professores.....	63

Tabela 17.	Resultados apresentados no tema Práticas avaliativas como processo qualitativo. Entrevistas Semiestruturadas.....	65
Tabela 18.	Resultados obtidos no tema práticas avaliativas como processo qualitativo – Falas dos entrevistados	65
Tabela 19.	Resultados obtidos no tema Sistemática de avaliação – Entrevista entre gestores e professores.....	67
Tabela 20.	Resultados obtidos a partir dos entrevistados – Citação dos entrevistados	67
Tabela 21.	Resultados obtidos a partir dos entrevistados – Entrevista Semiestruturada.....	68
Tabela 22.	Resultados obtidos no Tema Relevância do Projeto Político Pedagógico – (PPP). Citações dos Entrevistados.....	69

Abreviaturas e Siglas

CEB	– Conselho da Educação Básica
CEFET	– Centro Federal de Educação Tecnológica do Maranhão
CFB	– Constituição da República Federativa do Brasil
CGP	– Coordenadoria de Gestão de Pessoas
CNE	– Conselho Nacional da Educação
CNEP	– Conselho Nacional de Educação de Portugal
DAP	– Diretoria de Administração e Planejamento
DCNs	– Diretrizes Curriculares Nacionais
DDE	– Diretoria de Desenvolvimento Educacional
DG	– Diretoria Geral
IFMA	– Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
IFs	– Institutos Federais
IGE	– Inspeção-Geral da Educação
ENEM	– Exame Nacional do Ensino Médio
IUA	– Instituto Universitário Atlântico
LBSEP	– Lei de Bases do Sistema Educativo em Portugal
LDBEN	– Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	– Ministério da Educação e Cultura
NAJ	– Núcleo Avançado do Josias
ONU	– Organização das Nações Unidas
PARFOR	– Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
PCN's	– Parâmetros Curriculares Nacionais
PDI	– Plano de Desenvolvimento Institucional
PPP	– Projeto Político Pedagógico
PROBIO	– Programa de Biodiesel do Maranhão
PROEJA	– Programa Nacional da Educação de Jovens e Adultos
PROEN	– Pró-Reitoria de Ensino
PRONATEC	– Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
RCEM	– Referenciais Curriculares do Ensino Médio
REIT	– Reitoria
SAEB	– Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

- UFP – Universidade Fernando Pessoa
- UFPI – Universidade Federal do Piauí
- UNED – Unidade de Ensino Descentralizada de Zé Doca
- UNED`s – Unidades de Ensino Descentralizadas
- UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
- UREZD – Unidade Regional de Educação de Zé Doca
- USORJ – Universidade Salgado de Oliveira do Rio de Janeiro

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

O tema da tese de mestrado refere-se à Gestão Escolar e à Avaliação da Aprendizagem como processo qualitativo aplicada no IFMA/Campus Zé Doca. O Curso Especialização Conducente ao Mestrado Gestão da Educação concentra-se na investigação da linha de pesquisa *Gestão da Educação*. O presente Projeto de Intervenção tem como objeto de estudo a avaliação da aprendizagem como processo qualitativo e tentar-se-à apresentar a necessidade de repensar a prática da avaliação classificatória, enfatizando a importância do processo avaliativo qualitativo, participativo, flexível e abrangente.

Assim, definiu-se como objetivo compreender a atuação dos gestores frente às práticas avaliativas dos professores das Ciências Exatas e Humanas quanto à avaliação da aprendizagem como processo qualitativo no Ensino Médio Técnico Integrado do IFMA - Campus Zé Doca.

Parte-se do pressuposto, do ponto de vista do gestor, de que, no dia a dia das práticas pedagógicas o “julgar”, o “comparar”, isto é, “o avaliar” faz parte do cotidiano, sendo a avaliação da aprendizagem um processo contínuo e gradual, por isso o qualitativo deve ser priorizado. E como prática formalmente organizada e sistematizada, a avaliação no contexto escolar realiza-se segundo objetivos implícitos ou explícitos, que refletem valores e normas sociais.

Percebe-se, ao longo do tempo, ser vista a prática da avaliação como um momento improdutivo tanto para os alunos como para os professores. Em primeiro lugar porque coloca o aluno numa situação constante de testagem e quantificação, o que suscita no mesmo o espírito da competição, em que o que prevalece é a nota, esquecendo-se, portanto, a necessidade do aprender a aprender, ou seja, a qualidade. Em segundo lugar, porque o gestor escolar às vezes apodera-se de várias situações que acontecem no processo avaliativo de uma prática livresca, reprodutora, cujo delineamento principal é o de reforçar a prática da opressão, do medo e da exclusão. E então, o que é avaliação afinal?

Segundo Romão (1998, p. 88) “(...) numa perspectiva da avaliação da aprendizagem positivista/bancária, o educando não tem alternativa, seu único dever é repetir o que lhe for transmitido sem refazer criticamente nada”. Para o teórico citado, o aluno é apenas objeto do conhecimento. Há, pois, uma concepção educacional “bancária” da aprendizagem, pois os professores fariam um “depósito de conhecimentos”, exigindo de volta este conhecimento professado. O aluno, portanto, apenas repete - se o conseguir - o que lhe foi transmitido.

Por outro lado, observando-se a avaliação da aprendizagem na perspectiva dialético/libertadora, a práxis pedagógica estará comprometida com a transformação social e com a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, com respeito à diversidade. Diante dessa perspectiva, o aluno é visto como sujeito histórico, onde constrói e reconstrói o conhecimento; o professor é um articulador de novos conhecimentos em que considera a relevância das experiências prévias dos estudantes e os conteúdos socialmente úteis na sala de aula.

Nessa linha de pensamento citada acima, Romão (1998, pp. 88-89) corrobora ao afirmar que, na perspectiva libertadora a avaliação deixa de ser um processo de cobrança para se transformar em mais um momento de aprendizagem, tanto para o aluno quanto para o professor – mormente para este, se estiver atento aos processos e mecanismos de conhecimento ativados pelo aluno, mesmo no caso de “erros”.

Percebe-se no processo ensino-aprendizagem que a avaliação do aluno é vista ainda frequentemente como sinônimo de nota, sucesso, fracasso, promoção e repetência. Assim, devem ser feitos estudos voltados para a avaliação da aprendizagem qualitativa, da valorização do aspecto qualitativo na avaliação, na tentativa de fornecer elementos que possam contribuir para o repensar do papel político da escola, junto aos gestores que também devem participar das práticas avaliativas.

O enfoque principal deste trabalho surgiu da inquietação de observar o quanto a avaliação da aprendizagem (processo avaliativo quantitativo) pode ser um discurso ou monumento inabalável, cercada de percepções errôneas do ponto de vista dos gestores e utilizada pelos docentes como um escudo de poder e dominação,

especialmente considerando às experiências no ambiente de trabalho, em que a natureza do ensino nos Campus dos Institutos Federais ainda é técnica e tecnológica, o que sugere uma abordagem mais tradicionalista das práticas avaliativas.

Porém, no desenvolvimento do presente Projeto de Intervenção tentou-se apresentar uma abordagem mais qualitativa com relação a avaliação da aprendizagem no sentido da valorização desse aspecto e uma avaliação voltada mais para a formação humana, em que se deve levar em consideração as competências, habilidades, atitudes, experiências, em que tudo isso perpassa pelo resultado não só do quantitativo, mas também, pelo qualitativo.

Com o surgimento da Lei Nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que cria os Institutos Federais, houve um olhar mais significativo e crítico com relação aos pilares da educação que é o ensino, pesquisa, extensão e inovação tecnológica; mesmo assim, com a criação da lei observa-se que a execução das práticas avaliativas ainda tem acontecido no sentido de medir, classificar, através apenas da nota, faltando a construção e reflexão dos saberes (relevância dos aspectos qualitativos), em que necessita um repensar por parte do gestor e da comunidade escolar (Brasil, 2008).

Neste trabalho procurou-se uma compreensão aprofundada da atuação dos gestores quanto à avaliação da aprendizagem como processo misto, em que há uma predominância do aspecto quantitativo e não do qualitativo. Procurou-se verificar se os gestores e os docentes partilham as mesmas ideias sobre a avaliação. A ideia de educação ligada a transmissão de informações aos educandos mas também contribuindo para o processo de construção do pensamento e do saber pessoais e grupais, para a reformulação da prática pedagógica num sentido mais inclusivo. Aliás, o trabalho desenvolvido teve também a preocupação de contribuir para aqueles que buscam tornar a avaliação da aprendizagem um processo de mudança pessoal e social, inserida no projeto político-pedagógico da instituição.

Para Libâneo (2013, p.199) a avaliação da aprendizagem escolar feita pelos professores deverá estar ao serviço das funções sociais da escola, dos objetivos de ensino, do projeto pedagógico da escola, do currículo, das metodologias. Além disso, ela se assenta no respeito ao direito de todos os alunos usufruírem de um ensino de

qualidade. Os critérios de relevância da avaliação dos alunos centram-se, portanto, em dimensões qualitativas e quantitativas, ou seja, melhor qualidade da aprendizagem para todos os alunos, em condições iguais. Desse modo, a justa medida da eficácia das escolas está no grau em que todos os alunos incorporam capacidades e competências cognitivas, operativas, afetivas, morais, para sua inserção produtiva, criativa e crítica na sociedade contemporânea.

CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Ensino, Aprendizagem, Avaliação: conceitos básicos e legislação

i. Conceitos Básicos

Inicialmente para se reportar aos conceitos básicos de aprendizagem, ensino, avaliação busca-se relembrar o conceito de educação, visto que são processos inseparáveis da avaliação.

Preconiza-se que o termo educação está vinculado a educação formal que é aquela voltada para os saberes formais do currículo escolar em que devem ser seguidos e orientados pela escola; a educação informal é aquela voltada para os saberes apreendidos através das experiências adquiridas no cotidiano entre as pessoas. Dessa forma, pode-se conceber duas categorias centrais da educação: a educação vivencial e espontânea – “o vivendo e aprendendo” – e a educação propositada e intencional – deliberada e organizada em locais pré-determinados e com instrumentos específicos (Carvalho, 2013, p. 62).

O termo educação está atrelado ao conceito de ensino, porém é bom lembrar que ensinar não é apenas repassar conteúdo ao outro, é muito mais que isso, é estimular o aluno através de materiais didáticos orientados pelo professor para que haja a compreensão do que está sendo estudado.

O ensino pode ser concebido como a necessidade de promover no outro a paixão pelo aprender. Ensinar na diversidade, no lugar onde o conhecimento talvez seja a última arma na qual os sujeitos nele comprometidos encontram a esperança de se fazerem compreender, o que os marca como pessoa (Carvalho, 2013, p.66).

Dentro do sistema educacional o conceito de aprendizagem tem recebido vários conceitos, como: aquisição dos conhecimentos, apreensão dos conhecimentos e, mais, atualmente, construção do conhecimento e, para que o aluno construa seu próprio conhecimento deve ser orientado pelo professor de maneira que vá buscar fontes de pesquisas necessárias e relevantes através dos estudos e da compreensão que cada um

apresenta a partir dos saberes adquiridos dos docentes.

De acordo com Carvalho (2013, p. 63), o relatório para a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, coordenado por Jacques Delors, afirma que a educação, para dá resposta ao conjunto das suas missões, deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens, consideradas fundamentais e que, durante a vida toda, serão, de algum modo, para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

De acordo com Delors (1996, *cit. in* Carvalho, 2013, p. 63-64) apresentar-se-à conceitos do que vem a ser cada uma dessas aprendizagens.

O aprender a conhecer visa não apenas a aquisição de um repertório de saberes codificados, mas antes ao domínio dos próprios instrumentos do conhecimento; pode ser considerado, simultaneamente, como um meio – porque se pretende que cada um aprenda a entender o mundo que o rodeia – é uma finalidade da vida humana. Diante dessa aprendizagem, é relevante não só o aprender, mas o aprender a aprender, em que está pautada na atenção, no pensamento, no que ficou na memória de mais significativo ao longo de toda a vida.

A segunda aprendizagem é o aprender a fazer, em larga medida indissociável do aprender a conhecer, contudo mais estreitamente ligada à questão da formação profissional, e, de maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar as numerosas situações que possam surgir e a trabalhar em equipe. Como essa aprendizagem é indissociável do conhecer, o ser humano ao atuar no mundo do trabalho e ao enfrentar várias situações deve saber resolvê-las através do que foi apreendido anteriormente no currículo escolar.

A terceira aprendizagem é o aprender a viver juntos, que hoje representa um dos maiores desafios da educação, pressupõe a compreensão do outro e a percepção da dependência recíproca.

A quarta aprendizagem é o aprender a ser em que se considera que todo ser humano deve ser preparado para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir cada vez com maior capacidade de autonomia, de discernimento e de

responsabilidade pessoal. Nessa perspectiva, o professor deve estimular o aluno através do cognitivo, das metodologias de ensino diversificadas, valorizando o percurso para que o discente possa construir e articular os saberes.

Portanto, cada um dos “quatro pilares do conhecimento” deve ser ponto de partida por parte do ensino, em que os aspectos cognitivos, histórico-sociais e culturais, devem passar ao longo de toda a vida para o ser humano como pessoa e como membro da sociedade inserindo o professor no processo educativo.

O Decreto – Lei nº 17/2016 de 4 de abril do Ministério da Educação e Ciência referente ao XIX do Governo Constitucional de Portugal orienta no Artigo 23º, quanto as Finalidades da Avaliação e o item 1 afirma que a avaliação constitui um processo regulador do ensino e da aprendizagem, onde orienta o percurso escolar dos alunos e certifica as aprendizagens desenvolvidas; o item 2 orienta que a avaliação tem por objetivo central a melhoria do ensino e da aprendizagem baseada num processo contínuo de intervenção pedagógica e no item 3 a avaliação integra as diferentes formas de recolha de informação sobre as aprendizagens, realizadas quer no âmbito da avaliação interna, da responsabilidade dos professores e dos órgãos de gestão pedagógica da escola, quer no âmbito da avaliação externa, da responsabilidade dos serviços ou organismos do Ministério da Educação, prosseguem, de acordo com as suas finalidades, os seguintes propósitos:

- a) Informar e sustentar intervenções pedagógicas, reajustando estratégias que conduzam à melhoria da qualidade das aprendizagens, com vista à promoção do sucesso escolar;
- b) Aferir a prossecução dos objetivos definidos no currículo;
- c) Certificar aprendizagens.

Nesse sentido, de acordo com o citado acima, pode-se fazer um aporte aos três tipos de avaliação, a diagnóstica, a formativa e a sumativa. A avaliação diagnóstica deve ser feita no início do período letivo e tem a função de diagnosticar o nível de conhecimentos, atitudes, habilidades, competências, valores e também de verificar o nível de domínio dos conhecimentos que o aluno traz para a sala de aula e que está relacionada ao planejamento do professor. Essa avaliação é necessária, pois o professor

deve sempre se planejar antes de entrar na sala de aula.

Dessa forma, a avaliação formativa está voltada para o sentido do professor acompanhar o desenvolvimento do aluno e perceber, apontar, nas atividades escolares o quão precisa aprender e reorganizar as estratégias adotadas na sala de aula, então, essa avaliação está voltada mais para o aspecto qualitativo ao quantitativo, priorizando os objetivos da aprendizagem.

Pode-se afirmar que a avaliação sumativa está voltada para os resultados, no sentido de que no final do processo o aluno é certificado ou diplomado a partir dos conhecimentos adquiridos através da educação formal, é uma avaliação que apresenta juízo de valor referente ao desempenho do aluno, logo, nessa avaliação observa-se que ela está baseada nos números, na quantidade.

Assim, os três tipos de avaliação se complementam e deveriam ser trabalhadas de forma articulada preponderando a avaliação formativa, pois a partir dessa avaliação é que pode-se valorizar o aspecto qualitativo junto a gestão, não esquecendo que o quantitativo vai continuar existindo. É notório dizer que a avaliação não deve servir para excluir, e sim, reorientar o trabalho do professor e orientar o aluno para melhorar e progredir diante do extenso currículo escolar.

De acordo com Azevedo (2005, p. 58) é relevante afirmar que o Programa de Avaliação Integrada das Escolas (1999-2002b) em Portugal foi iniciado pela Inspeção-Geral da Educação (IGE) no ano lectivo de 1999/2000 e acabou no fim do ano lectivo de 2001/2002. Beneficiou diretamente da experiência recolhida do Observatório da Qualidade da Escola e do Projecto Qualidade XXI, bem como de programas desenvolvidos anteriormente pela própria Inspeção-Geral da Educação (IGE).

A avaliação integrada articulada com o tripé ensino, aprendizagem e avaliação visa sobretudo aperfeiçoamento, percurso escolar e enriquecimento das aprendizagens através de um ensino voltado para a apreensão dos conhecimentos de modo a observar, analisar, refletir e praticar os saberes necessários com significados para a vida do ser humano, frente a uma avaliação contextualizada que venha a fomentar o diálogo crítico e levar em consideração as condições em que se produz o

ensino.

ii. A avaliação na Legislação Brasileira

Nesse subcapítulo faz-se a abordagem conceitual sobre a avaliação da aprendizagem através da análise de vários documentos fundamentais – a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96), as diretrizes curriculares nacionais para a educação profissional técnica e nível médio (Parecer CNE/CEB nº 11/2012), a Resolução nº 086/2011, de 05 de outubro de 2011 que trata da sistemática de avaliação dos cursos técnicos integrados, concomitantes e subsequentes, a lei de criação dos institutos federais (Lei 11.788 de dezembro de 2008), o projeto político pedagógico do IFMA /Campus Zé Doca e o documento concepção e diretrizes do Instituto Federal do Maranhão.

Tendo como base a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/1996), no Art. 24, Inciso V afirma que: a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios (...) (Brasil, 1996), em que na alínea a está registrado assim:

Avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais. (Brasil, 1996 *cit. in* Sousa & Oliveira, 2003, s.p).

E pode-se perceber na Resolução 086/2011 de 05 de outubro de 2011, que trata das orientações sobre a Sistemática de Avaliação dos Cursos Técnicos Integrados, Concomitantes e Subsequentes do Instituto Federal do Maranhão – IFMA/Campus Zé Doca onde afirma que:

Art. 1º A avaliação, parte integrante do ato educativo, é entendida como um processo contínuo, cumulativo, abrangente, sistemático e flexível sendo um constante diagnóstico participativo na busca de um ensino de qualidade, resgatando-se seu sentido formativo e afirmando que ela não se constitui um momento isolado, mas onde se avalia toda a prática pedagógica (Maranhão, 2011).

No Parágrafo Único do Art. 3º dessa mesma Resolução 086/2011 afirma-se que:

Parágrafo Único: os alunos serão avaliados nos aspectos qualitativos e quantitativos com prevalência dos primeiros, onde as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais devem perpassar todo o processo (Maranhão, 2011).

A Resolução 086/2011 aponta no Art. 5º que:

Art. 5º A aplicação de qualquer instrumento avaliativo a ser realizada pelo professor deverá ser comunicada aos alunos com antecedência, esclarecendo os critérios e requisitos necessários (Maranhão, 2011).

Sabe-se que, quando o professor vai avaliar o aluno, deve-se basear em critérios avaliativos, e estes, por muitas vezes, não são bem explícitos. São exatamente os critérios que definem um dos aspectos da avaliação no processo qualitativo e espera-se a partir deles o sucesso escolar. Assim, nas práticas de ensino dos docentes e diante da aplicação de uma avaliação qualitativa é necessário planejar os critérios que devem se caracterizar como se segue:

- i – Ser processual, flexível, contínua e cumulativa;
- ii - Levantar em conta o perfil do aluno e da turma;
- iii - Valorizar os conhecimentos prévios dos alunos;
- iv - Avaliar o aluno como um todo, não só o aspecto cognitivo, mas o emocional, o físico-motor e a situação sócio-econômica;
- v - Nortear o planejamento de ensino do professor em consonância com os resultados;
- vi – Garantir que a relação professor-aluno acontece de forma saudável, com respeito, autonomia, cooperação e parceria entre as duas partes;
- vii – Garantir que os objetivos estão bem definidos no planejamento de ensino e são direcionados para os alunos;
- viii - Fazer cumprir o que foi anunciado no planejamento de ensino dizendo que o aluno vai ser avaliado também pelo qualitativo;
- ix – Assumir o erro como integrante dos instrumentos avaliativos aplicados, devendo servir como ponto de partida para construir os acertos;
- x - Considerar o ritmo de aprendizagem das turmas e dos alunos;
- xi - Aplicar uma diversidade de instrumentos avaliativos.

De acordo com a Resolução nº 086/2011, de 05 de outubro de 2011, dos Cursos Técnicos Integrados, Concomitantes e Subsequentes percebe-se durante a leitura e análise que os aspectos qualitativos da avaliação devem se sobrepor aos quantitativos, porém poderá ocorrer uma inconsistência quando o Art. 12 refere o Sistema de Recuperação onde afirma:

Art. 12 O aluno que obtiver nota inferior a 7,0 (sete) em uma das etapas, exceto a última, terá suas dificuldades de aprendizagem trabalhadas através das atividades de reforço ao longo do processo dentro do semestre ou ano letivo, de modo que ao final desse período, o professor já disponha de uma nova nota que substituirá a nota da primeira etapa do semestre ou a menor nota das três primeiras etapas do ano letivo (Maranhão, 2011).

Diante da análise feita no Art. 12 acima citado, o aluno somente pode recuperar a primeira nota, caso seja reprovado; na segunda nota, o aluno não tem oportunidade de fazer atividades de reforço para recuperar, dessa maneira, vai ao encontro do que se considera processo qualitativo na avaliação das práticas avaliativas dos professores dentro da gestão em questão, pois necessita-se oportunizar ao aluno recuperar-se, e são momentos interativos não só quantitativos, mas qualitativos, em que a avaliação qualitativa serve para superar dificuldades e replanejar o trabalho do professor.

Por isso, é necessário o professor rever o currículo escolar, como: planejamento, os planos de aulas, as metodologias, os recursos utilizados, os planos de ensino, é preciso que se autoavaleie para que haja resultados com qualidade. E é importante também, que o aluno se autoavaleie, fazendo perguntas como: O que aprendi? Aonde aprendi? Como aprendi? De que forma? O que não consegui aprender? E o que consegui fazer? O que interferiu no meu aprendizado?

De acordo com a Resolução CNE/CEB Nº 6, de 20 de setembro de 2012 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio que serve como norteamento para a implantação dos Cursos Técnicos Integrados, Concomitantes e Subsequentes do IFMA/Campus Zé Doca afirma no Art. 20, inciso VI, que:

Art. 22 A organização curricular dos cursos técnicos de nível médio deve considerar os seguintes passos no seu planejamento, assim, apresenta-se um deles: Inciso VI - Refere-se à definição de critérios e procedimentos de avaliação da aprendizagem (Brasil, 2012).

A esse respeito, analisa-se que os critérios e as metodologias adotados servem como um dos pontos relevantes para considerar uma avaliação qualitativa dentro do processo ensino aprendizagem junto as práticas avaliativas dos docentes frente a gestão, principalmente, nas áreas das Ciências Humanas.

O Parecer CNE/CEB Nº 11 /2012 – Aprovado em 09/05/2012 que é um anexo das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (Resolução CNE/CEB nº 6, de 20 de setembro de 2012) trata de várias questões educacionais, entre elas, o Projeto Político Pedagógico (PPP), documento que deve ser implantado na escola, pois trata da identidade escolar. É no projeto político-pedagógico que estão vinculados os anseios de toda a comunidade escolar, na esfera administrativa, pedagógica e financeira da instituição educacional.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) do IFMA/Campus Zé Doca o grande desafio do Instituto Federal do Maranhão é desligar-se da antiga concepção de “Escola Técnica” para caminhar para uma formação integral e humanizadora dos profissionais e isso perpassa pela necessidade de valorização da avaliação qualitativa nas práticas avaliativas dos professores das áreas das ciências humanas e exatas.

2. O Processo de Avaliação Formativa da Aprendizagem

i. Conceito de avaliação formativa

De acordo com Barreira, Boavida e Araújo (2006, p.96), o conceito de avaliação formativa foi utilizado por Bloom e seus colaboradores que, pela primeira vez, em 1971, utilizaram a avaliação formativa, chamando a atenção para a importância dos processos a desenvolver pelos docentes de forma a adequarem as suas práticas às dificuldades de aprendizagem detectadas nos alunos.

A avaliação formativa é uma avaliação voltada para as aprendizagens significativas dos alunos, em que o professor deve orientar, direcionar, aquilo que não está bom, adequado, diante do que está sendo ensinado, para que o aluno possa avançar nas matérias que está tendo dificuldades de modo a ultrapassar as barreiras, onde o professor deverá acompanhar o percurso escolar fazendo inferências e mostrando como poderá melhorar através da utilização do *feedback* e selecionando técnicas, estratégias, alternativas de recuperação ao aluno. É uma avaliação de ajuda mútua professor-aluno, aluno-professor, com o objetivo de fazer as intervenções pedagógicas durante o processo ensino-aprendizagem.

A avaliação formativa está pautada no desenvolvimento do aluno durante todo o percurso escolar, em que deve-se avaliar o que o aluno não compreendeu, é o caminho a percorrer, de maneira que o professor deve intervir através de metodologias dinâmicas e adequadas ao que está sendo ensinado, no sentido de superar os obstáculos enfrentados nas unidades de ensino, mostrando ao aluno os pontos que necessitam ser melhorados justificando, o como e o porquê de refazer e retornar as atividades escolares do dia a dia.

Ao se aplicar a avaliação formativa na sala de aula, os professores devem atentar-se para as especificidades de cada aluno, pois cada aluno vivencia uma realidade diferente, portanto, tem seu ritmo de aprendizagem diferenciado, tornando a sala de aula heterogênea. É relevante que os professores conheçam e ajudem nos problemas dos alunos de modo que venha a facilitar a contextualização dos conteúdos e que possa resultar em um ensino de qualidade.

ii. Avaliação formativa: função reguladora e seus princípios

A função reguladora da avaliação perpassa pela ação formativa em que o professor deve estar focado no como os alunos resolvem os obstáculos na sala de aula, no observar o comportamento do aluno, para a partir daí, registrar as observações com comentários nas atividades e depois, trazer à discussão sobre as dúvidas surgidas referente a correção e que a interação deva acontecer junto ao discente no sentido do professor intervir quanto ao erro ou a dificuldade do aluno e que o docente possa propor alternativas como material didático adequado, atividades em pequenos grupos,

estratégias diversificadas e adotadas ajudam a superar as ações educativas.

A avaliação formativa está articulada à autoavaliação tanto por parte do professor como por parte do aluno, e deve ser feita durante todo o caminho do processo da avaliação. É através da intervenção, do acompanhamento do professor junto as atividades escolares as corrigindo e orientando e das discussões com os alunos que estes podem refletir sobre o significado de suas respostas construídas a partir dos saberes adquiridos e vivências próprias.

Para Barreira, Boavida e Araújo (2006, p. 121) a avaliação formativa apresenta-se para a formação e o desenvolvimento da autonomia. É tal que, se o professor “aprendesse” a auto-avaliar-se, a refletir sobre a sua experiência educativa, possuiria um instrumento fundamental para guiar-se por si próprio, para construir o seu próprio percurso pessoal e profissional dando conta dos aspectos que vão bem e dos que precisam melhorar com a introdução de ajustamentos, sendo estes também sujeitos à avaliação.

Percebe-se que a avaliação formativa se distancia da tradicional, principalmente, quando se volta para analisar seu foco, seu objetivo, pois a avaliação formativa ultrapassa a ideia de seleção, medição, classificação.

De acordo com Caseiro e Gebran (2008, p. 3) a “(...) avaliação formativa pode ser entendida como uma prática de avaliação contínua que objetiva desenvolver as aprendizagens”.

O enfoque principal da ideia do referido autor refere-se a avaliação formativa como um processo que visa melhorar o caminho escolar das dificuldades sentidas pelos alunos na sala de aula.

Para que uma avaliação seja projetada é entendida como nos afirma Luckesi (2006, *cit. in* Silva, 2013, pp. 155-156), como

(...) pausa para pensar a prática e retornar a ela; um (...) momento de fôlego na escalada, para em seguida, ocorrer a retomada da marcha de forma mais adequada, e nunca um ponto definitivo de chegada (...).

É notório que a escola foi desenvolvendo exames e provas, e como resultado gera uma nota que serve como controle para os alunos serem aprovados ou reprovados e legitimar o único caminho a ser percorrido, o exame, a prova, a nota, não importando a forma como o aluno fez e foi avaliado, o importante é receber as notas, não levando em consideração todos os itens envolvidos em uma avaliação qualitativa, em que deve ser oportunizado ao discente como ao docente, momentos de reflexão sobre as dificuldades que necessitam ser superadas. É na avaliação qualitativa que se prioriza o diagnóstico, é o diagnóstico que apresenta o ponto de partida para acompanhar e reorientar a aprendizagem, passando pelo processo e obtendo resultado significativo.

Hoffmann (2005, p. 39) estudiosa da Avaliação Educacional acredita que junto a avaliação da aprendizagem de aspectos quantitativos e qualitativos há um processo avaliativo mediador e que está embasado em alguns princípios essenciais. O primeiro é o princípio da avaliação enquanto investigação docente que é um processo que representa um compromisso do professor em investigar e acompanhar o processo de aprendizagem do aluno no seu cotidiano, contínua e gradativamente, buscando não só compreender e participar da caminhada do aluno, mas também intervir, fazendo provocações intelectuais significativas, em termos de oportunidade de expressão de suas ideias, várias tarefas de aprendizagem, explicações, sugestões de leituras e outros encaminhamentos pedagógicos.

O segundo princípio é o da complementaridade das observações sobre o desempenho dos alunos: nenhuma decisão sobre os alunos deverá ser tomada sem uma extensiva análise do seu desempenho, através da observação e interpretação da sequencia de suas tarefas e manifestações e pelo coletivo dos professores que trabalham com ele. É importante considerar que nenhuma resposta do estudante é completamente nova, articula-se sempre a alguma estratégia de raciocínio e é prenúncio de novo patamar de entendimento.

De acordo com Hoffmann (2005, p. 40), há o terceiro princípio que é o da provisoriade dos registros de avaliação: nenhum juízo isolado ou parcial sobre o aluno poderá ser considerado como absoluto ou definitivo, e decisões de aprovação e reprovação deverão ter por base a história do seu processo de conhecimento. Assim, quaisquer registros ou anotações feitas sobre o desempenho do estudante ao longo do

processo serão considerados provisórios e sujeitos à complementação e/ou refutação para a análise global do seu desempenho. As dificuldades iniciais de um aluno, que forem superadas, não deverão prejudicá-lo em termos de sua promoção e continuidade; bem como quaisquer dificuldades que ele apresente deverão ser motivo de intervenções pedagógicas no sentido da sua prevenção.

Dessa forma, percebe-se que os três princípios acima citados, defendidos por Hoffmann, mostra que além da avaliação quantitativa, de apenas dá nota e fazer registros em documentos, é preciso analisar e se preocupar pela história de vida escolar do aluno, em que o professor deve investigar, acompanhar e intervir no desenvolvimento daquilo que não está bem ou que estagnou, para que a partir de um diagnóstico e *feedback* poder-se-à melhorar a vida do aluno de forma gradativa e preparar o ser, sujeito do processo, um cidadão que atuará na sociedade sabendo e compreendendo o que está fazendo, munido de competências e habilidades para o mundo do trabalho, logo, mostra-se que essa avaliação é qualitativa, avaliar o estudante como um todo, por isso, que a avaliação é processual.

3. A Gestão Escolar e as Práticas Avaliativas dos Professores

i. Orientações da legislação quanto as práticas avaliativas dos professores frente ao ensinar na diversidade

É relevante dizer que a avaliação da aprendizagem formativa encontra-se inserida no texto Educar na Diversidade diante da gestão escolar e práticas avaliativas dos professores e da gestão das organizações em que não pode deixar de se reportar aos dilemas da educação inclusiva de autoria da professora Doutora Tereza Ventura.

A autora Ventura (2014, p. 2) vem refutar que para educar na diversidade junto a execução de práticas avaliativas formativas proclama-se na Declaração Universal dos Direitos do Homem, o Direito à Educação:

Art.º 26. 1. Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito.

2. A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e amizade entre todas as nações e todos os grupos religiosos ou raciais, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz (ONU, 1948).

Nessa perspectiva, todos têm direito à Educação, porém na sociedade capitalista brasileira que se vive nem todos gozam de todos os direitos, até porque sabe-se da disparidade das desigualdades sociais existentes.

Para Ventura (2014, p. 3) a Organização das Nações Unidas - ONU (2001), Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, Arts. 1º e 2º, afirma que a diversidade cultural é um patrimônio comum da Humanidade e define assim:

A cultura assume diversas formas ao longo do tempo e do espaço. Esta diversidade está inscrita no caráter único e na pluralidade das identidades dos grupos e das sociedades que formam a Humanidade. Enquanto fonte de intercâmbios, inovação e criatividade, a diversidade cultural é tão necessária para a Humanidade como a biodiversidade o é para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da Humanidade e deve ser reconhecida e afirmada em benefício das gerações presentes e futuras.

Acrescentando que,

Nas nossas sociedades cada vez mais diversas, é fundamental garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais plurais (...). Políticas visando a inclusão e participação de todos os cidadãos são garantias de coesão social, de vitalidade da sociedade civil e de paz. Assim definido, o pluralismo cultural dá expressão política à realidade da diversidade cultural. Sendo indissociável de um ambiente democrático (...) (Ventura, 2014, p. 3).

A esse respeito, a diversidade cultural perpassa pela forma como a gestão educacional compreende e como acompanha o desenvolvimento da avaliação formativa na sala de aula, em que deve ser respeitado as maneiras de agir do professor e o ritmo de aprendizagem de cada aluno porque cada um tem a sua maneira de pensar, falar, agir, refletir, e cada ser humano traz as suas qualidades sociais, os hábitos de comportamentos, o desenvolvimento de competências, o domínio de habilidades, crenças, valores e princípios.

Percebe-se na gestão das organizações escolares que há ausência de uma preparação, formações continuadas, frente aos profissionais da educação no tocante a

educação inclusiva. Incluir na escola é uma meta longe de ser atingida, na maioria das vezes volta-se para educar aqueles com menores dificuldades de aprendizagem, aqueles que conhecemos a família, e, se esquece de resgatar o aluno marginalizado, cheio de problemas sociais, o disléxico, os não alfabetizados, os de classe social baixa e os que precisam de fato serem acompanhados por um psicopedagogo, um pedagogo, um psicólogo, enfim todos os citados estão inseridos no quadro de alunos que merecem ser auxiliados pela escola.

ii. Gestão escolar, práticas avaliativas dos professores e diversidade

Admitindo-se “(...) uma visão da Escola, para os diversos níveis de ensino - do pré-escolar ao superior - como espaço aberto à mais ampla diversidade de públicos, cabendo-lhe a responsabilidade de ensiná-los a todos” (Ventura, 2014, p. 5), é imperativo que a gestão escolar assegure uma resposta educativa de grande flexibilidade, para atender devidamente a diversidade de seus alunos. Mas como garantir tal flexibilidade na resposta de cada professor e da escola no seu conjunto?

Por outro lado, é necessária mas não suficiente a autoavaliação de cada professor: a autoavaliação da Escola é imprescindível, tanto mais quanto se verifica que o desempenho de cada professor na sua esfera educativa influencia os resultados obtidos por outros (Ventura, 2014, pp. 15-20).

É interessante que o modo de avaliar qualitativamente implica decidir ações articuladas no planejamento de ensino e interrelacionar as vivências dos alunos com as suas experiências sabendo onde se vai chegar, como nos diz Demo (2004, *cit. in* Silva, 2013, p. 154):

A avaliação qualitativa pretende ultrapassar a avaliação quantitativa, sem dispensar esta. Entende que no espaço educativo os processos são mais relevantes que os produtos, não fazendo jus à realidade, se reduzida apenas às manifestações empiricamente mensuráveis. Estes são mais fáceis de manipular metodologicamente, porque a tradição científica sempre privilegiou o tratamento mensurado da realidade, avançando, por vezes, de maneira incisiva em algumas disciplinas sociais, como a economia e psicologia. Todavia, não se pode transferir a limitação metodológica à pretensa redução do real. Este é mais complexo e abrangente do que sua face empírica. A avaliação qualitativa gostaria de chegar até à face qualitativa da realidade, ou pelo menos de se aproximar dela.

De acordo com a reflexão dos autores citados no parágrafo anterior, não basta avaliar somente pela avaliação tradicional considerando fatores subjetivos, é necessário que se pense em romper com o que classifica, exclui, e deve-se repensar o como se avalia a partir dos critérios e instrumentos avaliativos aplicados pelos docentes, não esquecendo a forma do como registrar, embora se saiba que esse registro faz parte de uma avaliação predominantemente quantitativa.

Penin e Martinez (2009, *cit. in* Esquinsani & Esquinsania, 2012, p. 156) reforça a importância da avaliação interna e externa – a autoavaliação e a heteroavaliação institucional - como alternativa para refletir sobre a prática educativa e a necessidade de informar os resultados para todos:

[...] no âmbito interno, possibilita a avaliação como instrumento de ação formativa, levando instituições e os professores a refletirem a respeito de suas práticas e de seus objetivos e, assim, a melhorar sua ação docente e sua identidade profissional. Por outro, em âmbito externo, oferece informações para que tanto os pais quanto a sociedade, especialmente os sistemas de ensino, possam efetivar um relacionamento produtivo com a instituição escolar. Apurar os usos da avaliação, comparar resultados e comportamento de entrada dos alunos em cada situação e contexto social e institucional é da maior importância para não homogeneizar processos que são de fato diferentes.

A avaliação de cunho interno está mais fortemente voltada para a reflexão da própria prática pedagógica, é uma avaliação que subsidia melhorias durante todo o processo ensino aprendizagem; a avaliação a nível externo está mais fortemente baseada em resultados, em desempenho escolar, dando maior peso a quem tem a maior nota, dificilmente tendo em conta o desenvolvimento do ser humano como um todo.

Segundo Almeida (1992, *cit. in* Oliveira & Santos, 2005, pp. 118-124), a palavra avaliação possui diversos significados advindos de muitas concepções e, como por exemplo, apreciação, análise, estimação, determinação de valor, diagnóstico, controle, classificação, entre outros. No entanto, há de existir uma clareza na diferença existente entre metodologia, técnica e instrumento. A metodologia é a teoria que suporta os métodos e técnicas a aplicar. A técnica deve ser entendida com um meio que informa o que se pretende em uma avaliação e como se obtém, ou seja, como o avaliador procede. O instrumento corresponde ao recurso utilizado na avaliação, que pode assumir características específicas e exigir diferentes habilidades do aluno, como por exemplo,

as requeridas em um teste objetivo ou numa prova dissertativa. Qualquer que seja a metodologia de ensino adotada, não há como utilizar ou dar maior importância a um único modo de avaliar, visto que se um professor se restringe apenas a um método e um instrumento de avaliação o resultado poderá não ser confiável, ficando restrito a um momento exclusivo e a uma única forma de aferir o conhecimento ou desempenho do estudante.

Em face ao exposto, nas práticas avaliativas trabalhadas pelos professores diante da gestão é preciso valorizar o aspecto qualitativo procurando saber na sala de aula as condições adversas pelas quais os alunos passam, os saberes adquiridos, as experiências vivenciadas, os obstáculos e assim poder-se-á ofertar um ensino de qualidade, partindo -se da contextualização dos alunos e baseando-se na realidade concreta do discente, isso perpassa pelo processo qualitativo na avaliação da aprendizagem junto a gestão em educação.

4. A Autoavaliação Escolar: intervenientes, práticas

i. Intervenientes na autoavaliação: órgãos e sistemas deliberativos

Nos anos finais da década de 1980 registra-se a primeira iniciativa de organização de uma sistemática de avaliação do ensino fundamental e médio, em âmbito nacional. Esta sistemática é denominada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), a partir de 1991, de Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB). O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) toma como um dos indicadores da avaliação o desempenho em provas de uma amostra de alunos do ensino fundamental e médio de todas as Unidades Federadas.

O Relatório Nacional do Sistema de Avaliação do Ensino Básico (1991, *cit. in Souza & Oliveira, 2003, p. 5*), pretende-se, com o estudo de rendimento dos alunos,

(...) detectar, primeiramente, os problemas de ensino-aprendizagem existentes e, em segundo lugar, determinar em que condições (de gestão, de competência docente, de alternativas curriculares) são obtidos melhores resultados e que áreas exigem uma intervenção para melhorar as condições de ensino.

Percebe-se que o objetivo do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Básico (SAEB) não é intervir na realidade do aluno com relação às dificuldades encontradas no processo educacional quanto aos conteúdos, às metodologias trabalhadas pelos professores, aos problemas sociais enfrentados no dia a dia, na valorização do que o outro produz, no que o outro avalia e se autoavalia a partir dos saberes que são construídos e difundidos na realidade em que se encontram. Muitas vezes, a gestão educacional trata como só existisse na escola a avaliação quantitativa, a valorização dos rankings, o que acaba discriminando aquele que não teve as mesmas oportunidades, aquele que buscou os saberes com várias dificuldades, diante daqueles que “sabem mais” e têm melhores condições financeiras.

Faz-se necessário enfatizar que a avaliação no interior da escola precisa ser uma constante, é essa avaliação que pode identificar a realidade da escola de forma mais acertada. Para isso, a autoavaliação precisa ser fidedigna, planejada, é importante ter a participação de todos os atores envolvidos, ter o acompanhamento em todas as suas etapas. E, caso isso não aconteça os resultados aparecerão de maneira “mascarada”, comprometendo assim a busca da qualidade em todo o processo avaliativo qualitativo.

Segundo Oliveira e Santos (2005), acredita que a avaliação da aprendizagem pode ser considerada positiva quando é empregada com o objetivo de análise de uma prática educativa integradora. Ressalta que a avaliação deveria possibilitar ao estudante a percepção e a superação de suas dificuldades, o que atribuiria ao processo avaliativo a necessária conotação investigativa. O professor, como parte integrante do sistema de avaliação, deveria basear-se em um julgamento dos resultados, comparando o que pretendia alcançar com o que foi realmente alcançado. Com isso, professor e aluno poderiam rever suas metas e se aperfeiçoarem cada vez mais, para que um e outro, caminhassem em direção ao conhecimento desejável.

Nesse sentido, diante das práticas avaliativas de sala de aula frente a gestão escolar na Educação Profissional Técnica de Nível Médio no IFMA/Campus Zé Doca é relevante que o aluno faça a sua autoavaliação com a orientação do professor para que se possa alcançar não só um julgamento de resultados, mas também o caminhar do antes, durante e depois das atividades desenvolvidas na sala de aula, e, a partir do avaliar o todo, ouvir o outro, permitir o outro, valorizar a autoavaliação, o meio social

em que vive, proporcionar oportunidades, é que se pode intervir no que o aluno precisa para prosseguir, avançar.

O autor Fialho (2009, p. 9) cita a avaliação das escolas em Portugal e observa-se que a Lei de Bases do Sistema Educativo - LBSE (Decreto-Lei 43/89) refere-se à “avaliação do sistema” e à “avaliação sistemática da qualidade pedagógica e dos resultados educativos” (artigo 26º). É com o Decreto-Lei 115-A/98 7, que introduziu o Regime de autonomia, administração e gestão das escolas, e a legislação subsequente, que se dá algum destaque e importância à avaliação da escola enquanto instrumento de desenvolvimento organizacional.

Diante do exposto da legislação de Portugal, verifica-se que trabalhar com o aspecto qualitativo perpassa também pela prática de uma autoavaliação no sistema educacional.

No contexto educacional de Portugal a avaliação das escolas ganha com a leitura cruzada destes dois olhares, conforme Azevedo (2005, *cit. in* Fialho, 2009, p. 19) e diz que, “(...) é no diálogo entre perspectivas internas e externas que as instituições se desenvolvem e melhoram”.

Fialho (2009, p. 19) afirma que, enquanto que a avaliação interna fomenta a utilidade da avaliação – é na escola que está quem melhor conhece o contexto, vive e sente a escola no seu quotidiano; a avaliação externa entendida como suporte e interpelação da autoavaliação, sustenta a validade da avaliação, a credibilidade e o reconhecimento que pode reforçar a segurança dos actores educativos.

De acordo com Fialho (2009, p. 19), sobre a Avaliação Externa das Escolas, o Conselho Nacional de Educação de Portugal (CNEP), faz a seguinte recomendação:

A avaliação interna/autoavaliação tem de assumir uma particular centralidade e a sua articulação com a avaliação externa torna-se essencial. Esta deve colaborar para promover e incentivar as dinâmicas das escolas no sentido de reforçar as suas capacidades de auto-avaliação, enquanto organização, e as aprendizagens de cada um dos grupos da comunidade educativa. Importa apoiar diretamente a auto-avaliação das escolas, nomeadamente, proporcionando formação adequada aos seus responsáveis.

É importante dizer que além dos indicadores, dos rankings, do processo quantitativo, o processo avaliativo qualitativo objeto de estudo dessa pesquisa e utilizado nas práticas avaliativas dos professores do IFMA/Campus Zé Doca, suscita o desejo nos alunos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio nas disciplinas das Ciências Exatas e Humanas de se reconhecerem, de se autoquestionarem e perceberem como está acontecendo a avaliação do processo qualitativo, que deve ser vista no percorrer da caminhada com diálogo, responsabilidade, participação, autonomia e que o professor deve está atento ao que precisa ser melhorado para daí, tomar como ponto de partida e continuar intervindo nos atores que fazem parte do processo ensino aprendizagem.

5. Avaliação da Aprendizagem: técnicas e instrumentos

i. Técnicas e instrumentos intrínsecos à avaliação formativa da aprendizagem

Diante da importância e execução da avaliação formativa na sala de aula frente à gestão escolar é necessário dizer que essa avaliação valoriza a participação, a autonomia dos envolvidos no processo, porque preza pela construção, processo e a colaboração de todos, dessa maneira, é relevante que o professor aplique, atue, através de técnicas e instrumentos avaliativos para que a aprendizagem do aluno se torne com sentido, e que esteja preparado para atuar com firmeza no mundo do trabalho.

É relevante dizer que a aplicação das técnicas em sala de aula é a melhor maneira de caminhar rumo ao conhecimento, mas os professores devem ter o cuidado de conhecer a técnica, defini-la, selecioná-la, apresentar os objetivos e resultados esperados, enumerar etapas da técnica e organizar os papéis dos que integram nos grupos e selecionar os instrumentos avaliativos a serem aplicados aos alunos na sala de aula.

De acordo com Carvalho (2013, p. 85), frente a esse desafio da avaliação formativa, pode-se citar: o teste em duas fases, o portfólio, a autoavaliação, o conselho de classe.

É válido dizer que os instrumentos, técnicas, são atrelados aos conteúdos, ao que está sendo ensinado na sala de aula, assim necessitam ser organizados, planejados, e que precisam estar voltados para a melhoria das aprendizagens dos alunos dentro das potencialidades e limitações de cada um, do que está sendo ensinado e do que está sendo aprendido no ambiente escolar.

Para a autora Carvalho (2013, p.85) a primeira fase da aplicação do teste é resolvido pelos alunos na sala de aula, em que o professor orienta no sentido do aluno pesquisar ou não pesquisar no material de estudo. Assim, o aluno fica livre para escolher as questões que irá responder, sendo orientado a responder todas, mesmo que sejam respondidas de maneira menos complexa. O ideal seria que a primeira parte do teste tivesse perguntas de curtas respostas e a segunda parte fosse voltada para o desenvolvimento das respostas, por isso, há a necessidade de explicitações sobre a organização dos testes na sua aplicação.

A autora Carvalho (2013, p. 85) cita como acontece o desenvolvimento do teste. Durante a aula, após o desenvolvimento das questões, o professor recolhe, faz a leitura, comenta as respostas apresentadas pelos alunos fazendo anotações e colocando observações referente a qualidade e ao valor do trabalho. Logo em seguida, os testes são devolvidos aos alunos e daí, começa a segunda fase do teste.

Nessa segunda fase do teste, os discentes ao terem as informações registradas através da técnica de avaliação e do retorno (*feedback*) dado pelo professor, voltam a trabalhar no teste de forma mais autônoma, em um período de tempo pré-estabelecido. Dando continuidade, o aluno entrega novamente as atividades para o docente e cabe ao aluno selecionar as questões que vão precisar ser trabalhadas, podendo rever essas questões a partir dos comentários feitos pelo professor.

Pode-se dizer que a avaliação formativa perpassa por essa construção e esse percurso feito entre professor e aluno do retorno, do que se lê e do que se apresenta, faz refletir onde houve “erros” que podem ser reavaliados e melhorados diante do diálogo, de posicionamentos e leitura dos docentes e discentes.

Nesse contexto, o teste ou a prova ao ser aplicado como um dos instrumentos avaliativos ao aluno na sala de aula, o professor deve orientar como irá acontecer a sua execução. As questões do teste devem ser elaboradas de forma organizada, gerando a construção do conhecimento por parte do aluno, em que o mesmo possa refletir criticamente, melhorando a sua aprendizagem e revendo as falhas encontradas, com a utilização de metodologias e critérios avaliativos utilizados pelo professor.

A palavra portfólio segundo Carvalho (2013, p. 89) deriva do verbo latino *portare* – transportar, e do substantivo *foglio* – folha tem designado a pasta que contém desenhos, fotos, textos, pautas de músicas, seja de profissionais diversos ou de alunos. Em português, um dos significados dessa palavra é o de cartão duplo, um porta-folhas. O conceito de portfólio nasceu entre as artes, denominando o conjunto dos melhores trabalhos de um artista, ou seja, o portfólio do artista (desenhista, cartunista, fotógrafo).

No país Portugal se vê o uso do portfólio no âmbito da formação de professores, o que não tem sido uma tarefa fácil, pois implica, segundo aponta Carvalho (2013, p. 90),

(...) uma planificação e organização rigorosa; uma revisão sistemática dos trabalhos dos alunos e dos *porta-folios*; e um cuidado muito especial a ter em conta com a seleção das tarefas a propor aos alunos.

A aplicação do portfólio torna-se relevante na prática escolar diante da avaliação formativa porque permite mostrar ao professor o que o aluno foi desenvolvendo durante todo o período de estudo e a partir daí, pode-se perceber os avanços e as dificuldades que precisam ser sanadas, diferente da aplicação de uma prova escrita, em que nos itens avaliativos construídos não dizem muito, onde na maioria das vezes é aplicada apenas para se obter uma nota, sem contextualização com a realidade e sem o devido acompanhamento do professor.

A autoavaliação é uma estratégia avaliativa que fornece parâmetros, informações, ao professor no sentido de perceber como o aluno evoluiu nas aprendizagens e quais as atitudes apresentadas, é uma técnica que dá abertura para o aluno fazer, se autocorriger, repensar, refletir, servindo como ponto inicial para a

regulagem do ensino e logo então, as decisões tomadas pelos professores e orientadas aos alunos estão pautadas no tripé ensino-aprendizagem-avaliação.

É evidente que na autoavaliação o professor necessita se planejar, até porque necessitará apresentar aos alunos como vai desenvolver essa estratégia. É no planejamento que se define a sequência didática, os objetivos, os critérios de avaliação, as metodologias adotadas, os recursos, o material didático e é a partir do planejar que o aluno necessita orientar-se, para que possa ter êxito no seu percurso escolar, opinando e reorganizando o seu pensamento nas atividades que precisam ser melhoradas.

O Conselho de Classe defendido por Carvalho (2013, pp. 105-106) organizado nas instituições escolares é uma técnica definida e trabalhada na escola. Primeiramente, os professores se reúnem a partir das séries estruturadas na escola, e tem o objetivo de se discutir como está acontecendo a apreensão dos conhecimentos sistematizados em relação aos alunos, bem como acompanhar o processo de ensino-aprendizagem dialogando a situação de aprendizagem de cada um, em que as reuniões são marcadas a cada bimestre, trimestre, semestre e ano letivo, pela equipe de gestão e docentes.

É necessário dizer que o Conselho de Classe não deve ser criado apenas para taxar o aluno de má comportamento e da sua ausência, mas sim, fazer o acompanhamento de todo o processo de ensino e aprendizagem, onde o professor deve apontar as falhas encontradas no percurso, reorganizando o seu planejamento de acordo com todo o currículo escolar, de forma a interagir com todos os que compõem o Conselho Escolar, que são: diretores, professores da turma, professor representante da turma, coordenador pedagógico, representantes de alunos e pais, coordenadores pedagógicos, enfim a participação desses profissionais culmina com o Conselho Deliberativo para as tomadas de decisões.

De acordo com a autora Sant'Anna (2010, *cit. in* Carvalho, 2013, p. 106) é relevante para o funcionamento do Conselho Escolar:

- i. Não rotular o aluno, ou seja, deve-se eliminar conceitos pré-determinados, propiciando condições para o seu desenvolvimento;

- ii. Fazer observações concretas para serem discutidas com toda a equipe;
- iii. Discutir o aproveitamento do aluno individualmente e da classe como um todo, analisando as possíveis causas da eventual não aprendizagem;
- iv. Estabelecer projetos que visem à assistência especial aos discentes que não apresentarem rendimento favorável;
- v. Aperfeiçoar o trabalho do professor para com o aluno, com pareceres emitidos conjuntamente entre coordenador pedagógico e articulador;
- vi. “Orientar o aluno de como e para que estudar”;
- vii. “Orientar o aluno para autoavaliar-se”;
- viii. Analisar o currículo da escola em função de sua filosofia, desempenho do professor, rendimento dos alunos, equipamentos e materiais disponíveis, aspectos positivos e negativos da concretização do currículo;
- ix. Aferir a eficácia dos instrumentos utilizados pelos professores e em que aspectos precisam ser melhorados;
- x. Conscientizar o professor da importância da autoavaliação contínua de seu trabalho, conduzindo-o, assim, ao replanejamento para que promova a aprendizagem mais eficiente do aluno;
- xi. Produzir relatórios descritivos, permitindo, à família e ao aluno, visão de seu desempenho.

As orientações acima descritas, vêm contribuir para um bom funcionamento do Conselho de Classe baseado em uma avaliação coerente, formativa e realmente voltada ao ensino e a aprendizagem dos alunos com a utilização de critérios avaliativos elaborados e executados pelo professor na sala de aula.

De acordo com Luckesi (2011, p. 211) no decurso dos 40 anos que já nos separam dos anos 1970, muitos estudos, pesquisas, proposições e treinamentos foram realizados no País, porém ainda estamos aprisionados ao modelo dos exames escolares. Nesse espaço de tempo, temos processado mais compreensões novas que efetivas mudanças no cotidiano escolar. Os fins de bimestres ou trimestres, assim como de anos letivos, continuam sendo: “passei em todas”, “fiquei em duas”, “fiquei em todas”, “vou para recuperação”, “fui reprovado”.

Para Luckesi (2011, p. 211), o termo avaliação só veio a ser introduzido no contexto da legislação educacional brasileira, em nível nacional, no ano de 1996, com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96). A Lei 5.692 de 1972 ainda se expressava em termos de “aferição do aproveitamento escolar”, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 1961 trabalhava com o conceito de “sistema de exames”. As leis anteriores a essas duas, todas delimitavam as modalidades e as práticas dos exames, e não da avaliação. É válido dizer que anteriormente trabalhava-se muito com o sistema de exames, mas só veio a elucidar o termo avaliação com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em 1996, e graças a essa Lei que veio melhorar o sistema de avaliação no Brasil.

É relevante dizer que, Hoffmann (2013, p.141) no Livro “Avaliação mito & desafio” faz considerações a respeito de reflexões sobre a avaliação quantitativa à uma avaliação mais libertadora/mediadora, afirmando que, a função seletiva e eliminatória da avaliação é uma responsabilidade de todos! Enquanto avaliamos, exercemos um ato político, mesmo quando não o pretendemos. Tanto as ações individualizadas, quanto a omissão na discussão dessa questão reforçam a manutenção das desigualdades sociais. A avaliação, na perspectiva mediadora, é uma prática coletiva que exige a consciência crítica e responsável de todos.

Nesse contexto educacional, junto aos aspectos quantitativos e qualitativos da avaliação da aprendizagem, diante das práticas avaliativas dos professores é relevante dizer que a Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB) de 1988 aponta para modificações necessárias na gestão educacional, com vistas a imprimir-lhe qualidade ao caráter democrático, cooperativo, planejado e responsável da gestão, orientado pelos princípios em seu artigo 206.

Art. 206 – O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: [...]

VI – gestão democrática do ensino público, na forma da lei (Brasil, 1988).

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/1996), em seu Art. 12, Incisos I a VII, estão as principais delegações que se referem à gestão escolar, no que diz respeito às suas respectivas unidades de ensino:

Art. 12 - Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

- i – Elaborar e executar sua proposta pedagógica;
- ii – Administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;
- iii – Assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;
- iv – Velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;
- v – Prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento;
- vi – Articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;
- vii – Informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução da sua proposta pedagógica (Brasil, 1996).

Dessa forma, os sete princípios apontam para o “fazer” de uma gestão compartilhada, participativa e que prevê para o gestor escolar voltar-se a acompanhar, atuar e fazer inferências das práticas avaliativas dos docentes no que concerne a avaliação quantitativa e qualitativa.

De fato, uma perspectiva clara de complementaridade entre os diferentes tipos de avaliação indicia ser o maior garante da qualidade na educação. Compreende-se que um diagnóstico criterioso e aprofundado da situação do aluno/turma permitirá preparar uma resposta flexível às suas necessidades e expectativas. Esta resposta, construída colaborativamente na escola e articulada com uma avaliação formativa atenta, continuada, reformulatória de processos e metas, permitindo o reajuste da ação de professor, alunos e escola, a par e passo, dará a cada um as melhores condições de sucesso. Mas uma avaliação somativa, para além de dar suporte parcial à certificação, indispensável ao aluno para legitimação do seu percurso escolar face à sociedade, se for usada também para determinar os aspetos que carecem de uma análise aprofundada do conjunto dos resultados dos alunos, permitindo a identificação de pontos fortes e fracos na aprendizagem dos grupos, a deteção de irregularidades e desvios nas observações, constituirá um bom indicador para lançar inovações nos processos e melhorias na ação educativa. (Ventura, 2014, pp. 6-7).

CAPÍTULO III - ESTUDO EMPÍRICO

1. O Alvo de Estudo

i. Caracterização contextual

É relevante dizer que desenvolver a pesquisa no próprio ambiente de trabalho exige um afastamento da função de gestora, em que se deve voltar para a produção de conhecimentos enquanto pesquisadora com a inserção da realidade em que se vivencia. Faz-se necessário ter o cuidado de não tendenciar o estudo para não comprometer a realidade empírica que se apresenta e, principalmente, o comprometimento de não realizar constatações equivocadas. Procurar produzir conhecimentos sobre a avaliação da aprendizagem, no próprio ambiente de trabalho, se faz necessário discernir o que cabe a gestão e o que cabe a pesquisadora. Por outro lado, uma gestão ou uma docência comprometidas devem ser reflexivas e essa reflexão é tanto mais legitimadora das práticas adotadas quanto é feita segundo metodologias científicas que lhe garantam rigor e objetividade.

A Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica foi concebida há 100 anos, em 23 de setembro de 1909, e implantada em diversos Estados brasileiros, dentre eles o Maranhão, com a terminologia Escola de Aprendizes Artífices, sendo desde o início instrumento de educação e cidadania para as classes desprovidas de oportunidades sociais, sem contudo desprezar a classe média emergente. Posteriormente, tornou-se Liceu Industrial de São Luís (1937), Escola Técnica de São Luís (1942), Escola Técnica Federal do Maranhão (1965), Centro Federal de Educação Tecnológica do Maranhão, (1989) e em 2008 nasce o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA.

Em 2006 começa a expansão do Centro Federal de Educação Tecnológica do Maranhão (CEFET/MA) nos municípios, de acordo com as demandas de cada região, tendo como base os arranjos produtivos locais. A cidade de Zé Doca foi um dos municípios contemplados e recebeu a nomenclatura de Unidade de Ensino Descentralizada de Zé Doca (UNED), o município foi escolhido devido ao cultivo do babaçu, matéria-prima necessária à produção do Biodiesel. Nesse período foram

desenvolvidos estudos sobre o Programa de Biodiesel do Maranhão (PROBIO-MA), com a opção de desenvolvimento do plantio do pinhão manso em Zé Doca. O pinhão manso é uma oleaginosa promissora na produção do Biodiesel brasileiro, pois é facilmente adaptável em clima quente e solos áridos, característicos da região.

A Unidade de Ensino Descentralizada de Zé Doca (UNED) começou suas atividades em março de 2007, sob a direção da professora Emília Maria Veloso Coaracy, ofertando os Cursos Técnico em Análises Químicas e Biocombustíveis, na modalidade Integrada (Ensino Médio e Técnico) e o Curso Técnico em Secretaria Escolar pelo Programa Nacional de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Em três de março do ano seguinte, em instalações próprias, na Rua da Tecnologia, nº 215, no Bairro - Vila Amorim, aumenta a oferta de Cursos, como: Técnico em Gerenciamento de Unidades de Alimentação pelo Programa Nacional de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA); Técnico em Química (Habilitação em Saneamento Ambiental) e Técnico em Alimentos (Subsequente, alunos com ensino médio). O Instituto Federal do Maranhão (IFMA) como agente formador, atua no município de Zé Doca, desde o ano 2007, quando ainda era denominado de Centro Federal de Educação, Tecnológica do Maranhão (CEFET).

As atividades pedagógicas e administrativas da Unidade de Ensino Descentralizada de Zé Doca (UNED) foram iniciadas em sede provisória no Instituto Fundamental Brasileiro, localizado à Rua Gonçalves Dias nº 86 – Centro - Zé Doca – MA e teve o seu funcionamento autorizado pela Portaria nº 1.969 de 18 de dezembro de 2006, assinada pelo Ministro da Educação Fernando Haddad. Atualmente o Campus está situado em sede própria, na Rua da Tecnologia, nº 215, Bairro Vila Amorim, à direita, no sentido São Luís/Zé Doca, aproximadamente a 200m da BR316, no quilometro 199, possuindo uma área territorial de 58.516 m² e 4.392,39 m² de área construída, sendo todas as dependências internas climatizadas (Brasil, 2006).

Em junho de 2008 foi realizada a consulta para indicar um nome a ocupar a Diretoria, entre os servidores e alunos da UNED Zé Doca, que posteriormente foi acatado pelo Diretor Geral do CEFET/MA, Professor José Ferreira Costa, que deu posse ao Professor Ivaldo José da Silva, no dia 15 de novembro de 2008, com mandato de quatro anos.

No final de 2008, em 29 de dezembro, é criado pela Lei 11.892, 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia no país, dentre eles o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) mediante a junção do Centro Federal de Educação Tecnológica do Maranhão (CEFET/MA), sede e Unidades de Ensino Descentralizadas de Zé Doca (UNEDs) a ele vinculadas (Açailândia, Alcântara, Buriticupu, Centro Histórico, Imperatriz, Santa Inês e Zé Doca), bem como as Escolas Agrotécnicas de São Luís, Codó e São Raimundo das Mangabeiras. Dessa forma, com a nova estrutura do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) funciona através de Reitorias e atualmente possuem onze campi federais (Brasil, 2008).

O Instituto Federal do Maranhão (IFMA) proporcionou no ano de 2010 a criação dos cursos de graduação presencial e a distância, tanto na capital como nos demais municípios integrantes do IFMA, mediante a classificação no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). No município de Zé Doca foram oferecidos dois Cursos presenciais: Licenciatura em Química (40 vagas) e Tecnologia em Alimentos (40 vagas).

No ano de 2012, o Instituto Federal do Maranhão (IFMA) foi contemplado com mais 18 campi, como: Bacabal, Barra do Corda, Barreirinhas, Caxias, Pinheiro, São João dos Patos e Timon e quase 27 mil alunos matriculados, sendo o segundo maior Instituto Federal do Brasil, perdendo apenas para o Estado de São Paulo com 22 campi.

Nos últimos dez anos a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica sofreu enormes perdas pelo impedimento legal instituído através do parágrafo 5º do Art. 3º da Lei nº 8948 (08/12/1994), que impedia a expansão da rede. Em 12/11/2005, a Lei 11.195 aprova uma nova redação, permitindo a criação de novas instituições federais de ensino profissional e tecnológico (Brasil, 2005).

Desta forma, o Centro Federal de Educação Tecnológica do Maranhão (CEFET/MA) foi contemplado com diversas novas Unidades de Ensino Descentralizadas – UNEDs, destacando os municípios de Santa Inês, Buriticupu e Zé Doca.

O Município de Zé Doca é cortado por uma Rodovia Federal que interliga, a Nordeste, os Estados do Maranhão e Piauí, a Norte o Estado do Pará. Da cidade distam apenas 70 km para o eixo do corredor de exportações do Projeto Ferro Carajás.

Vale ressaltar que este Município foi escolhido como Pólo de Desenvolvimento pelo Governo Estadual com abrangência em 18 municípios numa área de 25.654 km² e uma população de 261.378 pessoas. Apenas o município de Zé Doca tem, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população de 50.183 pessoas, das quais 63% residem na zona urbana (IBGE, 2004).

Os Arranjos Produtivos Locais têm foco transversal nos setores de Serviços, Agricultura, Pecuária e Indústria, com grande produção de babaçu, propiciando o estudo da produção de combustíveis sólidos, líquidos e gasosos, inclusive biodiesel, cuja agenda de desenvolvimento inclui a Educação Profissional e Tecnológica como índice para a inclusão social de sua população.

ii. Visão de futuro

Desenvolver na Unidade Regional de Educação de Zé Doca (URE – Zé Doca/MA), abrangendo 18 municípios da Região do Alto Turi um ensino que proporcione a construção do conhecimento científico e tecnológico fundamentado no ensino, pesquisa, extensão e inovação tecnológica, elevando assim o nível sócio econômico e cultural dos munícipes desta região.

iii. Missão e organização institucional

A implantação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) está pautada no conjunto de políticas públicas voltadas para a Educação Profissional e Tecnológica, tendo como princípio a formação humanística e holística do educando. Essas premissas perpassam pelo compromisso com a inclusão social, a recuperação de indivíduos afastados da educação formal, pela formação para o mundo do trabalho.

Nesse sentido, o investimento na formação específica dos docentes, a ampliação do acesso às novas tecnologias, a adequação aos arranjos produtivos locais devem está no foco dessas instituições que surgem neste momento.

O grande desafio do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) é desligar-se da antiga concepção de “Escola Técnica” para vislumbrar uma formação integral e humanizada dos profissionais. A partir daí, este poderá desenvolver a autonomia, o espírito empreendedor, a postura investigativa, necessários para a sua atuação no mundo globalizado. Este profissional deve atender às necessidades locais, levantadas através de constantes contatos com a comunidade (sindicatos, associações rurais, empresas, igrejas, entre outros).

Atualmente, no campus são ofertados os cursos Integrados de Ensino Médio Técnico em Biocombustíveis, Técnico em Análises Químicas, Técnico em Alimentação Escolar na modalidade do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), Cursos na modalidade subsequente de Ensino, Técnico em Alimentos, cursos técnicos na modalidade subsequente na forma de Educação a Distância (EAD), Técnico em Secretariado, Técnico em Informática para a Internet, agregando cursos do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), o curso de capacitação de Assistente em Recursos Humanos. No Ensino Superior são ofertados os cursos de Licenciatura em Química, Licenciatura em Matemática e Tecnologia em Alimentos e pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – (PARFOR) os cursos de Licenciatura em Química e Licenciatura em Matemática, em que funciona nos finais de semana durante quatro anos.

A estrutura física do campus é formada por um bloco central com 10 salas de aulas, 1 auditório com capacidade para 120 pessoas, um salão de eventos, uma biblioteca, 2 laboratórios de Química, 1 laboratório de Biocombustíveis, 1 laboratório de Alimentos, 1 laboratório de Panificação, 1 laboratório de Carnes, 1 laboratório de Microbiologia, 1 laboratório de Física/Matemática, 2 laboratórios de Informática, 1 cantina, 11 salas administrativas/pedagógicas, 1 cozinha, 1 almoxarifado, 9 banheiros, sendo um com acessibilidade, 1 elevador, 1 sala para o grêmio/rádio escola, 1 sala para recepção, 2 pátios para eventos e Anexo ao Bloco Central tem-se 10 salas de aula e 2 banheiros.

O espaço desportivo é composto por 1 piscina semiolímpica, 1 ginásio poliesportivo, 1 campo *society*. O campus disponibiliza um bloco de assistência ao educando composto por salas de atendimento médico, psicológico, odontológico, enfermaria e assistência social. Para o atendimento ao auxílio alimentação o campus possui um refeitório com capacidade para 500 pessoas, entre alunos e servidores, aproximadamente (ainda em execução); possui também um segundo auditório com capacidade para 450 pessoas (ainda em execução); possui um Centro de Treinamento (ainda em execução); possui um segundo almoxarifado e garagem para a frota de veículos do campus.

Informa-se que há 5 km do campus Zé Doca, encontra-se o Núcleo Avançado do Josias (NAJ), um anexo composto por 3 (três) salas de aula, 1 laboratório temático, 2 laboratórios de Informática, 1 laboratório de Química/Biologia, 1 laboratório de Física/Matemática, 3 salas administrativas/pedagógica, 1 auditório, 1 cantina, 1 almoxarifado, 1 biblioteca e 2 banheiros.

A estrutura de Gestão de Pessoas é composta por 65 docentes entre especialistas, mestres e doutores, 45 técnicos e assistentes em administração de nível superior e médio. Para o atendimento das atividades meio, o campus conta com a contratação de servidores terceirizados, dentre eles: vigilantes, motoristas, recepcionistas, assistentes em administração, piscineiro, jardineiro e assistentes de serviços gerais. Quanto ao corpo discente, o Campus Zé Doca apresenta uma matrícula de 820 alunos, distribuídos entre cursos de nível médio/técnico e superior, sendo 40 alunos por sala de aula.

iv. O Papel do Instituto Federal do Maranhão (IFMA/Campus Zé Doca) e sua Implantação, segundo o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2014 – 2018

A criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) é resultado de uma série de transformações pelas quais vêm passando a sociedade contemporânea, em especial o mundo do trabalho, a concepção de trabalho e, por conseguinte a noção de educação profissional. Neste novo cenário, o conceito de trabalho ampliou-se para além da mera execução de atividades produtivas: recupera-se a função social do trabalho e, por conseguinte, a noção de trabalhador

cidadão; não mais disciplinado e ordeiro e sim, apto a exercer plenamente seus direitos e deveres sociais. Isto posto, era de se esperar que a noção de educação profissional também se transformasse, e com ela, as instituições responsáveis por oferecê-la.

Entende-se hoje que é papel de todo processo educativo formal oferecer condições para o pleno desenvolvimento do educando, isto significou para as instituições de ensino profissional um repensar de seu papel, uma vez que estas historicamente restringiram sua atuação à capacitação do educando para que este exercesse eficazmente seu papel na engrenagem produtiva. Neste novo cenário, a educação profissional passa a ser entendida como um instrumento de preparação para o mundo do trabalho e de preparação para a vivência cidadã, de forma articulada e sincrônica.

Além disto, entende-se que as Instituições de Educação Profissional, em especial aquelas mantidas pelo poder público devem tornar-se instrumentos de promoção social através da oferta de educação de qualidade. Democratizar o acesso a essas instituições é condição indispensável para que este fim seja alcançado. Daí, a necessidade de ampliar a oferta de instituições com este perfil, além da ampliação de ofertas de vagas e sua implantação em diferentes localidades do país.

Neste cenário o governo federal, por considerar o projeto de expansão da Rede Federal como um plano de política pública, tem se empenhado na implantação das instituições federais de educação profissional nas mais variadas localidades do país, com especial atenção às regiões distantes dos grandes centros urbanos. Tal política visa também diminuir o êxodo dos jovens estudantes do interior que chega com anos de atraso, posto que sempre foi comum em nosso país, principalmente no estado do Maranhão, a saída de jovens deste Estado para centros maiores como condição indispensável para o prosseguimento dos estudos.

Sabe-se que garantir a oferta, contudo é apenas parte da solução de um problema que se tornou crônico em nosso país. A educação formal, raras vezes tem tornado-se instrumento de promoção social. Na maioria das vezes, frequentar uma escola não significa apropriar-se do conhecimento que esta tem por obrigação produzir e transmitir. Ademais, a noção de escolas profissionalizantes como instrumentos de

qualificação técnica cristalizou-se de tal forma que os novos tempos obrigam a um rediscutir destas instituições. Com vistas a orientar os educadores que atuam nestas instituições, o documento Concepção e Diretrizes baseado na Lei 11.892 de dezembro de 2008 da implantação dos Institutos Federais, entre eles, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) enfatiza que,

Na concepção do seu trabalho coletivo, os Institutos Federais reúnem, da diversidade sociocultural, princípios e valores que convergem para fazer valer uma concepção de educação profissional e tecnológica em sintonia com os valores universais do homem, daí a importância de assegurar, nos Institutos Federais, um lugar da arte e da cultura (Brasil, 2008, p. 23).

v. População e amostra envolvida

É relevante dizer que a mestranda integra o quadro de administrativos a nível de Ensino Superior e atua como Pedagoga no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA/Campus Zé Doca desde 2007 até os dias atuais, em que tem a função de implementar a execução, avaliar e coordenar a (re) construção do projeto pedagógico de escolas de educação infantil, de ensino médio ou ensino profissionalizante com a equipe escolar; de viabilizar o trabalho pedagógico coletivo e facilitar o processo comunicativo da comunidade escolar e de associações a ela vinculadas; assessorar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão; orientar os planejamentos dos professores, fomentar, contribuir, com a formação continuada dos docentes.

A mestranda é Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) desde 1995 e Especialista em Supervisão Escolar pela Universidade Salgado de Oliveira do Rio de Janeiro (USO - RJ) no ano de 1998 e está fazendo o mestrado na área de Docência e Gestão da Educação pela Universidade Fernando Pessoa (UFP) nos anos de 2017 e 2018.

Os sujeitos da pesquisa contribuíram com as respostas a partir do guião de entrevista. Participaram, três gestores, a Diretoria Geral (DG), a Diretoria de Administração e Planejamento (DAP) e a Diretoria de Desenvolvimento Educacional (DDE) das áreas de química, de administração e biologia; e treze professores das áreas de arte, química, geografia, educação física, matemática, administração, língua

portuguesa, educação, informática, filosofia e biologia, totalizando dezesseis participantes da pesquisa. É relevante dizer que a gestora geral é Doutora na área de Química, o gestor de ensino é Mestre em Ciências Biológicas e o gestor de planejamento é Bacharel em Administração.

O roteiro de entrevista foi elaborado e aplicado no ambiente de trabalho e dirigido aos gestores e aos professores. O seu objetivo é compreender a atuação do gestor diante da aplicação dos instrumentos de avaliação dos professores quanto a avaliação formativa; suas práticas de planejamento quanto à avaliação da aprendizagem e a inserção da avaliação formativa da aprendizagem frente as práticas avaliativas. Os professores selecionados foram da área de Ciências Exatas e Ciências Humanas do IFMA/Campus Zé Doca. O universo de entrevistados é constituído por sete mulheres e oito homens com idades que variavam de 26 a 52 anos no grupo de servidores da instituição entre jovens profissionais administrativos e docentes, em que as informações estão de acordo com as perguntas do Guião de Entrevista (Apêndice 1).

Quanto ao nível de escolaridade perguntado através do roteiro de entrevista dos gestores e professores (Apêndice 2 e Apêndice 3) e do quadro 1 de habilitações a maioria dos participantes são licenciados de acordo com suas respectivas funções entre graduados, bacharéis, especialistas, mestres e doutores, pois sabe-se que ter profissionais habilitados é imprescindível para a apreensão dos conhecimentos, porém não se descarta a permanente necessidade dos estudos constantes, para reflexão do que se realiza no ambiente escolar e na sala de aula.

Dessa forma, será inserido um quadro de habilitações dos gestores e professores para que se possa visualizar melhor a habilitação de cada profissional.

SERVIDORES	HABILITAÇÃO
1. Gestor 1 (G1)	Doutorado em Química Orgânica
2. Gestor 2 (G2)	Licenciatura em Biologia e Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente
3. Gestor 3 (G3)	Bacharel em Administração
4. Professor (P1)	Bacharel em Administração e Mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos
5. Professor (P2)	Graduação em Educação Física e Especialização em Fisiologia do Exercício
6. Professor (P3)	Licenciatura em Geografia e Mestrado em Desenvolvimento Socioespacial e Regional
7. Professor (P4)	Licenciatura em Matemática e Especialista em Gestão Escolar
8. Professor (P5)	Licenciatura em Química e Mestrado em Ciências Farmacêuticas
9. Professor (P6)	Licenciatura em Arte e Especialização em Educação do Campo
10. Professor	Licenciatura em Matemática
11. Professor	Licenciatura em Matemática
12. Professor	Licenciatura em Filosofia
13. Professor	Licenciatura em Biologia e Doutorado em Meio Ambiente
14. Professor	Licenciatura em Letras e Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e
15. Professor	Licenciatura em Pedagogia
16. Professor	Bacharel em Sistema de Informação e Mestrado em Engenharia Elétrica

Quadro 1. Nomes dos servidores com suas respectivas habilitações

Fonte: Coordenadoria de Gestão de Pessoas (CGP) – IFMA/Campus Zé Doca – 2017.

Com relação à carga horária de trabalho no ambiente escolar, os gestores e professores cumprem uma jornada de trabalho de 40 horas semanais. Nesta carga horária dos professores estão destinadas as horas para a prática pedagógica junto às turmas e o tempo de permanência na instituição fora da sala de aula, em que esse tempo está voltado também para a pesquisa e extensão; a troca de experiências entre os colegas; planejamento individual e em grupo das atividades escolares; o diálogo com a coordenação pedagógica; participação em reuniões pedagógicas para o alinhamento das ações de maneira que venha aprimorar na prática os saberes; e momento reservado para estudos e reflexões, enquanto que os gestores fazem mais o trabalho administrativo da gestão.

É relevante informar que os participantes da pesquisa não foram identificados pelos seus nomes, visto que os nomes dos entrevistados devem ser preservados em uma pesquisa, motivo pelo qual a opção foi denominá-los pela letra “G” e “P” grafadas em maiúsculo, seguidas de números que lhes foram certificadas. Assim, os gestores foram designados, como G1, G2 e G3 e os professores como P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P12 e P13. O campo de trabalho destes professores são as turmas do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio Técnico Integrado dos Cursos Técnico em Análises Químicas e Técnico em Biocombustíveis do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) / Campus Zé Doca, Maranhão, Brasil.

2. Metodologia aplicada

i. Metodologia de projeto

Na metodologia de projeto, segue as etapas segundo a Figura 1.

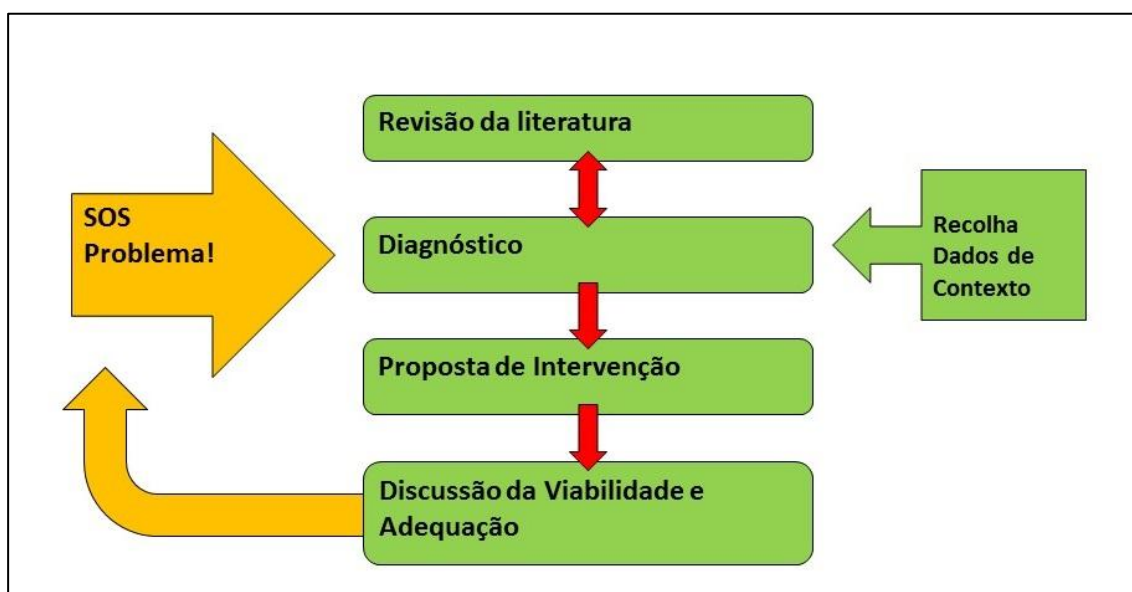


Figura 1. Fluxo para operacionalização de inovações educacionais.
Fonte: Ventura (2018).

ii. Revisão da literatura

A pesquisa em questão voltada para a avaliação da aprendizagem como processo qualitativo ou processo formativo serviu de base para compreender os pontos de vista sobre avaliação, os conceitos significativos da avaliação da aprendizagem, a caracterização da avaliação quantitativa, caracterização da avaliação qualitativa, etapas da avaliação qualitativa, parâmetros/dimensões da avaliação qualitativa, autoavaliação do trabalho pedagógico dentro da gestão, autoavaliação da instituição escolar sob a visão da gestão, acompanhamento das práticas avaliativas dos professores pelos gestores como processo qualitativo, representação sobre o documento legal: sistemática de avaliação dos cursos técnicos do IFMA/Campus Zé Doca, compreensão sobre a relevância da utilização e aplicação do Projeto Político Pedagógico (PPP).

Essa etapa da metodologia com a revisão de literatura foi bastante relevante, diante do que foi citado acima, itens trabalhados na análise de conteúdo com o objetivo

de perceber nas falas dos entrevistados os diversos pontos de vista referente a avaliação da aprendizagem qualitativa e quantitativa, pontos esses voltados para uma aprendizagem significativa como ponto central do projeto de pesquisa.

Em seguida, foi feito um esquema de conceitos para uma melhor compreensão sobre a avaliação formativa frente a teoria e a prática, em que pôde ser elaborado a partir da revisão da literatura e diagnóstico da referida pesquisa, sendo visualizado na página seguinte na figura 2.

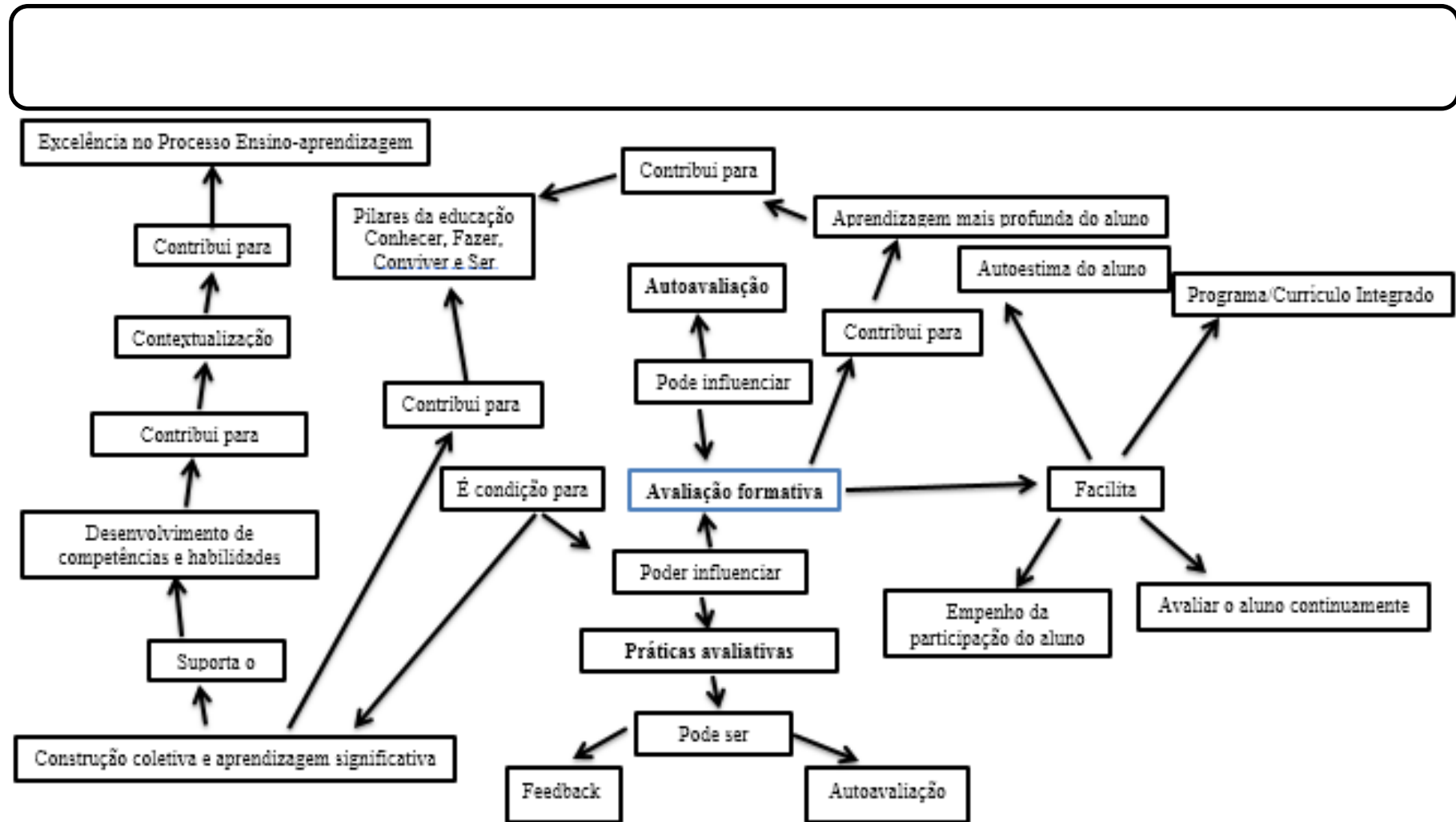


Figura 2. Esquema dos conceitos estudados durante a pesquisa.

Fonte: Próprio autor

iii. Diagnóstico

iii.i Os Procedimentos adotados para diagnóstico da situação

A pesquisa foi realizada junto aos gestores e professores do Ensino Médio Técnico Integrado dos Cursos Técnico em Análises Químicas e Técnico em Biocombustíveis das áreas das Ciências Exatas e Ciências Humanas do Instituto Federal do Maranhão – IFMA / Campus Zé Doca, uma vez que tentou desvendar a atuação do gestor no sentido do acompanhamento e da execução das práticas avaliativas dos professores sobre a avaliação formativa da aprendizagem.

Daí, para desenvolver um estudo que envolve sujeitos e, quando se deseja conhecer a realidade em questão, é oportuna uma análise que demonstre uma metodologia qualitativa com a utilização da entrevista semiestruturada.

A autora Nascimento (2012, p. 15) ao conhecer a realidade pesquisada e entender a unidade de análise deste estudo, as características que particularizam o exercício da avaliação da aprendizagem em suas perspectivas classificatória e formativa, foi preciso estar na escola e dialogar com os professores, para, então “[...] captar o universo das percepções, das emoções e das interpretações dos informantes”.

É relevante dizer que para produzir saberes frente à avaliação formativa, no próprio local de trabalho, é preciso discernir o que cabe a gestão e o que cabe à pesquisadora, pois manter uma distância é um desafio, visto que trabalhar com a subjetividade do observador de campo não pode ser deixada de lado.

iii.ii Instrumentos e técnicas de coleta e tratamento de dados

É necessário dizer que para conhecer como os gestores e os docentes percebem e caracterizam a avaliação formativa da aprendizagem, foi escolhido como instrumento de coleta de informação a entrevista semiestruturada, por permitir a apreensão das informações desejadas e por considerar a participação dos sujeitos como um dos elementos do fazer científico.

Optou-se pela entrevista semiestruturada, por ser mais flexível e permitir captar a visão dos professores diretamente envolvidos na pesquisa (Ludke et al., 1986, *cit. in* Nascimento, 2012, p. 24). Ela ocorreu seguindo um conjunto de questões previamente definidas – o Guião - e, enquanto

[...] uma conversa a dois com propósitos bem definidos, [possibilitou] [...] obter informes contidos na fala dos atores, [de] [...] uma determinada realidade que está sendo focalizada. (Minayo, 1994, *cit. in* Nascimento, 2012, p. 24).

Ao fazer as entrevistas, seguiu-se um roteiro com perguntas de forma organizada aos gestores e professores do Instituto Federal do Maranhão (IFMA/Campus Zé Doca) referente a execução das práticas avaliativas formativas da aprendizagem, frente ao gestor, em que a aplicação da entrevista teve como objetivo recolher dados para desvencilhar o objeto de estudo, e, que as perguntas proporcionaram uma compreensão das respostas de forma mais profunda, fazendo com que a informação viesse a contextualizar a realidade e a explicitar saberes específicos.

Nas entrevistas foram elaboradas questões, como: o conceito de avaliação da aprendizagem; o significado da avaliação formativa da aprendizagem; a diferença entre a avaliação da aprendizagem quantitativa e qualitativa; como é feita a execução das práticas avaliativas; indagações sobre a legislação; enfim, foram feitas as perguntas relacionadas ao processo avaliativo quantitativo e qualitativo, onde todos os envolvidos responderam as questões apresentadas.

As entrevistas foram feitas de forma individual entre gestores e professores, em que foram gravadas e transcritas e logo, se transformaram em um texto rico, onde as informações contidas através das respostas contribuíram significativamente. É importante destacar que as entrevistas foram agendadas com antecedência e realizadas em local e horário mais adequado aos entrevistados com um tempo médio de três horas entre todos. Foi exercido o tempo com atenção, em que se teve a preocupação de não haver interferência nas respostas ou proceder a encaminhamentos que mostrassem as crenças e posicionamentos pessoais do entrevistador.

Frente às transcrições das entrevistas, foi feito um trabalho de depuração dos vícios de linguagem, de correção de forma de expressão que é perceptível à

oralidade, mas que são pouco pertinentes ao texto escrito. Na entrevista sabe-se que a riqueza das respostas manifestas pelos entrevistados deve ser mantida e que não pode ser alterada. Logo, entrevistar é perceber o outro, é expressar o que pensa e é estar com o outro, é um caminho rico em informações pertinentes ao objeto de pesquisa do pesquisador.

iv. Proposta de Intervenção

A proposta de intervenção foi pensada a partir de uma oficina pedagógica no sentido de analisar os desafios, as possibilidades e os limites das experiências quanto a avaliação da aprendizagem como processo qualitativo diante das práticas avaliativas, entre gestores e professores do IFMA/Campus Zé Doca; subsidiar os gestores e professores com informações e conhecimentos sobre a importância da avaliação qualitativa da aprendizagem; avaliar como os gestores e professores acompanham e utilizam a avaliação da aprendizagem como processo formativo.

Logo, para que a avaliação formativa seja trabalhada dentro da sala de aula junto as práticas dos professores frente a visão dos gestores adotou-se como base para compor a proposta de intervenção, um modelo/abordagem para ser desenvolvido entre os professores e gestores a partir da atividade de *role-playing*.

De acordo com Francischetti et al. (2011, p. 1208), o *role-playing* (jogo de papéis) é uma técnica didática em que os participantes são envolvidos numa situação-problema, assumindo papéis diferentes dos vividos em seu cotidiano, devendo tomar decisões e prever suas consequências.

Para Francischetti et al. (2011, p. 1208), este exercício *role-playing* é uma metodologia de ensino democrática e participativa, que aborda conteúdos e aprendizagens compreendendo o aprender na ação. Reitera ainda que: a espontaneidade mobilizada neste jogo de papéis, e é preponderante para a aprendizagem, à medida que, na perspectiva Moreniana, por meio do desenvolvimento da espontaneidade, os sujeitos encontram mais facilidades para mobilizar o já aprendido e empregá-lo em novas situações. Esses movimentos coadunam-se com a perspectiva do sujeito, à proporção que resgatam valores, crenças, projetos, inserindo-os na complexa rede de

condicionantes políticos, sócio-econômicos, culturais e educativos. O processo de ensino-aprendizado é enriquecido com experiências e saberes que se articulam, seja pela complementaridade, seja pela contraposição.

Como estratégia de educação continuada, o *role-playing* incentiva o participante a criar empatia com a posição e sentimento do outro, e olhar para além de seus pressupostos e expectativas imediatas, encorajando uma maior reflexão. Ao atuar em um determinado papel, o indivíduo é obrigado a usar e aplicar conceitos e argumentos adequados, tal como definido pela função (Francischetti et al., 2011, p. 1208).

Portanto, mais adiante na escrita vai ser descrito de acordo com a proposta de intervenção o que minimiza as dificuldades ou pontos fracos encontrados e propiciam ou potenciam os pontos fortes que puderam ser identificados.

v. Discussão da Viabilidade e Adequação

É importante dizer que faz parte da discussão da viabilidade e adequação averiguar através do diálogo, das discussões, da aplicação da atividade do *role-playing*, na proposição da oficina entre professores e gestores perceber se realmente a proposta apresentada é aceita, e se atende às necessidades, às situações, as questões relacionadas a execução de uma avaliação formativa, para uma possível mudança quanto as posturas e práticas avaliativas, e deve-se observar se todos os momentos citados na proposta de intervenção foram aceitos, se existem e se são suficientes para o acompanhamento dos passos que se seguem logo após a proposta, com o objetivo de melhorar a trajetória da avaliação qualitativa, utilizando o *feedback* e a autoavaliação.

De acordo com o descrito na proposta, com base nas leituras e reflexões de textos, nas situações simuladas, vivenciadas, nas discussões, no diálogo, na aplicação do *role-playing* em equipes quanto a avaliação quantitativa e qualitativa é que se vai identificar o nível de comprometimento e é nesse nível de comprometimento entre professores e gestores que irá acontecer as tomadas de decisões e sugestões. Sugestões e decisões estas que podem melhorar a proposta apresentada, mudanças essas que podem alavancar ou que podem impactar ao âmbito de atuação dos segmentos docentes e

gestores, no sentido de isolar a proposta em detrimento de uma outra decisão mais acertada e viável.

3. Análise de Conteúdo das Entrevistas Semiestruturadas

Bardin (2011, *cit. in* Ferreira & Loguecio, 2014, p. 36), quanto à constituição, à forma de operação e aos objetivos da análise de conteúdo afirma que o campo de estudo se caracteriza por:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Para caracterizar as diferentes etapas da análise de conteúdo, Bardin (2011, *cit. in* Silva & Fossá, 2015, p. 3) organiza em três fases: (i) pré-análise, voltada à organização operacional do material; (ii) exploração do material, destinada à sistematização de categorias de análise e de unidades de sentido; e (iii) tratamento dos resultados, inferência e interpretação, caracterizada pela avaliação crítica dos resultados das interpretações inferenciais. Essas fases serão evidenciadas e detalhadas ao longo da escrita do presente texto.

A análise de conteúdo, em sua vertente qualitativa, parte de uma série de pressupostos, os quais, no exame de um texto, servem de suporte para captar seu sentido simbólico. Este sentido nem sempre é manifesto e o seu significado não é único. Poderá ser focado em função de diferentes perspectivas. Por isso, um texto contém muitos significados e, conforme colocam Olabuenaga e Ispizúa (1989, *cit. in* Moraes, 1999, p. 2):

- (a) o sentido que o autor pretende expressar pode coincidir com o sentido percebido pelo leitor do mesmo;
- (b) o sentido do texto poderá ser diferente de acordo com cada leitor;
- (c) um mesmo autor poderá emitir uma mensagem, sendo que diferentes leitores poderão captá-la com sentidos diferentes;
- (d) um texto pode expressar um sentido do qual o próprio autor não esteja

consciente.

É relevante dizer que nesta pesquisa pode-se relatar sobre as Representações Sociais como conjunto das unidades de registro selecionadas a partir das falas dos entrevistados (gestores e professores).

i. Procedimentos da análise de conteúdo

A análise de conteúdo foi realizada sobre as respostas dadas por 03 gestores e 13 docentes que participaram das entrevistas semiestruturadas conforme o guião de entrevista (Apêndice 1) ,o sistema de categorização e as transcrições completas das entrevistas que constam no Apêndice 4 e no Apêndice 5.

ii. Temas em análise

De acordo com a finalização da transcrição e da categorização de todas as entrevistas, iniciou-se a análise de conteúdo. Diante do título da pesquisa e de seus objetivos, as seleções das falas dos gestores e professores foram categorizadas em onze subcategorias, sendo elas: pontos de vista sobre avaliação; conceito significativo da avaliação da aprendizagem; caracterização da avaliação quantitativa; caracterização da avaliação qualitativa; etapas da avaliação qualitativa; parâmetros/dimensões da avaliação qualitativa; relevância da autoavaliação na sala de aula; o olhar da autoavaliação na sala de aula; desenvolvimento da autonomia pelo gestor e docentes junto às práticas avaliativas; compreensão acerca de que os aspectos qualitativos devem preponderar sobre os quantitativos; compreensão sobre a relevância da utilização e aplicação do Projeto Político Pedagógico (PPP).

iii. Seleção das unidades de análise e categorização

Numa leitura mais detalhada das respostas dos gestores e docentes, obteve-se 26 situações denominadas Temas. Os Temas foram sugeridos e escolhidos de acordo com o objeto de estudo, que é a temática da pesquisa. As respostas foram segmentadas segundo a sua pertença ou relacionamento com os Temas, percebendo-se a seleção das respostas descritas das Tabelas 1 a 11.

Para que haja uma melhor consolidação dos dados da pesquisa, surgiu a necessidade de categorizar os segmentos selecionados nas falas dos entrevistados. A árvore de categorização inicial foi desenhada a partir da revisão da literatura, que tem como um guia orientador. Na sua aplicação, a partir da análise do conteúdo e de leituras e reflexões feitas ao longo da escrita, percebeu-se que as categorias antes elaboradas deveriam ser reorganizadas a par e passo da classificação das unidades de conteúdo.

As unidades de registro foram categorizadas, dentro das subcategorias anteriormente feitas, escolhidas, conforme encontra-se a Tabela 1 (Apêndice 4) por exemplo. Logo depois da identificação simbólica entre as respostas dos gestores e docentes e a unidade de registro para cada unidade de análise, realizou-se a contagem. Dessa forma, os resultados obtidos retratam-se nas Tabelas 1 a 11.

A tabela 1 (Apêndice 4) vem apresentar, de maneira autêntica, vários itens considerados relevantes no sistema de categorização. Então, tomou-se como base esse modelo para a organização das categorias diante das falas dos entrevistados. Portanto, com o intuito de compreender a visão dos gestores e professores rumo às práticas de uma avaliação qualitativa na instituição escolar/sala de aula, parte-se inicialmente para a obtenção dos resultados em tabelas a partir da análise das entrevistas semiestruturadas.

Questão 4: O que você entende por avaliação?

CATEGORIA I: REPRESENTAÇÃO DA AVALIAÇÃO			
SUBCATEGORIA I: PONTOS DE VISTA SOBRE AVALIAÇÃO			
Tema: Avaliação	Frequência Questão 4	% no conjunto dos entrevistados	% no tema
Expressam avaliação como contextualizada	03	19%	30%
Expressam avaliação como medida, valor comparável	04	25%	40%
Apresentam avaliação como procedimento, medindo capacidades	03	19%	30%
Total de seleções no Tema	10		100%

Tabela 1. Resultados globais obtidos no tema Avaliação – Entrevista semiestruturada com gestores e professores.

Verifica-se na Tabela 1 que a característica mais referida é a da *avaliação como medida, valor comparável* (40%). Ambas as características seguintes - *avaliação como contextualizada e como procedimento medindo capacidades* – aparecem referidas

com igual frequência (30%).

Na tabela seguinte ilustram-se os resultados obtidos com segmentos das falas tratadas. A análise da tabela seguinte permite também verificar que a *característica contextualizada da avaliação* é realçada pelos professores (2, em 3 referências) bem como a *comparabilidade* que se espera de uma avaliação mensurável, referida por 3 professores em 4 referências e a menção (por 2 professores em 3 referências) à *avaliação como medindo capacidades*.

É relevante dizer através da tabela abaixo que somente o gestor 1 se reporta a uma *avaliação como contextualizada*; na *avaliação como valor comparável* o gestor 2 tem uma referência que aponta para uma avaliação mensurável; e a avaliação voltada para *medir capacidades* faz parte da fala do gestor 3.

CATEGORIA I: REPRESENTAÇÃO DA AVALIAÇÃO		
SUBCATEGORIA I: PONTOS DE VISTA SOBRE AVALIAÇÃO		
Tema	Questão	Seleção de respostas representativas
Avaliação	04	<p>Avaliação como contextualizada GESTOR 1 (...) Avaliação significa avaliar não só o contexto apenas do aprendizado do livro, mas do aprendizado de comportamento, de como agir, de como se comportar, de como ter um senso crítico (...).</p> <p>PROFESSOR 5 (...) Avaliação pra mim é um processo contínuo, onde avaliação começa do primeiro ao último dia de aula e compreende todos os parâmetros, compreende atividades, compreende participação, compreende o comportamento do aluno, não só o comportamento de está bagunçando na sala de aula ou não, mais dele como pessoa, porque cada dia é um dia, e todo dia eu avalio aquele aluno, observo(...).</p> <p>PROFESSOR 11 (...) A avaliação que tem por base a aprendizagem vai exatamente perceber aquilo que foi ou não adquirido pelo indivíduo, aquilo que foi ou não, aquilo em que ele conseguiu reter, aquilo que ele conseguiu, não seria acoplar, mas aquilo que ele conseguir agregar do que vem externamente (...).</p> <p>Avaliação como medida, como valor comparável GESTOR 2 (...) Avaliação é a forma de medir, medir o conhecimento, medir a aprendizagem, medir algo, é uma medição (...).</p> <p>PROFESSOR 1 (...) É uma forma de você medir esses conhecimentos (...).</p> <p>PROFESSOR 5 (...) Um processo que ele vai desde a parte qualitativa quanto a parte quantitativa (...).</p> <p>PROFESSOR 6 (...) É confirmar se o que eu estou trabalhando está tendo resultado do qual eu planejei (...).</p> <p>Avaliação como procedimento, medindo capacidade GESTOR 3 (...) Avaliação é um procedimento onde os educadores e as pessoas de um modo em geral mensura a capacidade de aprendizado (...).</p> <p>PROFESSOR 2 (...) Avaliar para mim é avaliar o quanto esse aluno conseguiu evoluir dentro do que eu propus, dentro do objetivo, dentro do conteúdo quanto o aluno conseguiu evoluir (...).</p> <p>PROFESSOR 3 (...) Avaliação é só um parâmetro para a gente saber o que foi apreendido, o que deverá ser aprofundado e aquilo que a gente pode retomar ou voltar do ponto inicial (...).</p>

Tabela 2. Resultados obtidos no tema Avaliação – Falas dos entrevistados.

Questão 6: Qual o seu entendimento sobre o tema “avaliação da aprendizagem”?

CATEGORIA II: REPRESENTAÇÃO SOBRE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM			
SUBCATEGORIA II: CONCEITO SIGNIFICATIVO DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM			
Tema: Avaliação da Aprendizagem	Frequência Questão 6	% no conjunto dos entrevistados	% no tema
Apresentam avaliação da aprendizagem como contextualizada	05	31,25%	56%
Apresentam avaliação da aprendizagem como periódica	01	6,25%	11 %
Apresentam avaliação como necessária ao acompanhamento da aprendizagem	02	12,5%	22%
Apresentam avaliação como um misto de métodos quantitativos e qualitativos	01	6,25%	11%
Total de seleções no Tema	09		100%

Tabela 3. Resultados globais obtidos no tema Avaliação da Aprendizagem – Entrevista semiestruturada com gestores e professores.

CATEGORIA II: REPRESENTAÇÃO DA AVALIAÇÃO		
SUBCATEGORIA II: PONTOS DE VISTA SOBRE AVALIAÇÃO		
Tema	Questão	Seleção de respostas representativas
Avaliação da Aprendizagem	06	<p>Avaliação contextualizada da aprendizagem GESTOR 1 (...) Avaliação da aprendizagem para mim ela envolve questões inclusive culturais, o meio em que o discente está vivendo, está vivenciando, é uma forma de avaliação (...) GESTOR 2 (...) Avaliação da aprendizagem é tudo aquilo que eu como professor ou professora na sala de aula avalia o momento que o aluno está vivendo, aprendizagem não só do conteúdo, mas é o dia a dia do aluno (...). PROFESSOR 10 (...) Eu acredito que essa avaliação da aprendizagem ela não é só naquele momento, pega tudo o que o aluno conseguiu extrair daquilo ali e pode está extrapolando né para a vida, para o seu contexto diário, ela é bem complexa (...). PROFESSOR 11 (...) Avaliação da aprendizagem seria conseguir perceber o desenvolvimento mental, desenvolvimento intelectual, desenvolvimento psicológico e social do indivíduo como um todo, habilidades que infelizmente não são desenvolvidas na escola (...). PROFESSOR 4 (...) A avaliação qualitativa verifica os pontos que foram apreendidos pelo aluno e dentro de uma contextualização né, pegar aquilo que ele apreendeu na aplicação da realidade, isso é uma avaliação qualitativa né, é saber se houve uma contextualização daquela aprendizagem, daquela ferramenta técnica transformada em contextualização (...). Avaliação periódica da aprendizagem PROFESSOR 9 (...) É aquela avaliação periódica, seja em um período de semana, seja em um período mensal ou bimestral, eu entendo como</p>

	<p><i>uma necessidade do professor e dos alunos (...).</i></p> <p>Avaliação como necessária ao acompanhamento da aprendizagem</p> <p>PROFESSOR 9 (...) <i>É aquela avaliação periódica, seja em um período de semana, seja em um período mensal ou bimestral, eu entendo como uma necessidade do professor e dos alunos (...).</i></p> <p>PROFESSOR 12 (...) <i>Avaliação da aprendizagem é essa ferramenta que nós temos de acompanhamento do trabalho pedagógico, e realmente perceber se a gente está tendo êxito no que foi proposto (...).</i></p> <p>Avaliação como um misto de métodos quantitativos e qualitativos</p> <p>PROFESSOR 13 (...) <i>Avaliação da aprendizagem eu acho que é bem isso aí, é um misto tanto do qualitativo quanto do quantitativo (...).</i></p>
--	---

Tabela 4. Resultados obtidos no tema Avaliação da Aprendizagem – Citação dos Entrevistados.

Verifica-se na Tabela 3 que, quando se passa de uma pergunta genérica sobre processos de avaliação para avaliação da aprendizagem a característica mais referida é a da *avaliação da aprendizagem como contextualizada* (56%), seguida da *necessidade da avaliação no acompanhamento da aprendizagem* (22%).

Na análise da tabela 3 acima foi constatado que a *característica contextualizada da avaliação da aprendizagem* é destacada pelos professores (3, em 5 referências); a *avaliação periódica da aprendizagem* é realçada por um único professor (1, em 3 referências); a *necessidade da avaliação* para o acompanhamento da aprendizagem é apresentada só pelos professores (2, em 2 referências); e por fim, elencou-se a avaliação como um *misto de métodos quantitativos e qualitativos*, que um único professor (1, em 1 referência) o comentou durante a entrevista.

É importante dizer que na tabela 4 acima, não houve nenhum comentário de gestores com relação a *necessidade da avaliação para o acompanhamento da aprendizagem* e no que tange a *avaliação como um misto de métodos quantitativos e qualitativos*, as referências dos gestores concentraram-se na *característica contextualizada da avaliação da aprendizagem* e na *avaliação periódica da aprendizagem*.

Questão 5: Você saberia fazer a diferença entre avaliação qualitativa e avaliação quantitativa?

CATEGORIA III: REPRESENTAÇÃO SOBRE AVALIAÇÃO QUANTITATIVA E QUALITATIVA			
SUBCATEGORIA III: CARACTERIZAÇÃO DA AVALIAÇÃO QUANTITATIVA			
Tema: Avaliação quantitativa	Frequência Questão 5	% no conjunto dos entrevistados	% no tema
Avaliação quantitativa suportada em juízos de conformidade com regras pré-estabelecidas	03	19%	28%
Avaliação quantitativa atribui ao aluno certo nível	04	25%	36%
Avaliação quantitativa suportada em resultados de provas objetivas	04	25%	36%
Total de seleções no Tema	11		100%

Tabela 5. Resultados obtidos no tema Avaliação Quantitativa – Entrevista entre gestores e professores.

CATEGORIA III: REPRESENTAÇÃO SOBRE AVALIAÇÃO QUANTITATIVA E QUALITATIVA		
SUBCATEGORIA III: CARACTERIZAÇÃO DA AVALIAÇÃO QUANTITATIVA		
Tema	Questão	Seleção de respostas representativas
Avaliação quantitativa	05	<p>Avaliação quantitativa suportada em juízos de conformidade com regras pré-estabelecidas GESTOR 1 (...) <i>A avaliação quantitativa é tudo que está amarrado ao que está no livro (...)</i> PROFESSOR 5 (...) <i>O quantitativo é a norma, é a regra, que tem que ser seguida né aqui no Instituto, tem que ter a nota, tem que ter a prova(...).</i> PROFESSOR 11 (...) <i>A quantitativa ela está mesmo restrita a números, se atribui números e isso é algo bastante subjetivo a gente dizer que alguém que tirou sete está tentando uma média, alguém que tirou seis é ruim e alguém que tirou dez é muito bom, isso são valores que foram negociados culturalmente e que se estabeleceram como sendo parâmetro para nós podermos tangir isso, que é intangível (...).</i></p> <p>Avaliação quantitativa atribui ao aluno certo nível GESTOR 2 (...) <i>A avaliação quantitativa mais ou menos como o termo diz mede a quantidade, eu vou julgar, eu vou medir o aluno de Bom, Ruim, Regular ou Ótimo ou então de zero a dez (...)</i> PROFESSOR 1 (...) <i>A questão da avaliação quantitativa é números né, (...) nos chama logo atenção, que quantitativa lembra matemática, lembra número né, então essa quantitativa está ligada a número (...)</i> PROFESSOR 2 (...) <i>Quando a gente faz uma avaliação quantitativa, a gente está contando aqueles que se saíram bem naquele exame né, e às vezes, punindo aqueles que não se saíram bem naquela metodologia de exame (...).</i> PROFESSOR 4 (...) <i>O quantificar está sempre se sobrepondo ao qualificar ; a gente, eu me coloco dentro do grupo geral de professores. A gente ainda não consegue ter uma visão qualitativa do aluno (...).</i></p> <p>Avaliação quantitativa suportada em resultados de provas objetivas GESTOR 3 (...) <i>A quantitativa, ela tem como parâmetro uma nota por exemplo, uma prova objetiva, onde o aluno é submetido pra fazer e aí,</i></p>

	<p><i>dependendo do acerto se tem aquele atingimento daquela nota (...)</i></p> <p>PROFESSOR 6 (...) <i>Nos meus entendimentos e a partir do que eu já dei uma estudada a quantitativa ela está relacionada basicamente a quantificar, a atribuir notas a partir de uma, de determinadas atividades né, se eu quero que o aluno responda sobre história do teatro onde o teatro surgiu, perguntas objetivas, talvez perguntas subjetivas, em que ele vai ter que responder algumas atividades e eu vou atribuir uma nota(...)</i></p> <p>PROFESSOR 13 (...) <i>A avaliação quantitativa pra mim ela é prova com critérios bem definidos e é uma avaliação formal de conteúdos, eu quero saber se o aluno sabe aquela pergunta que eu estou perguntando pra ele (...)</i></p> <p>PROFESSOR 8 (...) <i>A quantitativa para mim é o seguinte: a quantitativa a gente vai é, fazer referências a números né, ah ele conseguiu aquela certa nota, e, a gente tem sempre de zero a dez né e a gente tem uma nota média, geralmente é sete, seis né, isso vai depender de cada professor, a quantitativa é essa, é ponderar de acordo com uma certa nota, independente se o aluno teve uma evolução ou não de uma avaliação pra outra (...)</i></p>
--	---

Tabela 6. Falas dos entrevistados sobre avaliação quantitativa. Resultados das entrevistas.

Verifica-se na Tabela 5 que as características mais referidas para a *Avaliação quantitativa* são *atribuir ao aluno certo nível* e *ser suportada em resultados de provas objetivas* (cada uma com 36% de referências no tema).

Observou-se (Tabela 6) nas respostas a referência a *avaliação quantitativa suportada em juízos de conformidade com regras pré-estabelecidas*, que, dos 16 entrevistados, 19% fizeram tal referência, 1 gestor faz menção à *conformidade com os conteúdos do livro* e 2 professores atêm-se a duas referências a avaliação quantitativa como *norma, regra, estabelecida pelo sistema escolar*.

Em relação à característica de avaliação quantitativa *atribuir ao aluno certo nível*, registaram-se referências de 1 gestor e 3 professores, totalizando 25% das falas atribuídas, em que a avaliação de quantidade é medida, é julgamento, é nota, é exame.

Quanto a avaliação quantitativa ser *suportada em resultados de provas objetivas*, verificou-se que dos 16 entrevistados, registaram-se referências de 3 professores e de 1 gestor e foi verificado que a avaliação quantitativa para aqueles entrevistados perpassa pela aplicação de uma prova objetiva, perguntas objetivas, atribuição de nota, avaliação formal de conteúdos com critérios definidos, ponderação de uma nota, independente se o aluno teve evolução ou não, resultando em 25% das falas atribuídas.

Questão 5: Você saberia fazer a diferença entre avaliação qualitativa e avaliação quantitativa?

CATEGORIA IV: REPRESENTAÇÃO SOBRE AVALIAÇÃO QUANTITATIVA E QUALITATIVA			
SUBCATEGORIA IV: CARACTERIZAÇÃO DA AVALIAÇÃO QUALITATIVA			
Tema: Avaliação qualitativa	Frequência Questão 5	% no conjunto dos entrevistados	% no tema
Avaliação qualitativa suportada na compreensão dos processos de pensamento, atitude e expressão do aluno	08	50%	73%
Avaliação qualitativa como processo de avaliar a evolução	03	19%	27%
Total de seleções no Tema	11		100%

Tabela 7. Resultados obtidos no tema Avaliação Qualitativa – Entrevista entre gestores e professores.

CATEGORIA IV: REPRESENTAÇÃO SOBRE AVALIAÇÃO QUANTITATIVA E QUALITATIVA		
SUBCATEGORIA IV: CARACTERIZAÇÃO DA AVALIAÇÃO QUALITATIVA		
Tema	Questão	Seleção de respostas representativas
Avaliação qualitativa	05	<p>Avaliação qualitativa suportada na compreensão dos processos de pensamento, atitude e expressão do aluno</p> <p>GESTOR 1 (...) A avaliação qualitativa permite inclusive o aluno expor um pouco do que ele pensa (...)</p> <p>GESTOR 2 (...) A avaliação qualitativa é aquela que mede como o próprio nome diz a qualidade de algo de alguém em relação a um determinado ponto(...)</p> <p>GESTOR 3 (...) A qualitativa, no meu ponto de vista ela é muito mais abrangente e muito mais abstrata, eu quando vou avaliar alguém de forma qualitativa, eu olho pra atitude desse indivíduo, eu olho pra fala, no momento que ele desenvolve uma retórica, no momento que ele apresenta um conhecimento (...)</p> <p>PROFESSOR 4 (...) A avaliação qualitativa verifica os pontos que foram apreendidos pelo aluno e dentro de uma contextualização né, pegar aquilo que ele apreendeu na aplicação da realidade, isso é uma avaliação qualitativa (...).</p> <p>PROFESSOR 5 (...) Avaliação qualitativa é aquela avaliação que não se dá somente na prova, na atividade, mais que ver o aluno fora da caixa né, que a gente costuma falar , que ver o aluno é, na sua plenitude (...).</p> <p>PROFESSOR 6 (...) Qualitativa ela tá fazendo referências as relações interpessoais, as relações intrapessoais, como é que é o rendimento dele dentro das atividades em grupo (...).</p> <p>PROFESSOR 11 (...) A qualitativa é aquela que leva em consideração os aspectos subjetivos, os aspectos que estão para além da quantificação da aprendizagem, mas também perpassa por ela, leva em consideração a mudança de comportamento, a mudança de concepção do aluno, ela leva em consideração as modificações que são feitas na vida a partir do que ele aprendeu (...).</p> <p>PROFESSOR 12 (...) Qualitativa se refere a processo mesmo, acompanhamento diário, processual, é aquela que agrega mais do que</p>

	<p><i>apenas o conteúdo sistematizado né, a questão conteudista (...).</i></p> <p>Avaliação qualitativa como processo de avaliar a evolução</p> <p>PROFESSOR 2 (...) <i>Então, a qualitativa nesse sentido de buscar essa evolução do aluno dentro do conteúdo e dos objetivos (...).</i></p> <p>PROFESSOR 3 (...) <i>Como processo aberto, de retorno, mas também fazendo a avaliação qualitativa em relação ao nosso processo, em relação a evolução, andamento de conteúdos, de habilidades apreendidas e também, dos nossos objetivos alcançados (...).</i></p> <p>PROFESSOR 8 (...) <i>Qualitativa é a evolução do aluno ou o decréscimo do aluno, então, de uma avaliação pra outra (...)</i></p>
--	---

Tabela 8. Respostas obtidas no tema avaliação qualitativa – Falas dos Entrevistados.

Verifica-se na Tabela 7 que a característica mais referida para avaliação qualitativa, foi ser *suportada na compreensão dos processos de pensamento, atitude e expressão do aluno* (73% das referências) e avaliação qualitativa como *processo de avaliar a evolução* (27%).

Nas análises das tabelas salienta-se que *a avaliação qualitativa suportada na compreensão dos processos de pensamento, atitude e expressão do aluno* é evidenciada por 3 gestores e 5 professores, resultando ser referida por 50% dos entrevistados, onde a avaliação qualitativa se destaca através do enfoque no aluno, nas atitudes, no desenvolvimento do aluno, compreensão do que o aluno aprendeu, o aluno na sua plenitude, referências às relações interpessoais, mudança de comportamento, acompanhamento processual.

Quanto a avaliação qualitativa como *processo de avaliar a evolução*, apenas 3 professores o referiram acrescentando que essa mesma avaliação está voltada para a evolução do aluno mas também para os próprios conteúdos e objetivos, por processo aberto, de retorno, habilidades apreendidas com objetivos alcançados.

Questão 10: O que significa avaliação da aprendizagem como processo qualitativo?

CATEGORIA V: REPRESENTAÇÃO DA AVALIAÇÃO QUALITATIVA COMO PROCESSO			
SUBCATEGORIA V: ETAPAS DA AVALIAÇÃO QUALITATIVA			
Tema: Avaliação qualitativa como processo	Frequência Questão 10	% no conjunto dos entrevistados	% no tema
Continuidade do processo e verificação das mudanças no aluno	02	12%	18,2%
Feedback dado pelos alunos	02	12%	18,2%
Feedback personalizado dado pelo professor a cada aluno	05	31%	45,4%
Reajuste da ação do professor junto do aluno	02	12%	18,2%
Total de seleções no Tema	11		100%

Tabela 9. Resultados apresentados no tema Avaliação qualitativa como processo – Entrevistas entre gestores e professores.

CATEGORIA V: REPRESENTAÇÃO DA AVALIAÇÃO QUALITATIVA COMO PROCESSO		
SUBCATEGORIA V: ETAPAS DA AVALIAÇÃO QUALITATIVA		
Tema	Questão	Seleção de respostas representativas
Avaliação qualitativa como processo	10	<p>Continuidade do processo e verificação das mudanças no aluno GESTOR 2 (...) <i>A minha contribuição para a avaliação qualitativa é percebendo nos alunos as melhorias que eles adquirem ao longo do tempo, através de resultados práticos do dia a dia (...).</i> PROFESSOR 4 (...) <i>A avaliação qualitativa ela, pra mim ela leva em consideração várias vertentes, você tem que acompanhar o ritmo do aluno, você tem que acompanhar a forma com que ele executa esses conhecimentos, você tem que levar em consideração os conhecimentos prévios, a bagagem toda que ele traz porque a qualitativa, ela deve levar em consideração todas as formas de aprendizagens que ele consegue, tudo que ele consegue aprender, desde do comentário mais bobo em sala de aula (...).</i></p> <p>Feedback dado pelos alunos GESTOR 2 (...) <i>Se eu chego na sala de aula tudo planejado para dá um aula de Biologia, aula perfeita pra mim, estava perfeita, se de repente eu olho e tem um aluno no canto da sala chorando, eu já mudo totalmente o meu método naquele momento de se dá aula, então, eu vou ter uma nova forma de avaliar aqueles alunos em detrimento de uma situação que a turma está vivendo (...)</i> PROFESSOR 3 (...) <i>Eu nunca tive uma dificuldade em relação as metodologias de avaliação qualitativa até mesmo porque os alunos cooperam muito, isso é inegável, a cooperação deles (...)</i> PROFESSOR 12 (...) <i>Qualitativamente, é dessa forma que eu realizo né, observando meus alunos diariamente nas aulas que eu tenho rotineiramente com eles, é na questão da maneira de se portar, de como eles desenvolvem a oralidade, na questão de produções textuais mesmo, se evoluíram, então, é essa avaliação processual mesmo que nos ajuda avançar o processo.</i></p> <p>Feedback personalizado dado pelo professor a cada aluno GESTOR 1 (...) <i>O feedback discente - docente nesse caso ele tem feito muito efeito, e em cima desse ponto é que nós estamos vendo os resultados dos nossos alunos, muitos, alguns, fazendo mestrados em Santa Catarina, Canadá, Belém, Fortaleza, Paraíba, Rio de Janeiro, São Paulo, e outros, fazendo estágio na Vale (...)</i></p>

	<p>GESTOR 1 (...) <i>Os alunos do Ensino Médio nas demais Universidades que nós temos dentro, no Brasil, e no próprio campus, então, esse é o nosso feedback do quanto nós estamos trilhando a qualidade, mas nós estamos em busca de melhorar mais ainda (...)</i></p> <p>GESTOR 1 (...) <i>Os discentes que estão fazendo cursos de Licenciatura eu costumo muito dizer, eu costumo muito, muito, falar para eles que eu não avalio só o conteúdo, eu avalio o aluno de uma forma geral porque ele vai chegar em sala de aula e ele vai ser o centro das atenções, então, ele não tem que se preocupar somente com os conteúdos, essa é uma avaliação qualitativa onde ele também vai ter que saber como se comportar e se expressar da melhor maneira possível (...)</i></p> <p>GESTOR 2 (...) <i>Por exemplo, se eu chego na sala de aula tudo planejado para dá um aula de Biologia, aula perfeita pra mim, estava perfeita, se de repente eu olho e tem um aluno no canto da sala chorando, eu já mudo totalmente o meu método naquele momento de se dá aula, então, eu vou ter uma nova forma de avaliar aqueles alunos em detrimento de uma situação que a turma está vivendo (...)</i></p> <p>PROFESSOR 3 (...) <i>Então, nesse processo dos alunos eu vejo mais pelo feedback, feedback que eles dão de retorno né e eu aproveito pra fazer experiências novas eu acho que o processo de avaliação ela não pode cair em um paradigma cotidiano, ela tem que ser reformulada constantemente né, até as vezes invento nomes para as metodologias, a última metodologia que eu propus pra eles é o dez para todos e que é uma metodologia de um livro muito interessante Aulas Nota Dez que se chama Sem Escapatória (...)</i></p> <p>PROFESSOR 3 (...) <i>A gente passa uma atividade avaliativa pra eles onde eles vão desempenhar né o processo argumentativo deles e depois eles tem que defender esse argumento né; onde a nota é por sorteio, a nota daquele sorteado vai ser pra toda a turma, e depois a gente faz outras avaliações, pra fazer outros tipos de mensuração, então todo mundo começa com dez, mas eles tem que fazer de tudo para defender e continuar com aquele dez é uma forma, é um pequeno exame, mas que está dentro do processo avaliativo”.</i></p> <p>PROFESSOR 4 (...) <i>Você tem que acompanhar o ritmo do aluno, você tem que acompanhar a forma com que ele executa esses conhecimentos, você tem que levar em consideração os conhecimentos prévios a bagagem toda que ele traz porque a qualitativa, ela deve levar em consideração todas as formas de aprendizagens que ele consegue, tudo que ele consegue aprender, desde do comentário mais bobo em sala de aula, bobo pra algumas pessoas, quanto aquelas visões mais complexas sobre aquele assunto que está sendo dado (...).</i></p> <p>PROFESSOR 6 (...) <i>Nas reuniões pedagógicas né, que aí a direção de ensino se envolve, e em alguns momentos em vez de articular professores junto com a CAP como que a gente pode fazer pra ajudar na avaliação da aprendizagem desses meninos tanto é como que aconteceu ontem, nas apresentações dos meninos nem teve Diretor de Ensino então, seria injusto ele chegar e dizer que não há esse feedback, essa pergunta né, como é que está esse processo (...).</i></p> <p>Reajuste da ação do professor junto do aluno</p> <p>GESTOR 3 (...) <i>Como gestor a gente precisa está atento a toda amplitude a tudo que se refere aquele aluno, então, nessa avaliação qualitativa nós vamos além né, de uma simples nota, no sentido de conhecer e formalizar as estratégias mais eficazes pra que aquele aluno tenha o melhor desempenho possível (...).</i></p> <p>PROFESSOR 11 (...) <i>Avaliação qualitativa ela primeiramente, ela requer do</i></p>
--	---

	<p><i>professor o conhecimento individualizado dos seus alunos, senão ela não acontece, então, é importante que você saiba mais do que o nome dele, que você saiba exatamente de que contexto ele vem, quais são as dificuldades que ele tem, qual é a relação que ele desenvolve com aquela disciplina, qual a relação que ele tem com a escola, quais são as ocorrências que ele tem na vida, até mesmo no que diz respeito a doenças, se ele tem problemas de aprendizagem, se o contexto social e econômico que ele vem é um contexto de vulnerabilidade ou não, aí de posse dessas informações o professor vai conseguir avaliar o aluno além do quantitativo né (...).</i></p>
--	--

Tabela 10. Falas obtidas a partir das entrevistas – Citação dos entrevistados.

Quanto às etapas do processo de avaliação qualitativa, percebeu-se que dos 16 entrevistados, 31% referem o *Feedback personalizado dado pelo professor a cada aluno* sendo esta a referência mais frequente neste tema (45,4%). A *continuidade do processo de avaliação, o acompanhar o ritmo do aluno, as formas de aprendizagem do aluno* são referidos por 12% dos entrevistados bem como atender ao *feedback dado pelos alunos*, e ao *reajuste da metodologia utilizada pelo professor* de forma a adequar ao contexto que o aluno vivencia e do como o aluno desenvolve a oralidade.

Quanto ao *feedback personalizado dado pelo professor a cada aluno*, releva-se a referência o auxílio de variadas metodologias aplicadas na sala de aula visualizando assim, o desempenho pelo aluno diante do processo argumentativo, como suporte a este *feedback personalizado*.

Questão7: Como se faz avaliação qualitativa da aprendizagem?

CATEGORIA VI: PARÂMETROS/DIMENSÕES DA AVALIAÇÃO QUALITATIVA			
SUBCATEGORIA VI: AVALIAÇÃO QUALITATIVA			
Tema: Avaliação qualitativa como parâmetro, dimensão	Frequência Questão 7	% no conjunto dos entrevistados	% no tema
Empenho da participação	02	12,5%	18,1%
Sentido crítico e autocrítico	03	19%	27,3%
Capacidade de observação, de expressão, de resolução de problemas	03	19%	27,3%
Criatividade, persistência e motivação	03	19%	27,3%
Total de seleções no Tema	11		100%

Tabela 11. Resultados obtidos a partir da Avaliação Qualitativa, como Parâmetro, Dimensão.

CATEGORIA VI: REPRESENTAÇÃO DA AVALIAÇÃO QUALITATIVA COMO PROCESSO		
SUBCATEGORIA VI: ETAPAS DA AVALIAÇÃO QUALITATIVA		
Tema	Questão	Seleção de respostas representativas
Avaliação qualitativa como parâmetro, dimensão	7	<p>Empenho da participação GESTOR 3 (...) <i>Uma avaliação qualitativa eu confesso que tenho dificuldade pra dizer a senhora de que forma se avalia alguém de maneira qualitativa, eu assim, eu chego a um conceito de que alguém está com um nível bom quando eu olho, quando eu aprecio sabe, quando eu ouço ele falar de algum tema específico (...)</i> PROFESSOR 3 (...) <i>Como processo qualitativo a gente tem que fazer, no caso os exemplos que eu faço (...)</i> PROFESSOR 3 (...) <i>Eu faço muito da questão da refacção, da refacção com os alunos, sempre, geralmente partir daquele ponto que ele já tem de vivência então, a partir daquela vivência daquele aluno a gente pode fazer a refacção de retomadas, então, pra saber como que a gente vai chegar num nível mais próximo possível daquele universo de alunos ou do aluno em específico né? (...)</i></p> <p>Sentido crítico e autocrítico GESTOR 1 (...) <i>A avaliação qualitativa eu faço é, avaliando o senso crítico, a participação, além da participação, eu avalio muito, como eu posso dizer, o posicionamento, a maneira de se expressar, a maneira de se avaliar (...).</i> PROFESSOR 3 (...) <i>Às vezes há uma falta de não sei, se diálogo ou de aproximação mesmo com os professores e com os discentes para tentar fazer projetos, projetos que se voltem para os alunos, então, não só aqui nessa instituição mas em muitas outras instituições essa quebra, esse descompasso, e isso reflete ao meu ver em um ambiente desfavorável para um processo contínuo de avaliação né, então parece que a gente está avaliando o mesmo grupo, mas de forma distinta e fragmentada, então, não há um consenso (...)</i> PROFESSOR 4 (...) <i>Um outro ponto sobre essa avaliação qualitativa é que na avaliação qualitativa o próprio professor ele avalia o processo que ele está executando a aula dele né, serve de reflexo, é qualitativa para o aluno e é qualitativa para o professor (...).</i></p> <p>Capacidade de observação, de expressão, de resolução de problemas GESTOR 2 (...) <i>Avaliação da qualidade a qualitativa é a nível de observação, essa observação que eu tenho rotineiramente em sala de aula (...)</i> PROFESSOR 4 (...) <i>A gente passa algumas atividades práticas que podem parecer alienadas na matemática mais elas tem o objetivo de desenvolver a capacidade de resolução de problemas do aluno, então, quando eu faço as atividades além da, em união com as atividades quantitativas elas conseguem me dá pelo menos um mínimo do reflexo, do que poderia ser esse aluno porque está aprendendo, eu não vejo só por um lado, eu tento ver por todas as formas possíveis (...)</i> PROFESSOR 11 (...) <i>É impossível você dá uma nota para alguém, fazer uma avaliação, sem pensar na avaliação qualitativa, pelo menos eu penso assim, que não é o que acontece (...)</i> <i>mas isso exige muito do professor, exige muito do sistema educacional, da escola, para que, além do resultado numérico, você conheça e você busque o porque daquele resultado numérico, às vezes uma nota seis numa questão, numa prova, ela não representa que o aluno não sabe, mas ela representa as circunstâncias pelas quais ele passava naquele dia (...).</i></p> <p>Criatividade, persistência e motivação GESTOR 3 (...) <i>Nessa avaliação qualitativa nós vamos além né, de uma</i></p>

	<p><i>simples nota, no sentido de conhecer e formalizar as estratégias mais eficazes pra que aquele aluno tenha o melhor desempenho possível, então, é dessa forma, que eu vejo, é dessa forma que nós utilizamos essa avaliação qualitativa, para estruturar alguns pilares que efetivamente leve aquele aluno ao aprendizado e a realização profissional (...).</i></p> <p>PROFESSOR 4 (...) Avaliação qualitativa ela traz toda uma visão holística sobre o aluno, essa avaliação é em cima do aluno, não em cima do conteúdo que você colocou no quadro, é o que ele pode te dar de feedback sobre esse assunto (...).</p> <p>PROFESSOR 5 (...) O professor aqui é livre pra avaliar, não tem aquela ditadura, não por não ser instituto porque tem instituto que o diretor preconiza a avaliação aqui é assim, assim, assim, aqui não, nós temos essa liberdade, mas eu não sei até que ponto a direção colabora, não por eles não colaborarem, mas por eles não terem o conhecimento (...)</p>
--	--

Tabela 12. Resultados obtidos na Avaliação Qualitativa como parâmetro, dimensão. Citação dos entrevistados.

Diante das tabelas acima apresentadas, na categoria Parâmetros/Dimensões da Avaliação Qualitativa verificou-se que o item *empenho da participação* é o de menor frequência (18,1%) nas falas dos entrevistados, 1 gestor e 1 professor, correspondendo portanto a apenas 12,5% dos entrevistados.

No que diz respeito ao *senso crítico e autocrítico, quanto a maneira de se expressar, de se avaliar e de se posicionar* em que o professor avalia o próprio processo avaliativo e vice versa com o aluno, bem como nos itens capacidade de observação, de expressão, de resolução de problemas e em criatividade, persistência e motivação, as referências têm frequências equilibradas de 27,3% no conjunto de referências do tema, sendo elas retiradas das falas de 19% dos entrevistados.

Questão 8: Como você percebe e usa os resultados da avaliação qualitativa dos alunos como constitutivo da autoavaliação do seu trabalho pedagógico?

CATEGORIA VII: AUTOAVALIAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO DENTRO DA GESTÃO			
SUBCATEGORIA VII: RELEVÂNCIA DA AUTOAVALIAÇÃO NA SALA DE AULA			
Tema: Autoavaliação do trabalho pedagógico	Frequência Questão 8	% no conjunto dos entrevistados	% no tema
Autoavaliação do professor	03	19%	37,5%
Autoavaliação dos alunos	02	12,5%	25%
Avaliação dos professores pelos alunos	03	19%	37,5%
Total de seleções no Tema	08		100%

Tabela 13. Apresentação de resultados da Autoavaliação do trabalho pedagógico – Entrevistas Semiestruturadas.

CATEGORIA VII: AUTOAVALIAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO DENTRO DA GESTÃO		
SUBCATEGORIA VII: RELEVÂNCIA DA AUTOAVALIAÇÃO NA SALA DE AULA		
Tema	Questão	Seleção de respostas representativas
Autoavaliação do trabalho pedagógico	08	<p>Autoavaliação do professor</p> <p>GESTOR 3 (...) Como gestor a gente precisa está atento a toda amplitude a tudo que se refere aquele aluno, (...) no sentido de conhecer e formalizar as estratégias mais eficazes pra que aquele aluno tenha o melhor desempenho possível (...).</p> <p>PROFESSOR 10 (...) Eu faço a minha autoavaliação, e da avaliação das minhas práticas porque eu acho que isso é interessante pra gente saber como é que foi o nosso trabalho, se foi satisfatório e que resposta que esse aluno vai dá pra gente, pra gente está sempre melhorando as nossas práticas (...).</p> <p>PROFESSOR 11 (...) Assim, eu em particular faço as minhas reflexões dos planejamentos, das coisas, mas eu também uso métodos para os alunos avaliarem (...).</p> <p>Autoavaliação dos alunos</p> <p>GESTOR 1 (...) Os nossos alunos do Superior estão indo para o mercado de trabalho e para as pós-graduações, sim, então, eles estão seguindo, estão trilhando nesse caminho, significa dizer que o ensino no campus ele tá, é, a princípio nessa forma qualitativa muito boa (...).</p> <p>PROFESSOR 2 (...) Então, passava a bola pro aluno, sobre como ele se avalia na disciplina, como ele consegue evoluir, o que que ele fez para atingir determinada pontuação, a gente sabe que tem que chegar, atualmente tem que chegar num certo consenso que seria uma nota então, como é que ele chegaria a essa nota, qual o grau de evolução desse aluno e aí a gente percebe que eles não conseguem se autoavaliar (...).</p> <p>Avaliação dos professores pelos alunos</p> <p>GESTOR 1 (...) O feedback discente - docente nesse caso ele tem feito muito efeito, e em cima desse ponto é que nós estamos vendo os resultados dos nossos alunos, muitos, alguns, fazendo mestrados em Santa Catarina, Canadá, Belém, Fortaleza, Paraíba, Rio de Janeiro, São Paulo, e outros, fazendo estágio na Vale(...). Os alunos do Ensino Médio nas demais Universidades que nós temos dentro, no Brasil, e no próprio campus, então, esse é o nosso feedback do quanto nós estamos trilhando a qualidade, mas nós estamos em busca de melhorar mais ainda (...).</p> <p>PROFESSOR 6 (...) Eu utilizo até dentro das atividades que desenvolvo com eles uma autoavaliação, todo final de semestre eles me entregam um relatório dizendo como é que foi o andamento das atividades da disciplina e quando eu falo atividades, não estou falando só de atividades escritas, mas tudo o que faz parte da disciplina. Em que eles vão dizer o que que eles gostaram, o que que eles não gostaram, o que que poderia ter sido melhor, o que que eles esperaram que teria e que não teve, uma forma deles se avaliarem e me avaliarem também enquanto professora é isso; até pra eles perceberem que por exemplo, que não somos só nós professores que atribuímos notas ou conceitos pra eles, eles também são importantes (...).</p> <p>PROFESSOR 11 (...) Assim, nas minhas disciplinas não só eu os avalio, mas eles me avaliam, eles avaliam o todo e, a partir disso, eu preciso desse instrumento, eu particularmente, eu preciso que eles me digam o que foi bom, o que não foi tão bom para que a partir das ponderações das respostas eu perceba se aquilo realmente tem alguma razão, aquilo tenha alguma verdade ou não. A minha autoavaliação é feita sempre a partir desse instrumento que eu utilizo, com os alunos (...).</p>

Tabela 14. Resultados obtidos através das falas dos entrevistados. Citações dos entrevistados.

No que concerne a categoria Autoavaliação do trabalho pedagógico dentro da gestão, observou-se que a *autoavaliação do professor* e a *avaliação dos professores pelos alunos* constituem, cada uma, 37,5% do total de unidades selecionadas no tema e são da autoria de 19% dos entrevistados. Salientam que, através da autoavaliação, o professor deve estar se autoavaliando e avaliando as suas práticas de ensino, fazendo as reflexões nos planejamentos, aproveitando também a avaliação dos seus alunos.

Questão 8: Como você percebe e usa os resultados da avaliação qualitativa dos alunos como constitutivo da autoavaliação da sua escola?

CATEGORIA VIII: AUTOAVALIAÇÃO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR SOB A VISÃO DA GESTÃO			
SUBCATEGORIA VIII: O OLHAR DA AUTOAVALIAÇÃO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR			
Tema: Autoavaliação na instituição escolar	Frequência Questão 8	% no conjunto dos entrevistados	% no tema
Autoavaliação na instituição como um todo	03	19%	37,5%
Autoavaliação do professor na instituição escolar	02	12,5%	25%
Autoavaliação dos alunos na instituição escolar	02	12,5%	25%
Avaliação dos professores pelos alunos	01	6,25%	12,5%
Total de seleções no Tema	08		100%

Tabela 15. Resultados obtidos no tema Autoavaliação na instituição escolar. Entrevista semiestruturada entre gestores e professores.

CATEGORIA VIII: AUTOAVALIAÇÃO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR SOB A VISÃO DA GESTÃO		
SUBCATEGORIA VIII: O OLHAR DA AUTOAVALIAÇÃO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR		
Tema	Questão	Seleção de respostas representativas
Autoavaliação na instituição escolar	8	<p>Autoavaliação na instituição escolar</p> <p>GESTOR 2 (...) <i>A avaliação qualitativa dos alunos deve ser um parâmetro a ser levado em consideração para o crescimento institucional através de uma perspectiva inovadora para o processo de ensino e aprendizagem (...)</i></p> <p>GESTOR 3 (...) <i>A questão da autoavaliação da escola, ela é muito importante porque em qualquer trabalho seja ele trabalhando, nas diversas áreas é preciso que a gente olhe pra si mesmo, a gente faça uma reflexão, pra entender se aquela estratégia que está sendo utilizada naquele momento é a mais adequada (...)</i></p> <p>GESTOR 3 (...) <i>Nessa autoavaliação eu entendo que o nosso principal desafio é a cada ano, a cada dia, a cada momento, melhorar as estratégias, melhorar as ações pedagógicas, melhorar as ações educacionais, no sentido de otimizar cada vez mais esse aprendizado(...)</i> <i>“então, essa autoavaliação ela nos serve pra isso, pra buscar sempre um melhoramento nesse tratamento, nessa oferta do ensino e da aprendizagem (...).</i></p> <p>PROFESSOR 11 (...) <i>O que eu percebo, particularmente, na minha opinião mesmo, é que o Instituto Federal tem uma organização muito individualista; então, assim como é a dinâmica? Cada professor vem, dá sua aula e vai embora, o caráter de escola ele existe em alguns momentos, mas nesse aspecto não (...).</i></p>

		<p>Autoavaliação do professor na instituição escolar</p> <p>PROFESSOR 6 (...) <i>Essa questão de as vezes a gente querer exigir ao aluno, também a gente também tem que ouvir o aluno sabe, tem que ver quais são as condições que nós estamos dando pra ele executar determinadas tarefas, como que essas tarefas estão sendo desenvolvidas, se eu estou conseguindo acompanhar esses aluno (...).</i></p> <p>PROFESSOR 11 (...) <i>Levar a avaliação dos pais do semestre para os professores para a partir disso a gente repensar a prática porque a gente está falando de colocações, opiniões, a gente não está de falando de resultados numéricos, a gente não está falando de quantos alunos passaram em Universidades Federais, a gente está falando de, olha, os pais trouxeram colocações, nos deram as colocações deles, e nós estamos trazendo aqui de bandeja pra que nós repensemos toda a estrutura, não só a estrutura pedagógica, mas até a estrutura física da escola.(...)</i></p> <p>PROFESSOR 11 (...) <i>A autoavaliação não é feita pela escola, estou falando como um todo, eu imagino que cada professor possa até fazer a sua. Mas nesse caso enquanto escola, eu desconheço qualquer prática de autoavaliação que tenha acontecido até agora. Existe até uma tentativa nas jornadas pedagógicas, de fazer esse momento de avaliação do semestre, mas que pra mim ainda carece a participação de todos, entende? E ainda acho rarefeita demais, uma vez por semestre (...).</i></p> <p>Autoavaliação dos alunos</p> <p>PROFESSOR 2 (...) <i>Sou eu que tenho que avaliar o que que eu quero aprender daquela disciplina e aí talvez a autoavaliação seja assim um dos meios né pra levar esse aluno a pensar (...).</i></p> <p>PROFESSOR 13 (...) <i>Eu particularmente, não gosto de fazer prova, e eu sei, que assim como eu, outros alunos não gostam, exatamente, por eu saber que a prova não é o único método, não é o único instrumento, nem a melhor forma, é que em vez de prova, eu utilizo uma outra forma de avaliação, e isso vai me dando né, esse feedback em relação também como eles se sentem em relação a avaliação (...).</i></p> <p>PROFESSOR 6 (...) <i>Até dentro das atividades que desenvolvo com eles uma autoavaliação, todo final de semestre eles me entregam um relatório dizendo como é que foi o andamento das atividades da disciplina e quando eu falo atividades, não estou falando só de atividades escritas, mas tudo o que faz parte da disciplina em que eles vão dizer o que que eles gostaram, o que que eles não gostaram, o que que poderia ter sido melhor, o que que eles esperaram que teria e que não teve, uma forma deles se avaliarem e me avaliarem também, enquanto professora é isso.</i></p> <p>Avaliação dos professores pelos alunos</p> <p>PROFESSOR 11 (...) <i>Uso métodos para os alunos avaliarem. Eles avaliam o todo e, a partir disso, eu preciso desse instrumento, eu particularmente, eu preciso que eles me digam o que foi bom, o que não foi tão bom para que a partir das ponderações das respostas eu perceba se aquilo realmente tem alguma razão, aquilo tenha alguma verdade ou não (...).</i></p> <p>PROFESSOR 11(...) <i>No Instituto, existe um caráter muito individualizado, cada um fica no seu quadrado, cada um fica na sua caixinha, e aqui e ali, a gente se articula em prol de alguma coisa, mas quanto a avaliação qualitativa, quanto avaliar-se enquanto professores, não é uma prática que eu percebo, eu não percebo isso, tá, e nem tampouco a avaliação enquanto ao que os alunos acham, não existe (...)</i></p>
--	--	--

Tabela 16. Resultados obtidos no Tema autoavaliação na instituição escolar. Falas dos entrevistados – gestores e professores.

No tema *autoavaliação na instituição escolar* verificou-se a maior proporção de referências (37,5%) precisamente para a *autoavaliação da instituição como um todo* sendo que 19% dos entrevistados apontaram uma autoavaliação voltada para uma perspectiva inovadora com ações, estratégias, na busca da melhoria do processo ensino-aprendizagem.

A *autoavaliação do professor na instituição escolar*, foi referida apenas por 12,5% dos entrevistados, abarcando apenas 25% dos conteúdos referentes ao tema. A *autoavaliação dos alunos na instituição escolar* atingiu as mesmas frequências relativas. Realçam-se as referências a, que a autoavaliação é considerada como um dos meios para levar o aluno a pensar, em que deve haver um *feedback* entre aluno e professor. A *avaliação dos professores pelos alunos*, referida apenas por um professor.

Questão 9: Como você contribui para que aconteça a avaliação da aprendizagem qualitativa frente às práticas avaliativas dos professores?

CATEGORIA XIX: ACOMPANHAMENTO DAS PRÁTICAS AVALIATIVAS DOS PROFESSORES PELOS GESTORES COMO PROCESSO QUALITATIVO			
SUBCATEGORIA XIX: DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA PELO GESTOR E PROFESSORES JUNTO AS PRÁTICAS AVALIATIVAS			
Tema: Práticas avaliativas como processo qualitativo	Frequência Questão 9	% no conjunto dos entrevistados	% no tema
Participação nas tomadas de decisão frente ao acompanhamento das práticas avaliativas entre gestores e professores	07	44%	100%
Total de seleções no Tema	07		100%

Tabela 17. Resultados apresentados no tema Práticas avaliativas como processo qualitativo. Entrevistas Semiestruturadas.

CATEGORIA XIX: ACOMPANHAMENTO DAS PRÁTICAS AVALIATIVAS DOS PROFESSORES PELOS GESTORES COMO PROCESSO QUALITATIVO		
SUBCATEGORIA XIX: DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA PELO GESTOR E PROFESSORES JUNTO AS PRÁTICAS AVALIATIVAS		
Tema	Questão	Seleção de respostas representativas
Práticas avaliativas como processo qualitativo	9	<p>GESTOR 1 (...) Assim, uma das maneiras que eu tenho visto em relação ao qualitativo é a demanda de nossos alunos indo para o mercado de trabalho, para os estágios, para as faculdades, por exemplo, os alunos do Ensino Médio que estão concluindo o Ensino Médio cerca aproximadamente de 80 por cento dos nossos alunos, 85 por cento estão indo para as faculdades, os nossos alunos do Superior estão indo para o mercado de trabalho e para as pós-graduações(...).</p> <p>GESTOR 2 (...)Eu acompanho, mas não tão sistematicamente, deveria acompanhar mais por causa da função gestora que eu estou né; mais a avaliação qualitativa dos professores, se tu acompanha esse processo, tu</p>

	<p><i>tens essa ideia ou não, não, não tenho essa ideia não, não vou te responder isso porque realmente eu não tenho essa visão como eu deveria ter (...).</i></p> <p>GESTOR 3 (...) <i>Eu nunca participei, não que não tenha sido convidado, algumas vezes eu já fui convidado sim, mais por ocasião de tempo e um certo desinteresse também, eu confesso, eu não participei ainda (...).</i></p> <p>PROFESSOR 3 (...) <i>Eu acho que a gente tem que investir mais na verticalização, ou desculpa, na horizontalidade do processo de avaliação porque nesse caso é um reflexo negativo dessa verticalização, é como se fosse uma hierarquia onde ninguém fala a mesma língua, é muito fragmentado (...).</i></p> <p>PROFESSOR 5 (...) <i>Não é tirado um momento com os professores pra saber qual tipo de avaliação que nós estamos fazendo (...).</i></p> <p>PROFESSOR 6 (...) <i>Mais uma preocupação que tem um interesse a mais se esse aluno não tem um rendimento isso vai me comprometer enquanto instituição, é o IFMA, tal, é a preocupação mais com o status do nome do que necessariamente com o aluno (...).</i></p> <p>PROFESSOR 11 (...) <i>Existe uma autonomia muito grande dos professores, então, não há um ponto de coesão né, não há um ponto em que todos nós conversamos a mesma língua a respeito dos aspectos de ensino, não, existe uma autonomia, uma direção de ensino, que não tem intervindo, que não tem avaliado, que não tem acompanhado o processo, exatamente porque também não tem o viés pedagógico, de quem está lá ocupando esse cargo (...).</i></p>
--	--

Tabela 18. Resultados obtidos no tema práticas avaliativas como processo qualitativo – Falas dos entrevistados.

De acordo com a análise da Tabela 17 quanto ao tema *práticas avaliativas como processo qualitativo*, o único indicador de relevo foi a *participação nas tomadas de decisão quanto ao acompanhamento das práticas avaliativas entre gestores e professores*, nomeadamente quanto a uma melhor organização no currículo escolar no sentido de articular os mais diversos instrumentos avaliativos dentre as práticas avaliativas dos professores. Mas as referências relevantes são da autoria de apenas 44% dos entrevistados.

Questão 12: Você conhece a Sistemática de Avaliação dos Cursos Técnicos do IFMA? (Resolução N° 86/2011, de 05 de outubro de 2011). Como é executado o processo qualitativo da avaliação na sala de aula?

CATEGORIA X: REPRESENTAÇÃO SOBRE O DOCUMENTO LEGAL: SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO DOS CURSOS TÉCNICOS DO IFMA/CAMPUS ZÉ DOCA			
SUBCATEGORIA X: COMPREENSÃO ACERCA DE QUE OS ASPECTOS QUALITATIVOS DEVEM PREPONDERAR SOBRE OS QUANTITATIVOS			
Tema: Sistemática de avaliação	Frequência Questão 12	% no conjunto dos entrevistados	% no tema
Mudança de posturas: aspectos qualitativos devem preponderar sobre os quantitativos	6	38%	100%
Total de seleções no Tema	6		100%

Tabela 19. Resultados obtidos no tema Sistemática de avaliação – Entrevista entre gestores e professores.

CATEGORIA X: ACOMPANHAMENTO DAS PRÁTICAS AVALIATIVAS DOS PROFESSORES PELOS GESTORES COMO PROCESSO QUALITATIVO		
SUBCATEGORIA X: DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA PELO GESTOR E PROFESSORES JUNTO AS PRÁTICAS AVALIATIVAS		
Tema	Questão	Seleção de respostas representativas
Sistemática de avaliação	12	<p>Mudança de posturas: aspectos qualitativos devem preponderar sobre os quantitativos</p> <p>GESTOR 1 (...) Quando a gente coloca números tá, dizer quanto realmente o aluno aprendeu através daquele quantitativo nós temos uma noção maior daqueles que estão com maior ou com menor dificuldade (...).</p> <p>GESTOR 2 (...) Essa avaliação dos cursos técnicos do IFMA tem que passar por uma, realmente uma avaliação como o próprio nome fala, de mudar posturas, mudar conteúdos, mudar disciplinas, mudar a cabeça dos professores, mais ou menos nesse norte aí (...)</p> <p>GESTOR 3 (...) Eu vejo uma certa fragilidade, eu percebo que existe apresentações dos nossos alunos, eles são submetidos a provas onde há um conceito né, mas nem sempre uma avaliação objetiva ela traduz exatamente o aprendizado (...).</p> <p>GESTOR 3 (...) Já a qualitativa não, eu acho que ela é muito mais efetiva nesse momento, por exemplo, quando um aluno ou uma turma vai apresentar um trabalho para uma sala de aula onde você percebe na sua postura, na sua confiança, que ali há um aprendizado, e que naquele momento ele consegue transmitir o que ele aprendeu, mas eu acho uma certa fragilidade, mais essa é uma visão de um técnico administrativo que não tem um conhecimento profundo nessa área de Pedagogia (...).</p> <p>PROFESSOR 8 (...) De acordo com essa Resolução eu não sei te dizer, eu não sei informar como é que é o processo qualitativo para os Cursos Técnicos (...)</p> <p>PROFESSOR 8 (...) A gente tem que pensar também na questão Didática né, pra poder passar o conteúdo de tal forma que eles assimilem e não só decorem pra fazer o vestibular, de uma forma que eles consigam pensar logicamente, nas resoluções de alguns problemas, nas, até pra ler de forma lógica, porque a gente sabe que a gente ler, às vezes a gente está lendo só por ler aqui sem pensar, mas a gente não ver as entrelinhas que tem</p>

		<p><i>naquele texto (...).</i></p> <p>PROFESSOR 10 (...) <i>É, eu conheço a Resolução sim, mas em termos, eu percebo entre os tópicos às vezes em alguns casos assim meio que subjetivo né, esse, pra cada professor estipular o que vai ser avaliado, eu não percebo ela, assim como algo que está sendo realmente colocado em prática como deveria (...).</i></p> <p>PROFESSOR 10 (...) <i>Processo de aprendizagem qualitativo ele é algo contínuo e isso tem que ter essas interligações, ele não pode ser também só pontual, da minha disciplina ele tem que ter essas contextualizações, essas interligações e, eu percebo que aqui ainda tem-se um caminho a trilhar, para se alcançar esse objetivo (...).</i></p> <p>PROFESSOR 11 (...) <i>A Resolução, ela tem os mesmos princípios que a própria LDB traz, de que os aspectos qualitativos eles devem se sobrepôr sobre os quantitativos. Então, a Resolução ela peca no que diz respeito a materialização desses princípios que estão lá escritos, ela lança, mas ela não diz o como vai ser feito (...).</i></p> <p>PROFESSOR 11 (...) <i>Mas eu sei que há colegas e é uma prática geral que se restringem a prova né, inclusive no Ensino Superior nas disciplinas específicas da área técnica, os alunos fazem provas tal qual os alunos do Ensino Médio, então é prova, e prova e prova (...).</i></p>
--	--	---

Tabela 20. Resultados obtidos a partir dos entrevistados – Citação dos entrevistados.

De acordo com a análise da Tabela 19 quanto à *sistemática da avaliação*, o único indicador de relevo foi a *mudança de posturas: aspectos qualitativos devem preponderar sobre os quantitativos*, nomeadamente com sugestões e críticas para melhorias, revendo posturas no fazer pedagógico. Mas as referências relevantes são da autoria de apenas 38% dos entrevistados.

Questão 11: Para você, o que é o Projeto Político Pedagógico (PPP)?

CATEGORIA XI: REPRESENTAÇÃO SOBRE O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP)			
SUBCATEGORIA XI: COMPREENSÃO SOBRE A RELEVÂNCIA DA UTILIZAÇÃO E APLICAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP)			
Tema: Relevância do Projeto Político Pedagógico - PPP	Frequência Questão	% no conjunto dos entrevistados	% no total do tema
Projeto de Inovação, instrumento, feedback (PPP)	09	56%	100%
Total de seleções no Tema	09		100%

Tabela 21. Resultados obtidos a partir dos entrevistados – Entrevista Semiestruturada.

CATEGORIA XI: REPRESENTAÇÃO SOBRE O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP)		
SUBCATEGORIA XI: COMPREENSÃO SOBRE A RELEVÂNCIA DA UTILIZAÇÃO E APLICAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP)		
Tema	Questão	Seleção de respostas representativas
Relevância do Projeto Político Pedagógico - PPP	11	<p>GESTOR 1 (...) <i>O PPP nosso ele serve para nos nortear e dizer aonde nós estamos deixando de atender ou não (...).</i></p> <p>GESTOR 2 (...) <i>Projeto Político Pedagógico (PPP) é todo projeto onde ele vai abranger um determinado assunto pra um determinado momento pra o benefício da escola e da comunidade escolar (...).</i></p> <p>GESTOR 3 (...) <i>O projeto político pedagógico digamos assim, é um instrumento que norteia já de antemão tudo aquilo que se vai desenvolver ao longo do ano e o mais interessante é que, esse projeto ele é fruto de um consenso da comunidade (...).</i></p> <p>PROFESSOR 2 (...) <i>É aonde deve ter a participação da comunidade, professores, alunos, claro que não é algo engessado, não deve ser algo engessado, ele pode ser modificado pelo caminho, mais eu penso que, o daqui também eu não li, eu gostaria muito de ler para ter essa ciência geral (...).</i></p> <p>PROFESSOR 4 (...) <i>Ele deve ser também um feedback ele vai e volta com as suas ideias né, sempre adequando a escola aos resultados que se deve objetivar. É o norte pra onde deve encaminhar a escola, ela leva em consideração os aspectos pedagógicos, sociais (...).</i></p> <p>PROFESSOR 6 (...) <i>O PPP ele vai nortear todas as nossas práticas pelo menos enquanto docente dentro da instituição (...).</i></p> <p>PROFESSOR 11 (...) <i>O Projeto Político Pedagógico (PPP), é o documento, é o coração, de uma instituição né. No PPP, estão descritos as metas, a filosofia educacional né, o funcionamento de uma instituição como um todo, tanto nos aspectos pedagógicos, quanto administrativos, os aspectos burocráticos, e, é exatamente o Projeto Político Pedagógico que vai direcionar a vida dessa instituição, vai direcionar todas as atitudes que vão ser refeitas né, em relação a própria vivência da instituição (...).</i></p> <p>PROFESSOR 12 (...) <i>O PPP, ele nos dá esse norte nesse sentido de que alunos a gente quer formar, de que sociedade a gente quer formar, o que a nossa escola quer construir, o que nosso espaço educativo quer construir, por isso, é importante que a gente tenha conhecimento do PPP (...), o PPP é um pouco um instrumento que norteia nesse sentido (...).</i></p> <p>PROFESSOR 13 (...) <i>A gente está com o PPP um pouco desatualizado, está sendo feito uma atualização, justamente em relação a isso (...) acho que o nosso PPP ele não está completamente alinhado com o PDI da instituição, o que foi programado pra gente discorrer nesse todo quadriênio ele não condiz com o que a gente desenvolveu no quadriênio chegando já no final de 2018 não condiz com o PDI (...).</i></p>

Tabela 22. Resultados obtidos no Tema Relevância do Projeto Político Pedagógico – (PPP). Citações dos Entrevistados.

No tocante ao tema *Relevância do Projeto Político Pedagógico – PPP*, o único indicador de relevo foi ser um *projeto de inovação, instrumento norteador da ação e de feedback*, nomeadamente reconhecendo a relevância a execução do PPP

coabrindo a área administrativa, pedagógica e financeira da instituição de ensino.

As referências relevantes são da autoria de 56% dos entrevistados.

4. Discussão dos resultados

Esta pesquisa buscou analisar e compreender, as possíveis contribuições sobre a avaliação da aprendizagem como processo qualitativo e também a sua aplicação entre professores e gestores no IFMA/Campus Zé Doca, Maranhão, Brasil.

Diante da análise dos resultados, quanto aos pontos de vista sobre o tema genérico da avaliação, obtiveram-se algumas características destacadas diferenciadamente entre os professores e gestores, que expressaram ser relevantes: a avaliação como processo a ser contextualizado, a avaliação como medida, valor comparável e a avaliação como procedimento, medindo capacidades. Realça-se que foram 10 dos 16 entrevistados que contribuíram para esta compilação.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – PCN’s (Brasil, 2000, p. 78), o tratamento contextualizado do conhecimento é o recurso que a escola tem para retirar o aluno da condição de espectador passivo. Se bem trabalhado permite que, ao longo da transposição didática, o conteúdo do ensino provoque aprendizagens significativas que mobilizem o aluno e estabeleçam entre ele e o objeto do conhecimento uma relação de reciprocidade. A contextualização evoca por isso áreas, âmbitos ou dimensões presentes na vida pessoal, social e cultural, e mobiliza competências cognitivas já adquiridas.

Dando continuidade, na subcategoria caracterização da avaliação quantitativa ficaram expressos três características: ser suportada em juízos de conformidade com regras pré-estabelecidas; atribuir ao aluno certo nível e ser esse nível atribuído com suporte em resultados de provas objetivas. Diante do que foi apresentado, pôde-se constatar que a avaliação quantitativa ainda é predominante entre as práticas de professores e gestores: apenas um professor descreveu, durante a entrevista, a avaliação como um misto de métodos quantitativos e qualitativos. Os dois segmentos consentem a aplicação de uma avaliação da aprendizagem escrita com nota, média, baseado em

regras pré-estabelecidas no sistema de ensino brasileiro e nas organizações escolares.

Em contraponto Hoffmann (2013, p.19) aponta para um grande equívoco na avaliação quando se pensa que dar nota é avaliar, fazer prova é avaliar, ou que o registro das notas se denomina avaliação. Ao mesmo tempo, vários significados mais vastos são atribuídos ao termo análise de desempenho, julgamento de resultados, medida de capacidade, apreciação do “todo” do aluno.

Um aspecto relevante que Luckesi (2018, p. 6) aponta referente a avaliação quantitativa suportada em resultados de provas objetivas, é que avaliação é diagnóstico que pode ser registrado em forma de nota, mas nota não é avaliação. No entanto, na prática escolar cotidiana e corriqueira, ela é tomada como avaliação, quando de fato, não representa a avaliação da aprendizagem em si, mas tão somente o registro de certo tipo de experiência de aprendizagem do aluno.

Luckesi (2018, p. 6) tem a preocupação de chamar a atenção quanto ao processo de avaliação quando os professores e professoras falam “dar nova oportunidade ao aluno”, afirmando que inexistente essa oportunidade, pois, avaliar deve ser um processo contínuo de orientação e reorientação da aprendizagem, para obter-se o melhor resultado possível. A expressão "dar nova oportunidade ao aluno" significa que o educador já julgou classificatoriamente o aluno como reprovado, contudo, para não se dizer que ele não teve uma nova chance de ser aprovado, concede-lhe nova oportunidade. Em avaliação não se concede nova oportunidade a ninguém, acompanha-se construtivamente o aluno em seu processo de aprendizagem.

Assim Luckesi (2018, p. 6), afirma que dar oportunidade é um ato de quem tem autoridade para fazer isso: diagnosticar a aprendizagem é um ato de quem faz parceria com o educando, auxiliando-o a construir seu caminho, sua aprendizagem. Essa expressão é uma representação de social do nosso modo inconsciente e automático de confundir avaliação com exames. Portanto, esse mesmo autor defende uma avaliação formativa voltada para o percurso da aprendizagem e não só para os resultados, através de nota.

A avaliação feita apenas de forma quantitativa vem corroborar a observação de Chizzotti (2016, p. 568) no sentido de que os professores acreditam que a nota provoca uma emulação sadia entre os alunos e serve como poderoso estímulo ao aprendizado, pois afirmam que os próprios alunos sempre desejam saber se a atividade “vale para nota?”, e, se afirmativo, empenham-se para alcançar boas notas. Desse modo, os docentes tendem a cultivar a rivalidade entre alunos, estimular a competição entre eles e exigir de todos os alunos a conformidade obediente aos cânones disciplinares uniformes, por meio de promessas de acréscimo ou rebaixamento da nota.

Na subcategoria caracterização da avaliação qualitativa foram elencados os itens avaliação qualitativa suportada na compreensão dos processos de pensamento, atitude e expressão do aluno – com a maioria das citações - e avaliação qualitativa como processo de avaliar a evolução. Nessa subcategoria observou-se que 11 dos entrevistados, além da avaliação quantitativa, acreditam, aplicam e entendem a avaliação qualitativa, como: processo, atitude, mudança de comportamento, evolução, para uma aprendizagem significativa.

Percebeu-se nas falas de alguns entrevistados que a avaliação qualitativa é também executada na sala de aula, como refere Fernandes (2011, pp. 1-2), defende a avaliação formativa no sentido de ser chamada de avaliação de percursos de aprendizagem dos alunos e que a aplicação dessa avaliação no contexto das salas de aula só tem significado se estiver fortemente articulada com a aprendizagem e com o ensino. Dificilmente se poderão fazer progressos assinaláveis num domínio tão intrinsecamente pedagógico como é o da avaliação, sem investigar as suas relações com a aprendizagem, com o ensino e com as dinâmicas e ambientes existentes nas salas de aula. A compreensão e a conceptualização destas relações é relevante para que se possam melhorar as práticas, nomeadamente através de tarefas que possam ser utilizadas para aprender, para avaliar e para ensinar.

Fernandes (2011, p. 1) ressalta que, a avaliação sumativa interna, da responsabilidade dos professores, também pode ajudar os alunos a aprender, sobretudo quando está mais associada à sua participação activa nos processos de análise e reflexão acerca das aprendizagens realizadas e à elaboração de pontos de situação. No entanto, na prática, a avaliação sumativa está mais relacionada com as classificações, a

certificação e a seleção.

A subcategoria relacionada com as etapas da avaliação qualitativa apurou como características relevantes: continuidade do processo e verificação das mudanças no aluno, o *feedback* dado pelos alunos, o feedback personalizado dado pelo professor a cada aluno e o reajuste da ação do professor junto do aluno. Contribuíram para esta discriminação 11 entrevistados.

Segundo as referências apuradas, a continuidade do processo e verificação das mudanças no aluno perpassa por um currículo contextualizado, porque há uma estreita relação com o saber sistemático e o saber das experiências de forma que haja uma articulação do currículo escolar através da implementação de estratégias de ensino problematizadoras.

Quanto ao *feedback* dado pelos alunos e ao feedback personalizado dado pelo professor a cada aluno – a característica que teve a maior frequência de referências, de cerca de 31% - perpassam exatamente pela prática de uma avaliação formativa. Quando o *feedback* é dado pelos alunos ao professor é visível que o orientador-professor organizou os conteúdos de aprendizagem a partir de situações-problemas significativas e mobilizou os alunos para que alcançassem os objetivos previamente negociados e definidos.

A partir do *feedback* personalizado dado pelo professor ao aluno numa avaliação formativa, Pacheco (1998, p.116), afirma que utilizar a avaliação formativa como elemento central da construção do referente não significa que o professor abandone a formulação de objetivos de aprendizagem, tão-só que avalie a partir de um feedback contínuo que fornece informações para a recolha de dados. Por esta mesma razão, a avaliação formativa, sendo uma avaliação sem nota, é uma prática dinâmica que faz parte da pedagogia de mestria e que se destina a criar as condições para o sucesso do aluno.

Quanto ao reajuste da ação do professor junto do aluno, percebeu-se que alguns professores se preocuparam com a trajetória de aprendizagem dos alunos de forma mais cuidadosa e detalhada, levando em consideração os problemas do dia a dia

enfrentados por cada um, como: o contexto social e econômico em que estão inseridos, o contexto de vulnerabilidade, as dificuldades em determinadas disciplinas, o que vem caracterizar uma avaliação mais formativa-reguladora.

Diante do citado no parágrafo anterior com relação a avaliação formativa-reguladora, Silva (2006, p. 60) afirma que este tipo de avaliação é um processo sistemático e intencional de acompanhamento da relação entre o planejamento, o ensino e a aprendizagem, para compreender as necessidades dos aprendentes com a preocupação de dar ao professor as informações para criar e recriar situações didáticas provocadoras de aprendizagens. Nesse sentido, a autorregulação se constitui um desafio à prática docente, pois se refere a um processo de avaliação das situações de aprendizagem, bem como dos métodos de ensinagem utilizados para direcionar a construção dos saberes.

Na categoria dos parâmetros da avaliação qualitativa foram elencados por 11 dos entrevistados o empenho da participação, o sentido crítico e autocrítico, a capacidade de observação, de expressão, de resolução de problemas e a criatividade, persistência e motivação.

É relevante dizer que as falas de gestores e professores no tocante ao contexto do empenho da participação, do senso crítico e autocrítico vem ao encontro do que Luckesi (2006, pp. 117-118) afirma no sentido de que a avaliação deve ser uma crítica do percurso (autocrítica), ou seja, que todos os envolvidos num projeto devem estar com “a mesma camisa”, como se diz. Estar com a mesma camisa não significa ser “vaca de presépio”, que bate a cabeça dizendo “sim” a tudo; significa, estar, envolvido na construção de um projeto comum e, para isso, contribuir, analisar, observar, pontos de estrangulamento, sugerindo melhorias, se comprometendo. O gestor, como líder de um processo, deverá trabalhar para coordenar essa dinâmica de construção da crítica, utilizando, nas estratégias de aprendizagem, o senso crítico para avaliar e, avaliando dessa forma, se encaminha para uma avaliação com mais qualidade.

Ao se fazer referência a capacidade de observação, de expressão, de resolução de problemas e a criatividade, persistência e motivação, entre gestores e professores pôde-se observar que mesmo avaliando o aluno por notas (método

quantitativo), conteúdos, tem-se a preocupação de avaliar o aluno por métodos qualitativos, pois, como foi colocado por um dos entrevistados, a boa avaliação qualitativa traz uma visão holística sobre o aluno.

Fernandes (2011, p. 2), referente ao parágrafo anterior, afirma que, para que se construa uma visão mais holística sobre o aluno é relevante que os processos de aprender, avaliar e ensinar possam acontecer articulados, e um dos problemas é que esses processos têm sido investigados de forma isolada e, por isso, não tem sido fácil definir as suas relações, nem contribuir para que se construa uma visão mais holística, articulada e dinâmica das realidades da aprendizagem, da avaliação e do ensino.

Na subcategoria da relevância da autoavaliação na sala de aula obtiveram-se contribuições relevantes de 8 entrevistados e foram elencadas a autoavaliação do professor, a autoavaliação dos alunos e a avaliação dos professores pelos alunos como indicadores relevantes. Percebeu-se que alguns dos professores dão importância e fazem a avaliação dos alunos e a sua autoavaliação e contam com a avaliação dos professores que é feita pelos alunos. É importante ressaltar que fazer autoavaliação na sala de aula significa melhorar o trabalho do docente como profissional e orientar o aluno para que ele próprio se autoavalie, resultando em um trabalho conjunto/coletivo, com abertura para o professor refazer o planejamento de ensino utilizando estratégias diversificadas com o objetivo de que o aluno aprenda o que está sendo ensinado.

Quanto a este tópico Silva (2006, p. 66) ressalta que o professor precisa também escolher e implementar instrumentos avaliativos que incentivem a autonomia e a cooperação dos aprendentes. Estratégias como a autoavaliação e a avaliação mútua entre os educandos fazem do processo avaliativo uma ação compartilhada que favorece as situações didáticas estimuladoras de posturas autônomas.

Na subcategoria da autoavaliação na instituição escolar foram elencados contributos de 8 entrevistados (50% do conjunto de participantes). Os itens discriminados foram autoavaliação global da instituição escolar, autoavaliação do professor na instituição escolar, autoavaliação dos alunos e avaliação dos professores pelos alunos.

Na fala dos entrevistados, principalmente na dos gestores quanto a autoavaliação na instituição escolar, observou-se que mesmo defendendo o trabalho na melhoria das estratégias, das ações pedagógicas no sentido de melhorar o ensino e a aprendizagem na escola, quanto a avaliação quantitativa e qualitativa, constatou-se através da fala de um professor que o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA tem uma organização muito individualista, dessa maneira ainda não é feita a autoavaliação quanto ao trabalho pedagógico pela gestão.

Durante as entrevistas, com os três gestores sobre a autoavaliação na própria instituição escolar, percebeu-se uma supervalorização dos exames nacionais, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), processos seletivos de Mestrados e Doutorados, do quantificar, em que foi esquecida a relevância da avaliação qualitativa no ambiente escolar. Esta constatação recai exatamente no que Casassus (1997, *cit. in* Libâneo, 2013, p. 198) esclarece:

Embora sejam os alunos os que respondem a provas e questionários, na realidade não são os alunos que são avaliados. O que avalia é o rendimento do sistema por meio das respostas dos alunos. Então, as interrogações dos estudos deveriam consistentemente orientar-se, não às pessoas que são os alunos, mas ao sistema no qual estão inseridos esses alunos.

O que se observou durante as entrevistas nas falas dos gestores é que repassaram uma relevância para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Machado (2012, pp. 72-73) chama a atenção no tocante as avaliações externas que apresentam resultados, em que é importante refletir sobre como as escolas vêm, ou não, analisando e utilizando os resultados das suas práticas consolidadas no ENEM, assim como em outras provas, por exemplo, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) pois, estimular a apropriação competente do uso dos resultados por parte dos profissionais da escola são condições para assegurar a melhoria da qualidade das escolas, no sentido do aluno apresentar através do seu desempenho, uma aprendizagem com significado, orientada pelo professor.

No tocante a autoavaliação do professor na instituição escolar, notou-se pela fala de professores, que a autoavaliação não é incentivada pela escola, há uma tentativa de se fazer nas jornadas pedagógicas sobre as ações desenvolvidas durante o semestre, para com o trabalho pedagógico, mas o que se observa é que não há a participação de

todos, tornando-se a autoavaliação rarefeita, isolada, pelos docentes.

Com relação a autoavaliação dos alunos, os professores que a referiram afirmam que a utilizaram como uma estratégia de aprendizagem significativa para os alunos, porém, há que se pensar na diversificação de instrumentos avaliativos, pois os instrumentos vêm subsidiar frente a um maior número e variedade de informações, refletindo-se positivamente sobre o trabalho docente e os percursos de aprendizagens.

Sobre o item autoavaliação dos professores pelos alunos, um professor fala da importância dos alunos avaliarem o seu trabalho pedagógico através do que pensam a respeito das suas estratégias de ensino, valorizando assim o que o aluno pensa e produz. Porém, esse mesmo professor, chama a atenção para que o Instituto Federal do Maranhão (IFMA – Campus Zé Doca) dá um caráter individualizado à avaliação, em que cada profissional faz a sua autoavaliação de forma isolada e que foi percebido por esse mesmo docente, que a avaliação qualitativa - o avaliar-se enquanto professores - possivelmente não é uma prática perceptível e a avaliação feita pelos alunos sobre o trabalho do gestor e do professor, também não é perceptível na instituição.

Carneiro et al. (2017, p. 911) afirmam que a avaliação com caráter formativo frente a autoavaliação pelo aluno e pelo professor faz o aluno localizar as dificuldades e progredir na aprendizagem, assim, como facilita ao professor fornecer informações que permitam a reorganização do trabalho pedagógico em atendimento às diferenças individuais observadas.

Quanto a autoavaliação do professor na instituição escolar, percebeu-se nas falas de vários professores que ao final do período de aprendizagem havia uma preocupação em retornar para a instituição de ensino o registro em forma de nota, em que deixaram na retaguarda a avaliação formativa.

Na categoria acompanhamento das práticas avaliativas dos professores pelos gestores, como processo qualitativo, elencou-se – através da participação de 7 dos entrevistados - o item participação nas tomadas de decisão frente ao acompanhamento das práticas avaliativas entre gestores e professores.

Ficou perceptível nas falas dos gestores que não há um acompanhamento dessas práticas devido não se interessarem ou por conta da função que exercem, falta de tempo para acompanhar as práticas avaliativas dos professores. Nas falas dos professores entrevistados foi percebido que não há uma articulação com ausência de tomada de decisões entre gestores e professores quanto ao acompanhamento das práticas avaliativas, cada professor aplica sua avaliação, onde cada um tem bastante autonomia para fazer da forma que compreende, tornando assim a execução de um currículo escolar (conteúdos) fragmentada, sem relação entre as disciplinas ministradas na sala de aula. A instituição vivencia mais o “status quo”, há uma maior preocupação com os resultados de exames (quantidade) que com a qualidade do ensino.

Luckesi (2014, p. 38) afirma que, para uma prática minimamente saudável da avaliação da aprendizagem, a distorção epistemológica da relação entre quantidade e qualidade necessita ser ultrapassada e integrada. A obtenção de uma qualidade plena na aprendizagem escolar depende de variados fatores, mas também deste, isto é, que as fenomenologias de “quantidade” e “qualidade” sejam utilizadas de forma conceitual e prática de um modo epistemologicamente sustentável e válido, fato que não tem acontecido cotidianamente em nossa prática escolar.

Para Fernandes (2011, p. 11), parece óbvio que os professores podem fazer muito para mudar e melhorar as suas práticas contribuindo para integrar a aprendizagem, a avaliação e o ensino. Mas é necessário ter em conta a complexidade dos elementos mediadores envolvidos e a diversidade de obstáculos que dela decorrem. Além disso, dificilmente se pode pedir aos professores que concretizem uma integração que a própria teoria não foi ainda capaz de enquadrar devidamente.

Em relação à categoria representação sobre o documento legal Sistemática de Avaliação dos Cursos Técnicos do IFMA/Campus Zé Doca das falas de 6 dos entrevistados elencou-se como relevante a mudança de posturas: os aspectos qualitativos devem preponderar sobre os quantitativos. Dentre as falas de 3 dos professores percebeu-se a ausência de familiaridade com a Sistemática de Avaliação, verificou-se que as avaliações executadas pelos professores estão mais voltadas para provas escritas, apenas o quantitativo e um dos professores chama a atenção sobre a Resolução Nº 086/2011 que trata da Sistemática de Avaliação, que “peca” no que diz

respeito a materialização dos princípios que estão lá escritos, em que não orienta como vai ser feito o percurso da avaliação qualitativa, pelo que se vivencia, no IFMA/Campus Zé Doca, mais o uso do quantitativo face ao qualitativo, contradizendo a proposta de aplicação dos instrumentos e critérios avaliativos apresentados na Sistemática de Avaliação dos Cursos Técnicos.

É relevante apresentar a categoria representação sobre o Projeto Político Pedagógico (PPP) e que foi elencado – com contributos de 9 dos entrevistados - como projeto de inovação, instrumentação, *feedback*. Verificou-se que 3 gestores e 5 professores informaram que o Projeto Político Pedagógico (PPP) é um norte para onde deve caminhar a escola, orienta o feedback, é um instrumento que direciona a vida da instituição. Um dos professores afirma que o projeto político pedagógico deve ter a participação da comunidade, que não deve ser algo engessado, é algo que deve ser modificado pelo caminho, porém, o mesmo professor afirmou que não fez nenhuma leitura do referido projeto. Logo, pôde se perceber através das falas de vários entrevistados que apresentaram conceitos sobre Projeto Político Pedagógico (PPP), mas que não confessaram se conhecem ou não o mesmo projeto e se ele é relevante a execução na instituição de ensino, IFMA/Campus Zé Doca.

Quanto ao Projeto Político Pedagógico (PPP), Luckesi (2011, p. 59) afirma que um projeto político-pedagógico, para efetivar-se e servir de parâmetro para a avaliação da aprendizagem, necessita de mediadores. Visões teóricas serão somente visões teóricas se não se traduzirem em práticas efetivas, ou seja, que produzem resultados no cotidiano. Dessa maneira, o autor está alertando que, não adianta existir o projeto político pedagógico na escola, se toda a comunidade escolar dele não se apropria e não executa, não vivencia o que foi produzido, feito, pela própria comunidade.

Também Carneiro et al. (2017, pp. 901-902) citando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), apontam a avaliação como um processo sistemático e cumulativo. A partir dessa lei os cursos existentes atualmente no país ganharam autonomia para elaborar o projeto político pedagógico (PPP), bem como o processo avaliativo, apresentando-se como uma construção coletiva para melhorar as práticas educativas (Brasil, 1996).

É necessário dizer, de acordo com o citado acima, que o Projeto Político Pedagógico (PPP) é imprescindível em uma instituição escolar, pois o PPP é o documento que norteia toda a estrutura administrativa, pedagógica e financeira de uma escola, é o parâmetro para que se possam desenvolver articuladamente todas as ações educativas no que concerne ao ensino, a aprendizagem e ao atendimento dos anseios de toda a comunidade escolar. Por isso, deve ser feito e executado por toda a comunidade escolar, e ressalta-se que esse mesmo documento não deve permanecer “engavetado” e sim, apresentado e discutido, para conhecimento e apropriação de todos.

5. Considerações finais e Proposta de Intervenção

É necessário realçar que, após a execução de uma avaliação diagnóstica, somativa ou mista, a avaliação formativa da aprendizagem se faz necessária dentro das instituições escolares, pois vários pesquisadores da área de educação, como Luckesi (2006; 2011; 2014; 2018), Libâneo (2013), Hoffmann (2005; 2013), Fernandes (2011), vêm trazendo debates, discussões, há décadas, com a comunidade acadêmica e profissional da área de educação, defendendo que ambas se articulam para melhorar cada vez mais esse cenário na educação brasileira.

Para Fernandes (2011, p. 4), a avaliação formativa é subjectiva e tem que ser qualitativa e não rigorosa, e que melhorar práticas de avaliação formativa nas salas de aula implica que o seu significado seja claro para os professores e investigadores, tanto mais que as suas relações com os processos de ensino e aprendizagem são estreitas e complexas.

A presente pesquisa foi feita através de entrevistas semiestruturadas com o objetivo de compreender a atuação dos gestores frente às práticas avaliativas dos professores das Ciências Exatas e Humanas, nomeadamente quanto à avaliação da aprendizagem como processo formativo no Ensino Médio Técnico Integrado do IFMA - Campus Zé Doca.

A partir dos autores elencados na pesquisa e através da aplicação das entrevistas semiestruturadas procurou-se aprofundar a compreensão coletiva do processo de avaliação formativa da aprendizagem, pois a partir das próprias respostas

dos professores e gestores, constatou-se que a avaliação para aprender significa aplicação de novas práticas avaliativas, novas concepções do processo do ensino e da aprendizagem; deverá ser uma avaliação que não esteja voltada apenas para a quantificação de resultados mensurados com respostas acabadas e limitadas. Nas falas dos entrevistados, a aplicação da avaliação formativa precisa ser melhor desenvolvida nas instituições escolares, e em específico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – Campus Zé Doca(IFMA/Campus Zé Doca) visto que a avaliação diagnóstica é aqui só sumativa e já acontece na sala de aula.

Nas falas de alguns entrevistados entre professores e gestores do IFMA/Campus Zé Doca, a avaliação formativa deve provocar no aluno a sensação de autonomia, estimular a motivação interna de cada um; o professor deve favorecer que o aluno goste e aprenda no ambiente escolar de forma salutar, dinâmica e criativa em que se deve abandonar tudo o que diz respeito a classificação entre piores e melhores, ao reforço da competição interpares e ranqueamento entre bons e maus alunos, então, o processo de ensino e aprendizagem deve tornar-se livre e independente com orientações e reorientações de aprendizagem decididas entre docentes e discentes. Um processo coletivo de auto e heteroavaliação que comprometerá a comunidade escolar no seu conjunto e, nela, a instituição como organização aprendente.

Assim, durante a pesquisa, foi montada uma Proposta de Intervenção (Apêndice 6) com os objetivos de analisar os desafios, as possibilidades e os limites das experiências quanto à avaliação da aprendizagem como processo qualitativo integrante das práticas avaliativas, entre gestores e professores do IFMA/Campus Zé Doca, de subsidiar os gestores e professores com informações e conhecimentos sobre a importância da avaliação qualitativa da aprendizagem e de avaliar, *on the job*, como os gestores e professores acompanham e utilizam a avaliação da aprendizagem como processo qualitativo (formativo).

De facto esta proposta teve como um dos elementos principais a inovação no macro-processo de avaliação da aprendizagem no sentido de melhorar as práticas avaliativas e de se constituir mais ainda como um processo contínuo formativo da comunidade aprendente, rumo ao desenvolvimento dos alunos, mas também dos professores e gestores.

A proposta de intervenção foi feita para que os participantes da pesquisa, gestores e professores compreendam as práticas avaliativas formativas como imprescindíveis num processo de ensino e aprendizagem, contínuo, flexível. Práticas reflexivas, integradas ao processo de aprendizagem, promovendo uma relação cooperativa entre professores e alunos, garantindo uma intervenção diferenciada, a mediação pedagógica e apresentação que viabiliza a individualização do processo no sentido de respeitar a forma subjetiva de relacionar-se e aprender dos envolvidos.

Essa mesma proposta de intervenção vem também contribuir para a autoavaliação no processo formativo como elemento primordial, porque possibilita participação e responsabilidade do aluno em seu processo de aprendizagem, com orientação do professor, no sentido de que os alunos sejam preparados para que tenham subsídios em desenvolverem as atividades reflexivas com o auxílio da mediação pedagógica, que é exatamente a integração de ações para estimular e apoiar os alunos ao longo do percurso escolar.

Durante às entrevistas feitas, dos treze professores entrevistados alguns utilizaram-se da autoavaliação nas suas práticas avaliativas, levando em consideração a definição de critérios e indicadores para se autoavaliarem e avaliarem os seus alunos. Nas falas dos entrevistados, percebeu-se também nas práticas avaliativas a aplicação do *feedback* contínuo, gerando assim, uma relação de corresponsabilidade entre os alunos, onde estes assumem um papel ativo em seu desenvolvimento escolar.

Espera-se que a partir da proposta de intervenção, os gestores e professores através das suas práticas avaliativas possam inovar, particularmente os participantes da pesquisa do IFMA/Campus Zé Doca optem de maneira mais fervorosa pela aplicação da avaliação formativa e que se atentem a uma revisão do conceito de avaliação formativa inter-relacionando com o papel essencial da autoavaliação, uma atenção mais voltada para a formação continuada de professores com reflexão e proposição de alternativas, utilização de *feedback* contínuo, reinvenção metodológica com estratégias diversificadas, desse forma, podendo trilhar-se um caminho mais humano na avaliação da aprendizagem.

Portanto, não se pretendeu, nesta pesquisa, esgotar ou ofertar todas as respostas frente ao desafio do que é o processo de avaliação da aprendizagem. Todavia, os resultados da referida pesquisa permitiram gizar um contributo para uma realidade com desenvolvimento significativo em educação, rumo a aplicação da avaliação da aprendizagem como processo formativo, de forma que venha a trazer benefícios a toda sociedade e em específico, à comunidade escolar das instituições educativas envolvidas.

6. Bibliografia

Azevedo, J. (2005). Avaliação de escolas: Fundamentar modelos e operacionalizar processos. In: Miguéns M. I. (Dir.). *Avaliação das escolas. Modelos e processos*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. P13-99.

Barreira, C., Boavida, J., Araújo, N. (2006). Avaliação formativa: Novas formas de ensinar e aprender. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano 40(3), p.095-133. [Em linha]. Disponível em: <<http://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/article/view/1171>>. [Consultado em 21/08/2017].

Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. [Em linha]. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. [Consultado em 11/06/2017].

Brasil. (2006). *Portarias de nºs 1.968 a 1.982, de 18 de dezembro de 2006*. Brasília: Gabinete do Ministro.

Brasil. (2008). Lei Nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que cria os Institutos Federais. *Diário Oficial da União*, Brasília.

Brasil. (2005). Lei 11.195, de 12 de novembro de 2005. Lei que trata da expansão da oferta de educação profissional. *Diário Oficial da União*, Brasília.

Brasil. (2000). *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), 2000*. [Em linha]. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. [Consultado em 03/01/2018].

Brasil. (2012). Parecer CNE/CEB Nº 11 /2012 – CEB – Aprovado em 09/05/2012. Anexo das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. *Diário Oficial da União*, Brasília.

Brasil. (2012). Resolução CNE/CEB Nº 6, de 20 de setembro de 2012 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio para a implantação dos Cursos Técnicos Integrados, Concomitantes e Subsequentes. *Diário Oficial da União*, Brasília.

Brasil. (1996). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília.

Brasil. (1994). *Lei nº 8.948, de 08 de dezembro de 1994. Lei que trata sobre a instituição do Sistema Nacional de Educação Tecnológica*. Brasília, 08 dez. 1994.

Brasil. (1971). Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971. Fixa as Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus. *Diário Oficial da União*, Brasília.

Brasil. (1961). *Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961. Fixa a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)*. Brasília.

Carneiro, V. F. et al. (2017). Avaliação da aprendizagem: concepções e olhares de docentes do curso de odontologia. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara*, 12(2); pp. 900-915. [Em linha]. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n2.8486>>. [Consultado em 20/08/2017].

Carvalho, R. B. F.(2013). *Avaliação para a Aprendizagem: A Articulação entre Ensino, Aprendizagem e Avaliação*. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa. Instituto de Educação. [Em linha]. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10699/1/ulsd067739_td_Rosenei_Carvalho.pdf>. [Consultado em 20/08/2017].

Caseiro, C. C. F., Gebran, R. A. (2008). Avaliação Formativa: Concepção, Práticas e Dificuldades. *Nuances; estudos sobre Educação*. Presidente Prudente, SP, ano XIV, 15(16); jan/dez. p. 141-161.

Chizzotti, A. (2016). Políticas Públicas: direito de aprender e avaliação formativa. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, 11(3); set./dez. p. 561-576. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>>. [Consultado em 25/08/2017].

Esquinsani, R. S. S., Esquinsania, V. A. (2012). Língua Portuguesa como Objeto de Avaliações em Larga Escala: Interpretações da Mídia. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, 15(2), dez. pp. 153-171. [Em linha]. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/13067/12086>. [Consultado em 29/03/2017].

Fernandes, D. (2011). Articulação da aprendizagem, da avaliação e do ensino: Questões teóricas, práticas e metodológicas. In: Alves, M. P., Ketele, J.M. (Orgs.). *Do currículo à avaliação, da avaliação ao currículo*. Porto: Porto Editora; pp. 131-142.

Ferreira, M., Loguecio, R. Q. (2014). A análise de conteúdo como estratégia de pesquisa interpretativa em educação em ciências. *Revelli – Revista de educação, linguagem e literatura*. Goiás, 6(2), Out., pp. 33-49.

Fialho, I. J. (2009). A qualidade de ensino e a avaliação das escolas em Portugal. Contributos para a sua história recente. *Educação. Temas e problemas – Avaliação, qualidade e formação*, 7 (4), pp.99-116. [Em linha]. Disponível em: <<http://rdpc.uevora.pt/bitstream/10174/5088/1/Artigo%20IFialho%20Rev%20Temas%20e%20Problemas.pdf>>. [Consultado em 5/04/2017].

Francischetti, I. et al. (2011). Role-playing: Estratégia inovadora na capacitação docente para o processo tutorial. *Interface (Botucatu)*, 15(39), out./dez. pp. 1207-18. [Em linha]. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832011000400019>. [Consultado em 15/12/2017].

Hoffmann, J. (2005). *Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação*. 9. ed. Porto Alegre: Mediação.

Hoffmann, J. (2013). *Avaliação: mito & desafio: uma perspectiva construtivista*. 43. ed. Porto Alegre: Mediação.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2004). [Em linha]. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da.../2004/default.shtm>. [Consultado em 11/06/2017].

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão. (2014). *Plano de Desenvolvimento Institucional: 2014 – 2018*. São Luís: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão. (2017). *Conselho Superior aprova reestruturação dos campi*. [Em linha]. Disponível em: <<https://portal.ifma.edu.br/2017/02/22/conselho-superior-aprova-reestruturacao-dos-campi/>>. [Consultado em 11/06/2017].

Libâneo, J. C. (2013). *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. 6. ed. rev e ampl. São Paulo: Heccus Editora.

Luckesi, C. C. (2006). *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. 18. ed. São Paulo: Cortez.

Luckesi, C. C. (2011). *Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico*. 1. ed. São Paulo: Cortez.

Luckesi, C. C. (2014). *Sobre notas escolares: distorções e possibilidades*. 1. ed. São Paulo: Cortez.

Luckesi, C. C. (2018). Avaliação da Aprendizagem na Escola e a Questão das Representações Sociais. *Eccos. Rev, Cient., UNINOVE*, São Paulo, 4(2): pp.79 – 88.

Machado, C.(2012). Avaliação Externa e Gestão Escolar: Reflexões sobre Uso dos Resultados. *Revista @mbienteeducação*. 5(1): jan/jun., pp. 70-82.

- Maranhão. (2011). *Resolução 086/2011 de 05 de outubro de 2011, CONSUP. Sistemática de Avaliação dos Cursos Técnicos Integrados, Concomitantes e Subsequentes do /Campus Zé Doca*. Zé Doca: Instituto Federal do Maranhão – IFMA.
- Moraes, R.(1999). Análise de Conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, 22(37): pp. 7-32.
- Nascimento, M. C. M. (2012). *Avaliação da Aprendizagem: repercussões de modelos pedagógicos nas concepções docentes*. Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Londrina – Centro de Educação, Comunicação e Artes (Departamento de Educação). Londrina. [Em linha]. Disponível em:
<www.uel.br/pos/mestrededu/images/.../2012__NASCIMENTO_Mari_Clair_Moro.pdf>.
[Consultado em 13/07/2017].
- Oliveira, K. L., Santos, A. A. A. (2005). Compreensão em Leitura e Avaliação da Aprendizagem em Universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 18(1): Jan./Apr., pp.118-124. [Em linha]. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279722005000100016>.
[Consultado em 05/04/2017].
- Organização das Nações Unidas - ONU. (2001). *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, adotada pela Conferência Geral da ONU para a Educação, Ciência e Cultura*. [Em linha]. Disponível em: <http://direitoshumanos.gddc.pt/3_20/III_PAG3_20_3.htm>. [Consultado em 19/05/2017].
- Organização das Nações Unidas - ONU. (1948). *Carta Internacional dos Direitos Humanos Declaração Universal dos Direitos do Homem. Adaptada e proclamada pela Assembleia Geral na sua Resolução 217A (III) de 10 de Dezembro de 1948*. [Em linha]. Disponível em:
<https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/declaracao_universal_direitos_ho mem.pdf>.[Consultado em 19/05/2017].
- Pacheco, J. (1998). Avaliação da Aprendizagem. In: Almeida, L., Tavares, J. (Org.). *Conhecer, aprender e avaliar*. Porto: Porto Editora.

Portugal. (2002a). Ministério da Educação, Inspeção – Geral da Educação. Avaliação Integrada das Escolas. *Apresentação e Procedimentos*. Lisboa: Inspeção-Geral da Educação. [Em linha]. Disponível em:

<[http://www.cnedu.pt/content/edicoes/seminarios e coloquios/Avaliacao_externa_e_qualidade_das_aprendizagens_vf.pdf](http://www.cnedu.pt/content/edicoes/seminarios_e_coloquios/Avaliacao_externa_e_qualidade_das_aprendizagens_vf.pdf)>. [Consultado em 20/08/2017].

Portugal. (2002b). Ministério da Educação, Inspeção – Geral da Educação. Avaliação Integrada das Escolas. *Relatório Nacional. Ano lectivo 2000-2001*. Lisboa: Inspeção-Geral da Educação. [Em linha]. Disponível em:

<[http://www.cnedu.pt/content/edicoes/seminarios e coloquios/Avaliacao_externa_e_qualidade_das_aprendizagens_vf.pdf](http://www.cnedu.pt/content/edicoes/seminarios_e_coloquios/Avaliacao_externa_e_qualidade_das_aprendizagens_vf.pdf)>. [Consultado em 20/08/2017].

Portugal. (2016). Diário da República Eletrónico, Decreto-Lei n.º 17/2016. *O Decreto – Lei n.º 17/2016 de 04 de abril do Ministério da Educação e Ciência referente ao XIX do Governo Constitucional de Portugal*. [Em linha]. Disponível em:

<<http://www.dge.mec.pt/modalidades-de-avaliacao>>. [Consultado em 20/08/2017].

Portugal. (1992). Despacho Normativo n.º 98-A/92. *Diário da República*, n.º 140, I Série-B, de 20 de Junho. Ministério da Educação.

Portugal. (1998). Decreto Lei n.º 115-A/98. *Diário da República*, n.º 102/1998, 1º Suplemento, Série I-A de 1998-05-04. Ministério da Educação. [Em linha]. Disponível em: <<http://da.dre.pt/eli/dec-lei/115-a/1998/05/04/p/dre/pt/html>>. [Consultado em 21/09/2017].

Portugal, (1989). Ministério da Educação. Decreto Lei n.º 43/89, de 3 de fevereiro. *Diário da República*, n.º 29/1989, Série I de 1989-02-03. Ministério da Educação.

Romão, J. (1998). *Avaliação Dialógica: desafios e perspectivas*. São Paulo: Cortez.

Silva, K. C. (2013). A Avaliação Qualitativa no SESC Ier Paraíba: Concepção, Critérios, Instrumentos e Registros. *Revista Lugares de Educação [RLE]*,

Bananeiras/PB, 3(6): Jul.-Dez., p. 152-161. [Em linha]. Disponível em:

<<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rle>>. [Consultado em 05/04/2017].

Silva, A.H., Fossá, M. I. T. (2015). Análise de Conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualit@s Revista Eletrônica*, 17(1).

Silva, J. F. (2006). *Avaliação na Perspectiva Formativa-Reguladora: pressupostos teóricos e práticos*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação.

Souza, Z. L., Oliveira, R. P. (2003). Políticas de avaliação da educação e quase mercado no Brasil. *Sandra Educ. Soc*, Campinas, 24(84): set., pp.873-895. [Em linha].

Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. [Consultado em 25/03/2017].

Ventura, T. (2014). *Dilemas da Educação Inclusiva: um enfoque metodológico autoavaliador*. [Em linha]. Disponível em:

<<https://terezav.files.wordpress.com/2014/05/dilemas-da-educac3a73a3o-inclusiva-20142.pdf>>. [Consultado em 27/09/2017].

Apêndices

Apêndice 1. Guião de entrevista semiestruturada e com uma abordagem qualitativa



Título da tese de dissertação: Gestão Escolar e Avaliação Formativa da Aprendizagem – Uma Proposta de Intervenção no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA)/Campus Zé Doca.

Método de recolha de dados: Entrevista presencial e semi-estruturada (contempla um guião com um conjunto de perguntas feitas aos participantes da pesquisa durante a entrevista).

Objetivos da entrevista: Compreender, aprofundar e enriquecer o tema deste estudo quanto a atuação do gestor escolar frente às práticas avaliativas dos professores das Ciências Exatas e Humanas quanto à avaliação da aprendizagem como processo formativo no Ensino Médio Técnico Integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA)/Campus Zé Doca para que, numa direção futura se possa intervir de forma que a avaliação como processo formativo seja vista como um processo contínuo, como caminhos a serem trilhados, podendo ser analisada e revista no sentido de contribuir para uma avaliação mais justa, assertiva e mais adequada visando contribuir para a melhoria das práticas avaliativas com mudanças de posturas entre gestores e professores.

A entrevista contempla os tipos de questões: abertas (o entrevistado tem a possibilidade de esclarecer, fundamentar e justificar, livremente a sua opinião. Por exemplo: «O que pensa de...? ou «Na sua opinião...», ou O que você entende...?)

Participantes: Gestores e professores das áreas de Ciências Exatas e Ciências Humanas do Instituto Federal do Maranhão (IFMA)/Campus Zé Doca.

Instrumento de recolha de dados: Guião de entrevista que será validado pela Gestora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA)/Campus Zé Doca por peritagem, antes da sua aplicação.

Categorias	Subcategorias	Objetivos	Tópicos / Questões
I – <u>Abertura da entrevista</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Protocolo da entrevista - Interesse do entrevistado 	<ul style="list-style-type: none"> - Dar autenticidade à entrevista. - Entusiasmar o entrevistado. - Apresentar o título da tese de dissertação e os objetivos da entrevista. Valorizar as contribuições do entrevistado para o estudo em questão. - Buscar autorização para gravar a entrevista a partir dos entrevistados. - Assegurar o carácter confidencial da identidade dos entrevistados a partir das respostas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do entrevistador ao entrevistado informando o objetivo da entrevista. - Título da tese de mestrado. - Objetivos da entrevista. - Contribuição dos participantes para o estudo. - Requisição de permissão para gravar a entrevista. - Confidencialidade da identidade dos entrevistados a partir das respostas. - Assinatura da “Declaração de Consentimento Informado”.
II - <u>Perfil dos entrevistados: gestores e professores</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Idade - Nível de escolaridade 	<ul style="list-style-type: none"> - Levantar dados pessoais e profissionais dos entrevistados que possam ser de relevância para aprofundar a temática em causa 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a sua idade? 2. Qual é a sua habilitação? 3- Qual a sua experiência profissional?
III <u>Avaliação da aprendizagem: quantitativa e qualitativa</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecimento e definição do conceito de avaliação - Conhecimento e definição do conceito de avaliação da aprendizagem - Diferenças entre avaliação quantitativa e avaliação qualitativa 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber através da entrevista se os entrevistados têm o conhecimento definido e aprofundado sobre o tema avaliação e avaliação da aprendizagem -Recolher informações frente as 	<ol style="list-style-type: none"> 1. O que você entende por avaliação? 2.Qual o seu entendimento sobre o tema “avaliação da aprendizagem”? O que é ? 3.Você saberia fazer a diferença entre avaliação qualitativa e avaliação quantitativa? 4.Você saberia me dizer como se faz avaliação qualitativa da aprendizagem?

	- Compreensão da avaliação da aprendizagem como processo qualitativo	diferenças entre avaliação quantitativa e qualitativa	5. O que significa avaliação da aprendizagem como processo qualitativo?
IV- Avaliação qualitativa: acompanhamento e execução das práticas avaliativas	- Contribuições dadas pelos gestores junto as práticas avaliativas dos professores como processo qualitativo - Percepção dos professores quanto ao acompanhamento das práticas avaliativas pelos gestores - Avaliação feita aos alunos pelos professores quanto aos aspectos qualitativos da avaliação. Conhecimento acerca da legislação em vigor que estabelece o regime jurídico da educação especial.	- Saber se os gestores contribuem junto as práticas avaliativas dos professores como processo qualitativo - Coletar informações quanto ao acompanhamento das práticas avaliativas na sala de aula pelos gestores e se existe intervenções - Verificar se os professores aplicam, atividades avaliativas como processo qualitativo e fazem uma autoavaliação no trabalho educativo. - Verificar se a instituição utiliza a autoavaliação para com relação aos resultados dos alunos	1. Como você contribui para que aconteça a avaliação da aprendizagem qualitativa frente às práticas avaliativas dos professores? (gestor) 2. Como você percebe o acompanhamento do gestor geral, de ensino e de planejamento referente à execução da avaliação da aprendizagem como processo qualitativo na sala de aula? (professor) 3. Como você avalia os alunos levando em consideração os aspectos qualitativos da avaliação? (professor) 4. Como você percebe e usa os resultados da avaliação qualitativa dos alunos como constitutivo da autoavaliação do seu trabalho pedagógico? (professor) 5. Como você percebe e usa os resultados da avaliação qualitativa dos alunos como constitutivo da autoavaliação da sua escola? (professor e gestor)
V – Conhecimento e o entendimento dos documentos legais quanto a avaliação como processo qualitativo	- Comentários a respeito da Sistemática de Avaliação dos cursos Técnicos do IFMA (Resolução Nº 86/2011) - Conhecimento e entendimento do Projeto Político Pedagógico (PPP) - Conhecimento da legislação nacional, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96)	- Verificar se há conhecimento da Sistemática de Avaliação dos cursos Técnicos do IFMA (Resolução Nº 86/2011) e se contribui para o desenvolvimento dos aspectos qualitativos na avaliação da aprendizagem - Saber se há conhecimento, entendimento e envolvimento dos gestores e professores quanto ao Projeto Político Pedagógico (PPP)	1. O que tem a dizer sobre a Sistemática de Avaliação dos cursos Técnicos do IFMA (RESOLUÇÃO Nº 86/2011, de 05 de outubro de 2011). Quais as críticas e sugestões referente à Resolução? (professor e gestor) 2. Você conhece a Sistemática de Avaliação dos cursos Técnicos do IFMA (RESOLUÇÃO Nº 86/2011, de 05 de outubro de 2011)? Como é executado o processo qualitativo da avaliação na sala de aula? (professor e gestor) 3. Você conhece o Projeto Político Pedagógico (PPP) do IFMA – Campus Zé Doca? O que você entende por Projeto Político Pedagógico? (professor e gestor) 4. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

Gestão Escolar e Avaliação Formativa da Aprendizagem
 - uma proposta de intervenção no IFMA/Campus Zé Doca

		<p>- Saber se há conhecimento da legislação em vigor, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional(LDBEN 9.9394/96) no sentido de compreender a orientação que é dada, em que os aspectos qualitativos devem preponderar sobre os quantitativos</p>	<p>(LDBEN Nº 9.9394/96) no seu art.24, Inciso V, alínea a afirma que a avaliação deve ser contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. Nessa perspectiva, como você acompanha na instituição a avaliação da aprendizagem qualitativa aplicada pelos professores? (gestores)</p> <p>5.A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN Nº 9.9394/96) no seu art. 24, Inciso V, alínea a afirma que a avaliação deve ser contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. Nessa perspectiva como você avalia os aspectos qualitativos diante das práticas avaliativas na sala de aula? (professores)</p>
<p>VI - Final da entrevista</p>	<p>- Reflexões sobre as entrevistas feitas.</p>	<p>- Indagar aos participantes se querem acrescentar mais alguma informação. - Agradecer a colaboração, as contribuições e a disponibilidade dos entrevistados.</p>	<p>1. Você deseja acrescentar mais alguma informação para enriquecer a pesquisa em questão, como por exemplo, comentar sobre a autoavaliação? - Obrigada pela sua colaboração, contribuições e disponibilidade.</p>

Apêndice 2. Roteiro de entrevista entre gestores



- 1) Qual a sua idade?
- 2) Qual é a sua habilitação?
- 3) Qual a sua experiência profissional?
- 4) O que você entende por avaliação?
- 5) Você saberia fazer a diferença entre avaliação qualitativa e avaliação quantitativa?
- 6) Qual o seu entendimento sobre o tema “avaliação da aprendizagem”? O que é ?
- 7) Você saberia me dizer como se faz avaliação qualitativa da aprendizagem?
- 8) Como você percebe e usa os resultados da avaliação qualitativa dos alunos como constitutivo da autoavaliação da sua escola?
- 9) Como você contribui para que aconteça a avaliação da aprendizagem qualitativa frente às práticas avaliativas dos professores?
- 10) O que tem a dizer sobre a Sistemática de Avaliação dos cursos Técnicos do IFMA (RESOLUÇÃO Nº 86/2011, de 05 de outubro de 2011). Quais as críticas e sugestões referente à Resolução?
- 11) Para você o que é um Projeto Político Pedagógico?
- 12) Você conhece o Projeto Político Pedagógico do IFMA – Campus Zé Doca? Fale um pouco sobre ele.
- 13) A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN Nº 9.394/96) no seu **art.24, Inciso V, alínea a** afirma que a avaliação deve ser contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. Nessa perspectiva, como você acompanha na instituição a avaliação da aprendizagem qualitativa aplicada pelos professores?

Apêndice 3. Roteiro de entrevista entre professores



- 1) Qual a sua idade?
- 2) Qual é a sua habilitação?
- 3) Qual a sua experiência profissional?
- 4) O que você entende por avaliação?
- 5) Você saberia fazer a diferença entre avaliação qualitativa e avaliação quantitativa?
- 6) Qual o seu entendimento sobre o tema “avaliação da aprendizagem”? O que é?
- 7) Você saberia me dizer como se faz avaliação qualitativa da aprendizagem?
- 8) Como você percebe e usa os resultados da avaliação qualitativa dos alunos como constitutivo da autoavaliação do seu trabalho pedagógico?
- 9) Como você percebe e usa os resultados da avaliação qualitativa dos alunos como constitutivo da autoavaliação da sua escola?
- 10) O que significa avaliação da aprendizagem como processo qualitativo?
- 11) Como você percebe o acompanhamento do gestor geral, de ensino e de planejamento referente à execução da avaliação da aprendizagem como processo qualitativo na sala de aula?
- 12) Você conhece a Sistemática de Avaliação dos cursos Técnicos do IFMA (RESOLUÇÃO N° 86/2011, de 05 de outubro de 2011)? Como é executado o processo qualitativo da avaliação na sala de aula?
- 13) Como você avalia os alunos levando em consideração os aspectos qualitativos da avaliação?
- 14) Você conhece o Projeto Político Pedagógico (PPP) do IFMA – Campus Zé Doca? O que você entende por Projeto Político Pedagógico (PPP)?
- 15) A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN N° 9.394/96) no seu **art. 24, Inciso V, alínea a** afirma que a avaliação deve ser contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. Nessa perspectiva como você avalia os aspectos qualitativos diante das práticas avaliativas na sala de aula?

Apêndice 4. Sistema de categorização

Para que haja uma melhor consolidação dos dados da pesquisa, surgiu a necessidade de categorizar as falas dos entrevistados. A árvore de categorização inicial foi desenhada a partir da revisão da literatura, que tem como um guia orientador. Na sua aplicação, a partir da análise do conteúdo e de leituras e reflexões feitas ao longo da escrita percebeu-se que as categorias antes elaboradas foram sendo reorganizadas a par e passo da classificação das unidades de conteúdo.

A tabela I abaixo vem apresentar, de maneira autêntica, vários itens considerados relevantes no sistema de categorização. Então, tomou-se como base esse modelo para a organização das categorias diante das falas dos entrevistados.

Tabela I - Lista com categorias, subcategorias, segmentos e unidades de registro apresentadas no estudo.

Categorias	Subcategorias	Segmentos	Unidades de registro
I.Representação da avaliação	Pontos de vista sobre avaliação	Gestores	<p>Avaliação contextualizada</p> <p><i>“...Avaliação significa avaliar não só o contexto apenas do aprendizado do livro, mas do aprendizado de comportamento, de como agir, de como se comportar, de como ter um senso crítico.” (G1)</i></p> <p>Avaliação como medida, valor comparável</p> <p><i>“... Avaliação é a forma de medir, medir o conhecimento, medir a aprendizagem, medir algo, é uma medição(...) (G2)</i></p> <p>Avaliação como procedimento, medindo capacidades</p> <p><i>Avaliação é um procedimento onde os educadores e as pessoas de um modo em geral mensura a capacidade de aprendizado(...) (G3)</i></p>
		Docentes	<p>Avaliação contextualizada</p> <p><i>“(...)Avaliação pra mim é um processo contínuo, onde avaliação começa do primeiro ao último dia de aula e compreende todos os parâmetros, compreende atividades, compreende participação, compreende o comportamento do aluno, não só o comportamento de está bagunçando na sala de aula ou não, mais dele como pessoa, porque cada dia é um dia, e todo dia eu avalio aquele aluno, observo(...)”. (D5)</i></p> <p><i>“(...)A avaliação que tem por base a aprendizagem vai exatamente perceber aquilo que foi ou não adquirido pelo indivíduo, aquilo que foi ou não, aquilo em que ele conseguiu reter, aquilo que ele conseguiu, não seria acoplar, mas aquilo que ele conseguir agregar do que vem externamente”. (D11)</i></p> <p>Avaliação como medida, valor comparável</p> <p><i>“(...) É uma forma de você medir esses conhecimentos(...)”. (D1)</i></p> <p><i>“(...) É confirmar se o que eu estou trabalhando está tendo resultado do qual eu planejei(...)”. (D6)</i></p> <p><i>“(...)Um processo que ele vai desde a parte qualitativa quanto a parte quantitativa”. (D5)</i></p> <p>Avaliação como procedimento, medindo capacidades</p> <p><i>“(...)Avaliar para mim é avaliar o quanto esse aluno conseguiu evoluir dentro do que eu propus, dentro do objetivo, dentro do</i></p>

Gestão Escolar e Avaliação Formativa da Aprendizagem
- uma proposta de intervenção no IFMA/Campus Zé Doca

			<p>conteúdo quanto o aluno conseguiu evoluir”. (D2)</p> <p>“(…)Avaliação é só um parâmetro para a gente saber o que foi apreendido, o que deverá ser aprofundado e aquilo que a gente pode retomar ou voltar do ponto inicial(…)”. (D3)</p>
2.Representação sobre avaliação da aprendizagem	Conceito significativo da avaliação da aprendizagem	Gestores	<p>Avaliação contextualizada da aprendizagem</p> <p>“... Avaliação da aprendizagem para mim ela envolve questões inclusive culturais, o meio em que o discente está vivendo, está vivenciando, é uma forma de avaliação”. (G1)</p> <p>Avaliação da aprendizagem é tudo aquilo que eu como professor ou professora na sala de aula avalia o momento que o aluno está vivendo, aprendizagem não só do conteúdo, mas é o dia a dia do aluno(…) (G2)</p>
		Docentes	<p>Avaliação contextualizada da aprendizagem</p> <p>“É aquela avaliação periódica, seja em um período de semana, seja em um período mensal ou bimestral, eu entendo como uma necessidade do professor e dos alunos”. (D9)</p> <p>“(…)Eu acredito que essa avaliação da aprendizagem ela não é só naquele momento, pega tudo o que o aluno conseguiu extrair daquilo ali e pode está extrapolando né para a vida, para o seu contexto diário, ela é bem complexa”. (D10)</p> <p>“(…)Avaliação da aprendizagem seria conseguir perceber o desenvolvimento mental, desenvolvimento intelectual, desenvolvimento psicológico e social do indivíduo como um todo, habilidades que infelizmente não são desenvolvidas na escola”. (D11)</p> <p>“(…)Avaliação da aprendizagem é essa ferramenta que nós temos de acompanhamento do trabalho pedagógico, e realmente perceber se a gente está tendo êxito no que foi proposto”. (D12)</p> <p>“(…)Avaliação da aprendizagem eu acho que é bem isso aí, é um misto tanto do qualitativo quanto do quantitativo”. (D13)</p> <p>(…)A avaliação qualitativa verifica os pontos que foram apreendidos pelo aluno e dentro de uma contextualização né, pegar aquilo que ele apreendeu na aplicação da realidade, isso é uma avaliação qualitativa né, é saber se houve uma contextualização daquela aprendizagem, daquela ferramenta técnica transformada em contextualização(…). (D4)</p>
3.Representação sobre avaliação quantitativa e qualitativa	Caracterização da avaliação quantitativa	Gestores	<p>Avaliação quantitativa suportada em juízos de conformidade com regras pré-estabelecidas</p> <p>“A avaliação (...) quantitativa é tudo que está amarrado ao que está no livro (...)” (G1)</p> <p>Avaliação quantitativa atribui ao aluno certo nível</p> <p>“A avaliação (...) quantitativa mais ou menos como o termo diz mede a quantidade, eu vou julgar, eu vou medir o aluno de Bom, Ruim, Regular ou Ótimo ou então de zero a dez(…)” (G2)</p> <p>Avaliação quantitativa suportada em resultados de provas objetivas</p> <p>“A quantitativa, ela tem como parâmetro uma nota por exemplo, uma prova objetiva, onde o aluno é submetido pra fazer e aí, dependendo do acerto se tem aquele atingimento daquela nota(…)” (G3)</p>
		Docentes	<p>Avaliação quantitativa suportada em juízos de conformidade com regras pré-estabelecidas</p> <p>“(…) O quantitativo é a norma, é a regra, que tem que ser seguida né aqui no Instituto, tem que ter a nota, tem que ter a prova(…)”. (D5)</p> <p>(…)A quantitativa ela está mesmo restrita a números, se atribui</p>

			<p><i>números e isso é algo bastante subjetivo a gente dizer que alguém que tirou sete está tentando uma média, alguém que tirou seis é ruim e alguém que tirou dez é muito bom, isso são valores que foram negociados culturalmente e que se estabeleceram como sendo parâmetro para nós podermos tangir isso, que é intangível(...)</i>. (D11)</p> <p>Avaliação quantitativa atribuí ao aluno certo nível <i>"(...) A questão da avaliação quantitativa é números né, (...) nos chama logo atenção, que quantitativa lembra matemática, lembra número né, então essa quantitativa está ligada a número(...)"</i>. (D1) <i>"(...) Quando a gente faz uma avaliação quantitativa, a gente está contando aqueles que se saíram bem naquele exame né, e às vezes, punindo aqueles que não se saíram bem naquela metodologia de exame(...)"</i>. (D2) <i>"(...) O quantificar está sempre se sobrepondo ao qualificar ; a gente, eu me coloco dentro do grupo geral de professores. A gente ainda não consegue ter uma visão qualitativa do aluno(...)"</i>. (D4)</p> <p>Avaliação quantitativa suportada em resultados de provas objetivas <i>(...) A quantitativa ela está relacionada basicamente a quantificar, a atribuir notas a partir de uma, de determinadas atividades né, se eu quero que o aluno responda sobre história do teatro onde o teatro surgiu, perguntas objetivas, talvez perguntas subjetivas, em que ele vai ter que responder algumas atividades e eu vou atribuir uma nota para isso(...)</i> (D6) <i>(...) A avaliação quantitativa pra mim ela é prova com critérios bem definidos e é uma avaliação formal de conteúdos, eu quero saber se o aluno sabe aquela pergunta que eu estou perguntando pra ele(...)</i> (D13)</p>
	<p>Caracterização da avaliação qualitativa</p>	<p>Gestores</p>	<p>Avaliação qualitativa suportada na compreensão dos processos de pensamento, atitude e expressão do aluno <i>"A avaliação qualitativa permite inclusive o aluno expor um pouco do que ele pensa (...)"</i> (G1) <i>"A avaliação qualitativa é aquela que mede como o próprio nome diz a qualidade de algo de alguém em relação a um determinado ponto (...)"</i> (G2) <i>"A qualitativa, no meu ponto de vista ela é muito mais abrangente e muito mais abstrata, eu quando vou avaliar alguém de forma qualitativa, eu olho pra atitude desse indivíduo, eu olho pra fala, no momento que ele desenvolve uma retórica, no momento que ele apresenta um conhecimento(...)"</i> (G3)</p>
		<p>Docentes</p>	<p>Avaliação qualitativa como processo de avaliar a evolução <i>"(...) Qualitativa é a evolução do aluno ou o decréscimo do aluno, então, de uma avaliação pra outra(...)"</i> (D8) <i>" (...) Então, a qualitativa nesse sentido de buscar essa evolução do aluno dentro do conteúdo e dos objetivos(...)"</i> (D2) <i>" (...) Como processo aberto, de retorno, mas também fazendo a avaliação quantitativa em relação ao nosso processo, em relação a evolução, andamento de conteúdos, de habilidades apreendidas e também, dos nossos objetivos alcançados(...)"</i> (D3)</p> <p>Avaliação qualitativa suportada na compreensão dos processos de pensamento, atitude e expressão do aluno <i>"(...) A avaliação qualitativa verifica os pontos que foram apreendidos pelo aluno e dentro de uma contextualização né, pegar aquilo que ele apreendeu na aplicação da realidade, isso é uma avaliação qualitativa(...)"</i> (D4) <i>"(...) Avaliação qualitativa é aquela avaliação que não se dá somente na prova, na atividade, mais que ver o aluno fora da caixa</i></p>

Gestão Escolar e Avaliação Formativa da Aprendizagem
- uma proposta de intervenção no IFMA/Campus Zé Doca

			<p><i>né, que a gente costuma falar , que ver o aluno é, na sua plenitude(...)</i>". (D5)</p> <p><i>"(...)Qualitativa ela tá fazendo referências as relações interpessoais, as relações intrapessoais, como é que é o rendimento dele dentro das atividades em grupo(...)</i>". (D6)</p> <p><i>"A qualitativa é aquela que leva em consideração os aspectos subjetivos, os aspectos que estão para além da quantificação da aprendizagem, mas também perpassa por ela, leva em consideração a mudança de comportamento, a mudança de concepção do aluno, ela leva em consideração as modificações que são feitas na vida a partir do que ele aprendeu(...)</i>". (D11)</p> <p><i>"(...)Qualitativa se refere a processo mesmo, acompanhamento diário, processual, é aquela que agrega mais do que apenas o conteúdo sistematizado né, a questão conteudista(...)</i>". (D12)</p>
4. Representação da avaliação qualitativa como processo	Etapas da avaliação qualitativa	Gestores	<p>Continuidade do processo e verificação das mudanças no aluno <i>"A minha contribuição para a avaliação qualitativa é percebendo nos alunos as melhorias que eles adquirem ao longo do tempo, através de resultados práticos do dia a dia"</i>. (G2)</p> <p>Feedback dado pelos alunos <i>"(...)Se eu chego na sala de aula tudo planejado para dá um aula de Biologia, aula perfeita pra mim, estava perfeita, se de repente eu olho e tem um aluno no canto da sala chorando, eu já mudo totalmente o meu método naquele momento de se dá aula, então, eu vou ter uma nova forma de avaliar aqueles alunos em detrimento de uma situação que a turma está vivendo"</i>. (G2)</p> <p>Feedback personalizado dado pelo professor a cada aluno <i>O feedback discente - docente nesse caso ele tem feito muito efeito, e em cima desse ponto é que nós estamos vendo os resultados dos nossos alunos, muitos, alguns, fazendo mestrados em Santa Catarina, Canadá, Belém, Fortaleza, Paraíba, Rio de Janeiro, São Paulo, e outros, fazendo estágio na Vale(...)</i> (G1)</p> <p><i>"(...)Os alunos do Ensino Médio nas demais Universidades que nós temos dentro, no Brasil, e no próprio campus, então, esse é o nosso feedback do quanto nós estamos trilhando a qualidade, mas nós estamos em busca de melhorar mais ainda(...)</i> (G1)</p> <p><i>"(...) Os discentes que estão fazendo cursos de Licenciatura eu costumo muito dizer, eu costumo muito, muito, falar para eles que eu não avalio só o conteúdo, eu avalio o aluno de uma forma geral porque ele vai chegar em sala de aula e ele vai ser o centro das atenções, então, ele não tem que se preocupar somente com os conteúdos, essa é uma avaliação qualitativa onde ele também vai ter que saber como se comportar e se expressar da melhor maneira possível.(G1)</i></p> <p><i>"(...)Por exemplo, se eu chego na sala de aula tudo planejado para dá um aula de Biologia, aula perfeita pra mim, estava perfeita, se de repente eu olho e tem um aluno no canto da sala chorando, eu já mudo totalmente o meu método naquele momento de se dá aula, então, eu vou ter uma nova forma de avaliar aqueles alunos em detrimento de uma situação que a turma está vivendo"</i>.(G2)</p> <p>Reajuste da ação do professor junto do aluno <i>"Como gestor a gente precisa está atento a toda amplitude a tudo que se refere aquele aluno, então, nessa avaliação qualitativa nós vamos além né, de uma simples nota, no sentido de conhecer e formalizar as estratégias mais eficazes pra que aquele aluno tenha o melhor desempenho possível(...)"</i> (G3)</p>
		Docentes	<p>Continuidade do processo e verificação das mudanças no aluno <i>"A avaliação qualitativa ela, pra mim ela leva em consideração várias vertentes, você tem que acompanhar o ritmo do aluno, você</i></p>

			<p><i>tem que acompanhar a forma com que ele executa esses conhecimentos(...)</i> (D4)</p> <p><i>“(...)Você tem que levar em consideração os conhecimentos prévios, a bagagem toda que ele traz porque a qualitativa, ela deve levar em consideração todas as formas de aprendizagens que ele consegue, tudo que ele consegue aprender, desde do comentário mais bobo em sala de aula”.</i> (D4)</p> <p>Feedback personalizado dado pelo professor a cada aluno</p> <p><i>“(...)Então, nesse processo dos alunos eu vejo mais pelo feedback, feedback que eles dão de retorno né e eu aproveito pra fazer experiências novas eu acho que o processo de avaliação ela não pode cair em um paradigma cotidiano, ela tem que ser reformulada constantemente né, até as vezes invento nomes para as metodologias, a última metodologia que eu propus pra eles é o dez para todos e que é uma metodologia de um livro muito interessante <i>Aulas Nota Dez</i> que se chama <i>Sem Escapatória</i>(...)”</i> (D3)</p> <p><i>“(...)A gente passa uma atividade avaliativa pra eles onde eles vão desempenhar né o processo argumentativo deles e depois eles tem que defender esse argumento né; onde a nota é por sorteio, a nota daquele sorteado vai ser pra toda a turma, e depois a gente faz outras avaliações, pra fazer outros tipos de mensuração, então todo mundo começa com dez, mas eles tem que fazer de tudo para defender e continuar com aquele dez é uma forma, é um pequeno exame, mas que está dentro do processo avaliativo”.</i> (D3)</p> <p><i>“(...)Nas reuniões pedagógicas né, que aí a direção de ensino se envolve, e em alguns momentos em vez de articular professores junto com a CAP como que a gente pode fazer pra ajudar na avaliação da aprendizagem desses meninos tanto é como que aconteceu ontem, nas apresentações dos meninos nem teve Diretor de Ensino então, seria injusto ele chegar e dizer que não há esse feedback, essa pergunta né, como é que está esse processo(...).”</i> (D6)</p> <p><i>“(...)Você tem que acompanhar o ritmo do aluno, você tem que acompanhar a forma com que ele executa esses conhecimentos, você tem que levar em consideração os conhecimentos prévios a bagagem toda que ele traz porque a qualitativa, ela deve levar em consideração todas as formas de aprendizagens que ele consegue, tudo que ele consegue aprender, desde do comentário mais bobo em sala de aula, bobo pra algumas pessoas, quanto aquelas visões mais complexas sobre aquele assunto que está sendo dado(...).”</i> (D4)</p> <p>Feedback dado pelos alunos</p> <p><i>“(...)Eu nunca tive uma dificuldade em relação as metodologias de avaliação qualitativa até mesmo porque os alunos cooperam muito, isso é inegável, a cooperação deles(...).”</i> (D3)</p> <p><i>“(...)Qualitativamente, é dessa forma que eu realizo né, observando meus alunos diariamente nas aulas que eu tenho rotineiramente com eles, é na questão da maneira de se portar, de como eles desenvolvem a oralidade, na questão de produções textuais mesmo, se evoluíram, então, é essa avaliação processual mesmo que nos ajuda avançar o processo(...)</i> (D12)</p> <p>Reajuste da ação do professor junto do aluno</p> <p><i>“Avaliação qualitativa ela primeiramente, ela requer do professor o conhecimento individualizado dos seus alunos, senão ela não acontece, então, é importante que você saiba mais do que o nome dele, que você saiba exatamente de que contexto ele vem, quais são as dificuldades que ele tem, qual é a relação que ele desenvolve com aquela disciplina, qual a relação que ele tem com a escola, quais</i></p>
--	--	--	--

Gestão Escolar e Avaliação Formativa da Aprendizagem
- uma proposta de intervenção no IFMA/Campus Zé Doca

			<p><i>são as ocorrências que ele tem na vida, até mesmo no que diz respeito a doenças, se ele tem problemas de aprendizagem, se o contexto social e econômico que ele vem é um contexto de vulnerabilidade ou não, aí de posse dessas informações o professor vai conseguir avaliar o aluno além do quantitativo né(...)</i>" (D11)</p>
Parâmetros / Dimensões da avaliação qualitativa	Gestores Avaliação qualitativa		<p>Empenho da participação <i>"Uma avaliação qualitativa eu confesso que tenho dificuldade pra dizer a senhora de que forma se avalia alguém de maneira qualitativa, eu assim, eu chego a um conceito de que alguém está com um nível bom quando eu olho, quando eu aprecio sabe, quando eu ouço ele falar de algum tema específico(...)"</i> (G3)</p> <p>Sentido crítico e autocrítico <i>" A avaliação qualitativa eu faço é, avaliando o senso crítico, a participação, além da participação, eu avalio muito, como eu posso dizer, o posicionamento, a maneira de se expressar, a maneira de se avaliar(...)"</i> (G1)</p> <p>Capacidade de observação, de expressão, de resolução de problemas <i>"Avaliação da qualidade a qualitativa é a nível de observação, essa observação que eu tenho rotineiramente em sala de aula(...)"</i> (G2)</p> <p>Criatividade, persistência e motivação <i>"(...)Nessa avaliação qualitativa nós vamos além né, de uma simples nota, no sentido de conhecer e formalizar as estratégias mais eficazes pra que aquele aluno tenha o melhor desempenho possível, então, é dessa forma, que eu vejo, é dessa forma que nós utilizamos essa avaliação qualitativa, para estruturar alguns pilares que efetivamente leve aquele aluno ao aprendizado e a realização profissional(...)"</i> (G3)</p>
		Docentes	<p>Empenho da participação <i>"Como processo qualitativo a gente tem que fazer, no caso os exemplos que eu faço(...)"</i>. (D3) <i>"(...)Eu faço muito da questão da refacção, da refacção com os alunos, sempre, geralmente partir daquele ponto que ele já tem de vivência então, a partir daquela vivência daquele aluno a gente pode fazer a refacção de retomadas, então, pra saber como que a gente vai chegar num nível mais próximo possível daquele universo de alunos ou do aluno em específico né?"</i>. (D3)</p> <p>Sentido crítico e autocrítico <i>"(...)Um outro ponto sobre essa avaliação qualitativa é que na avaliação qualitativa o próprio professor ele avalia o processo que ele está executando a aula dele né, serve de reflexo, é qualitativa para o aluno e é qualitativa para o professor".</i>(D4) <i>"(...) Às vezes há uma falta de não sei , se diálogo ou de aproximação mesmo com os professores e com os discentes para tentar fazer projetos, projetos que se voltem para os alunos, então, não só aqui nessa instituição mas em muitas outras instituições essa quebra, esse descompasso, e isso reflete ao meu ver em um ambiente desfavorável para um processo contínuo de avaliação né, então parece que a gente está avaliando o mesmo grupo, mas de forma distinta e fragmentada, então, não há um consenso(...)"</i> (D3).</p> <p>Capacidade de observação, de expressão, de resolução de problemas <i>"É impossível você dá uma nota para alguém, fazer uma avaliação, sem pensar na avaliação qualitativa, pelo menos eu penso assim, que não é o que acontece(...)</i> mas isso exige muito do professor, exige muito do sistema educacional, da escola, para que, além do resultado numérico, você conheça e você busque o porque daquele resultado numérico, às vezes uma nota seis numa questão, numa</p>

Gestão Escolar e Avaliação Formativa da Aprendizagem
- uma proposta de intervenção no IFMA/Campus Zé Doca

			<p><i>prova, ela não representa que o aluno não sabe, mas ela representa as circunstâncias pelas quais ele passava naquele dia(...)</i>. (D11)</p> <p><i>"(...) A gente passa algumas atividades práticas que podem parecer alienadas na matemática mais elas tem o objetivo de desenvolver a capacidade de resolução de problemas do aluno, então, quando eu faço as atividades além da, em união com as atividades quantitativas elas conseguem me dá pelo menos um mínimo do reflexo, do que poderia ser esse aluno porque está aprendendo, eu não vejo só por um lado, eu tento ver por todas as formas possíveis".</i> (D4)</p> <p>Criatividade, persistência e motivação</p> <p><i>"(...) Avaliação qualitativa ela traz toda uma visão holística sobre o aluno, essa avaliação é em cima do aluno, não em cima do conteúdo que você colocou no quadro, é o que ele pode te dar de feedback sobre esse assunto(...)"</i> (D4)</p> <p><i>"(...) O professor aqui é livre pra avaliar, não tem aquela ditadura, não por não ser instituto porque tem instituto que o diretor preconiza a avaliação aqui é assim, assim, assim, aqui não, nós temos essa liberdade, mas eu não sei até que ponto a direção colabora, não por eles não colaborarem, mas por não terem o conhecimento(...)"</i> (D5).</p>
5. Autoavaliação do trabalho pedagógico dentro da gestão	Relevância da autoavaliação na sala de aula	Gestores	<p>Autoavaliação do professor</p> <p><i>"Como gestor a gente precisa está atento a toda amplitude a tudo que se refere aquele aluno, (...) no sentido de conhecer e formalizar as estratégias mais eficazes pra que aquele aluno tenha o melhor desempenho possível(...)"</i> (G3)</p> <p>Autoavaliação dos alunos</p> <p><i>"(...) Os nossos alunos do Superior estão indo para o mercado de trabalho e para as pós-graduações, então, eles estão seguindo, estão trilhando nesse caminho, significa dizer que o ensino no campus ele tá, é, a princípio nessa forma qualitativa muito boa(...)"</i>. (G1)</p> <p>Avaliação dos professores pelos alunos</p> <p><i>"(...) O feedback discente - docente nesse caso ele tem feito muito efeito, e em cima desse ponto é que nós estamos vendo os resultados dos nossos alunos, muitos, alguns, fazendo mestrados em Santa Catarina, Canadá, Belém, Fortaleza, Paraíba, Rio de Janeiro, São Paulo, e outros, fazendo estágio na Vale. Os alunos do Ensino Médio nas demais Universidades que nós temos dentro, no Brasil, e no próprio campus, então, esse é o nosso feedback do quanto nós estamos trilhando a qualidade, mas nós estamos em busca de melhorar mais ainda(...)"</i>. (G1)</p>
		Docentes	<p>Autoavaliação do professor</p> <p><i>"Eu faço a minha autoavaliação, e da avaliação das minhas práticas porque acho que isso interessa pra gente saber como foi o nosso trabalho, se foi satisfatório e que resposta que esse aluno vai dá pra gente, pra gente está sempre melhorando as nossas práticas".</i> (D10)</p> <p><i>"(...) Assim, eu em particular faço as minhas reflexões dos planejamentos, das coisas, mas eu também uso métodos para os alunos avaliarem(...)"</i>. (D11)</p> <p>Autoavaliação dos alunos</p> <p><i>"(...) Então, passava a bola pro aluno, sobre como ele se avalia na disciplina, como ele consegue evoluir, o que que ele fez para atingir determinada pontuação, a gente sabe que tem que chegar, atualmente tem que chegar num certo consenso que seria uma nota,</i></p>

			<p><i>como é que ele chegaria a essa nota, qual o grau de evolução desse aluno e aí a gente percebe que eles não conseguem se autoavaliar(...)”. (D2)</i></p> <p>Avaliação dos professores pelos alunos</p> <p><i>“(...)Eu utilizo até dentro das atividades que desenvolvo com eles uma autoavaliação, todo final de semestre eles me entregam um relatório dizendo como é que foi o andamento das atividades da disciplina e quando eu falo atividades, não estou falando só de atividades escritas, mas tudo o que faz parte da disciplina(...)”. Em que eles vão dizer o que que eles gostaram, o que que eles não gostaram, o que que poderia ter sido melhor, o que que eles esperaram que teria e que não teve, uma forma deles se avaliarem e me avaliarem também enquanto professora é isso; até pra eles perceberem que por exemplo, que não somos só nós professores que atribuímos notas ou conceitos pra eles, eles também são importantes(...)”. (D6)</i></p> <p><i>“(...)Assim, nas minhas disciplinas não só eu os avalio, mas eles me avaliam, eles avaliam o todo e, a partir disso, eu preciso desse instrumento, eu particularmente, eu preciso que eles me digam o que foi bom, o que não foi tão bom para que a partir das ponderações das respostas eu perceba se aquilo realmente tem alguma razão, aquilo tenha alguma verdade ou não. A minha autoavaliação é feita sempre a partir desse instrumento que eu utilizo, com os alunos”. (D11)</i></p>
<p>6.Autoavaliação da instituição escolar sob a visão da gestão</p>	<p>O olhar da autoavaliação na instituição escolar</p>	<p>Gestores</p>	<p>Autoavaliação na instituição escolar</p> <p><i>“A avaliação qualitativa dos alunos deve ser um parâmetro a ser levado em consideração para o crescimento institucional através de uma perspectiva inovadora para o processo de ensino e aprendizagem”. (G2)</i></p> <p><i>“A questão da autoavaliação na escola, ela é muito importante porque em qualquer trabalho seja ele trabalhando, nas diversas áreas é preciso que a gente olhe pra si mesmo, a gente faça uma reflexão, pra entender se aquela estratégia que está sendo utilizada naquele momento é a mais adequada(...)” (G3)</i></p> <p><i>“(...)Nessa autoavaliação eu entendo que o nosso principal desafio é a cada ano, a cada dia, a cada momento, melhorar as estratégias, melhorar as ações pedagógicas, melhorar as ações educacionais, no sentido de otimizar cada vez mais esse aprendizado(...) “então, essa autoavaliação ela nos serve pra isso, pra buscar sempre um melhoramento nesse tratamento, nessa oferta do ensino e da aprendizagem”. (G3)</i></p> <p>Autoavaliação do professor na instituição escolar</p> <p><i>“(...)Essa questão de as vezes a gente querer exigir ao aluno, também a gente também tem que ouvir o aluno sabe, tem que ver quais são as condições que nós estamos dando pra ele executar determinadas tarefas, como que essas tarefas estão sendo desenvolvidas, se eu estou conseguindo acompanhar esses aluno(...)”. (D6)</i></p> <p><i>“ (...) Levam a avaliação dos pais do semestre para os professores para a partir disso a gente repensar a prática porque a gente está falando de colocações, opiniões, a gente não está de falando de resultados numéricos, a gente não está falando de quantos alunos passaram em Universidades Federais, a gente está falando de, olha, os pais trouxeram colocações, nos deram as colocações deles, e nós estamos trazendo aqui de bandeja pra que nós repensemos toda a estrutura, não só a estrutura pedagógica, mas até a estrutura física da escola(...)” (D11).</i></p> <p><i>(...) A autoavaliação não é feita pela escola, estou falando como um</i></p>

		Docentes	<p><i>todo, eu imagino que cada professor possa até fazer a sua. Mas nesse caso enquanto escola, eu desconheço qualquer prática de autoavaliação que tenha acontecido até agora. Existe até uma tentativa nas jornadas pedagógicas, de fazer esse momento de avaliação do semestre, mas que pra mim ainda carece a participação de todos, entende? E ainda acho rarefeita demais, uma vez por semestre(...). (D11)</i></p> <p>Autoavaliação dos alunos</p> <p><i>“(…) Sou eu que tenho que avaliar o que que eu quero aprender daquela disciplina e aí talvez a autoavaliação seja assim um dos meios né pra levar esse aluno a pensar”. (D2)</i></p> <p><i>“(…)Até dentro das atividades que desenvolvo com eles uma autoavaliação, todo final de semestre eles me entregam um relatório dizendo como é que foi o andamento das atividades da disciplina e quando eu falo atividades, não estou falando só de atividades escritas, mas tudo o que faz parte da disciplina em que eles vão dizer o que que eles gostaram, o que que eles não gostaram, o que que poderia ter sido melhor, o que que eles esperaram que teria e que não teve, uma forma deles se avaliarem e me avaliarem também,enquanto professora é isso(…)”. (D6)</i></p> <p><i>“(…)Eu particularmente, não gosto de fazer prova, e eu sei, que assim como eu, outros alunos não gostam, exatamente, por eu saber que a prova não é o único método, não é o único instrumento, nem a melhor forma, é que em vez de prova, eu utilizo uma outra forma de avaliação, e isso vai me dando né, esse feedback em relação também como eles se sentem em relação a avaliação(…)” (D13)</i></p> <p>Avaliação dos professores pelos alunos</p> <p><i>“(…)Uso métodos para os alunos avaliarem. Eles avaliam o todo e, a partir disso, eu preciso desse instrumento, eu particularmente, eu preciso que eles me digam o que foi bom, o que não foi tão bom para que a partir das ponderações das respostas eu perceba se aquilo realmente tem alguma razão, aquilo tenha alguma verdade ou não(…)”. (D11)</i></p> <p><i>“(…)No Instituto, existe um caráter muito individualizado, cada um fica no seu quadrado, cada um fica na sua caixinha, e aqui e ali, a gente se articula em prol de alguma coisa, mas quanto a avaliação qualitativa, quanto avaliar-se enquanto professores, não é uma prática que eu percebo, eu não percebo isso, tá, e nem tampouco a avaliação enquanto ao que os alunos acham, não existe(…)”. (D11)</i></p>
7.Acompanhamento das práticas avaliativas dos professores pelos gestores como processo qualitativo	Desenvolvimento da autonomia pelo gestor e professores junto as práticas avaliativas	Gestores	<p>Participação nas tomadas de decisão frente ao acompanhamento das práticas avaliativas entre gestores e docentes</p> <p><i>“Assim, uma das maneiras que eu tenho visto em relação ao qualitativo é a demanda de nossos alunos indo para o mercado de trabalho, para os estágios, para as faculdades(...) por exemplo, os alunos do Ensino Médio que estão concluindo o Ensino Médio cerca aproximadamente de 80 por cento dos nossos alunos, 85 por cento estão indo para as faculdades, os nossos alunos do Superior estão indo para o mercado de trabalho e para as pós-graduações(...)”. (G1)</i></p> <p><i>“Eu acompanho, mas não tão sistematicamente, deveria acompanhar mais por causa da função gestora que eu estou né(...); mais a avaliação qualitativa dos professores, se tu acompanha esse processo, tu tens essa idéia ou não, não, não tenho essa idéia não, não vou te responder isso porque realmente eu não tenho essa visão como eu deveria ter(...)”. (G2)</i></p> <p><i>“(…)Eu nunca participei, não que não tenha sido convidado, algumas vezes eu já fui convidado sim, mais por ocasião de tempo e um certo desinteresse também, eu confesso, eu não participei</i></p>

Gestão Escolar e Avaliação Formativa da Aprendizagem
 - uma proposta de intervenção no IFMA/Campus Zé Doca

		Docentes	<p><i>ainda”. (G3)</i></p> <p>Participação nas tomadas de decisão frente ao acompanhamento das práticas avaliativas entre gestores e docentes</p> <p><i>“(…)Eu acho que que a gente tem que investir mais na verticalização, ou desculpa, na horizontalidade do processo de avaliação porque nesse caso é um reflexo negativo dessa verticalização, é como se fosse uma hierarquia onde ninguém fala a mesma língua, é muito fragmentado”. (D3)</i></p> <p><i>“(…) Não é tirado um momento com os professores pra saber qual tipo de avaliação que nós estamos fazendo(…)”. (D5)</i></p> <p><i>“(…)Mais uma preocupação que tem um interesse a mais se esse aluno não tem um rendimento isso vai me comprometer enquanto instituição, é o IFMA, tal, é a preocupação mais com o status do nome do que necessariamente com o aluno”. (D6)</i></p> <p><i>“(…)Existe uma autonomia muito grande dos professores, então, não há um ponto de coesão né, não há um ponto em que todos nós conversamos a mesma língua a respeito dos aspectos de ensino, não, existe uma autonomia, uma direção de ensino, que não tem intervido, que não tem avaliado, que não tem acompanhado o processo, exatamente porque também não tem o viés pedagógico, de quem está lá ocupando esse cargo”. (D11)</i></p>
8.Representação sobre o documento legal: Sistemática de Avaliação dos Cursos Técnicos do IFMA/Campus Zé Doca	Compreensão acerca de que os aspectos qualitativos devem preponderar sobre os quantitativos	<p>Gestores</p> <p>Docentes</p>	<p>Mudança de posturas: aspectos qualitativos devem preponderar sobre os quantitativos</p> <p><i>“(…)Quando a gente coloca números tá, dizer quanto realmente o aluno aprendeu através daquele quantitativo nós temos uma noção maior daqueles que estão com maior ou com menor dificuldade”. (G1)</i></p> <p><i>“(…)Essa avaliação dos cursos técnicos do IFMA tem que passar por uma, realmente uma avaliação como o próprio nome fala, de mudar posturas, mudar conteúdos, mudar disciplinas, mudar a cabeça dos professores, mais ou menos nesse norte aí”. (G2)</i></p> <p><i>“Eu vejo uma certa fragilidade, eu percebo que existe apresentações dos nossos alunos, eles são submetidos a provas onde há um conceito né, mas nem sempre uma avaliação objetiva ela traduz exatamente o aprendizado”. (G3)</i></p> <p><i>“Já a qualitativa não, eu acho que ela é muito mais efetiva nesse momento, por exemplo, quando um aluno ou uma turma vai apresentar um trabalho para uma sala de aula onde você percebe na sua postura, na sua confiança, que ali há um aprendizado, e que naquele momento ele consegue transmitir o que ele aprendeu, mas eu acho uma certa fragilidade, mais essa é uma visão de um técnico administrativo que não tem um conhecimento profundo nessa área de Pedagogia”. (G3)</i></p> <p>Mudança de posturas: aspectos qualitativos devem preponderar sobre os quantitativos</p> <p><i>“(…)De acordo com essa Resolução eu não sei te dizer, eu não sei informar como é que é o processo qualitativo para os Cursos Técnicos”(…) (D8)</i></p> <p><i>“(…)A gente tem que pensar também na questão Didática né, pra poder passar o conteúdo de tal forma que eles assimilem e não só decorem pra fazer o vestibular, de uma forma que eles consigam pensar logicamente, nas resoluções de alguns problemas, nas, até pra ler de forma lógica, porque a gente sabe que a gente ler, às vezes a gente está lendo só por ler aqui sem pensar, mas a gente não ver as entrelinhas que tem naquele texto(…)”. (D8)</i></p> <p><i>É, eu conheço a Resolução sim, mas em termos, eu percebo entre os tópicos às vezes em alguns casos assim meio que subjetivo né, esse, pra cada professor estipular o que que vai ser avaliado, eu não</i></p>

Apêndice 5. Transcrição das entrevistas semiestruturadas entre gestores e professores

i. Transcrição de entrevistas entre gestores

G = Gestor

G1= Gestor 1

G2 = Gestor 2

G3 = Gestor 3

1) Qual a sua idade?

G 1 – Tenho 45 anos

G2 - Tenho 38 anos

G3 - Tenho 43 anos

2) Qual é a sua habilitação?

G1 - Possuo Graduação em ciências e Licenciatura pela Universidade Estadual do Ceará (1999), mestrado em Química Orgânica pela Universidade Federal do Ceará (2002) e doutorado em Química Orgânica pela Universidade Federal do Ceará (2006).

G2 - Licenciado em Ciências Biológicas; Especialista em Docência do Ensino Superior; Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

G3 - Sou formado em Administração de Empresa é um curso que é muito específico na área corporativa, foi um curso que eu fiz entre 2011 e 2015 e que me habilitou a ser Bacharel em Administração.

3) Qual a sua experiência profissional?

G1 - Atualmente atuo como gestora geral e professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão(IFMA/Campus Zé Doca) Tenho experiência na área de Química, com ênfase em Química, atuando principalmente nos seguintes temas: Produtos Naturais, Biocombustíveis, Alimentos.

G2 - Professor EBTT do IFMA /Campus Zé Doca – MA atuando na área de Biologia/Botânica

G3 - Embora eu esteja atuando dentro do setor público, mas existe muita similaridade com o que eu faço atualmente, e pra solidificar essa minha condição de está numa escola pública, eu estou fazendo uma nova graduação em Gestão Pública né, que são algumas especificidades que você não ver na Graduação de Administração de Empresas mas eu estou consolidando isso através de uma segunda Graduação que me

habilita a está atuando de maneira mais efetiva dentro da Administração Pública que no caso é a nossa escola federal.

4) O que você entende por avaliação?

G1 - Avaliação para mim é avaliar não só o contexto apenas do aprendizado do livro, mas do aprendizado de uma forma geral, do comportamento, de como agir, de como se comportar, de como ter um senso crítico, na hora inclusive de se manifestar diante do contexto de um modo geral. Avaliar para mim não é só uma prova, de forma alguma, avaliar vai muito mais do que esse contexto, vai a participação, vai a conversa, o senso crítico, a opinião, a troca de conhecimento entre docente e discente que é imprescindível.

G2 - Avaliação é algo complexo, então diga pra gente porque essa complexidade. Porque até hoje não se tem uma definição do que seja avaliação realmente, que sentido ela pode realmente resolver a vida do aluno, ou do professor ou da escola, então, se a gente for realmente dá um conceito pra avaliação acho que seria do ponto mais grotesco como professor avaliando e como gestor, a forma de medir, medir o conhecimento, medir a aprendizagem, medir algo, é uma medição onde o aluno é avaliado como: Bom, Regular ou Ótimo ou Ruim né, ou de zero a dez; a gente não tem outra forma de avaliação, a gente sempre vai medir a qualidade, a quantidade de alguma coisa.

G3 - Bom, avaliação é um procedimento onde os educadores e as pessoas de um modo em geral é, mensura a capacidade de aprendizado né, ou de um aluno, uma mãe quando observa o seu filho né, ela de certa forma ela faz as suas avaliações ali, ela faz uma mensuração, uma análise, principalmente o bebê do que ele está aprendendo, quando o bebê aprende um gesto novo então, há um olhar crítico para saber se aquilo que tem sido direcionado aquele indivíduo ele tá assimilando, então, acredito que avaliação seja isso.

5) Você saberia me dizer como se faz avaliação qualitativa da aprendizagem?

G1 - Na verdade, eu prefiro a qualitativa, que permite inclusive o aluno expor um pouco do que ele pensa, do que a quantitativa, que é tudo que está amarrado ao que está no livro então assim, é como se fosse aquele estilo tradicional de estudou e escreveu o que está igual ao livro; enquanto a qualitativa ele tem a opinião, ele tem a chance de mostrar, o que que ele viu, o que que ele concorda e o que que ele não

concorda; então as duas avaliações são bem imprescindíveis porque até o próprio mercado de trabalho hoje ainda trabalha muito com a questão quantitativa, mas a qualitativa dá uma imposição para o aluno se impor, dizer o que que ele pensa de todo o contexto em que ele está vivenciando.

G2 - A avaliação qualitativa é aquela que mede como o próprio nome diz a qualidade de algo de alguém em relação a um determinado ponto, a quantitativa mais ou menos como o termo diz, mede a quantidade, eu vou julgar, eu vou medir o aluno de Bom, Ruim, Regular ou Ótimo ou então de zero a dez, eu vou dá uma quantidade, ponto pra aquilo dali, fazer uma medição mesmo.

G3 - Bom a quantitativa, ela tem como parâmetro uma nota por exemplo, uma prova objetiva, onde o aluno é submetido pra fazer e aí, dependendo do acerto se tem aquele atingimento daquela nota. Então, ali eu imagino que se trata de uma avaliação quantitativa porque se pode mensurar através de uma nota.

Com relação a qualitativa, no meu ponto de vista ela é muito mais abrangente e muito mais abstrata, eu quando vou avaliar alguém de forma qualitativa, eu olho pra atitude desse indivíduo, eu olho pra fala, no momento que ele desenvolve uma retórica, no momento que ele apresenta um conhecimento, e dependendo da habilidade e dependendo da segurança dele, naquele trato eu avalio ele qualitativamente, mais eu não consigo mensurar de forma quantitativa, no meu ponto de vista é mais uma coisa assim abstrata essa avaliação.

6) Qual o seu entendimento sobre o tema “avaliação da aprendizagem”? O que é ?

G1 - Apesar de ser professora de química, já tem um tempo que eu também trabalho com Psicologia da Aprendizagem então assim, a avaliação da aprendizagem para mim ela envolve questões inclusive culturais então assim, o meio em que o discente está vivendo, está vivenciando, ela é uma forma de avaliação.

Quando o discente está por exemplo em uma turma muito fechada na qual ele não tem uma ajuda por exemplo, ele talvez até se sinta um pouco desprezado ou deixado de lado, mas quando existe por exemplo a turma muito participativa, que decidem se reunir, discutir, debater, isso é uma forma de Avaliação da Aprendizagem. Para você ter uma idéia, eu tenho um caso de um dos meus alunos que ele é PNE e a turma toda ajuda ele dá seguinte forma: respeitando e dando oportunidade para ele falar, ele tem muita dificuldade em falar, mas ele fala, ele se expressa e ele é muito inteligente porque assim os casos de PNE ainda tem muito preconceito e a turma que é

essa que eu ministro e o que eu vejo é que, esse lado cultural da turma incentiva o discente a participar de todas as ações.

G2 - Avaliação da Aprendizagem é tudo aquilo que eu como professor ou professora na sala de aula avalia o momento que o aluno está vivendo, aprendizagem não só do conteúdo, mas é o dia a dia do aluno, o mês que o aluno rendeu naquela aula dele, se realmente aquilo que o professor está passando está surtindo efeito ou não, é avaliação da aprendizagem ou do conteúdo que o professor está dando naquele momento ou do aluno com relação a vida do aluno mesmo, é mais ou menos isso.

G3 - Bom, quando se avalia aprendizagem se tem, eu acho também que se tem essas duas vertentes o quantitativo e o qualitativo. Acho que se soma tudo isso né, quando se avalia alguém, a sua capacidade de assimilar nós temos esses dois parâmetros né, então a aprendizagem no meu modo de ver está muito ligada a essas ações que visam mensurar o conhecimento que é transmitido.

7) Você saberia me dizer como se faz avaliação qualitativa da aprendizagem?

G1 - A avaliação qualitativa eu faço é, avaliando o senso crítico, a participação, além da participação, eu avalio muito, como eu posso dizer, o posicionamento, a maneira de se expressar, a maneira de se avaliar, como são discentes que estão fazendo cursos de Licenciatura eu costumo muito dizer, eu costumo muito, muito, falar para eles que eu não avalio só o conteúdo, eu avalio o aluno de uma forma geral porque ele vai chegar em sala de aula e ele vai ser o centro das atenções, então, ele não tem que se preocupar somente com os conteúdos, essa é uma avaliação qualitativa onde ele também vai ter que saber como se comportar e se expressar da melhor maneira possível.

G2 - Avaliação da qualidade a qualitativa é a nível de observação, essa observação que eu tenho rotineiramente em sala de aula, por exemplo, se eu chego na sala de aula tudo planejado para dá um aula de Biologia, aula perfeita pra mim, estava perfeita, se de repente eu olho e tem um aluno no canto da sala chorando, eu já mudo totalmente o meu método naquele momento de se dá aula, então, eu vou ter uma nova forma de avaliar aqueles alunos em detrimento de uma situação que a turma está vivendo.

G3 - Uma avaliação qualitativa eu confesso que tenho dificuldade pra dizer ao senhor de que forma se avalia alguém de maneira qualitativa, eu assim, eu chego a um conceito de que alguém está com um nível bom quando eu olho, quando eu aprecio

sabe, quando eu ouço ele falar de algum tema específico, é aquilo que eu falei anteriormente, e ele demonstra uma habilidade fundamentada, respaldada numa literatura né, em conceitos já consagrados.

8) Como você percebe e usa os resultados da avaliação qualitativa dos alunos como constitutivo da autoavaliação da sua escola?

G1 - Assim, uma das maneiras que eu tenho visto em relação ao qualitativo é a demanda de nossos alunos indo para o mercado de trabalho, para os estágios, para as faculdades, por exemplo, os alunos do Ensino Médio que estão concluindo o Ensino Médio cerca aproximadamente de 80 por cento dos nossos alunos, 85 por cento estão indo para as faculdades, os nossos alunos do Superior estão indo para o mercado de trabalho e para as pós-graduações, sim então, eles estão seguindo, então trilhando nesse caminho, significa dizer que o ensino no campus ele tá, é, a princípio nessa forma qualitativa muito boa.

O feedback discente - docente nesse caso ele tem feito muito efeito, e em cima desse ponto é que nós estamos vendo os resultados dos nossos alunos, muitos, alguns, fazendo mestrados em Santa Catarina, Canadá, Belém, Fortaleza, Paraíba, Rio de Janeiro, São Paulo, e outros, fazendo estágio na Vale. Os alunos do Ensino Médio nas demais Universidades que nós temos dentro, no Brasil, e no próprio campus, então, esse é o nosso feedback do quanto nós estamos trilhando a qualidade, mas nós estamos em busca de melhorar mais ainda.

G2 - Eu acompanho, mas não tão sistematicamente, deveria acompanhar mais por causa da função gestora que eu estou né, mais a avaliação qualitativa dos professores, se tu acompanha esse processo, tu tens essa idéia ou não, não, não tenho essa idéia não, não vou te responder isso porque realmente eu não tenho essa visão como eu deveria ter, né, mas pode ser até um momento de refletir sobre a questão e procurar acompanhar né, né não? É exatamente.

A questão da autoavaliação da escola, ela é muito importante porque em qualquer trabalho seja ele trabalhando, nas diversas áreas é preciso que a gente olhe pra si mesmo, a gente faça uma reflexão, pra entender se aquela estratégia que está sendo utilizada naquele momento é a mais adequada, a gente tem que entender o seguinte: que sempre há possibilidade de melhoramento, nós não podemos nos acomodar numa estratégia que foi estabelecida por exemplo há cinco anos atrás, só que nós temos uma clientela, um corpo discente, novos né, com novas experiências,

peessoas que são diferentes do ano passado, então, nessa autoavaliação, o principal desafio de todos nós educadores, é tentar chegar a uma consolidação de uma estratégia melhor a otimização ela não tem limites, a perfeição, ela é quase, a perfeição, as pessoas dizem que é impossível, mas à aproximação a essa condição ótima, essa condição perfeita, é o nosso desafio, então, nessa autoavaliação eu entendo que o nosso principal desafio é a cada ano, a cada dia, a cada momento, melhorar as estratégias, melhorar as ações pedagógicas, melhorar as ações educacionais, no sentido de otimizar cada vez mais esse aprendizado, então, essa autoavaliação ela nos serve pra isso, pra buscar sempre um melhoramento nesse tratamento, nessa oferta do ensino e da aprendizagem.

G3 - Não, eu nunca tive essa oportunidade, já tive até interesse mais eu nunca, eu estou com 07 anos, eu vou fazer 07 anos aí no IFMA, e eu nunca participei, não que não tenha sido convidado, algumas vezes eu já fui convidado sim, mais por ocasião de tempo e um certo desinteresse também, eu confesso, eu não participei ainda.

9) Como você contribui para que aconteça a avaliação da aprendizagem qualitativa frente às práticas avaliativas dos professores?

G1 – Prefiro não responder.

G2 - A minha contribuição para a avaliação qualitativa é percebendo nos alunos as melhorias que eles adquirem ao longo do tempo, através de resultados práticos do dia a dia.

G3 - Bom, a avaliação qualitativa dos nossos alunos ela é fundamental, ela é muito importante para que a gente tome decisões, a gente tome caminhos e alternativas que visem melhorar, otimizar o aprendizado do aluno.

Nem sempre o aluno que vai mau numa prova, naquela avaliação quantitativa, você pode tomar como um referencial pra chegar a uma conclusão de que o aluno está aprendendo ou não, então, na avaliação qualitativa você não se restringe apenas a uma prova que é feita, uma prova que visa mensurar uma nota, mas na avaliação qualitativa o professor, o educador de um modo geral, ele tem que conhecer o aluno, conhecer as condições em que ele vive, conhecer as condições psicológicas, sociais, econômicas daquele aluno, questões muito pessoais, nós temos aqui uma equipe de psicólogos, temos aqui uma equipe de enfermeiros, enfim, que trata do aluno na sua amplitude, não apenas o aluno que chega numa sala de aula e que se submete a uma prova pra chegar a uma nota, então, a gente usa essa avaliação qualitativa pra consolidar as decisões, a

gente usa essa avaliação quantitativa pra direcionar aquele ser humano numa estratégia mais que se enquadre à sua realidade, porque cada aluno, cada pessoa, ela tem uma formação, ela tem um psicológico diferente, e nós temos que está atentos como educadores e também como gestor a gente precisa está atento a toda amplitude a tudo que se refere aquele aluno, então, nessa avaliação qualitativa nós vamos além né, de uma simples nota, no sentido de conhecer e formalizar as estratégias mais eficazes pra que aquele aluno tenha o melhor desempenho possível, então, é dessa forma, que eu vejo, é dessa forma que nós utilizamos essa avaliação qualitativa, para estruturar alguns pilares que efetivamente leve aquele aluno ao aprendizado e a realização profissional.

10) O que tem a dizer sobre a Sistemática de Avaliação dos cursos Técnicos do IFMA (RESOLUÇÃO Nº 86/2011, de 05 de outubro de 2011). Quais as críticas e sugestões referente à Resolução?

G1 - Nós há um tempo atrás tínhamos uma certa dificuldade meio que de forma comparativa, nós utilizamos uma metodologia que era desenvolvida e não desenvolvida que não tínhamos como ter uma noção de realmente o que era o D. O D para nós é 10, o ND zero, então, ou o aluno é 0 ou o aluno é 10, então, nós tínhamos muita dificuldade a principio nessa sistemática porque o mercado de trabalho ele trabalha com quantitativos e nesse caso a gente começou a viabilizar que esse conceito e que trabalhar com os conceitos as vezes não nos norteia para dizer quem tem um pouco mais de dificuldade ou não, se é D é D para todo mundo então é 10 para todo mundo. Então, a partir do momento quando a gente coloca números tá, dizer quanto realmente o aluno aprendeu através daquele quantitativo nós temos uma noção maior daqueles que estão com maior ou com menor dificuldade.

G2 - A Sistemática de Avaliação dos Cursos Técnicos do IFMA ainda precisa mudar bastante, por que? Porque a gente está realmente passando como eu disse no início, a gente está passando por uma forma de todo dia a gente aprende como avaliar né, eu posso considerar correta a minha avaliação, mas a de outro professor não é correta. Então essa avaliação dos cursos técnicos do IFMA tem que passar por uma, realmente uma avaliação como o próprio nome fala de mudar posturas, mudar conteúdos, mudar disciplinas, mudar a cabeça dos professores, mais ou menos nesse norte aí.

G3 - Essa temática de avaliação do IFMA, eu vejo uma certa fragilidade, eu percebo que existe apresentações dos nossos alunos, eles são submetidos a provas onde há um conceito né, mas nem sempre uma avaliação objetiva ela traduz exatamente o aprendizado. Já a qualitativa não, eu acho que ela é muito mais efetiva nesse momento, por exemplo, quando um aluno ou uma turma vai apresentar um trabalho para uma sala de aula onde você percebe na sua postura, na sua confiança, que ali há um aprendizado, e que naquele momento ele consegue transmitir o que ele aprendeu, mas eu acho uma certa fragilidade, mais essa é uma visão de um técnico administrativo que não tem um conhecimento profundo nessa área de Pedagogia.

11) Para você o que é um Projeto Político Pedagógico?

G1 - O PPP para nós é a nossa Bíblia, na verdade ela vai conduzir todas as ações que o ensino precisa ter, tá? É um contexto pronto e amarrado? Na minha opinião não. O nosso PPP ele está ali para nos nortear aquilo que nós teremos que fazer, mas hoje com o advento de tanta tecnologia de um modo geral,, de tanta inovação, mudança de leis, ele é um projeto que a gente pode melhorar, diminuir não, ele dali ou ele segue pra frente ou ele fica até ali, então, assim o PPP nosso ele serve para nos nortear e dizer aonde nós estamos deixando de atender ou não.

G2 - Projeto Político Pedagógico(PPP) é todo projeto onde ele vai abranger um determinado assunto pra um determinado momento pra o benefício da escola e da comunidade escolar, então, projeto político pedagógico ele vai abranger várias vertentes pra comungar o benefício da comunidade escolar.

G3- Bom, é um conjunto de conceitos e de fatos pré-determinadas, de ações pre determinadas, que irão conduzir toda atuação da comunidade acadêmica né, na forma de ministrar aula, nos eventos de cultura, nos eventos de pesquisa né, o projeto político pedagógico digamos assim, é um instrumento que norteia já de antemão tudo aquilo que se vai desenvolver ao longo do ano e o mais interessante é que, esse projeto ele é fruto de um consenso da comunidade.

Professor eu li muito pouco a respeito do projeto político pedagógico, eu sei que os pilares do projeto político pedagógico do IFMA, ele tem o ensino, a pesquisa e a extensão, quer dizer um dos conceitos básicos que eu tenho com relação a extensão, é que o sistema de ensino ele ultrapassa os muros da escola , no sentido de envolver toda a comunidade né, o aprendizado ele não fica restrito a uma sala de aula, ele também vai para um campo de atuação, ele também vai para as fábricas, ele vai para uma

indústria de alimentos, enfim, o que eu tenho de informação do projeto político pedagógico do IFMA é que ele tem essa temática né, ensino, pesquisa e extensão.

12) Você conhece o Projeto Político Pedagógico do IFMA – Campus Zé Doca? Fale um pouco sobre ele.

G1 - Conheço, mas preciso me aprofundar

G2 - Conheço e já li, trata dos aspectos administrativos, pedagógicos e financeiros da escola.

G3 - Sei muito pouco do PPP, mas é o guia da nossa instituição.

13) A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN Nº 9.394/96) no seu art.24, Inciso V, alínea a afirma que a avaliação deve ser contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. Nessa perspectiva, como você acompanha na instituição a avaliação da aprendizagem qualitativa aplicada pelos professores?

G1 - A Lei é muito clara, mas muitos não fazem a avaliação qualitativa, só a quantitativa.

G2 - Os aspectos avaliativos qualitativos são de fundamental importância para serem trabalhados em sala de aula, mas vários docentes tentam fazer, mas não conseguem, preferem aplicar provas.

G3 - Deve haver um equilíbrio entre os aspectos quantitativos e qualitativos por parte de quem avalia os alunos, que são os professores. Não acompanho e percebo que a avaliação qualitativa é esquecida, predominando apenas a quantitativa.

ii. Transcrição das entrevistas entre professores

P = Professor

P1 = Professor P1

P2 = Professor P2

P3 = Professor P3

P4 = Professor P4

P5 = Professor P5

P6 = Professor P6

P7 = Professor P7

P8 = Professor P8

P9 = Professor P9

P10 = Professor P10

P11 = Professor P11

P12 = Professor P12

P13 = Professor P13

1) Qual a sua idade?

P1 - Tenho 52 anos

P2 - Tenho 35 anos

P3 - Tenho 43 anos

P4 - Tenho 26 anos

P5 - Tenho 30 anos

P6 - Tenho 34 anos

P7 - Tenho 31 anos

P8 - Tenho 31 anos

P9 - Tenho 45 anos

P10 - Tenho 38 anos

P11 - Tenho 26 anos.

P12 - Tenho 29 anos

P13 - Tenho 31 anos

2) Qual é a sua habilitação?

P1 - Graduada em Administração de Empresas com Pós-Graduação em Psicopedagogia e Supervisão Escolar. Mestre em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutoranda em Administração.

P2 - Licenciada em Educação Física pela Universidade Regional do Cariri-URCA (2008).

P3 - Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade de Economia e Finanças (IBMEC). Possui Graduação em Matemática pela Universidade do Tocantins (2010).

P4 - Graduada em Licenciatura Plena em Química, Mestre em Ciências Farmacêuticas e Doutoranda em Biotecnologia, todos pela Universidade Federal do Piauí(UFPI).

P5 - Possui Graduação em Geografia pela Universidade Federal do Maranhão (2011) e Mestrado em Desenvolvimento Socioespacial e Regional pela Universidade Estadual do Maranhão (2013).

P6 - Mestranda em Artes, Especialista em Educação do Campo, professora efetiva de Arte, com habilitação em Artes Cênicas do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão-IFMA Campus Zé Doca . Tenho experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Cênicas, atuando principalmente com os seguintes temas: cultura popular, Dança e Teatro. Coordenadora do Grupo de Estudos e Práticas Artísticas Teatrais GEPAT-Pessoas do IFMA-Campus Zé Doca, desenvolvendo atividades voltadas para a pesquisa ,extensão, produção e apreciação artística. Pesquisadora no grupo de ensino, pesquisa e extensão tecnológica do IFMA-Campus Zé Doca.

P7 - Licenciatura em Matemática.

P8 - Tenho Licenciatura em Matemática.

P9 - Habilitado em Filosofia.

P10 - Habilitada em Biologia .

P11 - Sou formado em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas, que são as Literaturas, Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa.

P12 - Eu sou Pedagoga, habilitada pra as séries iniciais, e também, Coordenação e Gestão.

P13 - Sou formado em Sistema de Informação pelo Centro Universitário do Maranhão (UNICEUMA) em São Luís – MA e tenho Mestrado em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) .

3) Qual a sua experiência profissional?

P1 - Atualmente atuo como professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão. Membro do grupo de pesquisa APAA (Análise e Pesquisa de Alimentos, Bebidas e Ambiental) do Instituto Federal do Maranhão-IFMA.

P2- Atuo principalmente nos seguintes temas: educação física escolar, educação infantil, formação profissional em Educação Física; Educação Especial e Inclusão, Estágios, dentre outros. Ex-professora da APAE - Crato – Ceará(CE).

P3 - Atualmente é professor de matemática na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior(PARFOR), professor pela Secretaria de

Estado da Educação do Maranhão e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão(IFMA). Tem experiência na área de Matemática, com ênfase em educação matemática.

P4 - Tenho experiência na área de Produtos Naturais e na Fitoterapia da Doença de Alzheimer. Professora Substituta no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão Campus Zé Doca, com atuação no ensino médio nos Cursos Integrados de Técnico em Análises Químicas e Técnico em Biocombustíveis, Técnico em Alimentos (Subsequente), Licenciatura Plena em Química da Instituição pelo Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR).

P5 - Atualmente é professor de geografia do Instituto Federal do Maranhão(IFMA/Campus Zé Doca). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Urbana, Regional, Ambiental e Ensino da Geografia.

P6 - Tenho experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Cênicas, atuando principalmente com os seguintes temas: cultura popular, Dança e Teatro. Coordenadora do Grupo de Estudos e Práticas Artísticas Teatrais GEPAT-Pessoas do IFMA-Campus Zé Doca, desenvolvendo atividades voltadas para a pesquisa ,extensão, produção e apreciação artística. Pesquisadora no grupo de ensino, pesquisa e extensão tecnológica do IFMA-Campus Zé Doca.

P7 - Atuo como Professor de Matemática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão(IFMA)/Campus Zé Doca.

P8 - Atuo como professor de matemática no Instituto Federal do Maranhão(IFMA)/Campus Zé Doca e no momento estou fazendo mestrado profissional na área de Matemática.

P9 - Trabalho como professor de Filosofia e no momento estou exercendo o cargo no Departamento de Ensino no IFMA/Campus Zé Doca.

P10 - Atuo como professora de Biologia no IFMA/Campus Zé Doca e tenho Doutorado em Meio Ambiente.

P11 - Atuo ministrando aula de Língua Portuguesa, ministrei aula de Língua Inglesa, ministrei aula Literatura e também ministro aulas de Libras, porque é uma das minhas habilitações por conta da proficiência, da especialização, mas as minhas experiências profissionais estão relacionadas a Línguas e também a área pedagógica, tem uma interface pedagógica aí.

P12 - Atuo como professora de Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão(IFMA)/Campus Zé Doca. Eu já trabalhei tanto nos anos iniciais da Educação Básica, trabalhei também com Gestão, trabalhei em Secretaria de Educação com a parte técnico-pedagógica mesmo e também, já fiz o trabalho de Coordenação Escolar.

P13 - Eu tenho experiência na área de docente desde a minha Graduação no qual eu dava aula para os cursos profissionalizantes nas Empresas Data Control, Microlins, que são escolas particulares tradicionais em São Luís MA, tenho experiência como Analista de Sistema como contratado no IFMA, e trabalhei na Prefeitura de Bom Jardim por 03 anos como Analista de Sistema e também já trabalhei em São Luís como Técnico em Informática durante 06 anos.

4) O que você entende por avaliação?

P1 - Para mim avaliar como a gente vem de um longo percurso de estudo onde, que aqui nós estamos falando da área de educação especificamente né, então a gente acostumou ao longo dessa nossa caminhada fazermos as famosas provas né, então, na verdade esse termo avaliação ele começou inicialmente como prova e o que é essa prova? É você testar os seus conhecimentos né, até que ponto que você ouviu, que você teve oportunidade de conhecer, fixou né, então avaliação continua nessa linha né, de você avaliar, de você medir né, digamos assim, é uma forma de você medir esses conhecimentos.

P2 - Bom é durante a minha trajetória eu já trabalhei muito com avaliação inclusive é um dos pontos que realmente eu tenho essa vontade de conhecer mais a respeito disso e tento nas minhas aulas fazer diferente, justamente visando essa avaliação qualitativa né. Como eu já estudei, é, ministrava antes aula em universidade, então, a gente tinha esse viés também sempre tentando é, instigar esses alunos a fazer uma avaliação diferenciada quando eles saíssem para os seus campos de atuação né.

Então, eu entendo como avaliação procuro atuar dessa maneira, de ver sempre o grau do aluno, o quanto ele conseguiu evoluir, a gente sabe que isso não é fácil, não é uma tarefa fácil, porque você muitas vezes para você fazer esse tipo de avaliação você tem que conhecer o aluno, conhecer o nome do aluno que as vezes é tão complicado quando você entra agora, 02 meses que estou na instituição para você saber o nome de 200 alunos, então como é que você vai fazer uma avaliação dessa

qualitativa nesse nível de evolução, se as vezes você não conhece nem o nome do aluno né; mas eu procuro ver esse viés sim, o grau do quanto ele conseguiu evoluir, baseando do principio do que ele sabia no início e aí aumentar esse grau de dificuldade, ver o quanto ele conseguiu evoluir que a gente sabe que não é um padrão para todos, um evolui mais rápido, outro evolui mais lento.

Avaliar é, infelizmente no sistema de hoje a gente tem que quantificar através de uma nota, mais essa quantificação seria através do quanto esse aluno evoluiu, a evolução do próprio aluno, então avaliar para mim é avaliar o quanto esse aluno conseguiu evoluir dentro do que eu propus, dentro do objetivo, dentro do conteúdo quanto o aluno conseguiu evoluir.

P3 - No processo de avaliação é um processo que é contínuo né, a gente está em constante avaliação, que a gente mensura até mesmo porque há uma confusão dentro da Pedagogia, principalmente incorporado a especificação da nossa docência, a Geografia, a Matemática, o Português, confunde avaliação com exame ,tanto é que a gente fala do Exame Nacional do Ensino Médio(ENEM) como processo avaliativo, mas na verdade é um exame, um grande exame, então, mais avaliação é um processo que tem que ser contínuo e tem vários tipos de avaliação né.

*E avaliação é justamente para fazer com que os discentes eles compreendam né, todo o processo de ensino aprendizagem e tenham clareza desses objetivos e isso volta no feedback como uma **autoavaliação** do trabalho docente, as vezes agente incorpora avaliação apenas como uma avaliação para os discentes, para a produção discente, mas a avaliação também tem que voltar para o docente como processo contínuo, então, eu até costume falar para os meninos olha, não encarem isso de uma forma assim sinalizada, avaliação é só um parâmetro para a gente saber o que foi apreendido, o que deverá ser aprofundado e aquilo que a gente pode retomar ou voltar do ponto inicial, então isso pra mim, esse é o sentido maior do processo de avaliação, é mais que um exame fechado.*

P4 - Em geral pra mim, avaliação é um processo de verificação de todas as etapas de ensino tá, desde a etapa da sondagem até aplicação de conhecimentos e até avaliação final pra saber se realmente houve o caminho feito da aprendizagem.

P5 - Bom, eu vou te responder da maneira como eu avalio, avaliação pra mim é um processo contínuo, onde avaliação começa do primeiro ao último dia de aula e compreende todos os parâmetros, compreende atividades, compreende participação, compreende o comportamento do aluno, não só o comportamento de está bagunçando

na sala de aula ou não, mais dele como pessoa, porque cada dia é um dia, e todo dia eu avalio aquele aluno, observo. Então, pra mim avaliação é um processo contínuo que cabe ao professor não ser rígido demais, mais também não ficar todo tempo abrindo mão, mas que é um processo que eu considero fundamental pra conclusão das disciplinas, um processo que ele vai desde a parte qualitativa quanto a parte quantitativa também, né?

P6 - Avaliação na verdade ela faz, ela é uma comprovação do que eu estou trabalhando com os alunos, se aquilo que eu coloco dentro dos meus objetivos se eles estão sendo atingidos por meio da avaliação, é uma forma de, é, confirmar se o que eu estou trabalhando está tendo resultado do qual eu planejei né, e vir por esse caminho o que que está dando certo, o que que não dá, ela na verdade ela é uma como eu posso te falar, não é bem um sistema, mas ela é uma forma mesmo de eu avaliar não só o aluno, mas também a minha prática, pra ver o que que eu estou fazendo de certo porque não está dando certo, porque que esse menino está tendo rendimento dessa forma, é um instrumento pra eu, vamos dizer assim, pra eu mensurar em termos, vamos dizer quantitativos né, é como está sendo esse processo de aprendizagem dentro da sala de aula, e também temos qualitativos, porque a avaliação, ela não é só quantitativa.

P7 - Avaliação ela seria mais um recurso né, ela seria não o 100%, apenas uma prática, né, que vai ajudar a gente diagnosticar né se o aluno realmente está aprendendo ou não, acredito que avaliação seria isso.

P8 - Avaliação para mim é uma questão de uma certa forma quantificar e dá qualidade aquilo que se foi visto em sala de aula, avaliação eu vejo de duas formas: uma avaliação ela é feita para os alunos pelo professor e para o professor em relação a seu autoconhecimento. Então, eu vejo da seguinte maneira: o professor ele tem que se autoavaliar sempre, então, ela não deixa de ser só uma avaliação para a turma, de forma sistemática, de forma quantitativa, qualitativa, ela serve também como termômetro de como está sendo a preparação da aula do professor, se ele precisa se qualificar mais, então eu vejo a avaliação dessa maneira, uma avaliação feita dos dois lados para o aluno e para o professor.

Para o aluno de forma que a gente vai avaliá-los de uma questão é do conteúdo que foi dado em sala de aula, lógico, e para o professor como sendo uma autoavaliação no resultado daquela avaliação o que que eu vou ver? Será que todos os meus alunos obtiveram uma nota boa? Será que foi eles que não estudaram bem para tirar aquela nota boa? Ou será que eu que não consegui passar o conteúdo de forma satisfatória?

Ou então, se todo mundo tirou uma nota boa será que a minha aula foi muito boa para aquele quantitativo de notas né, de qualidade, vamos dizer assim, ou será se aconteceu alguma coisa em sala de aula que eu não percebi na aplicação daquela avaliação? Então, a gente tem que ponderar tanto em sala de aula mesmo como é, a sua autoavaliação, como está se, como posso dizer, podendo todo tempo né, todo tempo, para mim avaliação é isso, um processo de avaliá-los e se avaliar também.

P9 - Avaliação é um processo de todos os dias seja da pessoa mesma que se avalia, se autoavalia, ou de um grupo que se avalia ou de você, enquanto professor, ou qualquer outra profissão avalia um grupo. Então, o termo avaliação ele é amplo, quando a gente fala de avaliação é uma amplitude, o que é mais importante no termo avaliação é que ele seja dentro de um processo, avaliação não pode ser de um ano depois, ela deve ser sempre periodicamente, que esses períodos, porque que eu sempre vejo ela periodicamente ? Que é para se voltar atrás, para poder, eu não digo nem consertar, mas aproveitar o que já foi feito para que tudo que se aprende né, seja bem aproveitado na vida. Que a avaliação ela não é para uma instituição somente, ela é para a vida daquele que está no aprendizado. Quando eu digo no aprendizado, são todas as pessoas de uma comunidade aprendente , de todos que querem aprender.

P10 - Ah, eu entendo avaliação como uma parte de um processo onde você naquele momento você vai fazer um diagnóstico do que foi trabalhado anteriormente, se for por exemplo em sala de aula, é um momento em que você pode está verificando se aquilo que foi trabalhado foi percebido de forma adequada né, pelos alunos, de maneira geral, estendendo para outros campos também da mesma forma, você, é um momento que você vai está tendo a possibilidade de fazer um diagnóstico do que, se as suas metas né, foram alcançadas.

P11 - Então, é sempre muito difícil a gente restringir o conceito de avaliação, assim como é difícil restringir o conceito de aprendizagem, porque se eu penso em avaliação a ideia de avaliação ela deve sempre ter como precedente a aprendizagem e se eu não consigo restringir o conceito de aprendizagem, se é difícil, também vai ser difícil dá um conceito específico para avaliação, e aí vai depender, de qual é o seu referencial, mas se eu penso que de modo geral a aprendizagem é a aquisição de habilidades, de comportamentos , a avaliação que tem por base a aprendizagem vai exatamente perceber aquilo que foi ou não adquirido pelo indivíduo, aquilo que foi ou não, aquilo em que ele conseguiu reter, aquilo que ele conseguiu não seria acoplar, mas aquilo que ele conseguir agregar do que vem externamente.

Quando a gente fala de aprendizagem, a gente fala de tudo aquilo que nós não sabemos, mas por necessidade circunstancial da vida, seja por necessidade circunstancial da vida, seja relacionado ao desenvolvimento intelectual, ou seja, a aquisição de novos comportamentos, de novas compreensões e a avaliação vai está aí andando de mãos dadas com a aprendizagem, então, é um conceito muito amplo, eu não consigo dizer pra você, exatamente porque a gente pode analisar por vários vieses, então se eu for dizer para você o que é aprendizagem dentro de uma perspectiva humanista, vai ser uma coisa, mas se eu disser a aprendizagem em numa perspectiva estritamente cognitivista vai ser uma outra coisa e a avaliação vai prever formas diferentes, resultados diferentes e olhares diferentes, a partir desse referencial teórico de aprendizagem que eu vou ter, mas de modo geral avaliar vai ser perceber aquilo que foi agregado na vida do aluno, do outro.

P12 - De uma maneira geral, eu acredito que avaliação é o elemento que a gente tem pra conseguir perceber se o nosso planejamento está funcionando, se o que a gente se propôs a fazer teve êxito, se os nossos objetivos estão sendo alcançados, então, é a ferramenta que nós temos pra avaliar o nosso trabalho, principalmente, o nosso trabalho, a questão da avaliação com os alunos ela é consequência, mas ela serve principalmente para o professor conseguir observar se os objetivos deles estão sendo alcançados.

P13 - Eu tenho experiência na área de docente desde a minha Graduação no qual eu dava aula para os cursos profissionalizantes nas Empresas Data Control, Microlins, que são escolas particulares tradicionais em São Luís MA, tenho experiência como Analista de Sistema como contratado no IFMA, e trabalhei na Prefeitura de Bom Jardim por 03 anos como Analista de Sistema e também já trabalhei em São Luís como Técnico em Informática durante 06 anos.

Pra mim avaliação é medir os pontos positivos e negativos e tentar tirar uma média do que seria ganho dentro dessa avaliação, dentro desse contexto.

5) Você saberia fazer a diferença entre avaliação qualitativa e avaliação quantitativa?

P1 - É a gente ainda se prende é sempre é importante a gente lembrar disso a gente ainda se prende muito aos primórdios de tudo que a gente vive ao longo do tempo na educação né, então a questão da avaliação quantitativa é números né, a gente, nos chama logo atenção, que quantitativa lembra matemática, lembra número né, então

essa quantitativa está ligada a número, mas a qualitativa que é a que é mais importante porque comparando com a qualitativa você com a quantitativa que é número, ela precisa ter essa fundamentação, então qualidade tem a ver com uma coisa substancial mais forte. Então necessariamente ela tá ligada, você pode ter uma quantidade, uma avaliação com um número alto, mas em termos de qualidade você pode identificar como baixo, então sempre a qualitativa vai ser a mais importante né, que é os conhecimentos e a quantitativa mesmo estando ligada a essa forma de número que lembra a matemática, mas nem sempre elas duas caminham, tem o mesmo valor né.

P2- Pronto vamos trazer para a minha área de Educação Física, é muito fácil, a gente usou durante um bom período da história da Educação Física você quantificar através de testes físicos, eu vou avaliar aquele aluno se ele consegue fazer tantos abdominais, se ele consegue correr no teste de 12 minutos, quanto ele conseguiu atingir a tabela dos doze minutos, então, isso seria uma avaliação bem quantitativa e um viés bem retrógrado da nossa Educação Física.

Já no momento atual e que eu procuro utilizar da qualitativa então vejo, volto, é o que eu falei no início, o quanto esse aluno conseguiu evoluir, eu percebo os alunos que no começo da aula eles muitas vezes não tinham nem esse contato com o professor ficavam afastados, não queriam participar da aula, e o que alguns já alegaram há professora eu gostei da metodologia porque não ficou nenhum aluno de fora, eles conseguiram todos participar daquela mesma aula o que muitas vezes em algo, dependendo da metodologia que a gente utiliza eles não querem participar, ficam fora. Então, a qualitativa nesse sentido de buscar essa evolução do aluno dentro do conteúdo e dos objetivos e a quantitativa seria através de testes físicos trazendo para a minha área e eu vejo que na minha perspectiva não é algo bom, analisar esses testes quantitativos sendo que não é meu objetivo da Educação Física escolar.

P3 - Bom, a avaliação qualitativa geralmente ela tem que está associada a quantitativa né, até mesmo porque a gente trabalha com universos né, então dentro de uma sala a gente tem vários conjuntos de alunos, várias cabeças diferentes, então quando a gente faz uma avaliação quantitativa, a gente está contando aqueles que se saíram bem naquele exame né e as vezes punindo aqueles que não se saíram bem naquela metodologia de exame e avaliação qualitativa ela tenta equilibrar o quantitativo e a parte qualitativa do processo de avaliação, então, os dois eles, tem que está o mais próximo possível de uma baliza, fazer um balizamento, até mesmo porque dentro de um universo de várias ou de uma turma a gente tem várias cabeças pensantes

e várias interpretações e dentro da educação a gente não tem que encarar isso como processo fechado e sim, como processo aberto, de retorno, mas também fazendo a avaliação quantitativa em relação ao nosso processo, em relação a evolução, andamento de conteúdos, de habilidades apreendidas e também, dos nossos objetivos alcançados.

P4 - Sim, na avaliação quantitativa você acaba como o nome já diz quantificando o conhecimento né, e ao meu ver de forma errada que o conhecimento você não tem como quantificar cada um tem a forma e o ritmo de aprendizagem, então como dá quantificação, numeração, a essa forma? E a avaliação qualitativa verifica os pontos que foram apreendidos pelo aluno e dentro de uma contextualização né, pegar aquilo que ele apreendeu na aplicação da realidade, isso é uma avaliação qualitativa né, é saber se houve uma contextualização daquela aprendizagem, daquela ferramenta técnica transformada em contextualização.

P5 - Bom, eu compreendo da seguinte forma: avaliação qualitativa é aquela avaliação que não se dá somente na prova, na atividade, mais que ver o aluno fora da caixa né que a gente costuma falar, que ver o aluno é, na sua plenitude, às vezes o aluno tira uma nota baixa mas ele é participativo, ele faz todas as atividades, então eu não posso considerar aquele quantitativo, aquele momento, como se fosse tirar a nota daquele aluno, então a diferença é essa, o quantitativo é a norma, é a regra, que tem que ser seguida né aqui no Instituto, tem que ter a nota, tem que ter a prova, e a qualitativa é o todo, é, desde quando ele adentra na sala de aula até a hora que ele sai, todos os momentos ali é uma avaliação qualitativa. As atividades em sala de aula que eu pontuo como qualitativa, é: a presença, a participação, porque eu faço muita atividade no quadro, é qualitativa, o seminário eu considero quantitativo porque é um momento de avaliação ali eu considero quantitativo, o que mais considero qualitativo, as avaliações orais quantitativas também, eu avalio dessa forma, a diferença entre as duas.

P6 - Sim, nos meus entendimentos e a partir do que eu já dei uma estudada a quantitativa ela está relacionada basicamente a quantificar, a atribuir notas a partir de uma, de determinadas atividades né, se eu quero que o aluno responda sobre história do teatro onde o teatro surgiu, perguntas objetivas, talvez perguntas subjetivas, em que ele vai ter que responder algumas atividades e eu vou atribuir uma nota para isso, a qualitativa ela tá fazendo referências as relações interpessoais, as relações intrapessoais, como é que é o rendimento dele dentro das atividades em grupo, o que que contribui para o aprendizado dele mas não só de uma forma ligada ao conteúdo,

mas de uma forma ligada as relações, de como esse conteúdo é trabalhado dentro da sala de aula, em relação ao trabalho em grupo, em a capacidade dele de aprender por meio das atividades que não requeiram somente em atribuir nota, como é que ele se sente diante de toda essa questão, respeito, motivação, tudo isso perpassa pela questão da avaliação qualitativa, até de como ele se vê dentro desse próprio processo e como ele ver os outros.

*Eu utilizo até dentro das atividades que desenvolvo com eles **uma autoavaliação**, todo final de semestre eles me entregam um relatório dizendo como é que foi o andamento das atividades da disciplina e quando eu falo atividades, não estou falando só de atividades escritas, mas tudo o que faz parte da disciplina em que eles vão dizer o que que eles gostaram, o que que eles não gostaram, o que que poderia ter sido melhor, o que que eles esperaram que teria e que não teve, uma forma deles se avaliarem e me avaliarem também, enquanto professora é isso.*

Até pra eles perceberem que por exemplo, que não somos só nós professores que atribuímos notas ou conceitos pra eles, eles também são importantes, porque eu posso muito bem em determinada atividade a partir do que eu elenquei como competência dizer que aquele aluno ele merece sete, mais ele vai dizer, não professora, eu mereço muito mais do que isso, o tempo que eu dediquei, porque a gente vê algumas atividades em grupo que não são feitas dentro de sala de aula eu vejo aquele momento, mas eu não vejo o que acontece por trás daquilo dali e quem vai me dá esse retorno é justamente eles a partir dos argumentos deles porque ele vai colocar lá no documento que ele entrega ,aí eu consigo ver o outro lado porque se eu fosse só atribuir notas, eu ia atribuir só pra aquele momento talvez eu poderia está sendo injusta com aquele aluno que passou mais tempo pra fazer uma atividade e aquele que só se desempenhou dentro de sala de aula.

P7 - A quantitativa é aquela que preza pelo resultado né, resultados das provas né, aquele processo mais formal né e a qualitativa eu já entendo como já é mais a participação né, do aluno, em atividades, no decorrer das aulas né com dúvidas, com o desafio que a gente propõe em sala de aula né, então, quando a gente tenta casar as duas né, é que vai dá a avaliação realmente final, do processo.

P8 - Certo. A qualitativa e a quantitativa para mim é o seguinte: a quantitativa a gente vai é, fazer referências a números né, ah ele conseguiu aquela certa nota, e, a gente tem sempre de zero a dez né e a gente tem uma nota média, geralmente é sete, seis né, isso vai depender de cada professor, a quantitativa é essa, é ponderar de

acordo com uma certa nota, independente se o aluno teve uma evolução ou não de uma avaliação pra outra. Então, quantitativa é no momento, e qualitativa é a evolução do aluno ou o decréscimo do aluno, então, de uma avaliação pra outra, digamos que o aluno na primeira avaliação ele tirou uma nota cinco, estou avaliando quantitativamente, e na segunda nota ele já conseguiu, digamos, que ele saiu do cinco e foi pro oito, eu já vi uma melhora na qualidade, uma melhora no seu desenvolvimento do estudo, lógico, que a gente tem que botar as duas provas no mesmo nível né, as aulas também no mesmo nível, para chegar aquela certa nota.

Para mim a qualidade é essa evolução que o aluno teve né, ou, se teve um decréscimo da nota né, então eu sempre tento é, avaliar esse aluno de acordo com isso, tanto com a nota, a quantidade, o quantitativo, e a qualidade, se ele evoluiu ou não, então, e sempre eu tento ajudar nessas questões, com, as primeiras notas a gente vai sempre pelo quantitativo não tem para onde correr, porque é uma das formas, não vou dizer que é a melhor de se ponderar né, mas é uma das formas mais rápidas de se avaliar, porque a questão quantitativa ela requer um pouquinho mais de tempo, um pouquinho mais de cuidado, um pouquinho mais de acompanhamento.

*Então, eu sempre vejo pelo quantitativo, depois eu faço uma diferença entre eles dois, para verificar a qualidade, se aumentou ou não, e isso ao decorrer desse intervalo, tem-se lista de exercícios, para poder aprimorar mais, pelo menos nas minhas disciplinas que são mais de cálculos né, dá para gente fazer sempre ter esse **feedback** com o aluno, com lista de exercícios com correção em sala de aula, com tira-dúvidas então, para mim é isso, a diferença é essa é, o quantitativo eu consigo extrair com notas com o qualitativo, então primeiro, sempre faço provas quantitativas para verificar se houve evolução né, na qualidade das notas dos alunos.*

P9 - Olhe qualitativa, eu cito o Paulo Freire quando ele fala do aprendizado bancário, então, é importante o quanto, o quanto quantum é importante, hoje nós não temos mais um saber enciclopédico do século XVIII. Então, o quantum, quantum, você está aprendendo, mas até hoje eu acredito que isso é bom, isso não é ruim, está lá no passado mais nós precisamos também da qualidade do que você está aprendendo, que a qualidade é importante, então o quantum, quantum, e o quantum qualidade. Essa qualidade que você está aprendendo ela tem um aplicativo nos dias de hoje, não somente aplicativo que a gente sempre imagina uma qualidade para executar. Mas nós temos que ver o qualitativo enquanto ser, o que eu estou aprendendo, também está me dando uma qualidade, seja uma qualidade de vida, uma qualidade na família, essa

qualidade está me ajudando para a minha instituição, está me melhorando, e também com os meus alunos na sala de aula então eu faço essa diferença, talvez não seja a diferença que esteja tão, mas é a qualidade de ser, para consigo, para com o outro ser, para com a natureza, para com a sociedade como um todo.

P10 - Então, a avaliação qualitativa você vai está abordando outros aspectos, aspectos mais subjetivos e a quantitativa ele é mais no aspecto objetivo.

P11 - Então, a qualitativa é aquela que leva em consideração os aspectos subjetivos, os aspectos que estão para além da quantificação da aprendizagem, mas também perpassa por ela leva em consideração a mudança de comportamento, a mudança de concepção do aluno, ela leva em consideração as modificações que são feitas na vida a partir do que ele aprendeu e a quantitativa ela está mesmo restrita a números, se atribui números e isso é algo bastante subjetivo a gente dizer que alguém que tirou sete está tentando uma média, alguém que tirou seis é ruim e alguém que tirou dez é muito bom, isso são valores que foram negociados culturalmente e que se estabeleceram como sendo parâmetro para nós podermos tangir isso que é intangível né, impossível você saber exatamente o quanto o outro sabe ou não sabe, mas como a gente tem a necessidade de ter valores tangíveis se estabeleceram os valores numéricos pra isso, então, está relacionado a isso.

P12 - É, a qualitativa no meu entendimento, né, vamos tirar das literaturas né, eu tenho uma definiçãozinha literal que é clássica, qualitativa se refere a processo mesmo, acompanhamento diário, processual, é aquela que agrega mais do que apenas o conteúdo sistematizado né, a questão conteudista ; já a avaliação quantitativa tem mais esse viés, realmente de mensuração, de avaliação por números, por dados, é mais pontual do que a avaliação qualitativa.

P13 - A avaliação quantitativa pra mim ela é prova com critérios bem definidos e é uma avaliação formal de conteúdos, eu quero saber se o aluno sabe aquela pergunta que eu estou perguntando pra ele; a qualitativa não, é o que ele conseguiu aprender do que eu passei pra ele, enquanto uma eu vou medir perguntas bem objetivas numa prova no qual ele vai ter números de acertos e erros e eu vou quantificar ele de acordo com esses números de acertos e erros na qualitativa eu vou observar o quão ele conseguiu aprender de todo o conteúdo que eu passei, se ele consegue desenrolar algum problema, como é que ele consegue desenrolar, se ele melhorou o desenrolar desse problema com o aprendizado que foi passado pra ele.

6) Qual o seu entendimento sobre o tema “avaliação da aprendizagem”? O que é?

P1 - De novo a questão das provas né, de medir né, então avaliação da aprendizagem, vamos medir como foi a quantidade de informações que se aprendeu né, então é uma forma de você tá testando, será que o que foi passado foi aprendido? Em que dimensão que houve essa aprendizagem?

*P2 - Eu tenho refletido a respeito disso também sabe, é uma avaliação que geralmente o aluno ver como uma forma de punição quando você fala avaliar o aluno já sente esse peso como se fosse algo que ele fosse punir esse aluno de alguma maneira. Então, penso que ainda falta muito para a nossa educação chegar num nível que eu consiga trazer esse aluno para dentro dessa avaliação, onde ele esteja inserido, isso seria um trabalho muito grande e que pode acontecer ainda mais que teria que ser feito com professores e alunos porque eu já fiz isso na universidade ao qual o aluno a nota dele seria a sua **autoavaliação**. Então, passava a bola pro aluno, sobre como ele se avalia na disciplina, como ele consegue evoluir, o que que ele fez para atingir determinada pontuação, a gente sabe que tem que chegar atualmente tem que chegar num certo consenso que seria uma nota, então, como é que ele chegaria a essa nota, qual o grau de evolução desse aluno e aí a gente percebe que eles não conseguem se autoavaliar.*

É difícil até pra eles, eles não conseguem parar e entender isso, então, acho que no momento que o aluno começa a entender que faz parte desse processo e que ele consegue contribuir para isso ver a importância que ele tem nesse processo de aprendizado pode ser que isso fique e que a gente consiga evoluir nessa aprendizagem qualitativa.

P3 - Na minha concepção, essa avaliação da aprendizagem seria muito mais qualitativa do que quantitativa, até mesmo porque o aluno ele pode aprender conteúdos e habilidades ou expressar habilidades de várias formas, então, por isso que a gente não tem uma fórmula fechada de um método de avaliação, até mesmo porque, alguns alunos apreendem mais ou absorvem mais em exames, outros na oralidade, outros na própria escrita né, então, tudo isso é parte de um grande processo que faz parte do ensino aprendizagem né, então, nesse aspecto, eu acho que a gente tem que balizar vários pontos para tentar apreender nesse universo mesmo do campo do ensino aprendizagem.

P4 - Vera, assim, a gente tem muitas falhas, tem muitas situações que a gente tem que levar em consideração em relação a avaliação, a esse tipo de avaliação, por

que? Primeiro, é necessário uma revisão de todo o nosso currículo escolar né, porque o aluno ele só vai aprender aquilo que ele sente e que ele tem prazer de aprender, aquilo que como ele diz em sala de aula, aquilo que é útil pra ele, o que não for útil, ele não vai fazer seu esforço em aprender, logo, a avaliação de aprendizagem ela é falha, ela é falha na sua existência, ela é falha na sua execução, ela é falha na sua quantificação né. Então, pra se ter realmente uma avaliação de sala de aula de conteúdo, precisaria se rever todo esse processo, então, pra mim ela é falha né, ela é falha, logo, essa é a avaliação de sala de aula, diz o que nós fazemos, então, é tentar, o que deve ser feito é, tentar o máximo possível de uma visão mais ampla do que você está avaliando sobre o aluno, você precisava avaliar é, exatamente o que o professor queria de resposta, a famosa época dos questionários né, em que você fazia os questionários e dali tirava as questões pras provas, aquilo ali, continua mais ou menos da mesma forma que a gente faz né, é uma avaliação de sala de aula de conteúdo, o que mostra muito ainda que está errado esse processo.

P5 - É bem complicado né, eu tive essa disciplina avaliação da aprendizagem, eu vou tentar explicar mais ou menos pelo que eu estudei, avaliação da aprendizagem ela corresponde, ah eu não estou conseguindo explicar agora, agora não estou conseguindo lembrar, mais avaliação da aprendizagem é avaliação do processo né, que corresponde a todos os tipos de avaliação, eu lembro que nós estudávamos avaliação qualitativa, avaliação quantitativa, e todos os métodos que a gente pode utilizar pra avaliação é, eu lembro que nós estudávamos é, estudo de caso, enfim são todos os métodos que a gente utiliza pra avaliar a aprendizagem do aluno, pra saber se o que estou passando está conseguindo chegar até esse aluno.

P6 - Sim, nos meus entendimentos e a partir do que eu já dei uma estudada a quantitativa ela está relacionada basicamente a quantificar, a atribuir notas a partir de uma, de determinadas atividades né, se eu quero que o aluno responda sobre história do teatro onde o teatro surgiu, perguntas objetivas, talvez perguntas subjetivas, em que ele vai ter que responder algumas atividades e eu vou atribuir uma nota para isso; a qualitativa ela tá fazendo referências as relações interpessoais, as relações intrapessoais, como é que é o rendimento dele dentro das atividades em grupo, o que que contribui para o aprendizado dele mais não só de uma forma ligada ao conteúdo, mas de uma forma ligada as relações, de como esse conteúdo é trabalhado dentro da sala de aula, em relação ao trabalho em grupo, em a capacidade dele de aprender por meio das atividades que não requeiram somente em atribuir nota, como é que ele se

sente diante de toda essa questão, respeito, motivação, tudo isso perpassa pela questão da avaliação qualitativa, até de como ele se vê dentro desse próprio processo e como ele ver os outros.

*Eu utilizo até dentro das atividades que desenvolvo com eles uma **autoavaliação**, todo final de semestre eles me entregam um relatório dizendo como é que foi o andamento das atividades da disciplina e quando eu falo atividades não estou falando só de atividades escritas, mas tudo o que faz parte da disciplina em que eles vão dizer o que que eles gostaram, o que que eles não gostaram, o que que poderia ter sido melhor, o que que eles esperaram que teria e que não teve, uma forma deles se avaliarem e me avaliarem também enquanto professora é isso; até pra eles perceberem que por exemplo, que não somos só nós professores que atribuímos notas ou conceitos pra eles, eles também são importantes, porque eu posso muito bem em determinada atividade a partir do que eu elenquei como competência dizer que aquele aluno ele merece sete, mais ele vai dizer, não professora, eu mereço muito mais do que isso, o tempo que eu dediquei, porque a gente vê algumas atividades em grupo que não são feitas dentro de sala de aula eu vejo aquele momento, mas eu não vejo o que acontece por trás daquilo dali e quem vai me dá esse retorno é justamente eles a partir dos argumentos deles porque ele vai colocar lá no documento que ele me entrega ,aí eu consigo ver o outro lado, porque se eu fosse só atribuir notas, eu ia atribuir só pra aquele momento, talvez eu poderia está sendo injusta com aquele aluno que passou mais tempo pra fazer uma atividade e aquele que só se desempenhou dentro de sala de aula.*

P7 - Olha ela é um processo mesmo né, ela é um processo que vai, como eu disse no início, que ela vai tentar né, auxiliar a gente né, na prática docente saber se realmente a gente está trabalhando com eficácia, com resultado, e a avaliação ela vai dá esse diagnóstico né se realmente está trabalhando do jeito que é para trabalhar, ela não né é 100% né o processo que vai dizer se está trabalhando correto ou não, mas vai nos nortear né, para que a gente possa trabalhar da forma mais adequada.

P8 - A questão da avaliação da aprendizagem eu vejo, como eu posso falar: a gente sempre tenta, é, depois das aulas, que vão, começou o período, tem as aulas, tem as aulas de todos os professores então, quando a gente consegue fazer alguns projetos envolvendo a interdisciplinaridade entre um e outro, aí a gente vai conseguir verificar essa interação dos conteúdos e como eles conseguem aplicar o que eles aprenderam em sala de aula em outras disciplinas, como por exemplo, a matemática, um exemplo, os

números inteiros, a gente estava falando lá sobre os números inteiros e tal, aí vem a Geografia com a questão da cartografia que tem para contar os fusos horários.

Então, a gente pode fazer um projeto entre essas duas situações, e, o professor de Geografia vai ensinar a questão de contar os fusos horários que é praticamente a mesma coisa, a gente fazer, contar a reta numerada dos números inteiros, então a gente consegue fazer isso, então para mim se houve uma interação, um ligamento, entre os conteúdos de uma disciplina e outra, se houve uma interdisciplinaridade, aí sim, eu vejo que existiu uma avaliação educacional ali, porque houve uma interação, então, a aprendizagem ela foi entranhada ali nos alunos que eles conseguiram fazer com que saíssem da matemática e fosse pra outro ramo que, para mim isso é o significativo, que educação é pra vida, educação não é para a escola, educação é para a vida, o que eles estão vendo aqui eles vão jogar no mercado de trabalho, eles vão jogar em alguma situação da vida deles, então se eles conseguirem fazer essa relação, pra mim é uma educação significativa.

P9 - É aquela avaliação periódica, seja em um período de semana, seja em um período mensal ou bimestral, eu entendo como uma necessidade do professor e dos alunos, dos aprendentes para reparar se o que você fixou, o que você aprendeu né, se aquilo é necessário você retornar porque nós estamos vivendo no mundo, na escola é, muito conteudista. Os conteúdos estão sendo aplicados? você viu todos esses conteúdos? ótimo, se viu, então, está muito bom, sim, mas aqueles conteúdos eles foram realmente apreendidos?

Eles foram não somente apreendidos, mas eles estão sendo vividos no dia-a-dia? Então, daí, aquela necessidade desta avaliação periódica dentro da sala de aula, então é muito importante. Veja, eu, na minha visão particular como eu faço? Então, eu faço, eu peço para que os alunos pesquisem, eu peço depois para que esses alunos dialoguem comigo e com os outros dentro da sala de aula e num terceiro momento a fixação por escrito em um caderno. Então, são três momentos o conteúdo, um antes, um durante a aula e um depois para poder ser fixado, então eu vejo isso também, a gente percebe se o aluno enquanto pessoa está crescendo com aquilo, que isso é importante, não para a escola, mas para a vida, aquilo que você está aprendendo está lhe ajudando a crescer enquanto indivíduo, enquanto cidadão, que você será no futuro então, a avaliação serve justamente pra isso, para que o objetivo da avaliação é que se o educando, aquele que está aprendendo, se ele se tornará um bom cidadão com aquilo que ele está aprendendo e vivenciando.

P10 - Então avaliação da aprendizagem, eu acho que também é esse momento onde você vai está, só que você não avalia..., você avalia tanto o quantitativo quanto o qualitativo, você aborda vários aspectos né, porque eu acredito que essa avaliação da aprendizagem ela não é só naquele momento, pega tudo o que o aluno conseguiu extrair daquilo ali e pode está extrapolando né para a vida, para o seu contexto diário, ela é bem complexa.

P11 - Então, avaliação da aprendizagem ele está relacionada ao processo educacional, ao processo educativo, com uma forma do professor, do sistema escolar, da escola compreender o que ficou dos processos educacionais desenvolvidos anteriormente, então, enquanto professor nós temos a necessidade de saber quanto de conteúdo, das produções didáticas foram fixadas, elas foram aprendidas e apreendidas pelos alunos, então, a avaliação da aprendizagem ela está muito relacionada a isso e sim, de modo geral nas escolas, restrita a isso.

Embora não seja né, mas nas escolas as práticas elas tem reproduzido essa restrição da avaliação da aprendizagem há somente a saber o quanto se aprendeu do quanto não se aprendeu e ponto. Mas não é bem isso, a avaliação da aprendizagem e aí retomando aquilo que eu falei de comportamentos, ela vai pra além do conteúdo acadêmico porque quando a gente fala em educação e a gente vai desenvolver habilidades não só cognitivas, mas habilidades sociais, habilidades emocionais, a avaliação da aprendizagem ela também tem que acompanhar esse conceito amplo de educação.

Logo, avaliação da aprendizagem seria conseguir perceber o desenvolvimento mental, desenvolvimento intelectual, desenvolvimento psicológico e social do indivíduo como um todo, habilidades que infelizmente não são desenvolvidas na escola.

P12 - Eu acho que as coisas se misturam um pouco né, não foge tanto do conceito anterior, exatamente né, avaliação da aprendizagem é essa ferramenta que nós temos de acompanhamento do trabalho pedagógico, e realmente perceber se a gente está tendo êxito no que foi proposto né e, o que a gente objetiva no início do ano é a aprendizagem dos nossos alunos, é a evolução deles, e a maneira que a gente tem de perceber se essa evolução está ocorrendo gradativamente né, realmente no processo, é através da avaliação que pode ser das mais diversas formas, a gente pode perceber isso nos mais diversos tipos de avaliação não apenas na avaliação quantitativa da prova, de rendimento no fim de bimestre né, a gente pode utilizar a avaliação para além disso.

P13 - Avaliação da aprendizagem eu acho que é bem isso aí, é um misto tanto do qualitativo quanto do quantitativo no qual a gente tem que avaliar não só essa avaliação formal no qual a gente vai ver conteúdos específicos se ele aprendeu, mais também avaliar o qualitativo, juntar os dois pra a gente ter uma avaliação mais fidedigna aí, do que realmente o que o aluno aprendeu.

7) Você saberia me dizer como se faz avaliação qualitativa da aprendizagem?

P1 - Na verdade é, no IFMA a gente ainda não, no meu pensamento nós ainda não sabemos lidar com isso, é como se fossem dimensões totalmente diferentes né, o professor é o responsável por fazer essa medida dessa aprendizagem, somente ele e o gestor mesmo sendo o gestor ligado a área de ensino ele não tem esse acompanhamento né, profundamente para ele ver, é tipo assim, como se o gestor ele tem os seus seguidores, os seus, é, não saberia dizer a palavra exata, que estão fazendo uma função, então, o importante é saber se eles estão fazendo a função. Agora essa avaliação para ver quantitativamente ou em termos de qualidade como é que tá o ensino do IFMA como é que nós estamos conseguindo, isso eu percebo que não.

P2 - Bom, aqui na instituição como eu falei anteriormente estou apenas há 02 meses, então a gente não teve ainda como ter esse contato mais próximo pra poder dá uma resposta mais concreta quanto a isso.

P3 - Esse é um processo delicado até mesmo porque a gente está diretamente em sala de aula e às vezes há uma falta de não sei , se diálogo ou de aproximação mesmo com os professores e com os discentes para tentar fazer projetos, projetos que se voltem para os alunos, então, não só aqui nessa instituição mas em muitas outras instituições essa quebra, esse descompasso, e isso reflete ao meu ver em um ambiente desfavorável para um processo contínuo de avaliação né, então parece que a gente está avaliando o mesmo grupo, mas de forma distinta e fragmentada, então, não há um consenso, então eu acho que a instituição ainda tem que ver muito esses projetos pedagógicos para que a gente possa falar a mesma língua né, falar a mesma língua, não colocando o professor acima ou a gestão abaixo , ou a gestão acima e os profissionais de sala de aula mesmo abaixo no processo hierárquico. Eu acho que que a gente tem que investir mais na verticalização, ou desculpa, na horizontalidadedo do processo de avaliação porque nesse caso é um reflexo negativo dessa verticalização, é como se fosse uma hierarquia onde ninguém fala a mesma língua, é muito fragmentado.

P4 - Dentro da nossa realidade, ela não existe, na verdade é como se nós estivéssemos microuniversos em que cada sala de aula é um microuniverso, e aí cada professor faz as avaliações da forma que bem quiser, se o professor ele tem bagagem pra fazer uma avaliação quantitativa vai ser feito somente quantitativa, se ele tiver conhecimento da avaliação qualitativa de todos os seus vieses pra você chegar ali, ele vai conseguir fazer, mas não há um acompanhamento, não há uma orientação, não há o mais importante, que é uma padronização das avaliações né.

São muitas línguas e aí se você tem na mesma sala de aula 10 professores cada um fazendo uma avaliação de forma diferente, não desconsiderando a flexibilidade da avaliação, mas cada um, mas fazendo a sua avaliação de forma isolada, sem compartilhar porque que o aluno a forma que ele aprende com Matemática deve ter alguma ponte do que ele aprende com Física, deve ter uma ponte com o que ele aprende com o Português, com Línguas, então, se houvesse essa união, essa visão geral do que acontece na sala de aula com o acompanhamento, com alguém que desse assim, olha aqui é a espinha dorsal da avaliação é nesse ponto que eu quero chegar, as coisas seriam de forma muito mais gratificante, mas não é assim.

P5 - Vera não vou saber te responder essa pergunta. Em nenhum momento a direção nunca me procurou em questão de avaliação não. Não, eu não percebo nada da direção com relação a avaliação. Eles devem está envolvidos, mas o envolvimento deles não chega até nós, por exemplo, se eles estão fazendo o papel deles eu não sei te dizer não por não existir, mas por não ter o conhecimento desse papel deles com relação a avaliação e com certeza deve ter né, mas não é citado nas reuniões, não é tirado um momento com os professores pra saber qual tipo de avaliação que nós estamos fazendo. Eu acho aqui até bom porque nós ficamos, o professor aqui é livre pra avaliar, não tem aquela ditadura, não por não ser instituto porque tem instituto que o diretor preconiza a avaliação aqui é assim, assim, assim, aqui não, nós temos essa liberdade, mas eu não sei até que ponto a direção colabora, não por eles não colaborarem, mas por eles não terem o conhecimento.

P6 - Olha, para ti ser sincera eu não consigo visualizar esse acompanhamento de Direção Geral, de Direção de Ensino e Diretor de Planejamento, talvez as partes que eles estejam mais diretamente ligada a área de arte, as atividades que eu executo aqui dentro seja relacionadas ao projeto, a alguma atividade que eu vá desenvolver aqui que eu tenho que solicitar algum material ou algum espaço físico, mas tipo assim, se perguntar, Karina como é que foi o desempenho dos alunos, como é que foi o

*desempenho deles nesse projeto, como é que foi o desempenho deles nessas atividades, foram pouquíssimas vezes, uma vez só, acho que eu lembro, assim que eu cheguei na instituição sempre a Direção Geral, quando a gente terminava algumas apresentações de projeto ela conversava com os alunos e conversava comigo parabenizando, mas não assim de perguntar como é, diretamente como que essa avaliação ia ser, aqui dentro do campus. Acho que o acompanhamento ele acontece somente através dos processos, agora se fosse Coordenadoria de Atividades Pedagógicas (CAP), se fosse setor pedagógico, aí era uma outra história, aí eu ia perguntar por que é, aí eu te diria não porque tu estás aqui na minha frente de forma alguma mais como esse acompanhamento acontece e muitas das vezes ele acontece até muito mais de vocês pra gente do que de nós professores pra vocês, mas assim, voltando ao que tu me perguntou da direção aqui se não for em termos de alguns casos cobrança por exemplo, assim, cadê o sarau porque que não acontece? né, por que que ainda não aconteceu, mas de chegar e perguntar, professora, como é que foi a aprendizagem desses alunos, como é que se deu avaliação binha aí durante essas atividades, a não ser nas reuniões pedagógicas né, que aí a direção de ensino se envolve, e em alguns momentos em vez de articular professores junto com a CAP como que a gente pode fazer pra ajudar na avaliação da aprendizagem desses meninos, tanto é, como que aconteceu ontem, nas apresentações dos meninos nem teve Diretor de Ensino então, seria injusto ele chegar e dizer que não há esse **feedback**, essa pergunta né, como é que está esse processo então, eu resumo assim, em alguns momentos há uma preocupação e em outros momentos eu não vejo essa preocupação, preocupação real, mais uma preocupação que tem um interesse a mais se esse aluno não tem um rendimento isso vai me comprometer enquanto instituição, é o IFMA, tal, é a preocupação mais com o status do nome do que necessariamente com o aluno.*

P7 - É o resultado né, da participação mesmo, vejo mais como o resultado do dia-a-dia né, a qualitativa é aquele processo mais devagar né, que a gente vai somando né, vai percebendo, e vai melhorando né, tanto em sala de aula, talvez alguma estratégia né que a gente possa buscar para tentar simplificar aquilo que tem que ser passado né e aí, às vezes uma observação do aluno, às vezes um questionamento dele né, faz a gente já entrar em outra turma né, com essa preocupação né, para poder melhorar.

P8 - Assim, ainda bem que aqui no Instituto a gente faz muito isso né, que é com projetos, quando a gente desenvolve projetos envolvendo não só um professor, mas a

interdisciplinaridade mesmo, e esse projeto termina de uma forma satisfatória, que a gente sabe que alguns projetos não dão certo né, e quando não dão certo a gente vai ver o que foi que não deu certo né, é uma forma de trabalho também que dá para se avaliar, então, eu acho que essa interação do qualitativo com a significância da aprendizagem dá para se avaliar de acordo com o projeto interdisciplinar, dessa forma, eu entendo que seja mais palpável né, mais visível, a questão da aprendizagem.

P9 - Eu acredito que nessa primeira pergunte eu já respondi, é na vivência, na convivência, escola convivência, nesta convivência você enquanto educador, você enquanto pedagoga, que você é né, você percebe que seu aluno com aquele aprendizado, com aquelas avaliações ele está se tornando um cidadão? Aquilo que ele aprendeu em casa com a família, aquilo que ele está aprendendo na escola ele está conseguindo juntar o quebra-cabeça da formação? Formação não é quebra-cabeça, não como brinquedo né, mas como se ele está conseguindo crescer visualizar o mundo, saber o seu lugar no mundo, saber ajudar o mundo, saber conquistar as pessoas do mundo?

P10 - Então, essa aprendizagem qualitativa é, eu acredito assim, que ela tem aspectos assim bem amplo onde você vai está avaliando é, vários aspectos, é, questão do comportamento, da reflexão do aluno, a participação dele nos momentos em que ele é chamado para contribuir, e também a questão da responsabilidade, do interesse, então, essa avaliação qualitativa eu acho que ela envolve todos esses aspectos, não só aquela avaliação da avaliação tradicional, a prova, ou a tarefa avaliativa que é feita em casa ou na escola, mas outros aspectos também.

P11 - Então, avaliação qualitativa ela primeiramente, ela requer do professor o conhecimento individualizado dos seus alunos, senão ela não acontece, então, é importante que você saiba mais do que o nome dele, que você saiba exatamente de que contexto ele vem, quais são as dificuldades que ele tem, qual é a relação que ele desenvolve com aquela disciplina, qual a relação que ele tem com a escola, quais são as ocorrências que ele tem na vida, até mesmo no que diz respeito a doenças, se ele tem problemas de aprendizagem, se o contexto social e econômico que ele vem é um contexto de vulnerabilidade ou não, aí de posse dessas informações o professor vai conseguir avaliar o aluno além do quantitativo né, porque um aluno que tem dificuldade de aprendizagem ele vai precisar que o olhar sobre a avaliação dele seja um olhar específico, um aluno que tem discalculia ,por exemplo, um sete numa prova

pra ele pode ser um dez, um dez que uma outra pessoa sem discalculia consegue mais facilmente.

Então, é impossível você dá uma nota para alguém, fazer uma avaliação, sem pensar na avaliação qualitativa, pelo menos eu penso assim, que não é o que acontece, mas isso exige muito do professor, exige muito do sistema educacional, da escola, para que, além do resultado numérico, você conheça e você busque o porque daquele resultado numérico às vezes uma nota seis numa questão, numa prova, ela não representa que o aluno não sabe, mas ela representa as circunstâncias pelas quais ele passava naquele dia; o mesmo aluno que tira dez todos os dias ele pode não tirar dez no dia que ele não tomou café e ficou com dor de cabeça, por exemplo, ou o mesmo aluno que é muito bom e é muito dócil, extremamente obediente, pode passar a ter um comportamento diferenciado caso os pais estejam enfrentando uma separação, então, avaliação qualitativa ela vai olhar por esses outros aspectos porque estão além do acadêmico, mas que nem por isso deixou de influenciar.

P12 - Respondi em outras questões anteriores

P13 - No meu caso eu né, eu faço avaliação qualitativa em relação as provas práticas, eu faço provas teóricas e faço provas práticas, a qualitativa é bem em cima da prova prática mesmo e da frequencia do aluno, do interesse dele, na resolução das atividades em sala de aula, mas principalmente, as provas práticas. Eu avalio como ele consegue desenrolar os problemas nas provas práticas.

8) Como você percebe e usa os resultados da avaliação qualitativa dos alunos como constitutivo da autoavaliação do seu trabalho pedagógico?

P1 – Prefiro não responder.

P2 – Eu uso os resultados da avaliação qualitativa de forma que venha servir para avaliar o meu trabalho como professor e se o aluno está fazendo a sua parte.

P3 – A avaliação como processo qualitativo deve está atrelada a autoavaliação e precisamos executar na sala de aula para que o aluno possa apreender o que está sendo trabalhado.

P4 – Autoavaliação, uso dentro da minha sala de aula, revendo conteúdos, atividades escolares e sempre dando um feedback ao meu aluno do que foi explicitado.

P5 – O autoavaliar serve como norte para reorganizar o nosso trabalho de sala de aula junto ao meu aluno.

P6 – Avaliar qualitativamente é avaliar o meu aluno de forma dinâmica, procurando saber o porque da não compreensão quanto ao processo ensino-aprendizagem. Será se não posso me autoavaliar e avaliar o meu aluno, para daí, fazer uma retrospectiva do que não foi bom.

P7 – Avaliar-se e avaliar o outro é uma tarefa trabalhosa que poucos profissionais fazem dentro do processo qualitativo. Portanto, sempre refaço o meu planejamento quando o que aplico na sala de aula não dá certo revendo preceitos e valorizando o meu aluno como ser humano e não, um ser passivo.

P8 – Gosto de avaliar o que faço e o que oriento aos meus alunos, para a partir daí perceber se realmente estou no caminho certo, procurando sempre refazer o meu planejamento, isso é autoavaliação.

P9 – Jamais podemos esquecer o lado qualitativo da avaliação. O autoavaliar deve fazer parte das nossas práticas diárias de sala de aula com o objetivo de melhorar o trabalho como professor e também, como aluno.

P10 - Então, eu faço a minha autoavaliação, e peço a autoavaliação dos alunos também e da avaliação das minhas práticas porque eu acho que isso é interessante pra gente saber como é que foi o nosso trabalho, se foi satisfatório e que resposta que esse aluno vai dá pra gente, pra gente está sempre melhorando as nossas práticas.

P11 - É, a avaliação qualitativa ela tem esse poder de mostrar pra gente coisas que eu não saberia, que nós não saberíamos só com os números e ao mesmo tempo, ela faz com que a gente se responsabilize ainda mais pelo processo e pelo resultado dos nossos alunos porque se eu sei que um aluno que tem problema de aprendizagem, ele falhou, ele vai ficar reprovado e eu sei que ele tem problema de aprendizagem e eu não melhorei a minha prática e eu não me utilizei desse conhecimento para auxiliá-lo, automaticamente e a minha avaliação do meu trabalho vai ser insuficiente então, eu particularmente e é uma prática com os meus alunos, principalmente, no Ensino Superior, o que eu percebo que pra eles, também parece antiquado e às vezes dá medo, porque eu tenho sempre uma nota que é qualitativa, que eu chamo de formativa, que seria uma nota que está mais relacionada as atitudes, aos valores, deles pra que eles também sejam avaliados ,mesmo sendo do Ensino Superior.

Então, isso é sempre um retorno, perceber que o aluno conseguiu superar as circunstâncias ruins e as circunstâncias eu estou chamando tudo, desde os aspectos sociais, até os aspectos de dificuldades, até os problemas familiares, enfim, todos os problemas, e que ele conseguiu tirar uma nota boa ou que ele conseguiu um bom

resultado no desenvolvimento na disciplina ou ele conseguiu atender, conseguiu as habilidades que a gente queria, isso mostra que de alguma forma o meu trabalho foi ou não para frente, então isso faz sempre, vai ser um demonstrativo, é uma coisa que está intrínseca, não tem como separar o resultado de uma turma do seu trabalho, do seu desempenho, como professor, não tem .

Assim, eu em particular faço as minhas reflexões dos planejamentos, das coisas, mas eu também uso métodos para os alunos avaliarem. Assim, nas minhas disciplinas não só eu os avalio, mas eles me avaliam, eles avaliam o todo e, a partir disso, eu preciso desse instrumento, eu particularmente, eu preciso que eles me digam o que foi bom, o que não foi tão bom para que a partir das ponderações das respostas eu perceba se aquilo realmente tem alguma razão, aquilo tenha alguma verdade ou não. As vezes os alunos colocam, foi ruim porque teve muitos trabalhos, e aí pensar como na construção do conhecimento ter muitos trabalhos é ruim? Pra mim não me parece uma verdade, então é algo que eu desconsidero; mas que eu posso ponderar até pelo semestre. Foi um semestre difícil para todo mundo? Foi um semestre que as turmas tiveram muitas atividades realmente? A minha autoavaliação é feita sempre a partir desse instrumento que eu utilizo, com os alunos.

P12 - A gente pode, a melhor maneira de utilizar de fato é revendo o planejamento, é revisitando as experiências, é planejando novamente de uma maneira diferente porque de repente os resultados negativos dos alunos não são necessariamente apenas dificuldades dos alunos, as vezes a metodologia não encaixou, a gente planejou algo que não fluiu da maneira que a gente esperava, os alunos daquela forma não conseguiram alcançar o que a gente esperava, então, avaliação serve no caso da autoavaliação do professor para a gente perceber essas situações e fazer um novo planejamento.

Por exemplo, aqui no IFMA, eu vou ter agora, estou na primeira experiência o primeiro semestre né, vou ter aqui uma nova oportunidade no próximo semestre de perceber após esse se deu certo, se funcionou ou se não funcionou, se eu tenho que planejar minhas aulas, as disciplinas de uma maneira diferente, a gente acaba dando um pouquinho sempre a mesma disciplina, as mesmas coisas, então, avaliação é essencial pra gente não ficar parado né, não ficar na mesmice, pra gente perceber o que que é preciso mudar né, a dinâmica realmente da educação.

P13 - A forma de avaliação qualitativa que eu faço, eu tenho alguns pontos que eu enumero no qual eu vou, eu acabo quantificando esses pontos, eu vou observando no

decorrer das atividades que ele está desenvolvendo, se ele consegue desenvolver aqueles pontos, eu vou marcando lá e aí no final eu vou ter um quantitativo de pontos referente a essa avaliação qualitativa que eu junto com a avaliação quantitativa que é uma prova formal mesmo, de múltipla escola e algumas questões discursivas no qual eu vou juntar e tiro a média das duas avaliações pra ter a nota do aluno.

Então, a depender do semestre, a depender da disciplina, eu uso de metodologias diferentes, ou é autoavaliação, ou é avaliação comigo em que eu avalio esse aluno, né, vou ver como foi o desempenho dele ou eu dou pros colegas fazerem em relação a eles, então, depende bastante do semestre, mas eu sempre busco usar essas, eu acho importante e necessário.

Sobretudo, porque quando a gente pensa em aptidões, quando a gente pensa em habilidades, quando a gente pensa em escola, a gente fala de um tamanho único, de uma sala que tem um tamanho único, mais que não cabe todo mundo, então, assim, eu nunca vou saber se aquele aluno que foi obrigado a fazer três provas ele matou muitos leões para conseguir tirar notas boas porque se eu não fizer uma avaliação assim, eu não vou saber que é pra ele era difícil fazer uma prova, nem vou saber se pra aquele que não gosta de apresentar trabalho ter apresentado foi uma superação. E, fazer avaliação qualitativa me dá também essa oportunidade de olhar para os meus alunos e perceber que eles são muitos, que eles são diversos e que eu preciso avalia-los de formas diferentes.

Particularmente, a minha prática ela não é constituída de um só instrumento e eu acho que inclusive, os alunos né se cansam bastante no semestre por isso, porque eu penso que nem todo mundo, e eu sei disso, gosta de ser avaliado da mesma forma, eu particularmente, não gosto de fazer prova, e eu sei, que assim como eu, outros alunos não gostam, exatamente, por eu saber que a prova não é o único método, não é o único instrumento, nem a melhor forma, é que em vez de prova, eu utilizo uma outra forma de avaliação, e isso vai me dando né, esse feedback em relação também como eles se sentem em relação a avaliação.

Outros instrumentos pra avaliação quantitativa, que a partir de como eles se relacionam com esses instrumentos eu faço a minha avaliação qualitativa, é sempre uma forma de a gente também conversar. As minhas formas de avaliação sobretudo que eu estou em cursos de formação de professores, são sempre muito metalinguísticas, eu sempre converso sobre avaliação deles com eles, então, a gente sempre conversa porque que eu estou avaliando tal coisa, porque que eu estou exigindo tal coisa, pra

que eles também compreendam né, o que que eu quero daquele tudo e de que forma eles podem crescer com aquilo tudo.

9) Como você percebe e usa os resultados da avaliação qualitativa dos alunos como constitutivo da autoavaliação da sua escola?

P1 – Já respondi em questões anteriores.

P2 - Acredito , eu acredito que é um dos meios sim pra que eles possam entender avaliação de uma forma diferenciada né, quando eu sei que eu faço parte de um processo que eu posso construir, que eu posso melhorar com ele e no momento que eu passo a bola como eu digo pra mim né, é o momento que eu vou parar e pensar, poxa vida o que que eu estou fazendo pra que eu consiga construir o que eu quero como objetivo tanto do professor quanto pra mim, não é o professor que tem que avaliar isso no final, sou eu que tenho que avaliar o que que eu quero aprender daquela disciplina e aí talvez a autoavaliação seja assim um dos meios né pra levar esse aluno a pensar.

P3 – Sim, apesar do curto espaço a gente tenta fazer essa avaliação contínua e principalmente, em recuperação de nota, que é onde os alunos eles mais temem né, é sobre as recuperações, então, dentro dessa recuperação eu uso a metodologia da recuperação contínua, onde geralmente até aqueles que estão acima da média fazem a recuperação e principalmente, no intuito de tentar mostrar para aqueles alunos que estão abaixo da média né, que aquele que não está precisando, ele também está lá fazendo, porque é uma nova avaliação, novas habilidades as vezes que está sendo cobrado pra eles e principalmente, fazer com que esses alunos que tem um entendimento maior daquelas habilidades cobradas, ajude aqueles que não alcançaram né, o nível esperado né, até mesmo porque é um processo quando a gente coloca os discentes mesmo para se ajudarem, eles lá um próximo do outro. a gente tem uma resposta muito melhor da aprendizagem né e engraçado que eles não se negam a fazer esse processo, então, isso é muito interessante porque aí mostra que eles uns próximos dos outros eles podem se ajudar de uma forma mais harmoniosa dentro da sala de aula.

P4 – Vera ah, hum... eu acho que é, nós ainda professores eu acho que formados até, vamos imaginar mesmo nos nossos dias a gente vem impregnado de uma formação muito tradicionalista né, daquela ainda tecnicista da década de 60 que entra um pouquinho para uma visão um pouco mais expansiva na década de 80, mas a gente traz isso tudo, e aí a gente automaticamente reflete isso dentro das nossas avaliações; o quantificar que eu acho que é a palavra mais repetida aqui, o quantificar está sempre

se sobrepondo ao qualificar ;a gente, eu me coloco dentro do grupo geral de professores. A gente ainda não consegue ter uma visão qualitativa do aluno , a gente ainda não consegue levar em consideração aspectos familiares que o aluno traz para a sala de aula, conhecimentos prévios sobre daquele determinado assunto, a habilidade que ele tem pra uma disciplina e não pra outra a gente ainda não consegue perceber isso né, a gente ainda está dentro de uma caixa,a gente está dentro de uma caixa e está olhando ali sozinho naquela caixa e acha que aquilo ali é o nosso universo e a gente tem que fazer expansão disso, e a gente está muito distante disso aí, é um caminho muito grande a seguir.

P5 – Respondi em outras questões.

P6 – É importante tanto o professor como o aluno fazer a autoavaliação dentro do processo qualitativo, há progressão na aprendizagem, né?

P7 – Avaliar-se e avaliar o outro deve ser sempre uma constante dentro do processo avaliativo qualitativo viu?

P8 – O professor deve está atento ao olhar da avaliação, pois faz parte do processo ensino aprendizagem e deve ser feita.

P9 – A avaliação como processo qualitativo deve ser priorizada junto a autoavaliação dos alunos e professores dentro da escola.

P10 – Respondi em questões anteriores.

P11 - Olha, sinceramente não. Nós tentamos o ano passado a partir de uma iniciativa do setor pedagógico e até comigo, levar a avaliação dos pais do semestre para os professores para a partir disso a gente repensar a prática porque a gente está falando de colocações, opiniões, a gente não está de falando de resultados numéricos, a gente não está falando de quantos alunos passaram em Universidades Federais, a gente está falando de, olha, os pais trouxeram colocações, nos deram as colocações deles, e nós estamos trazendo aqui de bandeja pra que nós repensemos toda a estrutura, não só a estrutura pedagógica, mas até a estrutura física da escola.

Então, se fez isso o ano passado, foi interessante, houve muitas discussões, mas ficou nisso. O que eu percebo, particularmente, na minha opinião mesmo, é que o Instituto Federal tem uma organização muito individualista; então, assim como é a dinâmica? Cada professor vem, dá sua aula e vai embora, o caráter de escola ele existe em alguns momentos, mas nesse aspecto não.

Numa escola tradicional, a gente senta, a gente faz um planejamento, a gente discute muitas coisas, a gente passa por formação, a gente se preocupa com isso.

*No Instituto, existe um caráter muito individualizado, cada um fica no seu quadrado, cada um fica na sua caixinha, e aqui e ali, a gente se articula em prol de alguma coisa, mas quanto a **avaliação qualitativa**, quanto avaliar-se enquanto professores, não é uma prática que eu percebo, eu não percebo isso, tá, e nem tampouco a avaliação enquanto ao que os alunos acham, não existe.*

A gente tem a Comissão Própria de Avaliação (CPA), a CPA, dentro dos seus formulários até contempla alguns desses itens né, mas inclusive o próprio trabalho da CPA, ou s resultados que foram gerados, eles não foram utilizados como motivadores para esse tipo de discussão na instituição, então, fica aí uma outra falha né, a própria Comissão que teoricamente, mas não somente ela, que tem essa responsabilidade não conseguiu articular essa reflexão a partir dos resultados que tiveram.

A autoavaliação não é feita pela escola, estou falando como um todo, eu imagino que cada professor possa até fazer a sua. Mas nesse caso enquanto escola, eu desconheço qualquer prática de autoavaliação que tenha acontecido até agora. Existe até uma tentativa nas jornadas pedagógicas, de fazer esse momento de avaliação do semestre, mas que pra mim ainda carece a participação de todos, entende? E ainda acho rarefeita demais, uma vez por semestre.

P12 - É difícil falar em relação ao Instituto porque eu tenho pouco tempo aqui, na minha experiência de Educação Básica de Ensino Fundamental, que aqui tem também Ensino Médio, que também é Educação Básica, mais assim, de Ensino Fundamental a gente percebia pouco o uso desses resultados pra a autoavaliação realmente para o professor fazer essa análise de seu trabalho era muito raro as situações em que isso acontecia, o que eu espero é que aqui seja diferente, mas de uma maneira geral infelizmente a gente percebe que as práticas elas não se alteram, embora eu não tenho elementos para comprovar que aqui funciona dessa forma, mas infelizmente é uma cultura que a gente tem entre os professores, salvo raras exceções, que isso realmente é utilizado dessa forma, mas de uma maneira geral quase não é utilizada, não é feita.

P13 - Apenas informando, dando sugestões de como eu faço, e tentando medir e passar, essa experiência pra que alguém possa está assumindo a mesma postura. A instituição em si a gente não tem nenhuma política que trabalhe especificamente a avaliação qualitativa do aluno, então, ela fica bem a critério de cada professor.

10) O que significa avaliação da aprendizagem como processo qualitativo?

P1 – É uma avaliação que ver o aluno como um todo durante todo o ano.

P2 – Avaliar qualitativamente é trabalhar com instrumentos diversificados para melhorar o ensino e a aprendizagem, né.

P3 – Significa fazer uma autoavaliação do meu trabalho todos os dias viu.

P4 – É fazer um feedback com meus alunos, levando em consideração os aspectos sociais, econômicos, culturais e pedagógicos

P5 – É está sempre refazendo o meu planejamento para poder acompanhar o percurso do meu aluno, onde falhou e onde tem que melhorar, é isso.

P6 – Bem, é algo diferente da quantitativa, eu acompanho toda a trajetória do meu aluno para que daí eu possa avaliar qualitativamente e complementar com uma nota, pois, fazer uma atividade e entregar não é avaliação, é registro de nota, dessa forma, não há aprendizagem e conseqüentemente ensino.

P7 - É o resultado né, da participação mesmo, vejo mais como o resultado do dia-a-dia né, a qualitativa é aquele processo mais devagar né, que a gente vai somando né, vai percebendo, e vai melhorando né, tanto em sala de aula, talvez alguma estratégia né que a gente possa buscar para tentar simplificar aquilo que tem que ser passado né e aí, às vezes uma observação do aluno, às vezes um questionamento dele né, faz a gente já entrar em outra turma né, com essa preocupação né, para poder melhorar.

P8 - Já está respondido em questões anteriores

P9 - Já está respondido em questões anteriores

P10 - Eu acho que ela consegue, é por ela permear vários aspectos, eu acho que ela consegue, a gente consegue acompanhar o crescimento do aluno, o amadurecimento dele, porque se você faz uma avaliação pura e simplesmente quantitativa baseado numa prova tradicional, aquilo ali é algo pontual, é algo momentâneo, e às vezes tem aluno que ele é bom para escrever, mas tem aluno que ele é bom no diálogo, então, às vezes ele não consegue expressar ali naquele papel, naquele momento, mas quando você faz um processo avaliativo você consegue visualizar o crescimento do aluno, uns vão ser mais rápido, outros vão ser um pouquinho mais demorado mais o interessante é que no final todos tenham alcançado os mesmos objetivos, então, eu acho muito importante, bastante significativo porque você consegue com essa avaliação você perceber ou não, o crescimento do aluno.

Os aspectos são a questão da assiduidade, a questão da participação em sala de aula, no dialogar durante as aulas, a responsabilidade da entrega das atividades, atenção, comportamento.

P11 - Porque assim. Eu penso, inclusive eu já falei isso, mas eu penso que essas discussões sobre avaliação elas estão muito relacionadas há como se vê a instituição escola socialmente, então as pessoas elas confiam que a escola é um local de aquisição de saberes, olha só, de aquisição de saberes, e se confia a escola essa responsabilidade, se confia a escola de que a pessoa vai sair de lá sabendo português, matemática, mas não se imagina que a pessoa vai sair de lá menos preconceituosa, mais aberta as experiências da vida, que a pessoa vai sair de lá tendo um pensamento mais crítico parece que a função social da escola é cumprir um aspecto cognitivo né, de modo geral as pessoas pensam isso, mas a gente sabe que não, a gente sabe ou pelo menos não deveria ser assim.

Infelizmente, a compartimentalização do conhecimento em disciplina, leva a especialização e a um viés tecnicista, então, quem ministra matemática, ministra matemática e parece que a matemática ela não consegue se envolver com nenhuma outra questão social, é matemática pura, ponto, quem ministra química, ministra química e ponto né. E quando a gente fala de avaliação qualitativa, que a gente está indo para além desses números nós somos obrigados a repensar essa estrutura de escola, nós somos obrigados a repensar essa dinâmica do que é de fato está numa escola, do que é de fato ensinar, do que é de fato educar, do ponto de vista acadêmico, então, eu imagino não, eu tenho certeza que as vezes a avaliação qualitativa ela nem existe exatamente porque a nossa estrutura de escola não é uma estrutura de escola condizente com a possibilidade de você avaliar pra além de notas, a multidisciplinaridade, a interdisciplinaridade, ela quase não existe, espaços pra discussão de valores, de comportamentos, também não existem, ou quando existem parece está a cargo de disciplinas específicas, então, me parece que numa Escola de Ensino Médio a responsabilidade de discutir temas polêmicos está sempre a cargo do professor de Redação porque cai na Redação então tem sempre um viés altamente pragmático ou do professor de filosofia ou do professor de sociologia e as outras disciplinas se eximem um pouco porque parece que o conhecimento acadêmico ela está deslocado do mundo, não tem haver com a realidade, e você precisa focar naquilo.

Então, a avaliação qualitativa como instrumento para avaliação da aprendizagem a depender dessa estrutura que a gente tem, ela não vai ser possível ser

feita ou ela vai ser feita mas com um retorno, com um índice muito precário. Eu percebo que nas escolas confessionais a avaliação qualitativa ela é muito bem feita, assim, pelo menos na que eu trabalhei anteriormente ela era muito bem feita. Porque como fazia parte da filosofia da escola, o desenvolvimento de valores inclusive era o slogan da escola, todos os professores eles precisavam pensar o seu plano do mês em torno dos valores específicos, em torno dos momentos que a gente tinha, então assim, dentro da matemática você tinha que pensar isso, você tinha que fazer uma articulação, era cobrado né, exatamente porque é uma escola confessional, ela traz em seu cerne, uma crença doutrinária, cristã, de dada a escola.

Numa escola como o IFMA né e especificamente no IFMA Campus Zé Doca que é onde eu trabalho, onde a gente tem uma instituição de Ensino Superior vinculada ao Ensino Médio parece que o caráter tecnicista é muito mais evidente do que qualquer outra coisa, embora a própria Resolução de Avaliação né, como sendo uma regra menor em relação a LDB, mas ela traz os mesmos princípios, de que nas avaliações deverão ser levadas em consideração os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos, a própria Sistemática de Avaliação do Instituto traz isso, porém, isso não é uma prática.

P12 - Bom, a gente enquanto docente tem essa possibilidade de agregar mais aos alunos, do que somente conteúdos curriculares né, e avaliação qualitativa é um instrumento pra que a gente consiga perceber se de fato isso está ocorrendo, esse acompanhar diariamente, perceber as pequenas evoluções dos alunos em situações diversas né, não necessariamente apenas numa tarefa avaliativa, numa atividade avaliativa, mas é a forma que a gente tem de perceber no dia-a-dia, na nossa rotina diária de sala de aula com os alunos, se o trabalho está funcionando, se eles estão conseguindo evoluir ainda que devagar, se processualmente, se a aprendizagem está acontecendo, então, pra mim qualitativamente, é dessa forma que eu realizo né, observando meus alunos diariamente nas aulas que eu tenho rotineiramente com eles, é na questão da maneira de se portar, de como eles desenvolvem a oralidade, na questão de produções textuais mesmo, se evoluíram, então, é essa avaliação processual mesmo que nos ajuda avançar o processo.

P13 - Já foi respondida em questões anteriores

11) Como você percebe o acompanhamento do gestor geral, de ensino e de planejamento referente à execução da avaliação da aprendizagem como processo qualitativo na sala de aula?

P1 – Percebo que na instituição onde trabalho não há esse acompanhamento como deveria com relação a execução da avaliação como processo qualitativo.

P2 – Os gestores necessitam acompanharem melhor o trabalho dos professores na sala de aula quanto a avaliação da aprendizagem qualitativa e quantitativa.

P3 – Para mim, os gestores pouco se preocupam com essa questão, estão mais preocupados com a parte administrativa e burocrática da escola.

P4 – Na minha avaliação pouco vejo a preocupação com a aprendizagem dos alunos e o ensino do professor, há maiores preocupações com os resultados.

P5 – Vejo que não há uma articulação entre os gestores, cada um faz o seu papel e pronto, onde a avaliação fica a desejar.

P6 – Percebo que não há um planejamento entre os gestores quanto a avaliação da aprendizagem, onde é mais enfatizado a avaliação dos resultados, a quantitativa do que a qualitativa, não há uma preocupação com a aprendizagem significativa dos alunos e há uma desvalorização para com os professores quanto a execução das práticas avaliativas, cada um faz as suas avaliações da forma que bem entende.

P7 - A gente percebe que não há né, não há acompanhamento né, a gente tem essa liberdade né, de avaliar de acordo com o nosso ponto de vista né, e às vezes a gente percebe que não há esse acompanhamento da forma correta né, não há aquela cobrança né, de dizer olha pessoal dia tal né, vamos sentar para a gente ver como é que tá os resultados né, a gente percebe que não tem isso né, a gente é claro né, no nosso bom senso né de vivência né, a gente tenta se adequar aquilo que a gente acha que é correto né, e é perigoso porque acaba fazendo o errado pensando que é certo né.

P8 - É, atualmente a gente tem o gestor geral né o gestor de ensino e o de planejamento né. Então, acho que o que está mais ligado com os nossos planejamentos, com a nossa forma, vamos dizer assim, a nossa fórmula, porque a gente tem hoje uma fórmula para poder dá aula né, a gente começa de uma certa forma tudo protocolado né, logicamente que existe mudanças, mas a gente tem que começar a aula de uma certa forma como eu começo todas as minhas aulas, ao andajar das aulas, aí já fica com meu critério, ao critério de cada professor, e de acordo com o conteúdo que a gente está dando, porque muda né, e no final a gente tem que terminar de uma certa

forma também, é um protocolo, e eu acho que quem está mais envolvido nesse protocolo é o Diretor de Ensino tá, é o que mais é, nos dá suporte, em questão de materiais, questão de recursos, questão de ideias também, quando estou com alguma dúvida no meu planejamento eu posso conversar com o Coordenador do Curso, eu posso conversar com o pessoal da Coordenadoria de Apoio Pedagógico(CAP), mas o que está ali sempre para me dá o suporte sempre é o Diretor de Ensino mesmo, eu avalio de uma forma bem positiva porque eu sei que o gestor geral e o gestor de planejamento tem muitas coisas a fazer né, e o Diretor de Ensino está ali justamente para dá esse suporte, dá esse norte, pelo menos para mim né.

P9 - Olha, eu acho assim: o Instituto Federal do Maranhão com as suas Resoluções né ela está bem organizada enquanto esses documentos, quer dizer, é um documento que vem lá do CONSUP, é um documento estudado com gestores e diretores e departamentos, claro que também com todo um bom apoio da CAP, eu acho que o nome já diz tudo né, então ao ser executado, ao ser aplicado, nós temos resultados e resultados concretos, eu vejo tudo concretamente desde a idealização do projeto né, então, a preocupação do gestor geral, do gestor de ensino, do gestor de planejamento, a preocupação da CAP né, então, essa organização, como a gente fala em filosofia tem um nome que a gente chama, concatenação das ideias, então, essa concatenação lá na frente a gente ver um resultado positivo de tudo isso, por que? Porque a gente ver a prática do aluno, você ver resultados positivos na hora do ENEM, você ver resultados positivos das avaliações do ENEM, Então, o último resultado, como o Instituto está preparando os seus alunos, os resultados não é a gente que está dizendo, são as pesquisas que estão dizendo, o IFMA é a escola que mais cresce porque é a escola que mais aprova no ENEM como estas pesquisas que nós estamos vendo de todos os anos, então, para mim a concatenação está sendo pelo menos boa.

P10 - Então, o que eu percebo aqui é que precisa-se sair da teoria e avançar mais na prática, muita coisa que é falado, que é colocado no papel, mais não é executado da forma que deveria ser, porque quando a gente fala em aprendizagem, processo de aprendizagem qualitativo ele é algo contínuo e isso tem que ter essas interligações, ele não pode ser também só pontual, da minha disciplina ele tem que ter essas contextualizações, essas interligações e, eu percebo que aqui ainda tem-se um caminho a trilhar, para se alcançar esse objetivo.

P11 - Então, no Instituto essa estrutura administrativa de diretor geral, diretor de ensino e diretor de planejamento e gestão já trazem em si o próprio caráter laboral

deles. Existe um diretor de ensino, que já o coloca numa situação de restrição. Assim, a gente tem uma instituição de ensino, os três diretores teoricamente precisam se articular em prol do ensino, já que é uma instituição que oferece educação, mas no que diz respeito ao aspecto administrativo, quem se envolve diretamente com as questões de ensino é o diretor de ensino, ao diretor de planejamento e ao diretor geral, ficam as atribuições, as atividades, relacionadas a manutenção da instituição, aos aspectos financeiros, de execução orçamentária, de execução financeira, os cuidados com o patrimônio de um modo geral, mas não há essa articulação, e tampouco uma avaliação, inclusive o nosso diretor de planejamento ele é um administrador, diferentemente do que a gente tem em outras escolas, que o diretor que é alguém que está no cargo de gestão é da área de educação, aqui o diretor de planejamento é um administrador, nada contra, mas isso eu acho que por si só já responde que um administrador na posição de diretor de planejamento vai nada mais, nada menos, do que se restringir as atividades administrativas dele, ele não tem acompanhamento nenhum nas atividades de ensino, isso fica muito claro na instituição.

A Direção Geral(DG) também se mostra bastante ausente em relação a isso, também cuida mais dos aspectos burocráticos, a Direção de Ensino que deveria cuidar das questões de ensino, nesse momento específico, ela não tem cuidado, tem sido bastante falha, e como eu disse, reiterando a minha resposta em outra pergunta, existe uma autonomia muito grande dos professores, então, não há um ponto de coesão né, não há um ponto em que todos nós conversamos a mesma língua a respeito dos aspectos de ensino, não, existe uma autonomia, uma direção de ensino, que não tem intervindo, que não tem avaliado, que não tem acompanhado o processo, exatamente porque também não tem o viés pedagógico, de quem está lá ocupando esse cargo.

P12 - Eu até vi que amanhã vai ter uma reunião pedagógica né, será a minha primeira reunião pedagógica né, então, é difícil avaliar, mas até o momento eu não tive contato com a gestão pra tratar de nenhum assunto pedagógico inclusive as questões de avaliação, então, não consigo perceber ainda como isso acontece, se funciona, se acontece, até o momento comigo não houve nenhum contato para tratar desses assuntos né. Quando eu cheguei eu recebi da Técnica, no caso né, de você, a Resolução que tratava também de avaliação, então, eu fiz a leitura para saber qual eram os procedimentos, o que que a Norma nos dizia, mas reuniões pedagógicas para que a gente pudesse conversar a respeito não aconteceu, então...

P13 - Já respondi em questões anteriores

12) Você conhece a Sistemática de Avaliação dos cursos Técnicos do IFMA (RESOLUÇÃO Nº 86/2011, de 05 de outubro de 2011)? Como é executado o processo qualitativo da avaliação na sala de aula?

P1 - Posso dizer por mim né, na verdade eu sei a forma de avaliar do IFMA, mas eu no meu uso pessoal eu fujo um pouco essa regrinha que tem que ser, eu não sigo atentamente, porque eu gosto de acompanhar meus alunos ao longo do tempo, e eu uso várias formas de avalia-los, eu faço apresentação, forma oral, eu vou acompanhando, e eu ainda acho que no IFMA mesmo com a reformulação que teve, a gente ainda é muito rígido na quantidade, o importante é ver lá, e não a questão dessa progressão qualitativa do ensino dos alunos.

P2 - Não tanto quanto eu gostaria, bom porque a gente sabe que é a nível de sistemas né, e que a gente precisa ter essa atualização de como colocar isso no sistema, eu sei que o professor ele está livre de certa forma para fazer a sua avaliação da maneira que ele subentender e que ele precisa chegar aquela nota final dentro de um determinado período que foi pré estipulado no calendário pra melhor organização. Então, eu fiz algumas, inclusive eu tenho muitas dúvidas ainda que a gente vai tirar essas dúvidas até pelo tempo a gente não teve tempo hábil ainda pra tirar essas dúvidas, mais quanto a isso eu me senti assim muito livre pra fazer da maneira que eu pudesse, dentro da minha disciplina, a gente sabe que cada disciplina tem suas peculiaridades então eu me senti nisso, achei um ponto positivo que eu fiquei bem a vontade para fazer a minha avaliação.

P3 - Eu não vou te mentir, eu fujo um pouquinho dessa Sistemática, até mesmo porque os alunos, eles vem de outras instituições onde eles não estão acostumados nessa sistemática, e o processo de adaptação principalmente, os ingressos. Os que ingressam recentemente eles sentem muitas dificuldades nessa sistemática né, e outra dificuldade, é justamente acompanhar os alunos que geralmente ficam retidos por disciplinas então, eu acho que esse processo de acompanhamento de avaliação pós aquele período ele se torna muito dificultoso até mesmo porque os professores eles continuam num ritmo e dentro de sala de aula onde ele tem que achar um espaço né, dentro desse universo pra acompanhar aquele aluno.

Então, os Institutos eles ainda precisam pensar numa forma de um acompanhamento mais próximo e contínuo e não, um paliativo e uma remediação para aquele aluno que ficou retido, porque é, passa uma falsa ideia de ensino aprendizagem, isso ao meu ver e essa falsa ideia de ensino aprendizagem é, pode não prejudicar um

curto prazo de tempo, mas sim ao longo do período e futuramente quando esse aluno for cobrado algumas habilidades não aprendidas no período correto, ele pode sentir essa dificuldade, é isso que eu percebo.

P4 - Sim. A sistemática do IFMA ela é tendenciosa pra quantificação, ela é quantitativa né, se o aluno não tiver aquela quantidade de pontos ele está excluído do processo né, dessa forma, não há uma visão do paralelo do que ele pode ter aprendido ou não de forma mais contextualizada né, só a quantificação. O que eu percebo mesmo com as nossas Normas de Avaliação do IFMA, dessa questão legal que é estabelecida dentro dos nossos padrões, mas mesmo assim, a gente percebe uma avaliação muito grande de formas de avaliação, não se segue padrão por exemplo dos cursos técnicos, das duas avaliações, uma substituição, uma prova final não, na verdade não há uma padronização desses tipos de avaliação, cada professor faz avaliação da forma que bem quiser, e faz essa transformação pra essas notas mais que de forma proforme, mais como se fosse pra botar o registro acadêmico, mais não realmente da forma que deveria ser feito.

P5 - Eu concordo e discordo. Com relação aos cursos técnicos o que eu discordo, a forma, eu acho que tem que ver a avaliação, a forma como as notas estão, ficam dispostas no diário, os diários tem só duas médias, sendo que eu faço quatro provas, aí o professor fica naquela, eu faço quatro provas e tiro duas médias seleciono as menores, as maiores notas, fica aquele impasse até pro próprio aluno quando ele vai pegar o diário ele fica sem saber, a minha nota não era essa, a minha nota não era aquela, então, seria importante que no diário dê o espaço para todas as notas independente de ser feita a média ou não. Eu acho que o que peca realmente aqui no instituto não sei se é só aqui, é essa parte de como o resultado da avaliação chega ao aluno, entendeu, porque não constam todas as notas no diário, eu acho que a falha que eu percebo, a falha é essa, mais de restante eu acho ótimo aqui, a liberdade que nós temos de avaliar, admiro isso demais, inclusive elogio até fora do campus pra outros colegas que reclamam né, de ditaduras avaliativas que aqui é muito livre, a única questão que eu acho que realmente me incomoda é de todas as notas não constarem nos diários.

P6 - Conheço. Em arte eu sempre trabalho com muitas atividades, essa é uma das grandes reclamações dos alunos porque são muitas atividades assim, é, partindo das competências que eu elenco, a partir dos projetos de cursos e os alunos perguntam: professora por que a gente tem que fazer tantas atividades eu digo, porque, pra cada

competência, pra cada planejamento de aula que eu organizo, tem determinado tipo de atividade que vocês vão fazer e dentro dessa Resolução a gente tem lá os vários instrumentos que a gente pode utilizar, tem seminário, é aulas práticas, avaliação escrita, a execução de projetos, o estudo dirigido, então, a forma qualitativa que eu vejo, que eu executo dentro desse rol de atividades é justamente é, o feedback que o aluno me dá, o feedback no qual sentido? não só de quantificar, não só de dizer números, ah tu merece dez no seminário, mais como é que foi o envolvimento pra atividade desse seminário? Todas as atividades que eles participam, as atividades dos projetos, seminário, alguma exposição, eles sempre tem que fazer um relatório, é um material escrito, no qual eles vão dizer, um diário de bordo onde eles vão registrar como é que foi para eles participarem daquelas atividades, o que que faltou, se houve respeito entre as atividades que foram executadas, se eles conseguiram ser pontuais, se eles foram assíduos, se eles participaram de forma igualitária em relação aos outros também, né. Então assim, essa questão qualitativa que eu vejo mais é como que o andamento das atividades acontecem, porque não adianta só eu enquanto professora querer cobrar, mas quais são as condições que eu ofereço para esses alunos, quais são as possibilidades de aprendizagem, aí vai mais nesse sentido aí, não sei se fui bem clara.

P7 - Não. Assim, o pouco que eu sei foi naquelas reuniões pedagógicas né, que a gente prestou atenção, a cada tantas horas tem que ser avaliado uma prova né e caso, o aluno não obtenha nota né, a gente faz uma outra prova e substitui né, aliás recuperação, tem recuperação na primeira prova no Ensino Médio e caso ele necessite de pontos faço mais uma prova né, para fazer a média final né, então, só é isso que eu sei, a Lei mesmo eu não cheguei a ler.

Assim, a minha prova ela nunca vale dez né, ela nunca vale dez, ela vale numa faixa de sete a oito dependendo da turma né, e aí esses três pontos eu faço né para poder preencher os dez é justamente essa participação né, é a participação com as atividades né, tanto em grupo como individual né, e às vezes eu chamo para ir ao quadro né para ver se realmente estão, separo o grupo e chamo para explicar né, e se conseguir explicar a gente percebe que está indo no rumo né, mais a gente percebe que há limitação né, que alguns tem aquela timidez né, mais com o seminário né, aos poucos a gente vai tentando amenizar essa dificuldade, mais a prova ela nunca vale dez né, ela sempre vale menos porque até porque eu acho que a prova por si só ela depende muito da ocasião, do dia, às vezes você está com algum problema, às vezes você não

tem o rendimento né desejado, então não é justo que a prova seja 100% da nota né, então, a gente vai avaliando os aspectos mesmo durante as aulas, a participação e as atividades em grupo né, porque ajuda muito, porque equilibra né, às vezes o que é muito bom pode né, ajudar aquele que é fraco né e o que é mediano pode ficar bom né, e a gente tenta mesclar isso para poder ter um rendimento melhor né.

P8 - Assim, de uma certa forma eu tenho uma certa ideia, mas eu nunca sentei pra ler, na verdade, já foi apresentada em reuniões, mas nunca sentei pra ler para poder conhecer direitinho. Sempre faço um comparativo com as outras, com o Ensino Médio, com o Ensino Superior e eu tento fazer da mesma forma entendeu? De acordo com essa Resolução eu não sei te dizer, eu não sei informar como é que é o processo qualitativo para os Cursos Técnicos. Porque quando cheguei aqui, eu vim já tinha uma certa bagagem de questões do Ensino Fundamental, Ensino Médio, Pré-Vestibular. Então, eu trabalhei e os cursos aqui eles são cursos voltados para área da Química né, dos cursos Técnicos, então eu trabalhei como suporte para Vestibular, para concursos ,quando eu trabalhei no Ensino Técnico daqui, tá, logicamente que também a gente tem que pensar também na questão Didática né, pra poder passar o conteúdo de tal forma que eles assimilem e não só decorem pra fazer o vestibular, de uma forma que eles consigam pensar logicamente, nas resoluções de alguns problemas, nas, até pra ler de forma lógica, porque a gente sabe que a gente ler, às vezes a gente está lendo só por ler aqui sem pensar, mas a gente não ver as entrelinhas que tem naquele texto, e a matemática pra mim é isso, é ler nas entrelinhas a gente está lendo ali, a gente já tem que está imaginando o que que está acontecendo para poder resolver. Isso, a mesma coisa acontece com a Física, porque a gente tem que fazer essa interação de interpretação e execução em sala de aula.

P9 - Olhe, como nós fazemos. Nós temos os conteúdos que são a quantidade e em resposta a esses conteúdos aplicados nós temos um número acima da média, não só na minha disciplina, mas na maioria das disciplinas, nós temos acima da média daqueles alunos daquela sala de aula X, daquele curso técnico X que conseguem um número até acima da média, então, nós temos realmente chegado realmente aquele objetivo que a gente quer alcançar.

P10 - É, eu conheço a Resolução sim, mas em termos, eu percebo entre os tópicos às vezes em alguns casos assim meio que subjetivo né, esse, pra cada professor estipular o que que vai ser avaliado, eu não percebo ela, assim como algo que está sendo realmente colocado em prática como deveria.

P11- Então, como eu disse, a Resolução, ela tem os mesmos princípios que a própria LDB traz, de que os aspectos qualitativos eles devem se sobrepor sobre os quantitativos, porém a Resolução ela não fala sobre a aplicação desses princípios, a LDB, não, a Resolução, ela diz né, e eu conheço a Resolução, em que trabalhos, atividades individuais, seminários, só vão ser considerados pra efeito de avaliação né, de aferição de conhecimentos, de resultados e comenta sobre os aspectos qualitativos, mas ela não fala como entra nisso né, ela não diz que tanto por cento da nota tem que ser qualitativa, ela não diz que uma nota inteira tem que ser qualitativa, ela não fala, o que me parece mais uma vez. que fica muito a cargo da autonomia do professor utilizar ou não e aí, eu particularmente por ter uma outra prática por via de uma outra escola em que se utilizava, utilizo, eu particularmente, mas eu sei que há colegas e é uma prática geral que se restringem a prova né, inclusive no Ensino Superior nas disciplinas específicas da área técnica, os alunos fazem provas tal qual os alunos do Ensino Médio, então é prova, e prova e prova. Então, a Resolução ela peca no que diz respeito a materialização desses princípios que estão lá escritos, ela lança, mas ela não diz o como vai ser feito.

P12 - Eu não conheço, não atuo nessa área né, diretamente, e portanto, não conheço a Resolução.

P13 - Conheço. Em relação a Resolução 86/2011, o que eu acho mais de pontos negativos foi que ela leva em consideração a divisão de disciplinas modulares e acho que não se encaixa perfeitamente a realidade dos Cursos Técnicos Integrados e sim, aos Cursos Técnicos Subsequentes e Concomitantes, o que deixa a avaliação e até posteriores recuperações e tal, pra melhorar o conteúdo dos alunos ela fica um pouco, a gente fica um pouco preso lá em relação ao como fazer isso, porém, em relação aos positivos é que ela é bem flexível na forma de avaliação que fica a bem critério do professor dos critérios que eles podem está aplicando essa avaliação.

13) Como você avalia os alunos levando em consideração os aspectos qualitativos da avaliação?

P1 - Eu entendo que o projeto político pedagógico ele é o nosso planejamento estratégico chamando para minha formação que é administração, então, ele é o nosso planejamento estratégico que é essencial a gente precisa ter esse planejamento ao longo do tempo e o nosso planejamento ele é feito na verdade de forma correta seguindo esses dimensionamentos.

O que falta na verdade é um acompanhamento dele e voltando para o planejamento estratégico o planejamento estratégico a gente trabalha com uma ferramenta chamada, é, nossa esqueci agora, é, esqueci agora nossa ferramenta que ela faz o planejamento, é o PDCA, o PDCA que a gente faz o planejamento, a gente executa, mas a gente tem que ficar girando todo tempo para tá avaliando e o nosso planejamento escolar ele falta, essa outra etapa da gente está constantemente fazendo essa avaliação, o nosso PDCA na instituição de ensino ele não tá rodando completamente, a gente tem as etapas, mas falta a gente fixar mais na nossa avaliação e da nossa avaliação falo de forma geral, do todo.

P2 - Bom a gente sabe que no projeto é aonde estão os meios, os caminhos, para você chegar a um determinado sentido, então ali é aonde deve ter a participação da comunidade, professores, alunos, claro que não é algo engessado, não deve ser algo engessado, ele pode ser modificado pelo caminho, mais eu penso que, o daqui também eu não li, eu gostaria muito de ler para ter essa ciência geral, já ajudei na participação da elaboração de outros mais o daqui eu ainda preciso fazer essa leitura pra ter esse conhecimento geral.

P3 - O Projeto Político Pedagógico(PPP) é a alma dos cursos né, geralmente a gente brinca nas reformulações que a gente vai renovar a alma do curso, dá um novo gás, dá né, e principalmente, visualizar pra onde nós iremos e como nós iremos chegar, alcançar, aquele padrão estabelecido pelo projeto político pedagógico e principalmente, fazer com que esse projeto político pedagógico seja sempre discutido né e reformulado, que, geralmente, às vezes em algumas instituições eles são engavetados, esquecidos e isso praticamente é como se estivéssemos esquecendo a alma do nosso projeto pedagógico dentro da instituição. Eu tenho, mas eu nunca me aprofundi, mas conheço.

P4 - Parcialmente. O PPP em qualquer instituição educacional é o norte pra onde deve encaminhar a escola, ela leva em consideração os aspectos pedagógicos, sociais, porque ela tem a influência tanto dos alunos, dos funcionários e também, da comunidade, é como se estabelecesse um objetivo comum para aquela comunidade, pra aquele grupo escolar, levando em consideração que ele deve ser revisado a cada ciclo de tempo porque ele não é rígido né, ele deve ser também um feedback ele vai e volta com as suas idéias né, sempre adequando a escola aos resultados que se deve objetivar, aí ele leva em consideração as questões éticas, as questões sociais né, mas principalmente, o foco, o objetivo, pra onde a comunidade escolar, a comunidade fora

da escola, e os profissionais querem, todos dentro de uma mesma visão, por isso ele deve ser construído por todos.

P5 - Eu já tive a curiosidade de folhear. Eu vou deixar um pouco a desejar nessa porque faz muito tempo que eu não estudo a respeito. Eu acredito que o PPP seja importante tanto pra escola mostrar suas perspectivas né, as perspectivas de projeto de trabalho, de plano de trabalho né isso, do IFMA para a sociedade, a participação da sociedade na construção desse projeto e a participação dos alunos também, eu vejo como o projeto como o plano da escola, é de onde sai tudo né, é isso, é a base pra uma escola, as perspectivas, o que que a escola pretende alcançar com os cursos que estão sendo oferecidos, eu acredito que esteja no projeto.

P6 - Olha, eu conheço e o que eu entendo sobre o PPP, uma das principais discussões que é um documento que ele deve ser elaborado com a participação de todos da instituição desde aquele que está ali, lá na casa que são uma parte dos nossos alunos até o professor e o gestor que está aqui dentro da instituição né, que o PPP logicamente ele deve ser flexível, de acordo com as demandas, com as necessidades, com as atribuições que nós temos aqui dentro e que o PPP ele é fundamental dentro de uma instituição sem ele, sem um norte como a gente vai prosseguir ou que a gente vai seguir; e às vezes também tem outros casos né, de existir o PPP na instituição como sendo só um documento pra ficar ali dentro engavetado e não ser executado nada daquilo ou então, o que tá lá eu não executo e o que não está eu executo então, o PPP ele vai nortear todas as nossas práticas pelo menos enquanto docente dentro da instituição e o que não tiver lá eu acho, como já teve aqui algumas vezes a gente teve que reelaborar o PPP, que a gente sentou pra todo mundo produzir então, eu considero como um documento macro de uma instituição de ensino.

P7 - Que é melhor. A gente percebe que eles trabalham muito melhor está certo, o aspecto qualitativo do que o quantitativo né, a gente percebe que eles tem uma maior participação né em tudo, eu acho que a deficiência do quantitativo mesmo está na base né, porque a gente pega o menino às vezes sem base e aí ele tenta vencer essa base né que ele não tem com a participação mesmo, com pergunta, com questionamento né, que às vezes eles fazem durante as aulas, e as vezes eles fazem a gente aprender também né, e essa base é a preparação do Ensino Fundamental, em que eles chegam aqui com muita deficiência embora haja o processo seletivo, mas a gente percebe que a deficiência deles é muito grande principalmente, no primeiro ano né, a gente tem que trabalhar bem devagar, escrevendo muito mesmo, porque até eles falam, professor às

vezes eu leio o livro e não consigo entender, então eu passo quase uma hora copiando né mesmo, escrevendo né, para só depois eles terem acesso ao livro né, para poder suprimir as informações, dá suporte.

P8 - Nossos alunos, a gente tem uma gama muito boa, graças a Deus dos alunos, em questão de qualidade, a qualidade dos nossos alunos é muito boa, logicamente a gente sabe que em qualquer lugar pode ser a melhor escola do mundo, pode ser a pior escola do mundo a gente sempre vai ter os bons de maneira qualitativa e os ruins de maneira, a gente sempre tenta ajudar quem deve melhorar a gente precisa ajudar, e quem tá muito bom a gente tenta melhorar ainda mais. Então, eu vejo de maneira qualitativa que os alunos do IFMA/Campus Zé Doca são alunos que estão acima da média, tanto é, que todos os anos tem aprovações em vestibulares aí em massa pode ser pelo ENEM, pode ser pelo FIES, pode ser em Faculdades Particulares, mas a gente deixa esse legado, eles sempre vão querer estudar mais, eles não chegam aqui no curso Técnico acabou vou procurar emprego e acabou não é isso, eles sempre precisam, procuram, um Curso Superior, então eu vejo com relação aos nossos alunos que sempre são qualitativamente, são acima da média.

P9 - Olha, eu acho de boa e se encaminhando pra ótimo. Por que veja? Esses alunos eles chegam, os do curso médio né, eles chegam aqui sete e meia da manhã na grande maioria eles chegam no horário, eles saem às cinco e meia da tarde e às vezes a gente percebe alunos até as nove e meia da noite, alunos do médio nos laboratórios, na biblioteca, estudando, pesquisando, principalmente, em época de avaliação, quando se sabe que vai ter uma avaliação, então, mas veja, eu sou professor de filosofia então, a avaliação não como uma questão positivista do positivismo do século XIX.

Mas uma avaliação, hoje mesmo eu apliquei uma avaliação que era para a pessoa decidir, ou em escrita ou em desenho, olha, vamos desenhar aqui o mito da caverna de Platão, então, de repente você ver que esse aluno enquanto pessoa que está se formando que de repente ele cria tantas ideias, que aparecem tantas luzes na cabeça deles, aparece tantos desenhos bonitos, esse tipo de avaliação qualitativa, quantitativa porque ele já tem conteúdo e qualitativa porque ele desenvolve um método novo de ser avaliado e de mostrar o seu aprendizado, então eu vejo que estas nossas resoluções, que esses nossos alunos, dentro dessa organização do IFMA tem alcançado de bom para ótimo, nós não temos realmente ainda um grau de excelência nós podemos até dizer que um ou outro por exemplo, nós temos alunos que foram bem avaliados, que tiveram um bom quantitativo e um bom qualitativo, que está na Universidade Federal,

saiu daqui pra fazer o curso de Medicina que é o curso mais tradicional, o mais procurado então, se nós chegamos a isso nós estamos nos encaminhando para a otimicidade. Infelizmente a gente precisa mostrar os exemplos, infelizmente não, felizmente nós temos exemplos práticos, concretos.

P10 - Então, não sei se eu avalio da forma correta. Eu tenho, eu faço as duas avaliações, qualitativa e quantitativa e no final eu tenho um panorama de como foi aquele aluno, eu faço ponderações, por exemplo tem gente que às vezes é muito bom na parte quantitativa, mas quando chega na parte qualitativa deixa a desejar, por que? Porque é, não entrega as atividades, não participa na sala de aula, é, tem a questão da frequencia, assim, são alunos que às vezes não vão demonstrando aquele crescimento que a gente espera, mas é muito bom objetivamente naquela prova tradicional, então, a avaliação final eu faço ponderando essas duas partes, quantitativa e qualitativa.

P11 - Então, especificamente os alunos do Superior e considerando a nossa realidade, enfim, como critérios de avaliação qualitativa pra mim, estão: a participação em sala, né o cuidado com o outro sobretudo, o respeito a diversidade, então, o trato que os colegas tem entre si, é, o respeito para, na minha relação com eles, as motivações, os aspectos individuais de motivação, de esforço pessoal, é, a própria participação, assiduidade, o fato de está em sala, de se preocupar por participar, por está lá na hora certa na hora que a aula começa e termina, e, também, a questão que eu já falei, acabei falando, da relação interpessoal né, como um todo, então, eu consigo olhar pra esse aluno, eu busco olhar pelo menos, é, como é que ele é enquanto pessoa né, a minha avaliação qualitativa ela busca que esse aluno, pra além de ser um aluno ele é gente, enquanto gente, enquanto ser humano, ele precisa desenvolver né, valores, precisa desenvolver respeito pelo outro, precisa desenvolver a compreensão mútua, a empatia, o altruísmo, então a minha avaliação é levada muito por isso, mas no semestre passado, 2017/1 eu dei oportunidade de eles se autoavaliarem, e eu não fiz a intervenção no sentido de um aluno A se deu dez e eu disse que era nove não, eu deixei livre né, mas antes eu coloquei o peso da responsabilidade que eu queria que honestamente eles se avaliassem a partir de como tinha sido o desempenho deles durante o semestre, de como eles tinham, foi a última nota das duas disciplinas do semestre passado.

Nesse semestre, não, nesse semestre eu reservei parte da nota pra que eu avalie durante o semestre todo, então, depende do semestre, como eu uso, quando eu uso, porque também acho, eu acho, importante que o aluno se veja e eu também acho

importante que a partir de como o aluno se veja, nós fazemos intervenções, porque o que é que eu percebo, o aluno ele se acha injustiçado na maior parte das vezes, com a avaliação, mas quando é dada a ele a oportunidade de se autoavaliar, ele se avalia pior do que um professor avaliaria, então, de alguma forma isso me traz a seguinte informação: o aluno sabe que a despeito de todas as dificuldades ele se esforça, mas talvez por uma tradição avaliativa punitiva que está presente nas nossas vidas ele sempre se acha muito menos do que ele é, então, eu aproveito também o momento de autoavaliação pra que eles consigam resgatar essa autoestima educacional, de que há eu poderia ter sido muito melhor, portanto eu sou sete, e aí, eu pergunto, mas você deu o melhor que você podia naquele momento? Sim, eu dei, então, não é sete, será que não seria um momento de você reavaliar a própria posição de você em relação a si mesmo né? Então, a gente tem né, quando se fala em avaliação, uma tradição extremamente monstruosa, porque avaliação sempre foi pensada como bicho papão e quando se fala em autoavaliação mais ainda né, porque sempre é muito difícil a gente perceber os pontos positivos, então, eu também utilizo essa autoavaliação dos alunos pra que eles se impliquem, se responsabilizem, também sobre o processo de aprendizagem deles.

P12 - A partir das interações que a gente tem em sala de aula nas mais diversas atividades, se a gente propõe um debate, uma discussão a respeito de alguma temática, então, realmente a observação a respeito da oralidade, de como eles conseguem organizar as ideias, como conseguem se portar, essas interações que a gente acaba percebendo as mais diversas características dos alunos e percebendo também se eles estão conseguindo avançar, conseguindo melhorar a partir dessas pequenas situações diárias que acontecem em sala de aula. Então, mesmo quando a gente faz uma troca de ideias, mesmo se eu faço uma aula expositiva e eles fazem alguma participação, alguma colocação, a partir dessas situações eu consigo perceber se de fato a gente está tendo êxito, se eles estão realmente aprendendo alguma coisa nova, se estão saindo do senso comum, se estão adquirindo realmente algum conhecimento científico mesmo a respeito do assunto, então, nessas situações de interação diária de sala de aula a gente consegue fazer essa avaliação qualitativa a respeito do progresso e da formação dos alunos.

A autoavaliação é importante. A gente precisa cada vez mais fomentar nos nossos alunos a ideia de que eles são responsáveis pela formação, pelo crescimento deles também, que eles não estão aqui como passivos pro professor dizer, dá aula, dizer pra eles o que eles tem que fazer, quais os caminhos, somente abstrair aquilo que o

professor coloca, mas não, eles são sujeitos do conhecimento deles, então, a autoavaliação, ela é essencial nesse sentido deles se perceberem como responsáveis também pelo processo de aquisição do conhecimento, de busca do conhecimento, então, quando eles fazem autoavaliação, eles enxergam nessa perspectiva né deles mesmo, conseguem se avaliar nesse processo, então, é muito importante assim, eu acho que uma forma mesmo da gente abrir a cabeça deles nesse sentido de que eles precisam se responsabilizar também por isso.

P13 - Já respondi em questões anteriores.

14) Você conhece o Projeto Político Pedagógico (PPP) do IFMA – Campus Zé Doca? O que você entende por Projeto Político Pedagógico (PPP)?

P1 – Respondi anteriormente em outras questões

P2 - Como eu falei, ainda é um processo complicado, eu tento instigar esses alunos pra que eles compreendam que aquela avaliação, apesar de que eu converso com eles pessoal essas atividades vão valer para a sua nota final que a gente sabe que ainda não tem como fugir dessa nota final, mais eu procuro dá essa responsabilidade pra eles através por exemplo, uma pesquisa, vocês vão fazer uma pesquisa e vão trazer um dado irrelevante pra aquela disciplina, então vocês tem um período até o final do bimestre pra trazer essa atividade e relatar ela em sala de aula.

Então, eu estou dando esse tempo para eles pra que eles se preocupem com isso né, que ele não tenha um único dia de avaliação, ele sabe que ele tem uma atividade para ser cumprida então no momento que ele se achar apto a fazer aquela pesquisa no seu momento vago é que ele vai trazer essa atividade pra que eu possa está computando, então, essa é uma das formas apenas que utilizo de avaliação tem outras também.

Então, eu acho que essa liberdade que a gente pode dá pra o aluno no momento avaliativo talvez seja algo positivo né de que ele possa realmente, não, eu tenho esse tempo então, eu tenho que me dedicar nesse tempo pra cumprir uma certa atividade e não pressionar aquele aluno de unicamente estudar pra um momento específico, prova; você vai estudar só no momento de prova que inclusive eu já fiz isso também em dois momentos.

Um momento que é algo a ser questionado né, por isso que é tão complicado avaliação, em que eu não marcava prova na disciplina, eu não marcava provas e eu deixava o aluno livre no momento final da disciplina discutir sobre aqueles assuntos

que foram elencados e aí o que que eu percebi, é que os alunos não estudavam pra aquele momento quando eu dizia, vai ter uma prova no outro dia todo mundo ficava tenso né, pra aquele momento só que estudavam, então eu comecei a questionar isso com os alunos por isso que é necessário, é uma cultura que você demanda de um tempo né, porque eles não entendem que essa necessidade de estudar é para eles, não é pra mim é pra eles, eles que tem que ter aquela idéia geral e chegar bem numa determinada avaliação e não precisar de uma pressão do professor pra que ele possa estudar.

P3 – Um pouco. É um caminho a ser trilhado na instituição escolar.

P4 – Conheço um pouco. É o norteamento de todas as ações na escola.

P5 - Não conheço né, mas confesso que procurar conhece-lo. É um embasamento teórico e prático da escola.

P6 – Conheço, mas não tive a iniciativa de ler ainda. Sei que é um projeto feito de forma coletiva entre comunidade escolar, direção, coordenação pedagógica, professores, alunos, servidores administrativos e que deve ser cumprido fielmente.

P7 - Eu já li, mas não todo. O Projeto Político Pedagógico é essencial né, a gente como membro né, da instituição a gente tem que ter conhecimento para poder saber trabalhar né, porque ele vai te nortear né, e aí quando a gente não conhece que é o meu caso que eu não conheço ele 100% né e tem essa distância né de comunicação entre os gestores, então a gente fica um pouco né assim solto né, isso é perigoso né, a gente pode está fazendo errado pensando que está certo né, mas eu não conheço do jeito que é para conhecer, só dei uma lidazinha bem superficial, não todo, mas já dei uma lidazinha né.

P8 - Conheço, conheço, eu tive um aperreio lá no comecinho do ano em relação a isso, dei uma estudada, e eu acho que o Projeto Político Pedagógico(PPP) de qualquer instituição ela prima pela questão da necessidade local né, em que o Campus está inserido a necessidade da comunidade de atender as questões que estão em déficit na cidade se a gente precisa, a gente tem uma cidade que tem bastante comércio, a gente precisa implantar cursos voltados para aquela necessidade, a gente tem uma cidade universitária onde ao redor tem várias escolas, vários cursinhos, a gente precisa formar professores para poder fazer com que aquela cidade ela desenvolva né, tem uma cidade , um local, que tem muitas fábricas, a gente precisa procurar cursos técnicos que supram a necessidade de mão de obra, lógico, a gente não pode esquecer também da questão científica, da questão acadêmica, que a gente tem que formar também

alunos para trabalhar e alunos para pensar cientificamente e também, a questão tecnológica, ela ser também priorizada.

P9 - Sim, olha o nosso PPP ele é construído e ele é reconstruído de acordo com as necessidades políticas e pedagógicas, então eu aposto no nosso Projeto Político Pedagógico(PPP) porque veja, ele na reconstrução e na necessidade da comunidade, e nós somos hoje uma comunidade grande, por exemplo, no Maranhão inteiro e no nosso Campus, nós somos uma comunidade grande agora mesmo o maior número de vagas que vai para o encontro dos alunos do Ensino Médio em Imperatriz é o nosso Campus. Nós também somos uma região de 18 cidades do Alto Turi, e também esse negócio do processo seletivo, do processo de divulgação do seletivo é muito grande nós, felizmente nós conseguimos percorrer um grande número de cidades da região onde está o Alto Turi e, por causa disso nós temos a necessidade de rever sempre o Projeto Político Pedagógico porque sempre a comunidade está se refazendo, principalmente, para os adolescentes, daqui há 03 anos não serão os mesmos como esses que entraram agora, são totalmente diferentes dos que chegaram há 03 anos atrás, há 04 anos atrás, daí a necessidade do PPP está sempre se refazendo, e outra, não somente com pedagogos, mas com professores e a comunidade.

E aí a gente ver a grande satisfação dos pedagogos nossos né, a responsabilidade, a assiduidade, a coragem de está sempre refazendo e eu como professor que estou aqui há 06 anos, eu posso dizer isso, eu não cheguei no ano passado, mas a equipe pedagógica estando ali há muito mais anos que quando eu cheguei já encontrei com essa equipe aqui ,então, isso faz com que o PPP seja sempre revisto, não somente com eficiência, mas com carinho, afetividade, e isso que é importante, não é um PPP feito de qualquer maneira, é feito com efectividade da eficácia e com o afeto do carinho que os pedagogos tem pelo PPP.

P10 - Vera, com toda sinceridade eu não conheço ele na íntegra, não conheço, sei que é uma falha minha porque eu acho que todo servidor deveria conhecer, mas eu não conheço ele na íntegra, eu conheço pinceladamente né, do que a gente ver é, nas reuniões pedagógicas, nos encontros, mas eu ainda não tirei assim um momento para eu ficar a par totalmente. Eu acho que é aquele documento que é o cerne da gestão, da instituição, então, a partir dele vão partir todas as ações voltadas para o ensino, pesquisa, extensão e a parte...

P11 - Conheço. Então, o Projeto Político Pedagógico(PPP), é o documento, é o coração, de uma instituição né. No PPP, estão descritos as metas, a filosofia

educacional né, o funcionamento de uma instituição como um todo, tanto nos aspectos pedagógicos, quanto administrativos, os aspectos burocráticos, e, é exatamente o Projeto Político Pedagógico que vai direcionar a vida dessa instituição, vai direcionar todas as atitudes que vão ser refeitas né, em relação a própria vivência da instituição, então, por exemplo né: como eu estava comentando, o Projeto de Pedrinhas, da cadeia né, ela foi constituída enquanto um projeto pra ser uma cadeia agrícola, pra que os internos, as pessoas com privação de liberdade, pudessem desenvolver atividades agrícolas, mas impossível, dada a realidade que se tem lá em Pedrinhas. Então, o funcionamento do IFMA, especificamente em Zé Doca né, todo o currículo, tudo o que foi pensado pra essa comunidade, está previsto lá dentro do Projeto Político Pedagógico(PPP).

P12 - Eu não conheço o PPP da instituição. Não sei se pelo pouco tempo, não sei se os outros professores conhecem, mesmo os professores que estão há mais tempo na casa não sei se realmente existe esse trabalho com os professores para que eles conheçam e possam se planejar e se organizar a partir do PPP. Eu cheguei agora, então, não tive ainda essa oportunidade, mas até falava ontem numa aula pros meus alunos da importância do PPP de toda a escola ter porque a escola ela é muito mais do que apenas conteúdos sistematizados né, a aprendizagem conteudista, a escola ela forma mais do que apenas nesse aspecto, então, o PPP, ele nos dá esse norte nesse sentido de que alunos a gente quer formar, de que sociedade a gente quer formar, o que que a nossa escola quer construir, o que que nosso espaço educativo quer construir, por isso, é importante que a gente tenha conhecimento do PPP, que trabalhe em cima dele porque de fato a escola não é um elemento neutro, ela tem essa abrangência social, política, politizada, então, o PPP é um pouco um instrumento que norteia nesse sentido.

P13 - Conheço até estava sentado nessa semana com a professora Edna, a gente dando uma olhada um pouquinho na reformulação que está sendo feita no PPP, a gente está com o PPP um pouco desatualizado, está sendo feito uma atualização, justamente em relação a isso, acho que o nosso PPP ele não está completamente alinhado com o PDI da instituição, o que foi programado pra gente percorrer nesse todo quadriênio ele não condiz com o que a gente desenvolveu no quadriênio chegando já no final de 2018 não condiz com o PDI, então o nosso PPP é um pouco diferente do que deveria ser segundo o nosso PDI. Como o PPP ele tem como base o PDI eu disse, que eu acho, que o nosso PPP hoje em dia diverge muito do PDI, então, nós temos alguns problemas que

tem de serem sanados aí, não só no nosso PPP, mais na nossa estrutura pra que a gente possa alinhar ele ao nosso PDI que seria o nosso norte.

O PPP do Campus ele vai mostrar toda a história do Campus em relação aos cursos em relação à vida pregressa dos cursos, e a possível melhorais futuras que vão aparecer nos cursos e todo o decorrer de todos os que estão agregados a Resolução ou então ajudando na resolução das atividades dos cursos que estão presentes no PPP.

15) A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN Nº 9.394/96) no seu art. 24, Inciso V, alínea a afirma que a avaliação deve ser contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. Nessa perspectiva como você avalia os aspectos qualitativos diante das práticas avaliativas na sala de aula?

P1 – Os aspectos qualitativos devem ser avaliados de forma dinâmica, com estratégias diversificadas para que o aluno possa apreender melhor, porém, não devemos esquecer, né, da avaliação quantitativa.

P2 – A avaliação da aprendizagem qualitativa deve preponderar sobre a quantitativa, lembrando que, muitas vezes na prática esquecemos de ver o aluno como um todo né, e terminamos avaliando o aluno apenas por uma ou mais notas, tornando-se o processo mais quantitativo à qualitativo.

P3 - Como processo qualitativo a gente tem que fazer, no caso os exemplos que eu faço, eu faço muito da questão da refacção, da refacção com os alunos, sempre, geralmente partir daquele ponto que ele já tem de vivência então, a partir daquela vivência daquele aluno a gente pode fazer a refacção de retomadas, então pra saber como que a gente vai chegar num nível mais próximo possível daquele universo de alunos ou do aluno em específico né, isso geralmente nos mostra geralmente aquele aluno que está com mais mais dificuldades quando a gente faz esse tipo de balizamento né esse aluno ele dá um retorno muito mais rápido, ele dá uma resposta muito mais rápida porque aí ele começa a se espelhar nos outros que as vezes como aqui no Instituto, são de várias escolas, de vários universos eles chegam aqui montam um outro conjunto de alunado então as vezes eles estão em desenvolvimentos cognitivos até diferentes então com isso a gente tenta fazer um balizamento dos alunos, então, isso é muito importante no meu ponto de vista porque a gente tem um retorno principalmente daqueles alunos que as vezes não chegam com um capital, um capital cognitivo né

para aquelas habilidades cobradas e aí a gente pode fazer um trabalho diferenciado dentro da sala de aula com esses alunos.

*Olha aqui no IFMA até agora eu nunca tive uma dificuldade em relação as metodologias de avaliação qualitativa até mesmo porque os alunos cooperam muito, isso é inegável, a cooperação deles, então, nesse processo dos alunos eu vejo mais pelo feedback, feedback que eles dão de retorno né e eu aproveito pra fazer experiências novas eu acho que o processo de avaliação ela não pode cair em um paradigma cotidiano, ela tem que ser reformulada constantemente né, até as vezes invento nomes para as metodologias, a última metodologia que eu propus pra eles é o **dez para todos** e que é uma metodologia de um livro muito interessante Aulas Nota Dez que se chama Sem Escapatória, onde a gente passa uma atividade avaliativa pra eles onde eles vão desempenhar né o processo argumentativo deles e depois eles tem que defender esse argumento né; onde a nota é por sorteio, a nota daquele sorteado vai ser pra toda a turma, e depois a gente faz outras avaliações, pra fazer outros tipos de mensuração, então todo mundo começa com dez, mas eles tem que fazer de tudo para defender e continuar com aquele dez é uma forma, é um pequeno exame, mas que está dentro do processo avaliativo.*

P4 - A avaliação qualitativa ela, pra mim ela leva em consideração várias vertentes, você tem que acompanhar o ritmo do aluno, você tem que acompanhar a forma com que ele executa esses conhecimentos, você tem que levar em consideração os conhecimentos prévios a bagagem toda que ele traz porque a qualitativa, ela deve levar em consideração todas as formas de aprendizagens que ele consegue, tudo que ele consegue aprender, desde do comentário mais bobo em sala de aula, bobo pra algumas pessoas, quanto aquelas visões mais complexas sobre aquele assunto que está sendo dado, então, avaliação qualitativa ela traz toda uma visão holística sobre o o aluno, essa avaliação é em cima do aluno, não em cima do conteúdo que você colocou no quadro, é o que ele pode te dar de feedback sobre esse assunto. Um outro ponto sobre essa avaliação qualitativa é que na avaliação qualitativa o próprio professor ele avalia o processo que ele está executando a aula dele né, serve de reflexo, é qualitativa para o aluno e é qualitativa para o professor.

O aluno, o termo aluno é errado né, o aluno tem luz ele não é luz, ele tem; ele o nosso aluno ele não é uma caixa vazia né, ele tem conhecimentos, então, quando eu faço essas avaliações eu levo em consideração as dificuldades de aprendizagem, claro, dentro das minhas limitações, eu levo em consideração o que ele consegue fazer fora do

livro, fora do caderno, a gente, a matemática ela favorece porque como aspectos de objetivos gerais ela tem a questão cognitiva e o desenvolvimento da capacidade de resolver problemas, então, a gente passa algumas atividades práticas que podem parecer alienadas na matemática mais elas tem o objetivo de desenvolver a capacidade de resolução de problemas do aluno, então, quando eu faço as atividades além da, em união com as atividades quantitativas elas conseguem me dá pelo menos um mínimo do reflexo, do que poderia ser esse aluno porque está aprendendo, eu não vejo só por um lado, eu tento ver por todas as formas possíveis.

P5 – O processo avaliativo qualitativo deve ser mais valorizado pela escola, ainda não há esse olhar mais humano, onde há uma preocupação com o percurso escolar do aluno, né, então, precisa-se fazer as duas avaliações, a quantitativa e a qualitativa.

P6 - Na verdade assim, pelo menos em arte a qualitativa ela se sobressai mais do que a quantitativa em qual sentido que eu posso dizer isso? Em todos os momentos, porque as atividades quantitativas são atividades específicas, ou um seminário, ou uma atividade escrita, ou um trabalho em grupo, ou algo que tem que ser entregue especificamente e a qualitativa ela se refere a todos esses momentos né, só que eles não me entregaram o material quantificável, mas eu vou analisar desde a pontualidade, a assiduidade deles, o compromisso com as atividades que estão sendo realizadas dentro da disciplina né. Então, a qualitativa eu sempre falo pra eles, eu digo, olha desde o momento que vocês entram aqui até o momento que vocês saem, até os momentos lá fora também se refere a avaliação qualitativa agora não digo em si a avaliação qualitativa, mais uma forma de analisar eles de forma qualitativamente porque se eu for só quantificar eu digo mesmo pra eles vocês ficam ferrados, porque não dá; é até muito complicado um professor que trabalha só com uma sistemática de avaliação sabe, o aluno ele tem as inteligências múltiplas né, vai que o aluno ele não se sobressaia nessa atividade que seja uma prova escrita, mais ele é um aluno muito bom na apresentação de um seminário, então tem diversos instrumentos pra avaliar aquele aluno, que não seja só pra quantificar.se não for em termos de alguns casos cobrança por exemplo assim, cadê o sarau porque que não aconteceu né, porque que ainda não aconteceu, mas de chegar e perguntar, professora, como é que foi a aprendizagem desses alunos, como é que se deu avaliação binha aí durante essas atividades, a não ser nas reuniões pedagógicas né, que aí a direção de ensino se envolve, e em alguns momentos em vez de articular professores junto com a CAP como que a gente pode

fazer pra ajudar na avaliação da aprendizagem desses meninos tanto é como que aconteceu ontem, nas apresentações dos meninos nem teve Diretor de Ensino então, seria injusto ele chegar e dizer que não há esse feedback, essa pergunta né, como é que está esse processo.

Então, eu resumo assim, em alguns momentos há uma preocupação e em outros momentos eu não vejo essa preocupação, preocupação real, mais uma preocupação que tem um interesse a mais se esse aluno não tem um rendimento isso vai me comprometer enquanto instituição, é o IFMA, tal, é a preocupação mais com o status do nome do que necessariamente com o aluno.

P7 - Olha só, em parte realmente faz muito sentido né, eu concordo em parte, não 100% né. Eu acho que tem que haver sim o qualitativo, mas não para superar o quantitativo né, eu acho que a parte mesmo da escrita né, a parte mesmo da formalidade mesmo do documento da prova ele tem que prevalecer um pouco mais né, embora ele não tenha participação que é obrigação dele né de participar, mas eu acho que o qualitativo ele tem que existir né, assim como o quantitativo, mas o quantitativo ele deve ser a mais do que o qualitativo, porque senão né, a própria vida ela vai fazer com que às vezes ele não tenha né, essa preocupação né, com a parte mais quantitativa que é a que vai prevalecer na vida da gente né, é o quantitativo e também o qualitativo, só que eu acho que o quantitativo ele deve ser superior ao qualitativo.

P8 - A questão da avaliação como eu havia falado no começo né, eu sempre aplico uma avaliação quantitativa pra depois descobrir a questão qualitativa né. Aí sim, se eu sei se existe a evolução de um certo aluno, mas digamos que ele esteja com a questão quantitativa com uma nota baixa né, mas eu vou ter que olhar aquela parte de evolução do aluno, então é, um projeto, um seminário, alguma coisa que eu consiga desenvolver essa questão qualitativa do aluno ela vai ser determinante, eu também tenho que ver que os alunos eles não conseguem ser bom em tudo né, a gente tem que verificar qual é, esqueci a palavra agora, a gente tem que verificar qual é a predisposição que o aluno tem, qual é a ciência que ele mais consegue desenvolver, se é a tecnológica, se é a questão das linguagens, se é a questão da música, se é a questão das artes, então com o projeto desenvolve tudo isso. Ele vai se sobressair em alguma parte daquele projeto ali, alguma parte daquele seminário, alguma parte daquela apresentação, ele vai sobressair, se ele consegue fazer uma paródia, com uma questão da matemática ou da física, ele vai aprender de alguma certa forma, ele vai internalizar aquilo, então eu procuro avaliar também dessa forma, aplicar um projeto, eu não vou

avaliar só a minha parte, eu vou ver, há, aquele aluno ele conseguiu fazer isso de maneira correta ou então ele conseguiu pelo menos aprender aquela parte que eu dei numa certa aula, ele apresentou aqui, então a gente procura ver a evolução em sala de aula também tem a atitude do próprio comportamento do aluno em sala de aula, se ele está mais atento, se ele está mais disperso, a gente tenta sempre ponderar isso, de tal forma que a gente consiga dá uma nota vamos dizer assim, satisfatória em relação a qualidade do aluno, a gente verifica, isso é perceptível, todo e qualquer professor que está em sala de aula ele percebe isso, não tem para onde correr.

O professor está em sala de aula ali todo santo dia, se ele não conhecer seus alunos é porque ele não está fazendo uma autoavaliação dele, será se eu sou um professor bom de tal forma que eu não consigo visualizar meu aluno em sala de aula, só dou minha aula, assinei minha frequência e vou embora? Será que isso aí é o papel de professor? De educador? Será que só isso vale a pena? Já basta? Não, né.

É uma questão de perceber o que o aluno está fazendo em sala de aula porque a gente sabe que os fatores externos também contribuem muito, tanto para a questão qualitativa como para a questão quantitativa, eu acho principalmente para a questão qualitativa, porque se ele não está bem fora da escola, em um ambiente familiar, em um ambiente de ciclos de amizades, ele não vai está bem em sala de aula; então tem vários problemas em relação a isso né, é timidez, problema de se comunicar com o próprio colega de sala de aula, tem vários outros casos até mais grave né. Então, eu vejo dessa maneira, eu sempre preciso procurar alguma forma de avaliá-lo de forma qualitativa e sempre vai predominar, sempre vai ser superior, vai ser determinante, a questão qualitativa sempre vai ser predominante em relação a quantitativa, eu procuro um projeto, um trabalho, ou então, a própria vivência em sala de aula mesmo.

P9 - Em primeiro lugar partir partindo de nós professores porque nós é que temos a formação eu me colocar em pé de igualdade que eu estou aprendendo também com o meu educando. Vale a pena ressaltar sempre o que diz o Asman, que nós somos uma comunidade aprendente e em segundo lugar, percebendo se, o educando está correspondendo também ao quantitativo, mas se ele evolui com o tempo e ele evolui tendo em vista também o outro, o amigo, o companheiro, porque para a qualidade não adianta eu chegar em primeiro lugar, eu só chego com o outro, eu chego com os outros, senão eu vou criar marginalizados aí eu compreendo a qualidade do meu aluno, se ele consegue perceber que o outro ficou para trás ele precisa como professor ajudar aquele caminhar juntos né e, reparando se ele é um bom cidadão, amigo dos amigos,

amigos dos professores, amigo da família né, aí veja como é interessante se a qualidade da sua educação chega lá na sua família.

Eu vejo alunos aqui que se preocupam em saber se a água que eles estão bebendo em casa, Análises Químicas, por que que meu irmão está doente? porque a qualidade da água lá em casa não está boa né. Agora mesmo, chegou um aluno muito preocupado com o irmão que está com depressão e ele trouxe um atestado, professor, esse atestado é porque eu tive que acompanhar meu irmão, então, como já é um aluno do terceiro ano, então, a gente percebe a amorização, quer dizer, a qualidade do ensino tocou também não somente o intelectual, mas tocou também sua emoção, seu coração, seu sentimento pelo seu irmão que mora com você dentro de sala de aula. Então, precisa também, que nós estejamos bem abertos para entender, rapaz, só era tu em casa que podia acompanhar teu irmão, não tinha mais outro irmão, tua mãe não podia? mas olhando por esse lado né, agiu correto, quantidade e qualidade.

Com relação a autoavaliação, eu sempre tenho um momento no semestre pra fazer essa autoavaliação, eu comigo mesmo, e eu com os alunos e os alunos comigo, eu acho que se agente não parar um momento em sala com os alunos, pra fazer essa autoavaliação olha vamos nos avaliar. Porque é importante para o professor tomar essa coragem de se, olha sempre, nós nos avaliamos, eu avalio vocês. Agora vamos partir para outro momento, eu não vou dizer que me conheço, mas eu vou dizer que é um momento que vocês vão ter pra vocês e pra mim pra minha metodologia, pra meus conteúdos, que eu trago, que eu ofereço pra vocês, é um momento que é pra vocês chegarem e dizerem ,professor agora vamos avaliar sua metodologia, seus conteúdos, a sua forma de dá aulas, então, é importante primeiro para o professor e é importante também para que o aluno no seu processo ele também tome essa autoconsciência, não é só uma autoavaliação, mas uma consciência de que ele é o protagonista da sua formação, que nós somos mediadores, eu professor, você pedagoga, nós somos mediadores, quem é o protagonista o primeiro da sua formação é ele, enquanto aluno, quando ele percebe isso, que ele é o protagonista, ele se responsabiliza pelo seu material escolar, ele se responsabiliza pelo prédio que não é vida, mas faz parte da vida dele e ele se conscientiza de que ele é o protagonista para que ele no futuro será o profissional para a comunidade, então, a autoavaliação é importantíssima, pra que ele se sinta né uma flecha porque nós dois professores, nós família, nós instituição, nós estamos fazendo força para puxar o arco, e essa força para puxar o arco , mas o arco fica em nossas mãos e ele é a flecha que aponta, que vai correr, e que quanto mais a

gente puxar agora, mais força nós teremos para impulsionar esse cidadão cheio dessa formação que a gente espera chegar lá no futuro eles que serão esses novos profissionais, aí a importância da autoavaliação pra que ele tenha essa convicção que tudo isso é pra ele, que tudo isso é para que eles tomem consciência que ele é o protagonista de tudo isso, não é, eu penso assim.

P10 - Então, diante das minhas práticas, e também diante do que o aluno ele vai ser cobrado mais pra frente, seja pra entrar no mercado de trabalho, numa faculdade, a gente sabe que tudo é, tem o seu peso, mas também é bastante cobrado essa parte quantitativa né, então, em todos esses aspectos, então, como eu falei anteriormente, eu pondero as duas partes, mas eu acredito também que a gente tem que dá um, ter um certo olhar, um certo peso e também para a parte quantitativa, até porque os alunos eles vão ser cobrados fora, tipo num concurso, num vestibular né, no próprio ENEM, né, essa parte quantitativa, então, é, eu vejo as duas formas como algo que se complementam, quantitativo e qualitativo, dessa forma que eu ajo na minha avaliação.

P11- Eu já até comentei. Então, eu sempre separo por semestre uma nota que vai ser específica pra isso certo, ou até mesmo, mesmo quando eu não separo uma nota específica, eu terceirizo essa prática, então, agora, na disciplina de Psicologia da Aprendizagem os alunos vão dá uma aula né, mas a avaliação ela vai advir dos colegas que vão ser os alunos, então, esse instrumento da avaliação de um outro que também não sou eu, também é interessante, eles vão ouvir a minha avaliação subjetiva mas vão ouvir também a dos colegas e isso que os colegas vão me dar vai se transformar em números, de avaliação quantitativa. Então, a depender do semestre, a depender da disciplina, eu uso de metodologias diferentes, ou é autoavaliação, ou é avaliação comigo em que eu avalio esse aluno, né, vou ver como foi o desempenho dele ou eu dou pros colegas fazerem em relação a eles, então, depende bastante do semestre, mas eu sempre busco usar essas, eu acho importante e necessário.

Sobretudo, porque quando a gente pensa em aptidões, quando a gente pensa em habilidades, quando a gente pensa em escola, a gente fala de um tamanho único, de uma sala que tem um tamanho único, mais que não cabe todo mundo, então, assim, eu nunca vou saber se aquele aluno que foi obrigado a fazer três provas ele matou muitos leões para conseguir tirar notas boas porque se eu não fizer uma avaliação assim, eu não vou saber que é pra ele era difícil fazer uma prova, nem vou saber se pra aquele que não gosta de apresentar trabalho ter apresentado foi uma superação. E, fazer avaliação qualitativa me dá também essa oportunidade de olhar para os meus alunos e

perceber que eles são muitos, que eles são diversos e que eu preciso avalia-los de formas diferentes.

Particularmente, a minha prática ela não é constituída de um só instrumento e eu acho que inclusive, os alunos né se cansam bastante no semestre por isso, porque eu penso que nem todo mundo, e eu sei disso, gosta de ser avaliado da mesma forma, eu particularmente, não gosto de fazer prova, e eu sei, que assim como eu, outros alunos não gostam, exatamente, por eu saber que a prova não é o único método, não é o único instrumento, nem a melhor forma, é que em vez de prova, eu utilizo uma outra forma de avaliação, e isso vai me dando né, esse feedback em relação também como eles se sentem em relação a avaliação. Outros instrumentos pra avaliação quantitativa, que a partir de como eles se relacionam com esses instrumentos eu faço a minha avaliação qualitativa, é sempre uma forma de a gente também conversar. As minhas formas de avaliação sobretudo que eu estou em cursos de formação de professores, são sempre muito metalinguísticas, eu sempre converso sobre avaliação deles com eles, então, a gente sempre conversa porque que eu estou avaliando tal coisa, porque que eu estou exigindo tal coisa, pra que eles também compreendam né, o que que eu quero daquele tudo e de que forma eles podem crescer com aquilo tudo.

P12 - Eu acho que é importante que a gente diversifique as formas de avaliar, os métodos avaliativos que quando você tem uma diversidade de atividades ou de momentos de avaliação você consegue perceber diferentes aspectos, você consegue enxergar diferentes capacidades, então, falando de mim, da minha prática especificamente, eu procuro está sempre mesclando, diversificando, as tarefas avaliativas, a forma de avaliar, pra que eu consiga observar eles em diversas situações e consiga avaliar para além do conteúdo apenas né, consiga fazer esse paralelo entre as mais diversas capacidades e habilidades que a gente procura desenvolver nos nossos alunos.

Então, uma forma que eu gosto de utilizar é realmente diversificar essas atividades porque muitas vezes o aluno não consegue demonstrar numa prova, especificamente falando, mas a partir de outra atividade ele consegue demonstrar o que ele desenvolveu, como ele está evoluindo, então, eu acho que isso é importante pra que a gente consiga ir para além do quantitativo, pra que a gente consiga também observar qualitativamente os resultados.

P13 - Aqui na instituição a gente peca muito em relação a isso, pois a gente ainda não tem critérios bem definidos qualitativos pra gente está avaliando os alunos,

então fica bem a critério do professor essa forma de avaliação, a gente acaba dando prioridade indiferente a Resolução aí, a gente acaba dando prioridade aos critérios quantitativos e não, qualitativos. Mas que sim, a gente deve mudar essa característica, acho que não é um problema nosso, mas é um problema do ensino atual, a gente prima muito pelos critérios quantitativos até pela cobrança no vestibular, cobrança de resultados que precisam ser quantificados e o que é ainda feito de maneira muito tradicional.

Então, eu acho assim, que aqui na instituição a gente ainda peca muito em relação a avaliação qualitativa.

Eu acho que a autoavaliação é um ponto a ser visto na avaliação qualitativa é um ponto muito importante de ser visto porque a gente tem que ver como é que o aluno está se vendo, como é que a pessoa está se vendo, pra gente poder ter noção de achar que se ele melhorou, se ele não melhorou, se ele acha que ele está bem, ou se ele não acha que ele está bem, então, acho muito importante a autoavaliação em cima dos critérios avaliativos qualitativos porque ela vai mostrar como a pessoa se ver.

Apêndice 6. Proposta de Intervenção – Oficina Pedagógica

GESTÃO ESCOLAR E AVALIAÇÃO FORMATIVA DA APRENDIZAGEM – UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NO IFMA/CAMPUS ZÉ DOCA

1. APRESENTAÇÃO

Prezado (a) participante,

A avaliação escolar será sempre um tema complexo que permite reflexões por está articulada e presente no trabalho pedagógico. A avaliação, desenvolvida e vivenciada nas escolas está voltada para uma organização das atividades educativas e ocupa um lugar relevante frente à comunidade escolar, prevalecendo a cooperação coletiva. Para se pensar em mudanças e transformações na educação se faz necessário que se pense em uma nova forma de avaliar. É imprescindível romper com os conservadorismos pedagógicos, repensar nossas posturas, concepções e procurar melhorar as práticas avaliativas, dessa forma, pensa-se em construir novos caminhos rumo a uma escola mais transformadora.

Esta oficina é uma atividade que congrega aspectos teóricos e práticos sobre a temática da Gestão Escolar e Avaliação Formativa da Aprendizagem – Uma Proposta de Intervenção no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA/Campus Zé Doca, objeto de discussão durante o trabalho de Mestrado da autora.

A proposta de oficina pedagógica relacionada ao título da tese de dissertação, foi elaborada com o propósito de levá-la (o) a discutir, refletir, analisar e aprofundar conhecimentos sobre a temática da avaliação da aprendizagem como processo qualitativo, assim como para verificar sua aprendizagem a partir das discussões nos grupos e da troca de experiências vivenciadas.

Nesse âmbito, por meio da discussão, do compartilhamento de experiências e do material de apoio espera-se encontrar as respostas, ao se aplicar a proposta de intervenção, que contribuam para o desenvolvimento das práticas avaliativas no que tange a avaliação qualitativa da aprendizagem e a autoavaliação.

2. QUESTÕES A SEREM ABORDADAS NA OFICINA

2.1 Histórico da avaliação: legislação;

2.2 Modos de avaliação: diagnóstica, somativa e formativa (processo qualitativo);

2.3 Concepções de autores sobre avaliação da aprendizagem;

2.4 Práticas avaliativas: autoavaliação

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivos Gerais

Analisar os desafios, as possibilidades e os limites das experiências quanto a avaliação da aprendizagem como processo qualitativo comparativamente a outras práticas avaliativas, entre gestores e professores do IFMA/Campus Zé Doca;

Subsidiar os gestores e professores com informações e conhecimentos sobre a importância da avaliação qualitativa da aprendizagem;

Avaliar colaborativamente como os gestores e professores acompanham e utilizam a avaliação da aprendizagem como processo qualitativo.

3.2 Objetivos Específicos

Promover aprendizagem, apresentação e conhecimento dos pares , articulação e formação de grupos de trabalho;

Identificar na legislação, os pressupostos da avaliação como processo qualitativo da aprendizagem;

Pontuar questões relacionadas as formas de avaliação da aprendizagem: diagnóstica, somativa e formativa (processo qualitativo);

Discutir as diferentes concepções dos autores sobre avaliação da aprendizagem e as práticas avaliativas recorrentes no ambiente de trabalho;

Refletir sobre a concepção de avaliação que norteia o acompanhamento e execução das práticas avaliativas entre gestores e professores;

Consolidar mecanismos e procedimentos de participação quanto a utilização de uma das práticas avaliativas, a autoavaliação, entre gestores e professores.

4. ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES

Na organização das atividades da oficina seguir-se-ao os passos relacionados abaixo:

- Organização em semi-círculo no momento das apresentações;
- Organização em grupos de trabalho nas atividades práticas;
- Indicação de um relator e um coordenador para cada grupo;
- Avaliação da oficina pelos participantes, em formulário e lista aberta.

5. PROCEDIMENTOS DE TRABALHO

A oficina realizar-se-à de acordo com a organização abaixo descrita

Após a exposição das questões abordadas, os participantes formarão os grupos para realizar as atividades práticas, conforme roteiro.

1º Momento:

Dinâmica de apresentação das questões abordadas sobre avaliação qualitativa da aprendizagem.

2º Momento

Sensibilização dos participantes: leitura coletiva de Verificação ou Avaliação – O que Pratica a Escola? (Autor: Cipriano Carlos Luckesi), com o objetivo de apresentar a relevância do avaliar.

3º Momento

Nesse segundo momento será feita a leitura coletiva do texto: “Já ouvi falar de Procusto.” (Autor: Marcos Bagno), com o objetivo de apresentar reflexões referente a avaliação qualitativa da aprendizagem.

4º Momento

Nesse quarto momento o tema “Avaliação” será abordado: divisão do grupo em três equipes, sendo que cada uma irá confeccionar um quadro. Cada grupo escolhe o seu tema:

1. Avaliação escolar: como era feita anteriormente diante dos três tipos de avaliação: diagnóstica, somativa e formativa (qualitativo) e se ainda continuamos avaliando através dessa forma;

2. Avaliação escolar: como tem sido, acontecido, frente a aplicação dos instrumentos avaliativos na sala de aula pelos professores?; Como tem sido o acompanhamento dos gestores;

3. Avaliação escolar como processo qualitativo: como pode ser atualmente, praticada na sala de aula? De que forma está sendo feita? Como é praticada a autoavaliação entre gestores e professores no ambiente escolar?

5º Momento

No quinto momento haverá a elaboração de um quadro síntese contendo as proposições das três etapas de avaliação (o antes, o depois e o agora) praticadas nas instituições escolares.

6º Momento

Nesse sexto momento haverá as contribuições dos participantes sobre a temática abordada: roda de conversa aberta para o levantamento das proposições e possibilidades práticas no enfrentamento das questões escolares, no que se refere à avaliação da aprendizagem como processo qualitativo e autoavaliação.

7º Momento

Essa Oficina Pedagógica terá a duração de 04 horas, e será realizada em um turno no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA/Campus Zé Doca com a atividade de role-play em grupo de 4 participantes.

Atividade de role-play: em grupos de 4 participantes.

Cada grupo inventa uma situação de aprendizagem, fora da sua área profissional (aprender uma receita de cozinha, um ponto de bordado, um exercício de yoga ou pilates...).

Identifica objetivos de aprendizagem, prepara conteúdos e define os processos de avaliação formativa e sumativa a aplicar.

O grupo tira à sorte um participante para assumir a função de docente e 3 assumirão a função de alunos. Os alunos trocam de grupo de forma a que cada docente vá ensinar um grupo de alunos com os quais não preparou a aula. O mesmo se passará, *mutatis-mutandi* com os alunos.

As aulas são dadas em sequência, como pequenos espetáculos, e o grande grupo assiste ao role-play.

No final procede-se à auto e hetero avaliação da performance dos grupos.

8º Momento

No último momento será feita a apresentação do quadro síntese com as colocações e conclusões da temática abordada

6. RECURSOS NECESSÁRIOS

Textos impressos, quadro branco e acessórios, papel peso 40, pincel atômico, régua, cola, gravuras (se necessário), papel chamex e canetas azul e preta.

7. EQUIPE DE PARTICIPANTES

Gestores e Professores do IFMA/Campus Zé Doca

8. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Maria Amélia. **Avaliação educacional: medo e poder!!!** In: Educação e Avaliação. São Paulo: Cortez, 1980.

SAUL, Ana Maria A. **Avaliação emancipatória, desafio à teoria e a prática de avaliação e reformulação de currículo.** São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1988.

TEXTO 1

Verificação ou Avaliação: O Que Pratica a Escola?

Cipriano Carlos Luckesi

A avaliação da aprendizagem escolar adquire seu sentido na medida em que se articula com um projeto pedagógico e com seu conseqüente projeto de ensino. A avaliação, tanto no geral quanto no caso específico da aprendizagem, não possui uma finalidade em si; ela subsidia um curso de ação que visa construir um resultado previamente definido.

No caso que nos interessa, a avaliação subsidia decisões a respeito da aprendizagem dos educandos, tendo em vista garantir a qualidade do resultado que estamos construindo. Por isso, não pode ser estudada, definida e delineada sem um projeto que a articule.

Para os desvendamentos e proposições sobre a avaliação da aprendizagem, que serão expostos neste texto, teremos sempre presente este fato, assumindo que estamos trabalhando no contexto do projeto educativo, que prioriza o desenvolvimento dos educandos - crianças, jovens e adultos - a partir de um processo de assimilação ativa do legado cultural já produzido pela sociedade: a filosofia, a ciência, a arte, a literatura, os modos de ser e de viver.

Deste modo, os encaminhamentos que estaremos fazendo para a prática da avaliação da aprendizagem destinam-se a servir de base para tomadas de decisões no sentido de construir com e nos educandos conhecimentos, habilidades e hábitos que possibilitem o seu efetivo desenvolvimento, através da assimilação ativa do legado cultural da sociedade.

Tendo por base a compreensão exposta neste texto, abordaremos a prática da aferição do aproveitamento escolar, tendo como matriz de abordagem os conceitos de

verificação e avaliação, na perspectiva de, ao final, retirar proveitos para a prática docente.

Importa enfatizar que estaremos trabalhando com os conceitos de verificação e avaliação, e não com os termos verificação e avaliação. Isso significa que iremos trabalhar com esses conceitos a partir de suas "determinações" no movimento real da prática escolar com a qual convivemos.

O conceito é uma formulação abstrata que configura, no pensamento, as determinações de um objeto ou fenômeno. No contexto do pensamento marxista, o conceito equivale a uma categoria explicativa, que ordena, compreende e expressa uma realidade empírica concreta, como um "concreto pensado", "síntese de múltiplas determinações".

O nosso esforço, ao longo deste texto, é expor os elementos do movimento real na prática escolar, relativos ao tratamento dos resultados da aprendizagem dos alunos, tentando responder à seguinte pergunta: a configuração formada pelos dados da prática escolar, referentes aos resultados da aprendizagem dos educandos, define-se como verificação ou como avaliação?

Da resposta que pudermos dar a esta questão, estaremos retirando conseqüências para a prática docente, acreditando que o esforço científico visa fundamentar a ação humana de forma adequada.

A ciência constitui um instrumento com o qual se trabalha no desvendamento dos objetos e, por isso, ela nos permite, com alguma segurança, escolher um caminho de ação. No caso deste texto, no limite do possível, a análise crítica que pretendemos proceder da prática avaliativa, identificando-a com o conceito de verificação ou de avaliação, deixa-nos aberta a possibilidade de encaminhamentos, que cremos serem coerentes e consistentes.

Fenomenologia da Aferição dos Resultados da Aprendizagem Escolar

Na prática da aferição do aproveitamento escolar, os professores realizam, basicamente, três procedimentos sucessivos:

- medida do aproveitamento escolar;
- transformação da medida em nota ou conceito;
- utilização dos resultados identificados.

Iniciaremos nossa análise pela descrição fenomenológica dessas três condutas dos professores. Tal descrição delimita um quadro empírico, que nos permitirá,

posteriormente, abstrair características que nos indicarão se os atos de aferição do aproveitamento escolar, praticados pelos professores, são de verificação ou de avaliação.

OBTENÇÃO DA MEDIDA DOS RESULTADOS DA APRENDIZAGEM

Em nossa prática escolar, os resultados da aprendizagem são obtidos, de início, pela medida, variando a especificidade e a qualidade dos mecanismos e dos instrumentos utilizados para obtê-la. Medida é uma forma de comparar grandezas, tomando uma como padrão e outra como objeto a ser medido, tendo como resultado a quantidade de vezes que a medida padrão cabe dentro do objeto medido.

Sobre a questão do que é um "conceito", ver Karl MARX, "Método da Economia Política in: Contribuição à Crítica da Economia Política São Paulo, Livraria Martins Fontes.

O mais simples exemplo de medida dá-se com a utilização do metro (grandeza padrão) como marcador de extensão linear (grandeza a ser medida). A extensão do metro é comparada à do objeto a ser medido, possibilitando saber quantas vezes cabe a extensão do metro dentro da extensão do objeto. Por exemplo, depois de medida, pode-se dizer que a extensão linear de uma determinada rua na cidade é de 245 metros.

No caso dos resultados da aprendizagem, os professores utilizam como padrão de medida o "acerto" de questão. E a medida dá-se com a contagem dos acertos do educando sobre um conteúdo, dentro de um certo limite de possibilidades, equivalente à quantidade de questões que possui o teste, prova ou trabalho dissertativo. Num teste com dez questões, por exemplo, o padrão de medida é o acerto, e a extensão máxima possível de acertos é dez. Em dez acertos possíveis, um aluno pode chegar ao limite máximo dos dez ou a quantidades menores.

A medida da aprendizagem do educando corresponde à contagem das respostas corretas emitidas sobre um determinado conteúdo de aprendizagem que se esteja trabalhando.

Usualmente, na prática escolar, os acertos nos testes, provas ou outros meios de coleta dos resultados da aprendizagem são transformados em "pontos", o que não modifica o caráter de medida, desde que os acertos adquiram a forma de pontos. O padrão de medida, então, passa a ser os pontos. A cada acerto corresponderá um número de pontos, previamente estabelecido, que pode ser igual ou diferenciado para cada acerto.

Por exemplo, dez questões de um teste podem ser transformadas em cem pontos. Na forma equalizada, cada acerto equivale, indistintamente, a dez pontos. Na forma diferenciada, em decorrência de ênfases neste ou naquele aspecto, os cem pontos são distribuídos desigualmente pelas questões e, então, os acertos equivalem a quantidades variadas de pontos; assim, a primeira questão pode valer dez pontos, a segunda vinte, a terceira cinco, a quarta cinco, e assim, sucessivamente, até completar os cem pontos.

A atribuição de pontos às questões, e seus correspondentes acertos, não muda a qualidade da prática; ela continua sendo medida.

Para coletar os dados e proceder à medida da aprendizagem do educando, os professores, em sala de aula, utilizam-se de instrumentos que variam desde a simples e ingênua observação até sofisticados testes, produzidos segundo normas e critérios técnicos de elaboração e padronização.

Pode-se questionar, é claro, se o processo de medir, utilizado pelos professores em sala de aula, tem as qualidades de uma verdadeira medida, mas isto não vem ao caso aqui. Precária ou não, importa compreender que, na aferição da aprendizagem, a medida é um ato necessário e assim tem sido praticada na escola. Importa-nos ter clareza que, no movimento real da operação com resultados da aprendizagem, o primeiro ato do professor tem sido, e necessita ser, a medida, porque é a partir dela, como ponto de partida, que se pode dar os passos seguintes da aferição da aprendizagem.

(...)

A Escola Opera Com Verificação e Não Com Avaliação da Aprendizagem

Iniciemos pelos conceitos de verificação e avaliação, para, a seguir, identificarmos se a fenomenologia da aferição do aproveitamento escolar, descrita no item anterior, se configura como verificação ou avaliação.

O termo verificar provém etimologicamente do latim - *verum facere* - e significa "fazer verdadeiro".

Contudo, o conceito verificação emerge das determinações da conduta de, intencionalmente, buscar "ver se algo é isso mesmo..:", "investigar a verdade de alguma coisa. ..:". O processo de verificar configura-se pela observação, obtenção, análise e síntese dos dados ou informações que delimitam o objeto ou ato com o qual se está trabalhando. A verificação encerra-se no momento em que o objeto ou ato de investigação chega a ser configurado, sinteticamente, no pensamento abstrato, isto é, no

momento em que se chega à conclusão que tal objeto ou ato possui determinada configuração.

A dinâmica do ato de verificar encerra-se com a obtenção do dado ou informação que se busca, isto é, "vê-se" ou "não se vê" alguma coisa. E... pronto! Por si, a verificação não implica que o sujeito retire dela conseqüências novas e significativas.

O termo avaliar também tem sua origem no latim, provindo da composição a-valere, que quer dizer "dar valor a...". Porém, o conceito "avaliação" é formulado a partir das determinações da conduta de "atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação...", que, por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliado. Isto quer dizer que o ato de avaliar não se encerra na configuração do valor ou qualidade atribuídos ao objeto em questão, exigindo uma tomada de posição favorável ou desfavorável ao objeto de avaliação, com uma conseqüente decisão de ação.

O ato de avaliar importa coleta, análise e síntese dos dados que configuram o objeto da avaliação, acrescido de uma atribuição de valor ou qualidade, que se processa a partir da comparação da configuração do objeto avaliado com um determinado padrão de qualidade previamente estabelecido para aquele tipo de objeto. O valor ou qualidade atribuídos ao objeto conduzem a uma tomada de posição a seu favor ou contra ele. E, o posicionamento a favor ou contra o objeto, ato ou curso de ação, a partir do valor ou qualidade atribuídos, conduz a uma decisão nova, a uma ação nova: manter o objeto como está ou atuar sobre ele.

A avaliação, diferentemente da verificação, envolve um ato que ultrapassa a obtenção de configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer ante ou com ele. A verificação é uma ação que "congela" o objeto; a avaliação, por sua vez, direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação.

As entrelinhas do processo descrito no tópico anterior demonstram que, no geral, a escola brasileira opera com a verificação e não com a avaliação da aprendizagem.

Este fato fica patente ao observarmos que os resultados da aprendizagem usualmente têm a função de estabelecer uma classificação do educando, expressa em sua aprovação ou reprovação. O uso dos resultados encerra-se na obtenção e registro da configuração da aprendizagem do educando, nada decorrendo daí.

Raramente, só em situações reduzidas e específicas, encontramos professores que fogem a esse padrão usual, fazendo da aferição da aprendizagem um efetivo ato de avaliação. Para estes raros professores, a aferição da aprendizagem manifesta-se como

um processo de compreensão dos avanços, limites e dificuldades que os educandos estão encontrando para atingir os objetivos do curso, disciplina ou atividade da qual estão participando. A avaliação é, neste contexto, um excelente mecanismo subsidiário da condução da ação.

A partir dessas observações, podemos dizer que a prática educacional brasileira opera, na quase totalidade das vezes, como verificação. Por isso, tem sido incapaz de retirar do processo de aferição as conseqüências mais significativas para a melhoria da qualidade e do nível de aprendizagem dos educandos. Ao contrário, sob a forma de verificação, tem-se utilizado o processo de aferição da aprendizagem de uma forma negativa, à medida que tem servido para desenvolver o ciclo do medo nas crianças e jovens, através da constante "ameaça" da reprovação.

Em síntese, o atual processo de aferir a aprendizagem escolar, sob a forma de verificação, além de não obter as mais significativas conseqüências para a melhoria do ensino e da aprendizagem, ainda impõe aos educandos conseqüências negativas, como a de viver sob a égide do medo, através da ameaça de reprovação - situação que nenhum de nós, em sã consciência, pode desejar para si ou para outrem.

O modo de trabalhar com os resultados da aprendizagem escolar - sob a modalidade da verificação reifica a aprendizagem, fazendo dela uma "coisa" e não um processo. O momento. (...)

USO DA AVALIAÇÃO

Em primeiro lugar, propomos que a avaliação do aproveitamento escolar seja praticada como uma atribuição de qualidade aos resultados da aprendizagem dos educandos, tendo por base seus aspectos essenciais e, como objetivo final, uma tomada de decisão que direcione o aprendizado e, conseqüentemente, o desenvolvimento do educando.

Com isso, fugiremos ao aspecto classificatório que, sob a forma de verificação, tem atravessado a aferição do aproveitamento escolar. Nesse sentido, ao avaliar, o professor deverá:

- coletar, analisar e sintetizar, da forma mais objetiva possível, as manifestações das condutas cognitivas, afetivas, psicomotoras - dos educandos, produzindo uma configuração do efetivamente aprendido;

- atribuir uma qualidade a essa configuração da aprendizagem, a partir de um padrão (nível de expectativa) preestabelecido e admitido como válido pela comunidade dos educadores e especialistas dos conteúdos que estejam sendo trabalhados;

- a partir dessa qualificação, tomar uma decisão sobre as condutas docentes e discentes a serem seguidas, tendo em vista:

- a reorientação imediata da aprendizagem, caso sua qualidade se mostre insatisfatória e o conteúdo, habilidade ou hábito, que esteja sendo ensinado e aprendido, seja efetivamente essencial para a formação do educando;

- o encaminhamento dos educandos para passos subseqüentes da aprendizagem, caso se considere que, qualitativamente, atingiram um nível da satisfatoriedade no que estava sendo trabalhado.

TEXTO 2

Já ouviu falar de Procusto?

Na velha e boa mitologia grega, havia um personagem muito cruel que se chamava Procusto. Já ouviu falar desse nome horrível? Procusto era um malfeitor que morava numa floresta. Ele tinha mandado fazer uma cama que tinha exatamente as medidas de seu próprio corpo, nem um milímetro a mais, nem um milímetro a menos. Quando capturava uma pessoa na estrada, Procusto amarra-a naquela cama.

Se a pessoa fosse maior que a cama, ele simplesmente cortava fora o que sobrava. Se fosse menor, ele a espichava e esticava até ela caber naquela medida. Simpático ele, não? Procusto foi morto pelo herói Teseu, mesmo que depois matou o Minotauro.

É fácil decifrar a simbologia desse mito. Procusto representa a intolerância diante do outro, do diferente, do desconhecido. Representa a visão de mundo totalitária daquele sujeito que quer moldar o mundo à sua própria imagem e semelhança. É a recusa da multiplicidade, da diversidade, da criatividade, da originalidade: “Quem não se conforma ao meu tamanho não pode andar solto por aí, a menos que vá jogando fora tudo o que eu não tenho até caber na minha medida, ou a menos que se espiche e se estique até ser ter o mesmo que eu ser igual a mim”.

O espírito de Procusto esteve presente em várias etapas da história da humanidade. Esteve presente durante a Inquisição, que condenou à fogueira tudo o que

não se encaixava nos dogmas da Igreja. Esteve presente na caça às bruxas, que levou à morte milhares de mulheres, cujo único crime era saber um pouco mais que os homens a quem deviam submissão. Esteve presente na conquista da América, que representou o extermínio de civilizações inteiras de norte a sul do continente. Esteve presente ao longo do processo de escravização de milhões de negros africanos. Esteve presente nos campos de concentração onde os nazistas eliminaram milhões de judeus, ciganos, homossexuais e todo e qualquer opositor ao regime. Esteve presente nos regimes totalitários de esquerda e de direita que imperaram depois da 2ª guerra Mundial em vários países do mundo.

Infelizmente, ao longo da história, percebemos que a escola teve um papel muito importante na difusão do espírito de Procusto. A educação tradicional – repressora e intolerante – sempre se guiou pelo autoritarismo e pela consolidação de preconceitos dos mais diversos tipos. Não acha que já é hora de tentarmos mudar essa situação?

(Bagno, Marcos Pesquisa na Escola – o que é como se faz . Edições Loyola. p.53-55)

Anexos

Anexo 1. Termo de Consentimento Informado

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Mestrado em Docência e Gestão da Educação, da Universidade Fernando Pessoa, com o título “Gestão Escolar e Avaliação Formativa da Aprendizagem – Uma Proposta de Intervenção no IFMA/Campus Zé Doca”.

Designação do Estudo (em português):

Eu, abaixo-assinado _____
participante no projecto “Gestão Escolar e Avaliação Formativa da Aprendizagem – Uma Proposta de Intervenção no IFMA/Campus Zé Doca compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que será incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objectivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: ____/____/20__

Assinatura do participante no projecto: _____

O Investigador responsável:

Nome: Vera Rejane Gomes

Assinatura: _____

Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa

Anexo 2. Termo de Concordância da Direção Geral (DG) do IFMA/Campus Zé Doca



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MARANHÃO –
IFMA/CAMPUS ZÉ DOCA
DIRETORIA GERAL
Rua da Tecnologia, n.º 215 - Vila Amorim - Zé Doca -MA, CEP: 65365-000

Termo de Concordância

Declaramos para os devidos fins, que a Diretoria Geral do IFMA - Campus Zé Doca, apoia e consente a realização da pesquisa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - Campus Zé Doca, pela pesquisadora Vera Rejane Gomes, sob a orientação da Prof.^a Dra. Tereza Ventura.

Nesse sentido o pesquisador poderá ter acesso a dados e informações sobre os processos pedagógicos da referida escola.


Prof.^a Dra. Davina Camelo Chaves
DIRETORA GERAL DO CAMPUS ZÉ DOCA MAT.15G5592